**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**
**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM TEOLOGIA**

**RODRIGO JOSÉ ARNOSO SANTOS**

# O SILÊNCIO COMO REALIDADE LITÚRGICO-SACRAMENTAL: ANÁLISE NO HORIZONTE DA METAFÍSICA ZUBIRIANA

## DOUTORADO EM TEOLOGIA

**São Paulo**
**2023**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**Rodrigo José Arnoso Santos**

# O silêncio como realidade litúrgico-sacramental: Análise no horizonte da metafísica zubiriana

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTOR em Teologia e área de concentração Teologia Cristã, sob a orientação do Prof. Dr. Valeriano dos Santos Costa.

**São Paulo**

**2023**

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____

Data

e-mail rodrigoarnoso@yahoo.com.br

## Ficha catalográfica

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Santos, Rodrigo José Arnoso

S237s O silêncio como realidade litúrgico-sacramental: análise no horizonte da metafísica zubiriana / Rodrigo José Arnoso Santos. – São Paulo : [s.n], 2023.

310p ; 210x297 cm.

Orientador: Valeriano dos Santos Costa.
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia

1. Silêncio. 2. Liturgia 3. Sacramentalidade 4. Zubiri II. I. Costa, Valeriano dos Santos. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia. III. Título.

CDD

Rodrigo José Arnoso Santos

# O SILÊNCIO COMO REALIDADE LITÚRGICO-SACRAMENTAL: ANÁLISE NO HORIZONTE DA METAFÍSICA ZUBIRIANA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTOR em Teologia, área de concentração Teologia Cristã.

Aprovada em: __/ __/____

Banca examinadora

_____

Dr. Valeriano dos Santos Costa – PUC-SP

_____

Dr. Donizeti José Xavier – PUC-SP

_____

Dr. José Nobre Aguiar – PUC-SP

_____

Dr. Giovani Meinhardt – Gran Faculdade – Curitiba

_____

Dr. Marcelo Furlin - UMESP

_____

Dr. Matthias Grenzer - Suplente PUC-SP

_____

Dr. Sérgio Alejandro Ribaric - Suplente ITESP

Dedico este trabalho a todos aqueles que ousam viver, a partir da Ciência Litúrgica, a experiência de uma Igreja em saída.

## AGRADECIMENTO

Ao terminar mais um percurso acadêmico, que me abriu muitos caminhos ainda a serem desbravados, gostaria de fazer uma memória agradecida pela vida de tantas pessoas, que me animaram e encorajaram a não deixar de sonhar, ousar, e com criatividade responder aos apelos do Espírito, em um mundo em constante transformação. Os poetas de muitos modos descrevem a vida e com muitos adjetivos procuram qualifica-la. Neste trabalho um dos grandes ensinamentos que colhi, no grande terreno da existência, é que diante da vida precisamos nos silenciar, a fim de contemplarmos este grande mistério indizível.

À Trindade Santa, comunhão perfeita, que nos chama à unidade, na diversidade elevo a minha prece de gratidão. Por ela fui motivado a construir este trabalho sobre o silêncio, e nele perceber um salutar caminho para se penetrar respeitosamente no mistério de um Deus uno e trino, que nos interpela, desinstala e nos tira de nossas zonas de conforto para sempre buscarmos a conquista da plenitude do Reino.

Grato sou pela existência dos meus pais, irmãos, cunhadas e sobrinhas, que no decorrer desta pesquisa souberam compreender as minhas ausências em alguns encontros familiares. Não conseguiria aqui mensurar o quanto vocês me animaram quando tudo parecia difícil ou impossível de chegar ao fim. Com vocês aprendi a prática da ternura, e com o modo de ser de cada um o respeito que devemos ter pela existência do outro, onde Deus habita.

Neste percurso não poderia deixar de recordar os esforços de cada um dos meus confrades redentoristas, que não mediram esforços para que em nome da congregação eu pudesse me preparar, a fim de contribuir de um modo qualificado com o anúncio da "*Copiosa apud eum Redemptio*". Com cada membro da família redentorista aprendi que nosso empenho acadêmico deve ser sempre temperado pelo amor aos pobres, a quem devemos servir a exemplo de Cristo, com todas as forças. Serei sempre grato por terem acreditado e investido o necessário em vista da minha qualificação para a obra missionária. Como nosso pai e fundador Santo Afonso Maria de Ligório, quero utilizar de todo o conhecimento adquirido para contribuir com a obra da Redenção. Este trabalho não teria sentido se não fosse pensado em favor dos pobres e abandonados, que tanto nos ensinam, em vista de uma fé viva e libertadora.

Hoje faço memória de tantos amigos e amigas que conquistei no caminho desta pesquisa. Daqueles e daquelas que me auxiliaram na pesquisa bibliográfica, dos alunos e alunas

que me estimularam e de tantos outros que na simplicidade de suas vidas me ensinaram que todo saber deve estar a serviço da edificação de um mundo mais irmão.

No decorrer desta pesquisa uma pessoa foi fundamental. A ela devo um convite, que me abriu novos horizontes para pensar a vida litúrgica da Igreja. Essa pessoa foi o orientador desta tese. Obrigado Profº Dr. Valeriano dos Santos Costa pelas primeiras conversas, pelas noites diante do computador em que dialogamos sobre a obra do pensador Xavier Zubiri e a sua pertinência para o pensar teológico. Com muita paciência e destreza o senhor me apresentou esse pensador e juntos fomos coletando as contribuições do seu pensamento, para a construção de um pertinente diálogo entre Ciência Litúrgica e filosofia zubiriana. Caminhando para o final deste trabalho passamos um susto, quando um mal-estar o levou para o hospital, porém, o seu pronto restabelecimento nos dá a certeza que ainda por muito tempo continuaremos a colher da obra de Zubiri, as suas contribuições para o fazer teológico-litúrgico.

Aos membros da banca desta tese a minha gratidão pelas sábias contribuições para o melhoramento da redação deste texto. Sei que a leitura atenta de cada um ajudou a dar harmonia e a corrigir aquelas passagens que necessitavam de uma maior precisão. O meu agradecimento se estende aos membros do grupo de pesquisa Teologia Litúrgica e Inteligência Senciente, aos discentes e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP, aos amigos do ITESP e da UNISAL, canteiros fecundos que me ajudaram a cultivar este trabalho. Cada um ao seu modo e tempo contribuiu para que pudéssemos chegar até aqui e a partir daqui dar novos passos. Ao Profº Dr. Giovani Meinhardt, minha eterna gratidão pela leitura atenta e apontamentos precisos para a construção de um texto capaz de contribuir com a Ciência Litúrgica. A todos os membros da banca de avaliação a minha gratidão pela atenção dispensada para com este trabalho.

Sempre corremos o risco de esquecer alguém a quem devemos expressar a nossa gratidão, porém, saibam todos, que estas linhas lerem, que muitas foram as mãos que me ajudaram a chegar neste porto. Porém, contra toda tentação do imobilismo, que nos faz viver e entregar-nos ao mundo das mediocridades, quero continuar contando com cada um, para desbravar muitos horizontes refletindo sobre a potência e pertinência da realidade sacramental do silêncio litúrgico, mola propulsora que nos lança ao encontro do Mistério da Fé.

“El hombre es una manera finita de ser Dios”

Xavier Zubiri – El Hombre y Dios

## RESUMO

Em tempos hodiernos o tema do silêncio vem ocupando as pautas das pesquisas desenvolvidas pelas mais diversas Ciências, que procuram estudar o ser humano. Diante de tantos ruídos, que nos exercitam para a não escuta, encontramos na sociedade contemporânea homens e mulheres que, agindo como profetas, indicam a necessidade pela busca da ação de silenciar-se, como caminho para a recuperação de uma existência equilibrada. Entre as Ciências que se debruçam sobre esta temática, nos deparamos com a Ciência Litúrgica, que aponta o silêncio como um gesto crível, que auxilia na celebração e atualização do Mistério Pascal. A vida de Cristo e de seus discípulos foi marcada por muitos momentos e gestos de silêncio. Em diversos eventos, observamos que Ele e seus seguidores se colocaram em silêncio, a fim de ouvir a voz do Pai. Jesus ensinou aos seus o silêncio, como via de acesso ao Mistério da Fé. Todavia, sabemos que os rumores experimentados pela sociedade, de certa forma entraram em nossas ações litúrgicas, em nome de uma pseudoparticipação ativa, consciente, plena e frutuosa dos cristãos nas celebrações. Desse modo, consciente do valor do silêncio, para a acolhida do Mistério Pascal, que deve guiar e envolver toda a existência cristã, hoje as comunidades eclesiais são convidadas a entender o gesto de silenciar-se, como espaço salutar da manifestação de Deus, em vista da busca de uma liturgia que se configure como fonte perene de espiritualidade. Neste sentido, buscamos neste trabalho apresentar o silêncio como uma realidade litúrgico-sacramental. A fim de atingir o escopo desta pesquisa, procuramos tratar este tema à luz do pensamento metafísico de Xavier Zubiri, que nos aponta a realidade como a fonte imediata de todo conhecimento. Somos cônscios que o fazer teológico hoje exige o diálogo interdisciplinar, isto é, a capacidade, no caso de nossa pesquisa, de colar a Ciência Litúrgica em diálogo com a Filosofia. O diálogo entre essas duas ciências nos apontará que o silêncio, como realidade litúrgico-sacramental, só será inteligido quando a comunidade eclesial redescobrir a força dessa ação litúrgica, que nos coloca diante de Deus, aquele que é a Realidade fundante de toda a criação. O silêncio na liturgia não significa uma fuga do mundo, mas é um deixar-se envolver e moldar pela realidade do Mistério Pascal, que não é outra do que o próprio Cristo. O qual é continuado pelas ações dos membros da comunidade eclesial.



**Palavras chave:** Silêncio, Liturgia, Sacramentalidade, Zubiri, Realidade.

## ABSTRACT

In the contemporary world, silence has gradually taken part in diverse scientific areas, particularly to the ones involving the human being. In the face of continuing noise which may hinder the act of listening, men and women all over the world come out as prophets who announce the necessity for silence towards meaningful existence. Among numerous scientific sources, liturgy reveals silence as a credible gesture which significantly contributes to the celebration of the Paschal Mystery. The life of Jesus and his disciples was marked by gestures of silence. In several episodes, Christ and his followers kept in silence in order to listen to the Holy Father. Silence is a path which leads to the Mystery of Faith. From such an enlightening perspective, it is noteworthy that spreading rumors found in society have affected liturgy somehow, in defense of pseudo-participation, which might appear active, conscientious, plentiful and fruitful in Christian celebrations. Considering the fact that silence is essential for the Paschal Mystery, in the sense of entailing the whole Christian existence, church communities are invited to comprehend the significance of silence as a clear manifestation of God, since liturgy is a rich source of spirituality. In this thesis, silence is portrayed as a liturgical-sacramental reality. The metaphysical thought of Xavier Zubiri, which characterizes reality as an immediate source of all knowledge, widened the scope of the study. In our time, Liturgy is likely to take on an interdisciplinary nature, under the marked influence of Philosophy. The interaction between the two aforementioned sciences points out that silence – a liturgical-sacramental reality – shall be internalized once the church community rediscovers the strength of a such liturgical element, revealing God as the fundamental reality of the whole creation. Silence in liturgy does not correspond to temporary escape from the world; indeed, it is a path to the Paschal Mystery, a Christian-based reality, savored by the members of the church community.



**Keywords:** Silence. Liturgy. Sacramentality. Zubiri. Reality.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| **AT** | Antigo Testamento |
| **At** | Atos dos Apóstolos |
| **Ap** | Apocalipse de São João |
| **Cf.** | Conferir |
| **CL** | Carta de São Paulo aos Colossenses |
| **DAp** | Documento de Aparecida |
| **DD** | Desiderio Desideravi |
| **DV** | Dei Verbum |
| **Ef** | Carta de São Paulo aos Efésios |
| **EG** | Evangelii Gaudium |
| **Êx** | Livro do Êxodo |
| **Gn** | Livro do Gênesis |
| **GS** | Gaudium et Spes |
| **Hb** | Carta aos Hebreus |
| **IGMR** | Instrução Geral do Missal Romano |
| **Jo** | Evangelho de João |
| **Lc** | Evangelho de Lucas |
| **LS** | Laudato Sì |
| **LG** | Lumen Gentium |
| **Mt** | Evangelho de Mateus |
| **NT** | Novo Testamento |
| **Rm** | Carta de São Paulo aos Romanos |
| **SC** | Sacrosanctum Concilium |

| | |
|---|---|
| **Sl** | Livro dos Salmos |
| **VD** | Verbum Domini |
| **1Cor** | Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios |
| **2Cor** | Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios |
| **1Jo** | Primeira Carta de João |
| **1Tm** | Primeira Carta de Paulo a Timoteo |

## SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** ..... 21

**CAPÍTULO I: A REALIDADE NO PENSAMENTO DE XAVIER ZUBIRI** ..... 27

**1.1 Zubiri: um pensador em construção** ..... 28

**1.2 As três fases do pensamento filosófico zubiriano** ..... 36

1.2.1 A fase fenomenológica ..... 38

1.2.2 A fase ontológica ..... 41

**1. 3 A gênese da Trilogia Inteligência Senciente** ..... 53

1.3.1 Alguns conceitos que aparecem na obra madura de Zubiri ..... 55

1.3.2 Inteligência e realismo: A realidade no pensamento zubiriano ..... 59

**1.4 O conceito de apreensão em Zubiri** ..... 61

1.4.1 A apreensão sensível ..... 65

1.4.2 Um novo modo de compreender a realidade ..... 68

1.4.3 Um novo conceito para tratar sobre realidade ..... 69

1.4.4 A realidade como "*de suyo"* ..... 72

1.4.5 A relação entre a realidade e o ser humano ..... 75

**1.5 A questão da Inteligência Senciente em seus três modos de apreensão** ..... 79

1.5.1 A apreensão primordial ..... 80

1.5.2 A apreensão dual ..... 82

1.5.3 A apreensão mundanal ..... 91

**1.6 O novo modo de pensar a metafísica** ..... 98

**1.7 O diálogo entre Filosofia e Teologia a partir do pensamento zubiriano** ..... 105

**1.8 Algumas referências ao silêncio na obra zubiriana** ..... 109

**Conclusão parcial** ..... 112

**CAPÍTULO II: A REALIDADE SACRAMENTAL** ..... 115

**2.1 A sacramentalidade da liturgia** ..... 117

**2.2 Jesus, o grande sinal sacramental do Pai** ..... 122

**2.3 A comunidade cristã como expressão da sacramentalidade de Cristo** ..... 126

**2.4 A *Ecclesia:* expressão da sacramentalidade do Corpo Místico do Senhor** ..... 135

**2.5 A realidade litúrgico-sacramental e o rito** ..... 143

**2.6 As ações litúrgicas como atualização da *historia salutis*** ..... 152

**2.7 A sacramentalidade da assembleia litúrgica** ..... 169

**2.8 A sacramentalidade da Palavra** ..... 183

**2.9 A ministerialidade litúrgica como expressão da realidade sacramental da Igreja** ..... 190

**2.10 A marcha para a construção de um novo conceito de sacramentalidade** ..... 198

**Conclusão parcial** ..... 205

**CAPÍTULO III: O SILÊNCIO COMO REALIDADE LITÚRGICO-SACRAMENTAL** ..... 207

**3.1 Silêncio ritual e a contemplação** ..... 208

**3.2 O silêncio como caminho de encontro com o fundamento primeiro da existência humana** ..... 215

**3.3 A força transformadora do silêncio** ..... 221

**3.4 O valor do silêncio na oração comunitária cristã** ..... 228

**3.5 O silêncio como *kênosis* e abertura ao Espírito** ..... 234

**3.6 O silêncio como atitude memorial** ..... 240

**3.7 A oração cristã comunitária e o silêncio epiclético** ..... 246

**3.8 O silêncio como gesto doxológico** ..... 251

**3.9 Os espaços de silêncio proporcionados pela ação litúrgica** ..... 255

**3.10 O silêncio como *participatio actuosa* na liturgia** ..... 262

**3.11 Na busca pela superação da ditadura dos ruídos** ..... 267

**3.12 A força escatológica do silêncio** ..... 274

**3.13 A mística cristã e o silêncio sacramental** ..... 277

**3.14 O silêncio litúrgico como caminho mistagógico para se atingir o Mistério** ..... 283

**Conclusão parcial** ..... 288

**CONCLUSÃO** ..... 291

**BIBLIOGRAFIA** ..... 299

# INTRODUÇÃO

O processo de reforma e renovação da vida litúrgica da Igreja recebeu grande impulso a partir do Movimento Litúrgico. Muitas foram as iniciativas que já no final do século XIX começaram a pensar e a indicar os caminhos para a promoção de uma participação ativa, consciente, plena e frutuosa dos fiéis nas ações litúrgicas da Igreja. Era desejo dos pais desse movimento superar a errônea ideia de que na liturgia entramos apenas como meros espectadores. Desse modo, o grande esforço desses estudiosos da liturgia da comunidade eclesial era o de resgatar seu caráter teológico, celebrativo e espiritual. Pois a liturgia é *fons et culmen* de toda a vida cristã. (SC n. 10).

A liturgia não poderia ser compreendida como a estrita observância das regras estabelecidas pelos livros litúrgicos, mas a celebração memorial de um mistério, que não é outro do que o Pascal. Em suas ações litúrgicas a Igreja, povo de Deus, é chamada a celebrar um evento que se atualiza por meio de *ritus et preces*. O esforço para resgatar o caráter memorial da liturgia não se configurou como uma tarefa muito tranquila. Entretanto, um elemento que contribuirá significativamente para a renovação da liturgia da comunidade eclesial será aquele da descoberta de várias fontes cristãs, que deixaram registradas para a história o valioso tesouro das primeiras experiências litúrgicas, vividas pelas comunidades primitivas.

O contato com as fontes litúrgicas antigas impulsionou o Movimento Litúrgico a atingir seu ápice no Concílio Vaticano II, com a publicação da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, que até hoje se apresenta como um importante documento sobre a vida litúrgica da Igreja. Neste importante documento conciliar podemos ver registrado os passos para se pensar a Ciência Litúrgica nos seus âmbitos: teológico, pastoral e antropológico. O documento não delegou ao Papa Paulo VI, a tarefa de criar novos livros litúrgicos, mas indicou os elementos que deveriam fazer-se presentes nos livros revistos e reformados, para o uso nos atos celebrativos da comunidade cristã, presente no mundo contemporâneo.

A liturgia da Igreja tomará então um novo impulso, a partir do Concílio Vaticano II. Pois, o contato com às fontes litúrgicas dos primeiros séculos ajudou a pensar livros capazes de testemunhar a grande tradição celebrativa da Igreja, isto é, a sua *lex orandi* e *lex credendi*, em vista de uma *lex vivendi*. (TABORDA, 2003, p. 82-83). Desse modo, o retorno às primeiras experiências celebrativas, com o escopo de pensar *ritus et preces* capazes de envolver toda a assembleia celebrante, não se constituiu em uma atitude de anacronismo. O retornar ao passado

se configurou, como um importante processo de descoberta de elementos que pudessem inspirar uma liturgia renovada, para uma comunidade eclesial, presente num mundo marcado por rápidas transformações. Era preciso recuperar a capacidade de comunicação do mistério, que a liturgia perdeu no decorrer de sua história.

Um importante elemento resgatado da liturgia antiga foi o método mistagógico[1]. Isto é, o caminho encontrado pelos padres da Igreja, a partir do século IV, para introduzir os neófitos na experiência celebrativa da comunidade eclesial. Esse método, à luz das Sagradas Escrituras, buscava demostrar como a comunidade cristã mergulhava no mistério de Cristo, por meio dos símbolos, sinais, gestos e palavras. A compreensão destes desses elementos colocava em evidência o caráter memorial da liturgia. Nesse sentindo, nos primeiros séculos do cristianismo, a comunidade pôde experimentar ações litúrgicas, onde os membros de uma assembleia celebrante, por meio de uma rica ministerialidade eram envolvidos numa ação ritual, que se constituía como um momento de celebração e atualização da História da Salvação.

O resgate da mistagogia em tempos hodiernos, à luz dos ensinamentos do Concílio Vaticano II, contribuiu para que a comunidade eclesial retomasse elementos que no decorrer da História da Liturgia ficaram esquecidos. Entre os muitos elementos aqui registramos o gesto do silêncio, como parte integral dos ritos propostos para se celebrar os sacramentos e sacramentais. Em meio a uma sociedade marcada por tantos barulhos, que desvirtuam nossa atenção, a Igreja, a partir da renovação de sua vida litúrgica, apresentou a necessidade da recuperação do silêncio na liturgia, por ver nele um espaço concreto da manifestação de Deus à sua comunidade reunida. Todavia, não basta querer recuperar a prática do silêncio litúrgico, faz-se mister formar a comunidade, por meio de *ritus e preces* a essa prática.

Sabemos que um dos princípios que foram assumidos pela reforma litúrgica, em vista da promoção ativa e consciente dos fiéis na liturgia, foi o da necessidade de uma esmerada formação dos membros da comunidade eclesial para a *ars celebrandi*. (MASSIMI, 2015, p. 638-639). Aqui devemos entender que a arte de bem celebrar está envolvida por muitos elementos como: o resgate do sentido da assembleia cristã, a importância do canto litúrgico, a riqueza teológica dos *ritus et preces* apresentados com a finalidade de conduzir a comunidade cristã ao coração do Mistério Pascal, entre outros.

[1] Na obra zubiriana encontraremos o termo mistagogia apenas uma vez no livro *El problema teologal del hombre: Dios, religión, cristianismo* (Curso de 1971), p. 663-669. Na parte da obra onde o pensador trata da questão dos Sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, ele resgata e faz referência ao método mistagógico, que nasce no século IV da era cristã, como parte da continuidade do pocesso de iniciação dos neófitos no mistério da fé celebrado.

A formação para a *ars celebrandi* contribuiu para que a liturgia fosse vivida como momento oportuno de atualização da História da Salvação. Aqui encontramos o caminho para a superação de uma distorcida ideia, que em muitos momentos auxilia para que as ações litúrgicas cristãs sejam comparadas a momentos teatrais e não atos celebrativos memoriais.

Nessa empreita formativa assume um papel fundamental a Pastoral Litúrgica, que em primeiro lugar não se dedica à preparação de um ato celebrativo. Pois, seu escopo fundamental se alicerça na busca de uma formação mistagógica de toda a comunidade cristã, para a intelecção dos símbolos, sinais, gestos e palavras que envolvem a liturgia, contribuindo para que a comunidade eclesial possa fazer chegar ao Pai, por Cristo, no Espírito, o seu louvor, vivendo a liturgia. (MELO, 2004, p. 36).

Por meio dos símbolos, sinais, gestos, palavras, ritos e preces da sua liturgia, a Igreja é exercitada para inteligir o sentido da sua sacramentalidade. (MELO, 2004, p. 37). Todavia, precisamos ressaltar que isso só se tornou possível à luz do Concílio Vaticano II, que ampliou o sentido da palavra sacramento para a comunidade eclesial e, sobretudo, resgatou o método mistagógico como um caminho seguro, para se adentrar o mistério que a liturgia nos convida a celebrar.

A recuperação do sentido sacramental da comunidade eclesial engendrou um conjunto de reflexões que fez aparecer a sacramentalidade da existência humana. Daqui podemos afirmar que é a história humana o espaço privilegiado da manifestação de Deus. Ao visitar a história, sobretudo com a encarnação do seu Filho, Ele a transforma em lugar teológico de salvação. Desse modo, toda a existência humana é manifestação do Criador, por isso, a necessidade de cuidar da criação, mantê-la, promovê-la e celebrá-la, pois nela Deus habita e age por intermédio de seu Filho, sob o impulso do Espírito.

Nesse sentido, a comunidade cristã é chamada a celebrar a ação de Deus, na história, por meio do Espírito. (ZADLO, 2011, p. 1010). Tal ação exorta a humanidade a deixar-se plasmar pelo seu Espírito, a fim de que a existência humana seja sinal da presença de Cristo no mundo. Por isso, podermos afirmar: na liturgia celebramos aquilo que Deus reserva para todos os seus filhos e filhas, isto é, a certeza de que um dia atingiremos a eternidade. Porém, para atingirmos tal realidade, faz-se mister, no hoje, buscarmos a intelecção dos apelos que o Espírito faz aos membros da comunidade cristã, a fim de nos colocarmos na presença de Cristo, que sempre está entre nós. (ZADLO, 2011, p. 1011).

A retomada da mistagogia, como meio de nos aproximarmos do mistério, nos ajuda a inteligir que a vida cristã exige uma existência mística. Quando falamos de vida mística, devemos evidenciar que isso não significa o abandono da realidade, mas partindo dela atingimos o mistério que envolve nossa fé, numa marcha constante que nos leva ao encontro com o Senhor.

Entre os muitos elementos da liturgia que nos ajudam a estabelecer um encontro ou unidade com o Senhor está o silêncio. (MELO, 2004, p. 47). Nos últimos tempos, muitas ciências procuram tratar, partindo dos seus estatutos epistemológicos, a importância do silêncio para a existência humana. O tema é abordado em meio a uma sociedade, que ao mesmo tempo que declara sua necessidade, por outro procura apresentá-lo como uma forma de omissão, diante das situações que assolam o existir humano.

Na pesquisa que por ora apresentamos abordaremos o tema do silêncio à luz da Ciência Litúrgica. Todavia, como é impossível estudá-lo sem estabelecermos um diálogo com outras ciências, neste nosso trabalho faremos esse tema dialogar com a Teologia, com a Liturgia e com a Filosofia. Se a sociedade contemporânea tem sede e sente a necessidade de vivenciar o gesto do silêncio, precisamos então encontrar caminhos para que ele seja experimentado como uma realidade. Se temos sede e sentimos a ausência do silêncio, sobretudo em nossas ações litúrgicas, precisamos, então, buscar a via que nos conduza à sua recuperação. Não basta estabelecê-lo como um elemento importante dos ritos litúrgicos propostos pela Igreja, para a celebração dos sacramentos e sacramentais. Faz-se necessário que superemos sua logificação e entificação, para inteligirmos à necessidade da sua vivência, como um caminho para a superação da fratura existente entre sentir e inteligir, fé e vida. (GRACIA, 2020, p. 84).

O tema desta nossa pesquisa doutoral assume como tarefa o estudo do silêncio como realidade litúrgico-sacramental. Todavia, para construí-la, fizemos a opção de estabelecer um diálogo entre a Teologia e a Filosofia. Na busca por um pensador, para nos auxiliar na realização de tal empreita, nos deparamos com o pensamento filosófico de Xavier Zubiri. (GRACIA, 2020, p. 83). Esse filósofo encontra-se entre os pensadores espanhóis do século XX. A sua noologia e metafísica da realidade assinalam um novo tempo para a discussão acerca dos processos de construção do conhecimento humano. As antigas Teorias do Conhecimento, que contribuíram também com a construção do pensamento teológico, exerceram uma grande influência no processo de logificação da razão e entificação da realidade. Por intermédio de Zubiri temos a recuperação dos sentidos no processo de conhecimento.

Ao nos depararmos com algumas obras desse pensador, pudemos constatar sua atualidade, sobretudo quando afirma que o ser humano tem uma inteligência senciente. Por isso, todo conhecimento emerge de uma apreensão senciente da realidade. No contato com vários conceitos trabalhados por Zubiri em suas obras, encontramos um caminho para construir um estudo sobre o silêncio como realidade litúrgico-sacramental. (FERNÁNDEZ, 2001, p. 525). Pois, somos cônscios de que não basta a Igreja indicar o silêncio como um elemento fundamental das suas ações litúrgicas. Mas se faz necessário que, por meio da vivência do silêncio, a comunidade eclesial celebrante atinja uma vida nova em Cristo. (MELO, 2004, p. 52).

Desse modo, o método que utilizamos para a construção deste nosso trabalho foi o da pesquisa bibliográfica. Isso nos possibilitou construir um diálogo entre o pensamento zubiriano e a Ciência Litúrgica. Evidente que não podemos deixar de ressaltar que só foi possível construir uma pesquisa interdisciplinar, pois levamos em consideração também as reflexões litúrgicas que tiveram no Concílio Vaticano II o seu ápice, e até em tempos hodiernos têm nos motivado a refletir seriamente sobre ações celebrativas capazes de promover uma participação ativa, consciente, plena e frutuosa na liturgia da comunidade cristã.

Procuramos construir nossa pesquisa dividindo-a em três capítulos. Em seu corpo procuramos estabelecer o diálogo entre o pensamento zubiriano e a Ciência Litúrgica. Muito já se falou em alguns tratados de liturgia sobre a importância do silêncio litúrgico. Porém, nossa escolha foi tratar da sua realidade litúrgico-sacramental à luz do pensamento de Zubiri, aplicando sua metafísica da realidade na análise de um tema tão pertinente e atual para a Teologia Litúrgica.

No primeiro capítulo, levando em consideração que Xavier Zubiri, mesmo apresentando uma pertinente reflexão acerca do tema da realidade, ainda continua sendo pouco estudado no contexto latino-americano, pensamos por bem, de um modo sumário, apresentar as principais linhas do seu pensamento. Essa parte de nossa pesquisa servirá como uma introdução ao pensamento desse inquieto pensador espanhol, que no século XX ousou construir um pensamento capaz de dialogar com outras ciências, cooperando significativamente para a superação entre sentir e inteligir e, no campo teológico, do hiato estabelecido entre fé e vida, liturgia e cotidiano.

Já no segundo capítulo, à luz do Concílio Vaticano II, buscamos trabalhar a evolução do conceito de sacramentalidade. A Igreja, nos últimos tempos, vem refletindo, auxiliada por outras ciências, a ampliação do conceito de sacramento. Tal nomenclatura, após o Concilio

Vaticano II, já não se aplica mais apenas ao septenário. Mas aos vários outros elementos da vida eclesial. A existência humana, as ações litúrgicas, as atividades pastorais da comunidade cristã são símbolos da sacramentalidade desta *Ecclesia orans*, que é no mundo sinal de redenção. (LG n. 48). Será interessante perceber que da ampliação do sentido desse conceito que se repensará toda a vida litúrgica da Igreja, que encontrará sua fundamentação no Mistério Pascal de Cristo. Essa nova abordagem nos ajudará a observar porque a Igreja, após um longo período de estudos e contatos com antigas fontes cristãs, considerou o silêncio como um elemento essencial da epifania de Deus a toda a humanidade, por intermédio do seu Filho, no Espírito.

A nossa pesquisa, no terceiro capítulo, tratará da realidade sacramental do silêncio litúrgico. Ajudados por Xavier Zubiri procuraremos mostrar que não basta conceituarmos o silêncio litúrgico. Em primeiro lugar precisamos acolhê-lo como uma realidade, que nos lançará nas apreensões ulteriores, com o objetivo de afirmarmos o que ele é e seu valor para a *Ecclesia orans*.

Com o pensamento zubiriano e a Ciência Litúrgica, nos colocamos em marcha neste nosso trabalho, a fim de apresentar à Teologia um caminho de reflexão sobre a realidade sacramental do silêncio litúrgico. Em meio à sociedade dos ruídos, como comunidade orante, precisamos fazer com que nossas ações litúrgicas sejam verdadeiros momentos celebrativos, em que a Páscoa de Cristo seja recordada na páscoa de sua comunidade. Isso se torna crível em nosso tempo, pois na esteira da *Sacrosanctum Concilium* faz-se mister resgatar a liturgia como fonte perene de espiritualidade cristã, lugar onde o mistério se revela. (AROCENA, 2011, p. 981).

# CAPÍTULO I

## A REALIDADE NO PENSAMENTO DE XAVIER ZUBIRI

No mundo contemporâneo, se impõe ao teólogo, no exercício da reflexão teológica, o diálogo com outras áreas do conhecimento. Essa tarefa não se configura como algo fácil, mas um apelo que impulsiona o estudioso de teologia a encontrar caminhos, elaborar interpelações (hermenêutica) e construir conceitos, a fim de que o fruto de sua pesquisa o torne preparado para dialogar, interpelar e propor novas perspectivas e horizontes para um pensamento teológico, capaz de interagir com o humano que se encontra em constante transformação e em busca de respostas para as mais contundentes questões que se colocam à fé. (AQUINO JÚNIOR, 2016, p. 147).

Aquino Júnior, discorrendo sobre a tarefa da teologia em nosso tempo, assim se expressou "não basta dizer que teologia é saber sobre Deus. É preciso problematizar e explicitar melhor tanto a realidade que a teologia procura conhecer (realidade teologal) quanto o processo mesmo de teologizar (teoria teológica)". (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 23). Sendo assim, toda teologia deve nascer da realidade teologal, a fim de chegar aos seus conceitos próprios, isto é, à teoria teológica.

Em nosso intento já exposto, estabelecemos um diálogo entre Filosofia e Teologia, com o escopo de trabalhar o tema do silêncio como realidade litúrgico-sacramental. Em tempos hodiernos muito se fala do silêncio, pois vivemos em um mundo marcado por muitos rumores, que nos conduz a um uso excessivo de palavras, a uma incapacidade de leitura dos símbolos, à suspeita de uma vida mais introspectiva e fuga dos momentos de recolhimento. Esses rumores interferem significativamente em nossas ações litúrgicas. Muitos não conseguem perceber que na liturgia, o silêncio é necessário para melhor dela participarmos e, sobretudo, perceber a própria ação litúrgica como lugar da manifestação de Deus. O silêncio nos conduz ao encontro com o Senhor, nos coloca diante do mistério. Abre-nos portas para que escutemos os apelos do Espírito, que nos fala por meio da vida litúrgica da comunidade eclesial. (MANTOVANI, 2012, p. 304-305).

A vida litúrgica tem seu início quando nos deixamos educar pela força da realidade do silêncio. Não é por acaso que o Concílio Vaticano II buscou recuperar e indicar o silêncio como parte integrante das ações litúrgicas da comunidade eclesial. Na Constituição Conciliar sobre a

liturgia *Sacrosanctum Concilium* n. 30 lemos que: "para promover a participação ativa, cuide-se de incentivar as aclamações dos fiéis, as repostas, a salmodia, as antífonas, os cânticos, bem como as ações, gestos e atitudes. Seja também observado, a seu tempo, o silêncio sagrado". Como podemos entrever, o silêncio ocupa um espaço de destaque na reflexão sobre a vida litúrgica da Igreja. Ele é um caminho salutar para se penetrar no mistério que celebramos e atualizamos em cada ação litúrgica da Igreja. Porém, é preciso também ressaltar que por meio do silêncio a assembleia celebrante participa de um modo ativo, consciente e pleno na liturgia. Por isso, na liturgia encontramos o silêncio de recolhimento, o silêncio de assimilação, o silêncio de meditação, o silêncio de adoração. (SARTORE, 2004, p. 1139-1140). Nessas e nas várias outras tipologias do silêncio, somos colocados diante da realidade suprema que é Deus.

Como nossa proposta é trabalhar a realidade do silêncio litúrgico como realidade sacramental, à luz da metafísica de Xavier Zubiri, nas linhas que seguem procuraremos apresentar alguns elementos da vida e obra desse pensador basco, que colocou em evidência a filosofia espanhola do século XX. (GONZÁLEZ, 2015, p. 209). O estudo sumário de seu pensamento, no início desta pesquisa, nos ajudará a aplicá-lo no estudo que por ora procuraremos construir sobre a importância da sacramentalidade do silêncio litúrgico. Este trabalho tem por escopo demostrar a importância da interdisciplinaridade, na pertinente discussão acerca da sacramentalidade do silêncio litúrgico.

## 1.1 Zubiri: um pensador em construção

Na tratativa do tema do silêncio como realidade litúrgico-sacramental, nos deparamos com a metafísica da realidade, desenvolvida no século XX pelo pensador espanhol Xavier Zubiri[2]. Construindo esta pesquisa, teremos a oportunidade de apresentar a novidade do pensamento desse filósofo, que trouxe à luz a Filosofia Espanhola do século XX. Zubiri nos dará a base para pensarmos o silêncio, dentro dos muitos temas tratados pela Teologia Litúrgica.

Pouco a pouco o frutuoso pensamento e método filosófico zubiriano vêm auxiliando as ciências que dele se utilizam a superar a antiga prática que estabeleceu um distanciamento entre

[2] Xavier Zubiri nasceu em San Sebastián, região da Espanha Basca. Desde sua tenra idade demostrou ser uma pessoa inclinada à pesquisa. Foi um homem criterioso e lógico no modo de registrar e apresentar os seus cursos. A sua dedicação à construção de um salutar diálogo entre Filosofia e outras ciências deu origem a um novo modo de pensar o processo de intelecção humana, denominado por ele de Inteligência Senciente. Nesta nossa pesquisa teremos a oportunidade de conhecer melhor o pensamento desse valioso pensador espanhol do século XX.

sentir e inteligir. Zubiri, na construção de seu pensamento filosófico, não parte de conceitos para atingir a realidade. (GONZÁLEZ, 2015, p. 224-225). Mas ao contrário, parte da realidade para chegar aos conceitos. O ser humano é dotado de uma inteligência que sente e ao mesmo tempo apreende as coisas. As coisas permanecem na pessoa, por meio da impressão de realidade. O criador da Filosofia da Realidade, ao tratar do tema da impressão da realidade, assim se expressa: "a apreensão sensível consiste formalmente em ser apreensão impressiva. Aqui está o formalmente constitutivo do sentir: impressão". (ZUBIRI, 2011a, p. 14).

Discorrendo sobre a realidade para a obtenção do título de doutor em filosofia, em "*Ensayo de una teoria fenomenológica del juicio*", Zubiri indagará os pensadores de seu tempo dizendo: "Como é possível que afastando-nos da realidade cheguemos a ter um conhecimento mais perfeito dela?". (ZUBIRI, 1923, p. 19, tradução nossa)[3]. Segundo Schnake, para Zubiri

> a realidade é primordialmente formalidade que compete à coisa apreendida por si mesma, que é precisamente o que se quer expressar com o *de suyo*. A formalidade de *reidade* ou realidade é formalidade do *de suyo* como modo de ficar na apreensão[4]. (SCHNAKE, 2012, p. 57, tradução nossa).

Zubiri, após longos anos de estudos e debates com seus alunos e outros pensadores de seu tempo, apresentou como fruto maduro de sua reflexão filosófica três volumes, que na verdade compõem uma única obra. Nela o filósofo da realidade trabalhou o inovador conceito de Inteligência Senciente e tudo que se encontra em torno a este tema. Sobre ele iremos nos debruçar nas linhas que seguem, com o escopo de entender como o pensador espanhol compreende e propõe o tema da realidade. Desde já, com Gracia podemos afirmar:

> Em Inteligência Senciente, Zubiri submeteu a intelecção humana a uma análise detalhada. Desde as primeiras páginas, ele explica que só visa a "descrever" o ato da apreensão das coisas tal como pratica o homem. Segundo Zubiri, o erro constante das teorias do conhecimento consiste em ter não descrito, mas interpretado e teorizado. (GRACIA, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 22).

Nos volumes que formam a Trilogia da Inteligência "*Senciente*: *Inteligencia y realidade"* (1980), *"Inteligencia y logos"* (1982) e *"Inteligencia y razón"* (1983) encontramos

[3] "¿Cómo es posible que distanciándonos de la realidad lleguemos a tener un conocimiento más perfecto de ella?".
[4] "Realidad es primordialmente formalidad que compete a la cosa aprehendida por sí misma, que es precisamente lo que se quiere expresar con el de suyo. La formalidad de reidad o realidad, es formalidad del de suyo como modo de quedar en la aprehensión".

o ápice de toda a construção filosófica, de um homem inquieto e que sempre buscou precisar os seus conceitos, em vista da construção de uma metafísica da realidade. Para ele a base de todo saber encontra-se na apreensão primordial da realidade, que nos lança na busca do logos e da razão sencientes. Por isso, para Zubiri, segundo Fayos: "o sentir e o inteligir não se contrapõem; o que se contrapõe são o sentir puro e o sentir intelectivo; o primeiro é próprio dos animais não humanos, o segundo é próprio do homem". (FAYOS, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 67).

Desse ponto, já podemos afirmar que o pensamento zubiriano significou para o seu tempo uma revolução e para os tempos hodiernos uma chamada de atenção para que todo conhecimento seja construído a partir da interdisciplinaridade. Cescon, um estudioso brasileiro da obra filosófica zubiriana, afirma que o pensamento de Zubiri representa

> a gênese de uma filosofia radicalmente nova, que parte do que pode entender-se como uma crítica radical de toda a filosofia anterior – que caiu na "logificação da inteligência" e numa "entificação da realidade" – e que o leva a abordar todos os problemas em outro plano para terminar numa visão nova da realidade. (CESCON, 2004, p. 239).

Assim sendo, o que intentamos é demonstrar o processo percorrido por Zubiri, para a construção de seu edifício filosófico, denominado de metafísica da realidade. E por que isso é relevante em nossa tese? Porque não queremos falar do silêncio como um mero conceito, mas como uma realidade, cujo conceito foi determinante, justamente porque seu autor atravessou mares e terras para chegar a ele. E se hoje nossas liturgias não conseguem construir o silêncio litúrgico-sacramental é porque estão mergulhadas na cultura do barulho. E aí todo silêncio é incômodo e decepcionante porque soa como vazio e não como realidade. Pelo fato de não ser estudado com profundidade nos ambientes acadêmicos, antes de estabelecermos a interface entre o pensamento de Zubiri e a Ciência Litúrgica, a quem cabe refletir sobre o silêncio na liturgia e sua dimensão sacramental, será pertinente descrever a dedicação com que esse filósofo -construiu um método filosófico, que modificou o pensamento de forma profunda e radical.

Por isso, pensamos que se faz necessário precisar os conceitos utilizados por Zubiri, a fim de compreendermos a revolução que ele gerou no meio intelectual do seu tempo, numa Espanha que viveu da experiência da ditadura à conquista da liberdade promovida pela recuperação da democracia. Momentos da história espanhola influenciaram significativamente na formulação do pensamento filosófico desse homem inquieto, desde o início da sua vida intelectual. Zubiri sempre prezou e promoveu a liberdade de pensar e criar livremente, estando

na realidade e dela partindo, pois, a realidade dá que pensar e coloca o ser humano em respectividade com outras realidades, a fim de que ele conheça a coisa em si mesma, porque todas as coisas são dotadas do seu "*de suyo"*. Zubiri afirma:

> Realidade é, antes de tudo, como dissemos diversas vezes, uma formalidade de alteridade do apreendido sencientemente. E este momento consiste em que o apreendido fica na apreensão como algo "em próprio", algo "de seu". Reidade ou realidade é formalidade do "de seu". (ZUBIRI, 2011a, p. 138).

O modo zubiriano de abordar a realidade nos ajudará a repropor a força sacramental do silêncio litúrgico como *"locus theologicus"*. O próprio Zubiri irá afirmar: "as coisas reais são, portanto, sede de Deus como poder"[5]. (ZUBIRI, 1988, p. 12, tradução nossa).

A contemporaneidade do pensamento zubiriano nos ajudará a pensar e a repropor a força sacramental do silêncio litúrgico, como espaço epifânico de Deus. Por isso, antes de estabelecermos a interface entre a metafísica zubiriana e o tema da realidade sacramental do silêncio, procuraremos estudar a vida e obra desse pensador, com a certeza de que a magnitude do silêncio litúrgico-sacramental a ser recuperada hoje necessitará de homens e mulheres que tenham a capacidade de embrenhar-se no desafio da realidade que constitui o silêncio em si. Com Zubiri, no decorrer deste trabalho, iremos nos aproximar do tema do silêncio litúrgico, procurando compreender como ele se dá no decorrer dos três modos de apreensão da realidade que serão apresentadas por ele. Tendo como ponto de partida o pensamento zubiriano, todos nós, animais de realidade que somos, já tivemos uma apreensão direta, imediata e unitária do silêncio. Porém, para entendê-la realmente como lugar teológico da manifestação do mistério, será necessário desdobrá-la em ulteriores apreensões de logos e razão. No entanto, para isso, precisamos dispor de um tempo para conhecer a vida e obra de Zubiri, sem a pretensão de exauri-la, com o escopo de constatarmos porque o silêncio litúrgico é tão negligenciado, mas também propor caminhos para o seu importante resgate, em um mundo marcado por tantos rumores que nos tornam surdos, cegos, apáticos ou pouco inclinados a ele. Entre os diversos rumores aqui registramos o distanciamento do humano de Deus, a pouca capacidade de escuta e o uso excessivo das palavras, que gerou uma sociedade pouco inclinada à contemplação.

O estudo do pensamento zubiriano impõe-nos a tarefa de penetrar e percorrer a obra deste filósofo, que no século XX colocou em evidência o pensamento filosófico espanhol. Tal empreitada nos ajudará na compreensão do seu operoso empenho em construir um sistema

[5] "Las cosas reales son, por tanto, sede de Dios como poder."

filosófico, capaz de dialogar com as diversas áreas do conhecimento, entre elas a Teologia. Para Zubiri todo pensamento nasce a partir de uma apreensão primordial da realidade. Segundo o pensador basco: "sentir é em si mesmo intelectivo, que intelecção é sentir, e que, por conseguinte, ao conceituarmos a intelecção senciente o que é o inteligir mesmo". (ZUBIRI, 2011a, p. 179). Nesse ponto ele já se opunha aos pensadores que o precederam, que partiam dos conceitos, para se chegar à realidade. "De Parmênides a Plantão e Aristóteles, a filosofia se constituiu de acordo com o dualismo segundo o qual a coisa é algo 'sentido' e, ao mesmo tempo, algo que é." (ZUBIRI, 2011a, p. 53). Aliás, a compreensão do que significa realidade no seu pensamento é o que nos auxiliará no entendimento da sua construção filosófica, a qual se configura como algo novo, audacioso e propositivo. Para Zubiri: "realidade é o caráter formal – a formalidade – segundo o qual o apreendido é algo 'em próprio', algo de seu". (ZUBIRI, 2011a, p. lii).

Savignano, desenvolvendo um estudo com o escopo de demostrar o ponto de partida do pensamento de Zubiri e o seu ponto de chegada afirma nas primeiras linhas de sua pesquisa:

> Zubiri partiu de uma abertura às instâncias fenomenológicas (1921-1928), para instalar-se depois em uma etapa ontológica (1932-1944), e aprofundou, entre um período de maturação (1945-1960), na metafísica do real captada através da inteligência senciente. Mas a mesma ontologia será superada na etapa da maturidade pela metafísica. Zubiri considera que o ser (ontologia) se funda sobre a realidade (metafísica). O que a filosofia estuda não é a objetividade, nem o ser, mas a realidade enquanto tal através da Inteligência Senciente[6]. (SAVIGNANO, 2016-2018, p. 17, tradução nossa).

Todavia, antes de adentrarmos no estudo dos conceitos que compõem o pensamento filosófico zubiriano, o que faremos em primeiro lugar é apresentar alguns dados da biografia e obra deste pensador, que fez da sua vida um serviço à reflexão acerca do humano e tudo aquilo que o envolve. "A obra de Zubiri se estende de 1921 até sua morte, em 1983". (GRACIA, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 16).

Da juventude até o declínio da sua vida, Zubiri refletiu buscando um caminho diverso daqueles até então apresentados, para se pensar o humano e o seu estar no mundo. Ele abriu portas, apontou estradas, acendeu luzes, construiu um sistema filosófico não fechado, mas aberto com a finalidade de ser continuado criativamente por aqueles que viriam a sucedê-lo, na

[6] "Zubiri partió de una apertura a las instancias fenomenológicas (1921-1928), para instalar-se después en una etapa ontológica (1932-1944) y profundizar, tras un período de maduración (1945-1960), en la metafísica de lo real captado a través de la inteligencia sentiente. Pero la misma ontología será superada en la etapa de la madurez por la metafísica. Zubiri considera que el ser (ontología) se funda sobre la realidad (metafísica). Lo que la filosofía estudia no es ni la objetividad, ni el ser, sino la realidad en cuanto tal a través la inteligencia sentiente."

transmissão do seu pensamento, através das interfaces que ele possibilita com as ciências e aqui evidenciamos com a Teologia. Tejada, perguntado sobre os desafios para entender a obra zubiriana irá afirmar:

> Eu acho que a questão é como expandir as ideias de Zubiri a mais áreas. Ele deixou uma estrutura básica em Inteligência Senciente, Sobre a Essência, e a Trilogia Teológica. Mas, ele não podia tratar de todos os assuntos possíveis, já que o conhecimento é muito amplo, e o novos desenvolvimentos estão sempre acontecendo. Assim, o verdadeiro desafio não é entender o seu legado de uma forma mais abrangente, mas expandi-lo para cobrir novas áreas. (TEJADA, 2016, p. 216).

A gama de escritos e pesquisas, que estão nascendo hoje, a partir de seu pensamento, em partes da Europa[7] e na América[8] já confirmou nossa afirmação. Vivemos tempos difíceis, em que o humano busca respostas para muitas de suas indagações. A obra de Zubiri nasce também dentro de um contexto histórico semelhante ao nosso. No prefácio da tradução da Trilogia da Inteligência Senciente, para a língua portuguesa, Tejada afirma que a obra de Zubiri:

> Nasce numa Espanha conturbada intelectual, política e religiosamente. Igualmente, estamos todos hoje diante de dificuldades semelhantes. Daí a atualidade desta obra em nosso meio para re-pensar, no contexto de nossos tempos, os problemas que compõem o horizonte primeiro da filosofia. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011a, p. x).

José Francisco Xavier Zubiri Apaltegui, nasceu em San Sebastián, em 1898. Em Madri estudou Filosofia e Teologia. Como estudante universitário, teve contato com inúmeros intelectuais do seu tempo como Angel Amor Ruibal, Gárcia Morente, Juan Zaragüeta, José Ortega y Gasset, Julio Rey-Pastor e Julio Palacios. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011a, p. xx). Após os estudos de Filosofia e Teologia, em Louvain, aperfeiçoou e conquistou o título de licenciatura em Filosofia, apresentando um trabalho com o título: "*El problema de la objetividad según Husserl"*. *"La lógica pura"*. (SCHNAKE, 2012, p. 27). Em Roma, conquistou o doutorado em Teologia, e em Madri o doutorado em Filosofia, com uma tese que

[7] Na Europa a Fundación Xavier Zubiri é a instituição fundamental de fomento à pesquisa e divulgação do pensamento zubiriano. Anualmente são oferecidos cursos de imersão na obra de Xavier Zubiri. Mas no próprio site da fundação podemos ter acesso a uma valiosa bibliografia de pesquisas que procuram apresentar a atualidade da obra do pensador basco. Para a consulta do material pode se acessar o seguinte site: https://www.zubiri.net/

[8] Na América do Norte uma grande divulgadora do pensamento zubiriano será a The Xavier Zubiri Review. Neste periódico científico encontramos um importante elenco de resultados da aplicação do método filosófico de Zubiri em outras áreas do conhecimento humano. Na América Latina Revistas acadêmicas têm divulgados diversos resultados de aplicação do pensamento zubiriano em diversas áreas que vão da psicologia, passando pelo campo da bioética até chegar na teologia. Em nossa bibliografia final é possível encontrar o elenco dessas referências.

trazia como título: "*Ensayo de una teoría fenomenológica del juicio"*. (GRACIA, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 15).

Após esses dois doutorados, no ano de 1926 Zubiri assumiu, na Universidade de Madri, a cátedra de História da Filosofia. "Foi considerado um filósofo e um professor de excepcional valor por seus discípulos e por aqueles que seguiam seus cursos". (CESCON, 2004, p. 240). Em 1928, animado por aquele que o guiou em sua tese doutoral, Ortega y Gasset, interrompe a docência, a fim de dedicar-se a estudos de aperfeiçoamento na Alemanha até 1930, residindo em Freiburg in Breisgau. Nessa cidade frequentou os cursos de Husserl e Heidegger. A partir de 1930 até 1931, Zubiri transfere-se para Berlim. Ali participará de seminários orientados por grandes pensadores do seu tempo como: Nicolai Hartmann, Albert Einstein, Schrödinger, Köhler, Goldstein e Mangold. (GRACIA, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 15).

O contato de Zubiri com muitos pensadores espanhóis e de outras nacionalidades será decisivo na construção do seu pensamento filosófico. Todavia, Schnake afirma que três interferiram significativamente para que o pensador espanhol atingisse sua maturidade filosófica.

> Indubitavelmente Zubiri recebeu na sua juventude uma formação marcada pela influência do neokantismo e da neoescolástica. Mas as grandes influências filosóficas que marcaram definitivamente o desenvolvimento de seu pensamento e o encaminharam até a maturidade de sua proposta são as de Husserl, Ortega e Heidegger[9]. (SCHNAKE, 2012, p. 31, tradução nossa).

No seu retorno a Madri, em 1931, retoma suas aulas até partir, em 1936, para Roma. Nos anos após sua partida, a Espanha passará a viver tempos difíceis, engendrados pela Guerra Civil Espanhola. O tempo da guerra cerceou todas as possibilidades da construção de um pensamento crítico e livre, em relação aos sistemas político e econômico que foram instaurados na Espanha dos anos 30. Zubiri, como um livre e crítico pensador, desde sua juventude acadêmica, deixa sua amada terra, buscando em Roma um lugar mais tranquilo para dar continuidade ao seu processo de amadurecimento intelectual.

Em Roma, no ano de 1936, vive um tempo frutuoso como pesquisador inquieto, na busca do fundamento primeiro da existência humana. Na cidade dos Césares, e outros imperadores, dos grandes papas e poetas estudou e mais tarde teve a oportunidade de ministrar cursos, na Universidade Gregoriana, na qual alcançara em tempos idos o título de doutor em

[9] "Indudablemente Zubiri recibe en su juventud una formación marcada por la influencia del neokantismo y la neoescolástica. Pero las grandes influencias filosóficas que marcaron definitivamente el desarrollo de su pensamiento y lo encaminaron hacia la madurez de su propuesta son las de Husserl, Ortega y Heidegger."

Teologia. Essa universidade lhe foi sempre muito cara. A ela voltou em muitas outras oportunidades para ministrar cursos, com um curto tempo de duração.

Da Cidade Eterna passou a residir em Paris, a cidade das luzes. Ali frequentou seminários de Física com Broglie e cursos de línguas orientais, com renomados nomes do tempo como: Labat, Benveniste, Delorme e Delaporte. (GRACÍA, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 16). Esses cursos influenciaram significativamente no seu processo de amadurecimento intelectual, sobretudo na elaboração de um pensamento filosófico novo e instigante, com conceitos precisos e empenhado na busca da superação entre o inteligir e sentir.

O seu retorno para a Espanha se deu com o final da Guerra Civil. Por isso, em 1940 retoma, em sua pátria, o exercício do magistério, mais precisamente na cidade de Barcelona, até 1942, quando abandona a cátedra junto à Universidade de Barcelona, de professor de História de Filosofia e retorna a Madri. Nessa, após deixar o ensino universitário, passa a dedicar-se a cursos privados de Filosofia, os quais eram frequentados por membros da elite intelectual de Madri.

> Zubiri abandonou a universidade para estabelecer seu próprio programa de pesquisa e ensino em Madri. Isso também assinala o início de seu período final, maduro, a etapa metafísica, cujo tema principal é a realidade. Ele sai porque não está de acordo com a nova dinâmica intelectual, política e religiosa de qualquer instituição oficial espanhola. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011a, p. xxi).

A saída de Zubiri da universidade foi estratégica, para que ele pudesse continuar sua empreita filosófica frutuosa, em vista de um maior amadurecimento intelectual.

> Nos ambientes oficiais e institucionais não havia espaço para pensar livremente. A retirada socrática de Zubiri foi uma atitude intelectual para garantir a exigência de seu pensar criador de uma filosofia que privilegiava a coordenação de uma ideia de inteligência, de realidade e de homem. São momentos difíceis, até mesmo economicamente. Mas não tem dúvidas ao pedir demissão para sempre do âmbito da universidade espanhola. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011a, p. xxi).

Em 1944 Zubiri publicará um importante livro "*Naturaleza, Historia, Dios"*, no qual encontraremos vários textos escritos pelo pensador, em tempos diversos. Sobre esse livro, ao tratarmos das fases do pensamento zubiriano, teremos a oportunidade de descer a alguns detalhes. Para este pensador:

> A solidão sonora será a sua opção socrática, que contará com o coro afinado de seus fiéis amigos e discípulos, para seguir buscando as melhores

> possibilidades filosóficas: restabelecer com plenitude o nobre exercício da vida intelectual. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011a, p. xxii).

É nesse contexto que em 1945 nascerão os cursos privados, um modo encontrado pelos amigos de Zubiri, para retomar e difundir a rica construção filosófica do pensador espanhol. Pois, estando ele fora da universidade, o seu pensamento filosófico corria sérios riscos de ser esquecido e desprezado pela comunidade científica daquele tempo.

A criação desses cursos fez surgir em 1947 a "*Sociedad de Estudios y Publicaciones"*. Essa foi uma associação de caráter privado, que teve Zubiri como diretor até a sua morte, em 1983. (GRACIA, in: SECRETAN, 2014, p. 16). Para fundar essa sociedade Zubiri contou com a ajuda de seu amigo Juan Lladó e o financiamento do Banco Urquijo, o que possibilitou a Zubiri oferecer seus cursos gratuitamente. (CAMARGO, 1987, p. 35). No interior dessa instituição, o filósofo teve a oportunidade de pensar, amadurecer e difundir suas ideias filosóficas. No ano de 1971 criou-se nessa associação um seminário para o estudo e divulgação da obra zubiriana. Ainda se faz mister recordar que é dessa sociedade de pesquisa que nasce a *Fundación Xavier Zubiri,* que hoje se configura como o grande centro cultural e de pesquisa responsável pela manutenção e divulgação da obra do pensador espanhol, que em tempos hodiernos nos oferece muitos elementos para a construção de um pensamento teológico inovador, capaz de dialogar com o ser humano contemporâneo, na busca da superação do hiato entre fé e vida.

Tendo resgatado alguns traços da vida desse audacioso pensador espanhol, o que agora faremos é a apresentação de como se deu o processo de construção do seu pensamento filosófico. Mergulhemos agora nas fases do pensamento de Zubiri, definidas por ele mesmo (GRACIA, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 16). O conhecimento dessas fases se faz necessário, para atingirmos a proposta de nossa pesquisa, isto é, adentrar na realidade do silêncio litúrgico-sacramental, como campo da epifania de Deus. Dessa forma, as fases do pensamento de Zubiri determinadas pelas idas e vindas de uma busca radical da verdade são divididas em três momentos, que iremos expor em seguida.

## 1.2 As três fases do pensamento filosófico zubiriano

Quando lemos a Trilogia Inteligência Senciente, podemos incorrer no risco de pensar que ali encontra-se o ponto de partida de todo o pensamento zubiriano. É possível afirmar que ali se encontra, concomitantemente, um marco de chegada, bem como um ponto de partida.

Para compreender essa obra, que é composta por três volumes que formam um único livro e que registra a maturidade do pensamento de Zubiri, é necessário que compreendamos as três fases da construção do seu pensamento filosófico zubiriano. Estas a saber são: a fase fenomenológica, a fase ontológica e a fase metafísica.

Essas fases, a princípio, não podem ser compreendidas como momentos distintos dentro do processo da construção do pensamento filosófico zubiriano, mas devem ser entendidas como o resultado de um aprofundamento, construção e reelaboração de conceitos que emergiram na sua infância intelectual, passando pela sua juventude acadêmica, atingindo assim a sua maturidade, como intelectual dinâmico. As fases da vida intelectual do pensador espanhol testemunham um acadêmico que soube caminhar na contramão do pensamento filosófico de seu tempo, para propor um novo método acerca do como se dá o ato da intelecção humana. Tejada, na edição portuguesa, para o Brasil, da Trilogia Inteligência Senciente, ao referir-se ao processo de construção do pensamento de Zubiri, assim se expressa:

> A obra de Zubiri, como um todo, foi construída num importante momento de avivamento do pensamento espanhol e mundial diante da crise da modernidade e da razão científica e filosófica. Crise essa marcada na Espanha pela ditadura de Franco e que definirá penosamente seu itinerário pessoal e filosófico. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011a, p. xiii).

Em um texto de 1942, "*Nossa situação intelectual*", que foi publicado na obra "*Naturaleza, Historia e Dios"*, Zubiri descreve o momento ao qual Tejada faz referência no texto, acima referido. Segundo o pensador espanhol:

> O resultado foi paradoxal. Quando o homem e a razão julgaram ser tudo, perderam-se a si mesmos; foram, de certo modo, aniquilados. Desse modo, o homem do século XX se encontra ainda mais só; desta vez, sem mundo, sem Deus e sem si mesmo. Singular condição histórica. Intelectualmente, não resta ao homem de hoje mais que o lugar ontológico onde pôde inscrever-se a realidade do mundo, de Deus e de sua própria existência. É a solidão absoluta. A sós com seu passar, sem outro apoio senão no que foi, o homem atual foge de seu próprio vazio: refugia-se na revivescência mnemônica de um passado; exprime as maravilhosas possibilidades técnicas do universo; marcha veloz para a solução dos urgentes problemas cotidianos. Foge de si; faz transcorrer sua vida sobre a superfície de si mesmo. Renuncia a adotar atitudes radicais e últimas: a existência do homem atual é constitutivamente centrífuga e penúltima. Daí o angustiante coeficiente de provisionalidade que ameaça dissolver a vida contemporânea. (ZUBIRI, 2010, p. 67).

Não desejando esgotar a reflexão e nem muito menos conduzir-se pela pretensão de dizer tudo o que constitui o pensamento de Zubiri nessas três fases, nas linhas que seguem demonstraremos, por meio de algumas obras escritas pelo pensador, o caminho por ele trilhado até apresentar à academia seu pensamento metafísico novo e estimulador, que nasce de um estar sencientemente na realidade. Desde já, com Zubiri, se pode afirmar "as coisas dão a que pensar." Foi partindo desse princípio que o pensador encontrou um caminho para construir um conhecimento filosófico, que se coloca em diálogo com outras ciências, e no que toca ao nosso estudo, nos indicará um caminho para a construção de uma Teologia, que não parte de conceitos cristalizados, mas da própria realidade, que uma vez apreendida primordialmente, exigirá de nós um trabalho laborioso, a fim de inteligir o seu *logos* e, por fim, a sua razão, o ápice da marcha em busca do conhecimento, a qual se dá dentro de um processo de desdobramento, para se afirmar tudo aquilo que já foi apreendido primordialmente.

### 1.2.1 A fase fenomenológica

Como já apontamos, a construção filosófica de Zubiri não pode ser compreendida de um modo estanque. O seu pensamento filosófico, que atingirá sua maturidade mais fecunda na sua obra Trilogia Inteligência Senciente, começou a ser construído na sua tenra idade de estudante e pesquisador inquieto. Essa fase do pensamento zubiriano compreende o período que vai de 1921 a 1928. Porém, é preciso recordar que um convite de um de seus professores, ainda do tempo em que se preparava para a vida sacerdotal em Madri, dará um novo impulso a sua vida de pesquisador e abrirá as portas para seu brilhante futuro acadêmico. "Em fevereiro de 1920, por sugestão de Zaragüeta, Zubiri viaja para Louvain, com o propósito de licenciar-se e doutorar-se em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia dessa universidade".[10] (CAMARGO, 1987, p. 25, tradução nossa). Nesse mesmo ano, viajando para Roma, é admitido no *Collegium Theologicum Romanae Universitatis*, pelo dominicano Fr. Alberto Lepidi, OP, para fazer o exame de doutorado em Teologia. Com o doutorado em Teologia, parte para a Bélgica, onde apresentará um trabalho para a obtenção da licenciatura em filosofia.

No ano de 1921, o pensador espanhol, com uma dissertação de conteúdo fenomenológico, que tinha como título: "*Le probleme de l'objectivité d'apres Edmund Husserl: la logique pure"*, alcançou seu primeiro objetivo, licenciar-se em Filosofia. Na universidade

[10] "En febrero de 1920, por sugerencia de Zaragüeta, Zubiri viaja a Lovaina con el propósito de licenciarse y doctorarse en filosofia en el Instituto Superior de Filosofia de dicha Universidad."

belga de Louvain, famosa por formar muitos e grandes pensadores, Zubiri terá como orientador, na construção de sua dissertação de mestrado, o pensador Léon Noël. (SAVIGNANO, 2016-2018, p. 18).

No seu retorno a Madri, em 1921, dirigido por Ortega y Gasset, no mês de maio defende sua tese doutoral, em Filosofia, com o título: "*Ensayo de una teoria fenomenológica del juicio*". A tese foi apresentada a uma seleta comissão de filósofos espanhóis: Manuel Garcia Morente, Adolfo Bonilla y San Martin, Manuel B. Cossio, Juan Besteiro e seu próprio orientador, Ortega y Gasset. (CAMARGO, 1987, p. 25). Reconheceu-se já no tempo da redação desse trabalho, que uma das suas particularidades, e porque não dizer a sua originalidade, estava em apresentar uma rica bibliografia e em ser o primeiro livro sobre Husserl, escrito em outra língua, que não o alemão.

No ano de 1926 deu início à sua vida de professor na Universidade de Madri, ocupando a cátedra de História da Filosofia na Universidade Central. Nessa permanece até 1928. Estudiosos de Zubiri afirmam que Madri vive um período fecundo de reflexão filosófica e nela também convivem muitos pensadores, nesse período.

> A Madri dos anos vinte tem uma vida intelectual muito intensa, de acordo com os interesses de Zubiri. Nela estão reunidos os mais destacados expoentes da geração de 98 e a de 27: Dámaso Alonso, Rafael Alberti, Gerardo Diego, Garcia Lorca, Rafael Lapesa, Vicente Alexandre, entre outros; homens de ciência e de arte chegam a dar conferências: Einstein, Madame Curie, Valery, Ravel, Le Corbousier y Carter, etc[11]. (CAMARGO, 1987, p. 25-26, tradução nossa).

É nesse período que surgem os seus primeiros artigos filosóficos como: "*Las crisis de la conciencia moderna"* (1925), "*Filosofia del ejemplo"* (1926). Nessa fase da vida intelectual de Zubiri encontramos também alguns trabalhos de recensão como: "*La edad media y nosotros" de autoria do P. L. Landsberg* (1925) e a Psicologia de Francisco Brentano (1926). (CAMARGO, 1987, p. 26).

O seu trabalho de licenciatura, sua tese doutoral, somados aos artigos e recensões incluirão Zubiri, entre os pensadores espanhóis da geração de 1927. Ele representará com profunda autoridade intelectual o veio filosófico desse período.

Sobre as influências nessa etapa do seu pensamento filosófico, notam-se elementos da neoescolástica, que chegaram até ele por influência daquele que o introduziu no mundo da

[11] "El Madrid de los años veinte tiene una vida intelectual muy intensa, acorde con las apetencias de Zubiri. En ella están reunidos los más destacados exponentes de la generación del 98 y la del 27: Dámaso Alonso, Rafael Alberti, Gerardo Diego, Garcia Lorca, Rafael Lapesa, Vicente Aleixandre, entre otros; hombres de ciencia y de arte llegan a dar conferencias: Einstein, Madame Curie, Valery, Ravel, Le Corbousier y Carter, etc."

filosofia, Don Juan Zaragüeta, e por aquele que o guiou em seu trabalho, para obter a licença em Filosofia, o pensador belga Léon Noël. É relevante recordar as influências de Ortega y Gasset, em sua fase fenomenológica, bem como da fenomenologia de Francisco Brentano e Husserl. Todavia, Zubiri não aceita passivamente o pensamento de Husserl, a ele também elabora e dirige sua crítica, sobretudo, no que se refere a uma fenomenologia transcendental, a qual considerava excessivamente idealista, indicando assim alguns pontos a serem revistos e corrigidos, o que faz a partir de algumas noções aristotélico-escolásticas, as quais assumirá, mas passando pelo seu crivo de pensador crítico. (CAMARGO, 1987, p. 26).

No prefácio da tradução em inglês da obra "*Naturaleza, História, Dios"* Zubiri destaca o que foi essa fase do seu pensamento filosófico afirmando:

> A filosofia achava-se determinada antes dessas datas pelo lema da fenomenologia de Husserl: *zuden Sachen selbst*, "as coisas mesmas". Certamente, essa filosofia não era dominante até então. A filosofia vinha sendo uma mistura de positivismo, historicismo e pragmatismo apoiado em última instância na ciência psicológica, um apoio que se expressou como teoria do conhecimento. Partindo desta situação, Husserl criou, com uma crítica severa, a fenomenologia. É uma volta do psíquico às coisas mesmas. A fenomenologia foi o movimento mais importante a abrir um campo ao filosofar enquanto tal. Foi uma filosofia das coisas e não só uma teoria do conhecimento. Essa foi a remota inspiração comum da etapa de 1932-1944: a filosofia das coisas. A fenomenologia teve assim uma dupla função. Uma, a de apreender o conteúdo das coisas. Outra, a de abrir o livre espaço do filosofar diante de toda servidão psicológica ou científica. E esta última função foi para mim a decisiva. Naturalmente, a influência da primeira função é sobejamente clara não só em mim, mas em todos os que se dedicam à filosofia desde aquela data. (ZUBIRI, 2010, p. 27).

Em sua busca inquieta pela construção de um novo pensamento filosófico, Zubiri deseja saber o que eram as coisas sobre as quais buscava-se filosofar. A passagem para a fase ontológica se dará segundo o pensador a partir da seguinte inquietação intelectiva:

> Minha reflexão pessoal teve dentro dessa inspiração comum uma inspiração própria. Por que o que são as coisas sobre as quais se filosofa? Aí está a verdadeira questão. Para a fenomenologia, as coisas eram o correlato objetivo ideal da consciência. Mas isso, ainda que obscuramente, sempre me pareceu insuficiente. (ZUBIRI, 2010, p. 27).

A explicação de Zubiri sobre o significado dessa primeira fase do seu pensamento já nos aponta para um segundo momento da sua vida intelectual acadêmica, sobre a qual pretendemos nos debruçar a seguir. Desde já, podemos intuir que seu pensamento filosófico é

aberto e em constante construção. A abertura própria de seu pensamento é que nos motiva a colocá-lo em diálogo com a Teologia.

### 1.2.2 A fase ontológica

Outra fase da construção do pensamento zubiriano se dará entre os anos de 1931-1944. Essa fase testifica a formulação de um pensamento em processo de desdobramento. No ano de 1931, o filósofo espanhol retorna para Madri, com isso reassume suas atividades acadêmicas, voltando a ocupar a cadeira de professor de História da Filosofia, na Universidade Central de Madri. Como sinal do seu empenho pelo ensino e difusão da filosofia e outras ciências, com outros professores, no ano de 1933 trabalhou pela fundação da *Universidad Internacional de Verano "Menéndez y Pelayo*". (CAMARGO, 1987, p. 28).

Faz-se mister recordar que durante essa fase da construção do seu pensamento, tramitou concomitantemente, em Roma, o processo que devolveu a Zubiri, em 1935, seu estado laico. Isso lhe possibilitou celebrar as núpcias, com a filha do historiador e diplomata Américo Castro, Carmen Castro, que foi sua aluna e com quem viveu até o fim de sua vida, dividindo os sucessos e insucessos da vida intelectual. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011a, p. xx).

A Espanha vive nesse período momentos difíceis com uma grande crise gerada pela queda da monarquia, em 1930, e a instalação da Segunda República. A Faculdade de Filosofia de Madri conta, nesse período, com a presença de alguns professores como: Ortega, Gaos, Garcia Morente, Besteiro e Zubiri.

Zubiri, em seu texto "*Nossa situação intelectual*", de 1942, e publicado como o primeiro texto, em sua obra "*Naturaleza, Historia, Dios"* (1944) que alcançou muitas edições, assim se expressa sobre a vida intelectual desse tempo.

> Se por um esforço supremo consegue o homem recolher-se em si mesmo, sente passar por seu abismático fundo, como *umbrae silentes*, as interrogações últimas da existência. Ressoam no oco de sua pessoa as questões acerca do ser, do mundo e da verdade. Encravados nessa nova solidão sonora, estamos situados para além de tudo quanto há, numa espécie de situação trans-real: é uma situação estritamente trans-física, metafísica. Sua fórmula intelectual é justamente o problema da filosofia contemporânea. (ZUBIRI, 2010, p. 67).

Zubiri descreve um tempo que urge por mudanças radicais no modo de pensar o ser humano, o mundo, a religião, a sociedade. Faz-se urgente a necessidade de se repensar o caminho como a ciência é produzida. As antigas teorias do conhecimento, que produziram um distanciamento entre o sentir e o inteligir, precisam ser superadas. A realidade precisa ser apreendida por outro viés.

Continuando a fazer ecoar a voz de Zubiri, no prólogo à edição inglesa da obra "*Naturaleza, História, Dios"* nos deparamos com uma declaração do próprio pensador sobre essa segunda fase do seu pensamento filosófico.

> As coisas não são meras objetividades, mas coisas dotadas de uma estrutura entitativa própria. A essa investigação sobre as coisas, e não só sobre as objetividades da consciência, se chamou indistintamente ontologia ou metafísica. Assim chamava o próprio Heidegger em seu livro *Sein und Zei*. Nessa etapa de minha reflexão filosófica, a concreta inspiração comum foi ontologia ou metafísica. Com isso, a fenomenologia é relegada a ser uma inspiração pretérita. Não se trata de uma influência – aliás inevitável – da fenomenologia sobre minha reflexão, mas da progressiva constituição de um âmbito filosófico de caráter ontológico ou metafísico. Um exame ainda que superficial dos estudos recolhidos no volume Natureza, História, Deus fará perceber aos menos perspicaz que é essa a inspiração comum de todos eles. Era já uma superação incoativa da fenomenologia. Por isso, como me expressava no estudo Que é saber? O que eu laboriosamente procurava é o que então chamei Lógica da Realidade. Recolho todos esses trabalhos no presente volume como testemunho de uma etapa concluída. (ZUBIRI, 2010, p. 27).

As reflexões apresentadas por Zubiri, nesse período da construção do seu pensamento filosófico, podem ser encontradas em revistas e periódicos do tempo. Podemos citar aqui algumas dessas revistas, com o auxílio do pesquisador zubiriano Rafael A. Camargo: *Cruz y raya, Revista de Occidente, Escorial, El Sol*. Muitos desses textos foram também recolhidos e publicados em 1944, na obra *Naturaleza, História, Dios.* (1987, p. 28).

No ano de 1933 nascem três importantes estudos do filósofo. São eles: "*Sobre el problema de la filosofia*", "*Hegel y la Metafísica*" e "*Nota preliminar a um sermón del maestro Eckart*". Nesses Zubiri, já começa a apresentar quais eram os problemas que se colocavam à filosofia. Todavia, aqui o filósofo espanhol está dando seus primeiros voos na construção do seu pensamento filosófico, sob a influência de Ortega, Husserl e Heidegger.

No texto "*Sobre el problema de la filosofia*", Zubiri procura demonstrar como a filosofia diferencia-se da ciência. Essa não tem um objeto predeterminado, mas que vai se engendrando paulatinamente. Segundo Camargo nesta obra:

> A reflexão de Zubiri aponta para decifrar de maneira exegética o sentido da filosofia moderna; ele parte do horizonte da intelecção dos gregos, por serem eles os criadores da filosofia, passando logo pela filosofia cristã de Santo Agostinho, Descartes e finalmente Hegel. Os gregos criaram a filosofia a partir das coisas mesmas, pensaram-se a si mesmos confrontando-se com as coisas, com a *physis;* por outro lado a filosofia cristã se explicou a partir de um conceito de criação radicalmente teológico, o qual possibilitou a aparição de um discurso antropológico e cosmológico a partir de Deus. O homem cristão não só encontrou a si mesmo, como finitude, mas através de Deus como infinitude. Em Descartes, e depois dele, o homem buscará conquistar a infinitude a partir da razão finita; assim também ocorrerá no hegelianismo[12]. (CAMARGO 1987, p. 29, tradução nossa).

O segundo texto importante de Zubiri neste período é "*Hegel y la Metafísica*". O conteúdo do texto tem como ponto de apoio uma obra de Ortega y Gasset, e procura sintetizar a História da Filosofia em duas metáforas: o realismo grego, que concebia que as coisas estão para a mente como impressão; e o idealismo moderno, que concebia as coisas como conteúdos da consciência. Diante dessas duas metáforas, ele propõe uma terceira, que será denominada de luz. Segundo essa, o o ser humano vive desapegado das coisas, aqui cabe citar a expressão latina *ex sistere*, sendo então a luz que o ilumina.

Nestes dois textos podemos encontrar os germens, daquilo que no futuro será o pensamento maduro de Zubiri e que será apresentado ao mundo na sua grande obra prima Trilogia Inteligência Senciente. Entretanto, esta metáfora da luz será aprofundada na obra "*Sobre la esencia*". Para Zubiri: "a verdade não é tanto verdade do entendimento, existe melhor uma verdade real das coisas que se atualizam no entendimento"[13]. (CAMARGO, 1987, p. 29, tradução nossa). O ser humano que apreende a realidade encontra-se também submergido nela, em confronto com aquilo que se está ao seu redor. "As coisas que o circundam, que o rodeiam, se oferecem como reais, porém como anteriores e independentes de seu ato de apreensão, é dizer como algo *de suyo*"[14]. (CAMARGO, 1987, p. 29, tradução nossa).

---

[12] "La reflexión de Zubiri apunta a descifrar de manera exegética el sentido de la filosofia moderna; para ello, parte desde el horizonte de intelección de los griegos, por ser ellos los creadores de la filosofía, pasando luego por la filosofía cristiana de San Agustín, Descartes y finalmente Hegel. Los griegos crearon la filosofía desde las cosas mismas, se pensaron a sí mismos como enfrentados con las cosas, con la physis; por el contrario, la filosofia del mundo cristiano se explicó desde un concepto de creación radicalmente teológico, el cual posibilitó la aparición de un discurso antropológico y cosmológico a partir de Dios. El hombre cristiano no se encontro a sí mismo, como finitude, sino a través de Dios, como infinitude. En Descartes, y después de él, el hombre tratará de conquistar la infinitud a partir de su razón finita; así también ocurrirá en el hegelianismo."

[13] "... la verdad no es tanto verdad del entendimento, existe más bien una verdad real de las cosas que se actualiza en el entendimento".

[14] "... las cosas que le circundan, que le rodean, se le ofrecen como reales, pero a la vez como anteriores e independientes de su acto de aprehensión, es decir, como algo de suyo".

O ser humano é então uma essência intelectiva, está aberto ao real, que atualiza as coisas em sua inteligência como simples ou verdadeiras realidades. Mas como Zubiri define a questão da atualidade?

> Atualidade é um estar, mas um estar presente desde si mesmo, desde sua própria realidade. Por isso, a atualidade pertence à própria realidade do atual, mas não acrescenta, nem tira, nem modifica nenhuma de suas notas reais. Pois bem, a intelecção humana é formalmente mera atualização do real na inteligência senciente. (ZUBIRI, 2011a, p. liv).

Os anos de 1934 e 1935 foram bem frutuosos no processo de construção do pensamento zubiriano. De 1934 se tem conhecimento de dois textos: "*La ideia de naturaleza: la nueva física*" e um prólogo e introdução à obra "*La física del átomo de A. March*". Nessas duas obras Zubiri demonstra ser um conhecedor da física e da matemática. O conhecimento adquirido acerca dessas duas ciências se deu pela sua passagem nos idos anos de 1928-1933, por Friburgo de Brisgovia e Berlim.

No ano de 1935 Zubiri publica o texto *"¿Qué es saber?"* Nesse o pensador espanhol desenvolveu uma reflexão sobre a lógica da realidade, o que lhe permitiu superar a fenomenologia. Ainda deste mesmo ano é o texto "*El saber y su historia*". Esse surge como prólogo à obra "*La Historia de la Filosofia de Julián Marías*". Seguindo na estrada da sua rica produção filosófica, ainda desse tempo encontramos o texto "*En torno al problema de Dios*", como resultados dos cursos primeiramente ministrados em Madri e depois em Roma. Nesse texto encontraremos os primeiros elementos desse pensador sobre sua reflexão acerca do problema de Deus. Tratando em um de seus estudos sobre esse trabalho de Zubiri, Camargo afirmará:

> Aqui já aparece o problema de Deus, como momento estrutural do homem e da religação. O conceito de religação é neste estudo um conceito germinal, e o qual Zubiri denominará "dimensão teologal" no desenrolar ulterior que deu em seus livros[15]. (CAMARGO, 1987, p. 30, tradução nossa).

Faz-se mister ainda recordar que são de 1935 o texto "*Filosofia y metafísica*", do qual Zubiri publicará uma parte, mais tarde, em sua obra "*Naturaleza, Historia, Dios"*, bem como

[15] "... donde ya aparece el problema de Dios como momento estructural del hombre en la religación. El concepto de religación es en este estudio un concepto germinal, el cual Zubiri denominará 'dimensión teologal' en el desarrollo ulterior que le dió en sus cursos y libros."

os prólogos: "*Suárez*", a tradução da obra "*Sobre el concepto del ente en Suárez*" e Hegel, a tradução da "*Fenomenologia del Espíritu*". A análise da bibliografia de Zubiri nos testifica a rica produção acadêmica deste pensador audacioso e inovador. Zubiri é um pensador criterioso e preciso na apresentação dos conceitos que no futuro darão origem a sua Filosofia da Realidade.

O ano de 1936 é marcado pelo levante franquista, na Espanha, que se opunha à Segunda República e que marcará o início da Guerra Civil, que irá perdurar até o ano de 1939. O novo regime político colocou para fora da Espanha muitos intelectuais como: García Morente, Ortega y Gasset, Gaos, Ferrater Mora, Gárcia Bacca, Eugenio Imaz, entre outros. Todavia, Zubiri não partirá de sua terra natal com estes intelectuais da chamada "*Escuela de Madrid",* pois desde os últimos meses de 1935 já se encontrava em Roma, onde frequentava alguns cursos. (CAMARGO, 1987, p. 30).

Mesmo estando distante da sala de aula e de sua pátria, Zubiri continuará sua produção filosófica. Do tempo de Roma aparecem os seguintes textos: "*Ortega, maestro de filosofia*", artigo em homenagem pelos 25 anos de magistério daquele que o dirigiu em sua tese doutoral. O texto foi publicado na Revista *"El Sol de Madrid"*. É deste tempo também o prólogo a tradução de diversos textos de Francisco Brentano para a língua espanhola e que foram publicados na obra: "*El povernir de la Filosofia*". (CAMARGO, 1987, p. 31).

Em sua passagem por Roma frequentou os cursos de língua suméria, ministrado pelo padre da Companhia de Jesus Antón Deimel, e de língua aramaica sob a direção do beneditino Luis Palacios. (CAMARGO, 1987, p. 31). Porém, é preciso recordar que a Itália desse tempo também estava sofrendo com os ditames impostos pelo governo de Mussolini, que impunha para essa nação um tempo de nazifascismo. Consequentemente Zubiri sofrerá com as perseguições do sistema político, o que forjará sua partida para a França, ao lado de sua companheira Carmen Castro.

Na França, vive em Paris, tendo como local de residência o Colégio Espanhol, localizado na cidade Universitária. Ali continua a frequentar os cursos de matemática e física, com grandes cientistas do tempo como: Luiz de Broglie, Joliot-Curie e Cartán. Além da dedicação às ciências exatas, Zubiri também estudará línguas orientais com Benveniste, Dhorme, Labat e com o dominicano Laporte y de Menace. (CAMARGO, 1987, p. 31).

De 1937 a 1938 Zubiri dará o curso de História da Religião, no Instituto Católico de Paris. Os textos produzidos para esse breve curso serão publicados com o título: "*Notes sur la*

*philosophie de la religión*", no boletim do instituto acima mencionado. (CAMARGO, 1987, p. 31).

No ano de 1939 Zubiri escreve o texto: "*El ser sobrenatural: Dios y la deificación en la teología paulina*". A base dessa sua reflexão encontra-se no pensamento dos teólogos gregos e latinos. Esse ano marca também o seu retorno para a Espanha. A Guerra Civil estava se encerrando, todavia, a Segunda Guerra Mundial estava para se instalar. (CAMARGO, 1987, p. 31).

No retorno para a Espanha, por motivos canônicos, Zubiri não será admitido na Universidade de Madri. Isso forjou a mudança do casal Zubiri de Madri para a cidade de Barcelona, onde o pensador será contratado para lecionar História da Filosofia, pela universidade local e permanecerá ali até 1942, ano que marcará definitivamente sua saída da academia. O primeiro capítulo da obra "*Naturaleza, Historia, Dios*" com o título: "*Nuestra situación intelectual*" registra sua última aula dada na Universidade de Barcelona. É um verdadeiro testamento, sobre o modo como o inquieto pensador basco, analisava, no tempo em que deixou a vida da academia, a situação intelectual daquele momento. (CAMARGO, 1987, p. 32). Depois da sua saída da universidade, ao lado de Carmen, sua esposa, Zubiri enfrentará duros tempos, marcados por dificuldades econômicas, onde se dedicará a traduzir textos, a fim de garantir o sustento familiar. Nesse tempo traduziu textos dos mais diversos campos do conhecimento como: Filosofia, Teologia, Ciências e História. Seguindo a orientação de um amigo que era diretor da Revista *Escorial* e mais tarde da Editora Nacional, reúne seus textos no livro "*Naturaleza, Historia, Dios*". Com a publicação de "*Naturaleza, Historia, Dios*" se finaliza a etapa ontológica, a qual Zubiri chama etapa concluída. (CAMARGO, 1987, p. 33).

Em linhas gerais essa fase do pensamento zubiriano foi marcada pela influência do pensamento de Heidegger. "As coisas se apresentam como possuindo uma estrutura ontológica mais além da consciência. Zubiri trata de explicar o que existe (entes), a partir do ser em sentido heideggeriano"[16]. (CAMARGO, 1987, p. 33, tradução nossa). Nessa fase, Zubiri também supera as influências escolásticas recebidas dos seus primeiros mestres, retornando para os pré-socráticos e Aristóteles. Mesmo sendo claramente influenciado aqui pelo pensamento de Heidegger, o filósofo, superará a filosofia alemã, procurando propor a religação, como o fundamento primeiro do humano.

[16] "Las cosas se presentan como poseyendo una estructura ontológica más allá de la conciencia. Zubiri trata de explicar lo que hay (entes) desde el ser en sentido heideggeriano."

### 1.2.3 A fase metafísica

Essa fase marca um novo tempo no processo de construção do pensamento filosófico de Zubiri. Aqui já estamos no ano de 1944, e como já fizemos notar anteriormente, o pensador basco já não se encontrava mais como professor na Universidade de Barcelona e sim já instalado, novamente, em Madri. O retorno para a cidade onde deu início a sua vida como aluno e depois como professor de Filosofia, abriu a ele a possibilidade de ensinar e aprofundar por meio de cursos livres os problemas filosóficos que o inquietavam. Será nesses cursos que terá a oportunidade de codividir com seus alunos seu pensamento filosófico maduro. Este fruto de anos de pesquisas e estudos diligentes. Essa terceira fase do pensamento zubiriano se dá entre 1944 e 21 de setembro 1983, quando Zubiri falece.

Ressaltando o esforço do pensador espanhol em criar um espaço frutuoso para pensar uma nova maneira do humano apreender a realidade, Tejada e Cherubin assim descrevem a partida de Zubiri, para a sua nova empreita intelectual, em Madri:

> Zubiri sai de Barcelona com sua esposa rumo a Madri, cheio de malas repletas de livros e apostilas. Deixa para trás sua antiga docência impossível de ser realizada na Universidade Pública. Seus amigos são o ambiente privado onde ele vai desenvolver todo o seu trabalho intelectual no futuro. Como se abrirá o novo espaço de reflexão e repercussão de seu ensino? A incógnita e as dificuldades não o desanimam, pois já tomou essa decisão. (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 63).

Nesse período serão muitos os textos elaborados por Zubiri, os quais darão as sólidas bases para a sua metafísica da realidade. Umas das obras iniciais desse período, e onde encontraremos os germens da novidade do pensamento Zubiriano, será "*Sobre la esência*" (1962). Nessa obra:

> Nos deparamos desde o início com o tratamento de uma estrutura nova de filosofar, que se manifesta no sistematismo e novidade dessa obra, cuja gestação tinha-se iniciado trinta anos antes, com a via do sentir, a realidade descoberta em Natureza, História, Deus. (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 71).

O ápice dessa fase dar-se-á com a publicação da Trilogia Inteligência Senciente, onde encontraremos a síntese mais importante de todo o pensamento metafísico de Zubiri, o filósofo da realidade. Segundo estudiosos de Zubiri:

> A tese central da trilogia é a atualidade comum entre inteligência e o inteligido. A atualização do real na inteligência senciente está determinada "desde" o real; um real que está presente em próprio e de seu. As coisas estão presentes na inteligência na formalidade de realidade, repousando sobre si mesmas: simples atualizações. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011a, p. xlii).

Nesse período, o inquieto e criativo pensador basco dedicar-se-á a dar cursos livres, os quais serão frequentados por inúmeros intelectuais de Madri. Num primeiro momento esses cursos, onde se expunha seu novo modo de entender o estudo da filosofia, eram ministrados em sua própria residência. Porém, com o aumento do número de frequentadores, em 1954, ajudado pelos amigos Pedro Laín Entralgo e Carlos Jiménez Díaz, Zubiri conquista um espaço maior, junto ao edifício da *Compañia de Seguros Fénix*. Todavia, esse espaço logo se tornou pequeno, surgindo a necessidade de transferir os cursos que aí aconteciam para a sede da Câmara de Comércio de Madri. (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 64-65).

É preciso colocar em evidência que nessa fase da construção do seu pensamento, Zubiri, em 1946, viaja para New York. Ali, na Universidade de Princeton, fará em francês uma importante conferência com o título: *"Le réel et mathematiques: un probleme de philosophie"*. Em 1947, residindo em Madri, funda com o apoio de seu amigo Juan Lládo, a *Sociedad de Estudios y Publicaciones*. Essa nova sociedade de pesquisa e divulgação do pensamento filosófico zubiriano será mantida pelo Banco Urquijo. Nessa sociedade os intelectuais do tempo da sua fundação encontravam um espaço para refletirem e debaterem ideias com uma liberdade maior. (SCHNAKE, 2012, p. 29). O raio dos profissionais que começam a frequentar os cursos livres ministrados por Zubiri se ampliava a cada dia.

> Os temas e o tratamento que dá nos cursos ganham cada vez mais interesse e adeptos, muitos deles ótimos profissionais: médicos, advogados, empresários, engenheiros, matemáticos, físicos, biólogos, escritores, teólogos e filósofos e pessoas de notável formação científica e interessadas por questões antropológicas. Pessoas que estão buscando alento intelectual para uma Espanha dividida entre correntes ideológicas tradicionalistas e franquistas, liberais republicanos e comunistas, mas todos à deriva. (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 66).

Marquinez Agorte, em um trabalho no qual traça o caminho filosófico percorrido por Xavier Zubiri, ao fazer referência à *Sociedad de Estudios e Publicaciones*, irá afirmar:

> O objetivo de tal Sociedade era servir de refúgio a um grupo de intelectuais liberais que não podiam encontrar nem na universidade nem na sociedade

> espanhola do franquismo um marco necessário para poder levar a cabo seu trabalho"[17]. (ARGOTE, in: CAMARGO, 1987, p. 35, tradução nossa).

Antes de tratarmos de alguns elementos existentes na obra que testifica o ápice da maturidade do pensamento filosófico de Zubiri, a Trilogia da Inteligência Senciente, por meio de suas próprias palavras queremos entender como o filósofo buscou definir, em um artigo de sua autoria "*Dos Etapas*", esse período de seu pensamento, onde aparecem dois importantes trabalhos "*Sobre la esencia*" e a "*Trilogia da Inteligência Senciente"*. Assim, define Zubiri sua fase "rigorosamente metafísica":

> Nela recorro, como é óbvio, às ideias cardeais da etapa anterior, isto é, dos estudos já publicados neste volume (*Sobre la esencia*). Mas estas ideias cobram um desenvolvimento metafísico além de toda objetividade e além de toda ontologia[18]. (ZUBIRI, 1984, p. 49, tradução nossa).

Continuando a descrever esse momento maduro da sua vida intelectual, porém, não finalizada, o pensador espanhol afirmará que a empreita de construir um novo sistema filosófico não se apresentará como algo fácil, mas um desafio a ser superado, por meio de um grande esforço intelectual. Por isso, Zubiri assevera:

> Tarefa que não foi fácil. Porque a filosofia moderna, dentro de todas as diferenças, construiu-se sobre quatro conceitos que, ao meu modo de ver, são quatro falsas substantivações: o espaço, o tempo, a consciência, o ser. Se pensou que as coisas estão no tempo e no espaço, que são todas apreendidas em atos de consciência e que sua entidade é um momento do ser[19]. (ZUBIRI, 1984, p. 49, tradução nossa).

Tendo apresentado os fundamentos da filosofia moderna, Zubiri registra sua crítica aos pilares desse pensamento afirmando:

> Bem, agora, no meu modo de ver, isto é inadmissível. O espaço, o tempo, a consciência, o ser não são quatro receptáculos das coisas, mas tão somente

[17] "El objetivo de dicha Sociedad era servir de refugio a un grupo de intelectuales liberales que no podían encontrar ni en la universidad ni en la sociedad española del franquismo un marco necesario para poder llevar a cabo su trabajo."
[18] "En ella recojo, como es obvio, las ideas cardinales de etapa anterior, es decir, de los estudios ya publicados en este volumen. Pero estas ideas cobran un desarrollo metafísico allende toda objetividad y allende toda ontología."
[19] "Tarea que no fue fácil. Porque la filosofía moderna, dentro de todas sus diferencias, ha estado montada sobre cuatro conceptos que, a mi modo de ver, son cuatro falsas sustantivaciones: el espacio, el tempo, la conciencia, el ser. Se ha pensado que las cosas están en el tempo y en el espacio, que son todas aprehendidas en actos de conciencia y que su entidad es un momento del ser."

> caracteres das coisas que já são reais, são caracteres da realidade das coisas. De umas coisas, repito, já reais em e por si mesmas. As coisas reais não estão no espaço e nem no tempo, como pensava Kant (seguindo Newton), mas que as coisas reais são espaçosas e temporais, algo muito distinto de estar no tempo e no espaço. A intelecção não é um ato de consciência, como pensa Husserl. A fenomenologia é a grande substantivação da consciência que ocorreu na filosofia moderna desde Descartes. Sem dúvida, não tem consciência; tem tão somente atos conscientes. Esta substantivação se introduziu já incluído em grande parte da psicologia do final do século XIX, para a qual 'atividade psíquica' era sinônimo de 'atividade da consciência', e concebiam as coisas todas como conteúdos de consciência. Criou inclusive o conceito de subconsciência. Isto é inadmissível, porque as coisas não são conteúdos de consciência, mas tão somente termos da consciência: a consciência não é um receptáculo das coisas. Por sua parte, a psicanálise concebeu o homem e sua atividade sempre por referência à consciência. Assim, nos fala da consciência, do inconsciente etc[20]. (ZUBIRI, 1984, p. 49, tradução nossa).

Zubiri continua sua crítica mostrando como a filosofia moderna pensou o ser humano e isso se faz necessário, para que se entenda depois seu pensamento antropológico que afirmará ser o homem um animal de realidades, e possuidor de uma inteligência senciente.

> O homem seria, em última instância, uma estratificação de zonas qualificadas com respeito à consciência. Essa substantivação é inadmissível. Não existe atividade da consciência, não existe a consciência nem o inconsciente, nem o subconsciente; existe somente atos conscientes, inconscientes e subconscientes. Mas não são atos da consciência, nem do inconsciente, nem da subconsciência. A consciência não executa atos. Heidegger deu um passo a mais. Bem que em forma própria (que nunca chegou nem a conceituar ou definir), levou a cabo a substantivação do ser. Para ele as coisas são coisas em e pelo ser; as coisas são por isto entes. Realidade não seria mais um tipo de ser. É a velha ideia de ser real, esse real. Mas o ser real não existe. Somente existe o real sendo. *Realitas in essendo*, diria eu. O ser é tão somente um momento da realidade.
>
> Frente a estas quatro gigantescas substantivações do espaço, do tempo, da consciência e do ser, buscando uma ideia do real anterior àquelas. Isto foi o tema do meu livro *Sobre la esencia*[21]. (ZUBIRI, 1984, p. 49, tradução nossa).

---

[20] "Ahora bien, a mi modo de ver, esto es inadmisible. El espacio, el tiempo, la conciencia, el ser no son cuatro receptáculos de las cosas, sino tan sólo caracteres de las cosas que son ya reales, son caracteres de la realidad de las cosas, de unas cosas, repito, ya reales en y por sí mismas. Las cosas reales no están en el espacio ni en el tiempo, como pensaba Kant (siguiendo a Newton), sino que las cosas reales son espaciosas y temporales, algo muy distinto de estar en el tiempo y en el espacio. La intelección no es un acto de conciencia, como piensa Husserl. La fenomenología es la gran sustantivación de la conciencia que ha corrido en la filosofía moderna desde Descartes. Sin embargo, no hay conciencia; hay tan sólo actos conscientes. Esta sustantivación se había introducido ya incluso en gran parte de la psicología del final del siglo XIX, para la cual actividad psíquica era sinónimo de actividad de la conciencia, y concebían las cosas todas como contenidos de conciencia. Creó inclusive el concepto de subconciencia. Esto es inadmisible, porque las cosas no son contenidos de conciencia, sino tan sólo términos de la conciencia: la conciencia no es el receptáculo de las cosas. Por su parte, el psicoanálisis ha conceptuado al hombre y su actividad siempre por referencia a la conciencia. Así nos habla de la conciencia, de el inconsciente, etc."

[21] "El hombre sería, en última instancia, una estratificación de zonas, cualificadas con respecto a la conciencia. Esta sustantivación es inadmisible. No existe la actividad de la conciencia, no existe la conciencia ni el

Zubiri, após a publicação de "*Sobre la esencia"*, em 1962, ensinará e publicará em 1963 um curso denominado de "*Cinco lecciones de Filosofia"*. (SCHNAKE, 2012, p. 29). Nesse curso, o filósofo se dedicará ao estudo e apresentação dos seguintes pensadores: Aristóteles, Kant, Comte, Bergson, Husserl, Dilthey e Heidegger. Em um estudo sobre Zubiri, P. L. Entralgo, numa tentativa de definir qual era a meta das pesquisas do filósofo basco, assim anotará: "A meta intelectual de Zubiri foi a elaboração de um sistema filosófico da realidade intramundana, como realidade e a partir dela, o descobrimento de uma via de acesso à realidade de Deus, no entanto último fundamento da realidade do mundo"[22]. (ENTRALGO, 2005, p. 110, tradução nossa).

Mesmo longe da cátedra de História da Filosofia, Zubiri, nessa terceira fase do seu pensamento viveu um frutuoso tempo de produção filosófica e de divulgação de suas ideias por meio de cursos e muitas publicações. Em 1973 foi convidado para dar um curso com doze lições na Universidade Gregoriana de Roma, a qual no passado, ainda com o título de Colégio Romano, lhe concedeu o título de doutor em Teologia. Nesse curso, tratou do tema, que mais tarde deu origem a uma de suas obras póstumas: *"El problema teologal del hombre*" (1984).

O ano de 1971 assistiu à criação, em Madri, por iniciativa de Alfonso López Quintás e apoio de Juan Lladó, Ignacio Ellacuría e Diego Gracia o nascimento do seminário que, sob a orientação do próprio Zubiri viria a se encarregar do estudo, publicação e divulgação do seu pensamento metafísico. (SCHNAKE, 2012, p. 29). Fruto deste seminário será o anuário *Realitas*. Nas publicações deste anuário, encontramos vários elementos inéditos da obra filosófica de Zubiri.

O fruto maduro desse período será certamente a obra Trilogia da Inteligência Senciente, sobre a qual nos debruçaremos a seguir, estudando alguns elementos que nos serão úteis na aplicação da metafísica zubiriana para a compreensão da realidade sacramental do silêncio litúrgico. A obra, composta por três volumes, que constitui um único livro, foi publicada

---

inconsciente, ni la subconciencia; hay solamente actos conscientes, inconscientes y subconscientes. Pero no son actos de la conciencia, ni del inconsciente, ni de la subconciencia. La conciencia, no ejecuta actos. Heidegger dió un paso más. Bien que en propia (que nunca llegó ni a conceptuar ni a definir), ha llevado a cabo la sustantivación del ser. Para él, las cosas son cosas en y por el ser; las cosas son por esto entes. Realidad no real no existe. Sólo existe lo real siendo. *Realitas in essendo*, diría yo. El ser es tan sólo un momento de la realidad."
Frente a estas cuatro gigantescas substantivaciones del espacio, del tiempo, de la conciencia y del ser, he intentado una idea de lo real anterior a aquéllas. Ha sido el tema de mi libro Sobre la esencia."

[22] "La meta intelectual de Zubiri fue la elaboración de un sistema filosófico de la realidad intramundana, en tanto que realidad, y, desde ella, el descubrimiento de una vía de acceso a la realidad de Dios, en tanto que último fundamento de la realidad del mundo."

enquanto Zubiri ainda vivia e ensinava aos seus caros discípulos a sua Filosofia da Realidade, entre os anos de 1980 e 1983. (SCHNAKE, 2012, p. 29).

Finalizando este preâmbulo, necessário para adentrarmos a obra mais cara a Zubiri, dentro do seu percurso intelectual e filosófico, com suas palavras podemos entender o que foi para ele a terceira fase do seu pensamento:

> A esta etapa (a ontológica) seguiu, pois, uma nova. Por quê? É mesma metafísica e ontológica? É o mesmo realidade e ser? Já dentro da fenomenologia, Heidegger mostrou a diferença entre as coisas e seu ser. Com a qual a metafísica deixava para o fundado na ontológica. Minhas reflexões seguiram um caminho oposto: o ser se funda na realidade. A metafísica é o fundamento da ontologia. O que a filosofia estuda não é nem a objetividade nem o ser, mas a realidade enquanto tal. Desde 1944 minha reflexão constitui uma nova etapa: a etapa rigorosamente metafísica[23]. (ZUBIRI, 1984, p. 48, tradução nossa).

Essa nova fase do pensamento de Zubiri testifica a criação da sua noologia e metafísica da realidade, isto é, a apresentação de uma nova Teoria do Conhecimento, que terá por objetivo superar a cisão estabelecida na história do pensamento humano entre conhecimento e realidade, bem como o infundável hiato entre o sensível e o inteligível. Tejada e Cherubin nos ajudam a entender a novidade do pensamento noológico e metafísico zubiriano quando afirmam:

> Ele nos levou ao horizonte da realidade através de um estilo e linguagem difíceis num primeiro momento, resgatando a força da linguagem ao falar do apreendido da realidade, porque o homem é o animal que fala das coisas que sente, toca e vê, a elas dirige e delas precisa para viver. (TEJADA E CHERUBIN 2016, p. 181).

Aqui iremos encontrar os elementos que contribuirão para que seu pensamento possa dialogar com outras áreas do conhecimento e sobretudo abordar o tema da realidade, com um novo método, que visava superar o hiato entre sentir e inteligir. Esse preâmbulo nos introduz no pensamento zubiriano e ao mesmo tempo ilumina nossa decisão de partindo da metafísica da realidade, elaborada por Zubiri, estudar a realidade sacramental do silêncio litúrgico.

[23] "A esta etapa (la ontológica) ha seguido, pues, una nueva. Por qué, ¿es lo mismo metafísica y ontología? ¿Es lo mismo realidad y ser? Ya dentro de la fenomenología, Heidegger atisbó la diferencia entre las cosas y ser. Con lo cual la metafísica quedaba para él fundada en la ontología. Mis reflexiones siguieron una vía opuesta: el ser funda en la realidad. La metafísica es el fundamento de la ontología. Lo que la filosofía estudia no es ni la objetividad ni el ser, sino la realidad en cuanto tal. Desde 1944 mi reflexión constituye una nueva etapa: la etapa rigorosamente metafísica."

## 1. 3 A gênese da Trilogia Inteligência Senciente

Como temos observado até este ponto de nossa pesquisa, o pensamento filosófico de Zubiri não se engendrou rapidamente. A sua filosofia nasceu de um longo processo marcado por importantes pesquisas e contatos com outras áreas do conhecimento humano, além da filosofia e teologia, áreas nas quais desde a sua juventude, Zubiri já era doutor.

Todavia, algo que precisamos colocar em evidência é o contato que o filósofo basco passou a ter com novos alunos e intelectuais, após deixar o magistério, nos cursos livres que dirigiu, no seu retorno para Madri. Nesses cursos Zubiri teve a oportunidade de transmitir e divulgar seu novo pensamento filosófico, a sua noologia[24], a sua maneira inovadora de pensar a metafísica, nominada por ele de metafísica da realidade. No pensamento zubiriano não é possível admitir a separação entre conhecimento e realidade, intelecto e sentidos. Pois, o pensador espanhol "considera que a intelecção e a realidade se fazem presentes em um mesmo ato: o ato de apreensão da realidade". (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 225).

A partir dos cursos ministrados por ele, surgem muitas interpelações que levarão o pensador a registrar em um livro, a pedido dos seus atentos ouvintes, seu pensamento filosófico, com o escopo de tornar clara aos que o acompanhavam a estrutura da sua noologia e os elementos fundamentais da sua metafísica. (FAYOS, in: SECRETAN, 2014, p. 65-66). A obra foi dividida em três partes. Entretanto, os três volumes formam um único livro, onde encontraremos inúmeros conceitos e definições que são críveis, para entendermos todo o arcabouço da Filosofia da Realidade engendrada por Zubiri.[25] (TEJADA E CHERUBIN, 2016, p. 19-20). Essa obra levou mais de três anos para ser produzida, o que revela o minucioso trabalho de um pensador que buscou precisar conceitos, clarear ideias e deixar para a posteridade um pensamento audacioso e inovador. A obra é densa, mas ao mesmo tempo indica caminhos para a possibilidade da construção de um conhecimento interdisciplinar. Oferece-nos elementos que nos ajudam a rever nosso modo de pensar, fazer e construir Teologia.

---

[24] A noologia zubiriana, marca uma nova maneira de conceber a Teoria do Conhecimento, apresentada pelo pai da Filosofia da Realidade e criador da teoria da inteligência senciente. De Parmênides até o tempo de Zubiri a história do conhecimento gestou uma cisão entre conhecimento e realidade, mundo intelectível e mundo sensível. Em Zubiri o hiato entre sentir e inteligir, pois para ele o ser humano é o único que possui uma inteligência senciente. O ser humano atinge a realidade não apenas pelo intelecto, mas de um modo intelectivo, afetivo e volitivo. É o ser humano um animal de realidades.

[25] Tejada e Cherubin apresentam na obra indicada uma síntese sobre o processo de construção da Trilogia Inteligência Senciente. Nos três volumes que forma a obra Zubiri faz ver aos seus alunos o centro de todo o seu pensamento sobre a realidade. Essa obra, que se divide em três volumes, pode ser comparado a um campo ainda a ser desbravado em muitas de suas partes.

Desse modo, o que agora intentamos, sem pretensão alguma de esgotar o tema, é adentrar a obra Trilogia da Inteligência Senciente, com o escopo de entender o que é o realismo zubiriano, tendo por objetivo, posteriormente, aplicá-lo ao estudo da realidade sacramental do silêncio litúrgico, previsto pelos ritos litúrgicos da Igreja, sobretudo após a reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, porém negligenciado em suas ações celebrativas.

Somos seguros de que a compreensão de alguns dos muitos conceitos zubirianos, nos ajudará a propor novos caminhos para que a comunidade cristã recupere a força profética e transformadora do silêncio, que está além da ausência dos rumores, mas que se configura como momento de revelação daquele que é a realidade plena do existir humano, o fundamento último de toda realidade, Deus. Se a realidade dá que pensar, sendo o silêncio algo real, ele também nos motiva a pensar. Tejada, ao falar da Trilogia Inteligência Senciente, afirma:

> Zubiri, nessa obra, propõe-se a criar uma nova síntese filosófica. Ele pretende dar conta de toda a sua preocupação de diálogo com os mestres, mesmo que os critique e os submeta radicalmente ao crivo de sua empreitada. Vai captar, redefinir e corrigir suas problemáticas numa síntese original e dinâmica. Essa nova síntese deverá ser capaz de absorver os avanços das ciências física, matemática e biológica. A primeira etapa da sua síntese, ele a apresentou em Sobre a Essência. O desafio da Trilogia é liberar temática e sistematicamente outra barragem que aprisionaria e desvirtuaria o exercício de fazer filosofia. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011a, p. xxxiv)

A empreita de Zubiri nessa obra testemunha a sua audaciosa maneira de fazer filosofia, propondo novos caminhos, sobretudo, na laboriosa tentativa de superação da logificação da inteligência e da entificação da realidade. Ele não apenas contrapõe o pensamento daqueles que o precederam na História da Filosofia, que tão bem conhecia, mas irá apresentar as razões de tal oposição. Buscou ele com seu pensamento,

> dar a razão filosófica da realidade, assim em termos de filosofia segunda (filosofia do cosmos físico, da vida orgânica, do homem, da sociedade, da história, como em termos de filosofia primeira, de metafísica, essa foi a constante e estimulante meta de sua inteligência[26]. (ENTRALGO, 2005, p. 111, tradução nossa).

Dando continuidade ao nosso estudo propomos agora como uma primeira via de acesso à obra madura do pensamento zubiriano, a apresentação de alguns importantes conceitos cunhados por Zubiri. Tais conceitos nos ajudarão a perceber a novidade do pensamento

[26] "Dar razón filosófica de la realidad, así en términos de filosofía segunda (filosofía del cosmos físico, de la vida orgánica, del hombre, de la sociedad, de la historia), como en términos de filosofía primera, de metafísica, ésa fue la constante y acuciante meta de su inteligencia."

zubiriano e a entrever as bases que ele oferece com esses termos, para a consolidação de uma reflexão teológico-litúrgica, capaz de dialogar com um mundo em constantes transformações. A liturgia da Igreja não é algo estático, mas sua dinamicidade encontra-se nas muitas atualizações que aconteceram em sua história, e que demonstram que de uma apreensão primordial de Deus, que se desdobrou em apreensões ulteriores, hoje podemos compreendê-la como: "participação no sacerdócio de Cristo, para a glorificação de Deus, em vista da santificação do homem". (SC n. 7). Liturgia é ação sentida e inteligida.

### 1.3.1 Alguns conceitos que aparecem na obra madura de Zubiri

Um dos modos mais frutuosos, que se apresenta para se conhecer o pensamento zubiriano e nele adentrar, com o escopo de estabelecer através dele interfaces, com outros campos do saber, se dá por meio do estudo dos muitos conceitos apresentados por Zubiri, na construção da sua Filosofia da Realidade. Tais conceitos podem ser encontrados nas obras publicadas quando o pensador ainda estava vivo e nos muitos outros escritos, que vieram à luz após a sua morte, e que testificam a novidade de seu pensamento e a sua constante busca em superar o hiato entre sentir e inteligir, criado pelos pensadores gregos e que perdurou até o século XX, quando Zubiri propõe um novo caminho de reflexão, onde sentir e inteligir não são definidos como atos separados e até opostos. Mas o humano é um ser dotado de uma inteligência senciente. Com seu pensamento, o filósofo basco traz à luz uma teoria integral da inteligência, que irá questionar toda Teoria do Conhecimento que chegou até o século XX.

Entralgo afirma: "a elaboração de uma teoria integral da inteligência exige a descrição inicial do sentir coletivo e do inteligir senciente: mostrar como no homem é senciente o inteligir e como é intelectivo o sentir"[27]. (ENTRALGO, 2005, p. 113, tradução nossa). A noologia zubiriana é rica em conceitos, que testifica todo o esforço intelectual desse audacioso pensador basco, em demonstrar que o ser humano não tem uma inteligência apenas racional, mas também senciente, capaz de apreender e atualizar a realidade, por meio da impressão da realidade. Buscando explicitar a meta do pensamento zubiriano Entralgo assevera:

> A inteligência não aparece assim como faculdade anímica, a maneira tradicional, senão como atividade com que o homem conhece a realidade.

[27] "La elaboración de una teoría integral de la inteligencia exige la descripción inicial del sentir colectivo y del inteligir sentiente: mostrar cómo en el hombre es sentiente el inteligir y cómo es intelectivo el sentir.

> Zubiri propõe e elabora assim uma nova noologia além da psicologia e da lógica, na qual se integram a *noésis* como impressão da realidade, o *noéma* como realidade dada em imposição e a *noergia* – término no qual confluem o *ergon* da realidade e o *nous* de quem intelige, como unidade intrínseca da intelecção e o inteligido, como atualização da realidade na intelecção e da intelecção na realidade[28]. (ENTRALGO, 2005, p. 113, tradução nossa).

Desse modo, a tarefa que agora nos impomos é apresentar esses conceitos, sem a pretensão de esgotá-los, pois o pensamento zubiriano pode ser comparado a uma grande floresta, a qual podemos desbravar de muitas formas. Somos cônscios de que a apresentação de alguns conceitos em muito facilitará o nosso objetivo, que é o de conhecer o realismo filosófico zubiriano, para que a partir da sua metafísica da realidade, afrontemos o nosso objeto de estudo que é a realidade sacramental do silêncio litúrgico, tão ultrajada em nossa experiência celebrativa cristã.

Em seguida, apresentamos um elenco com os mais importantes conceitos elaborados por Zubiri, em sua metafísica da realidade. Estes foram maturados durante o seu processo de criação filosófica. Eles se encontram de um modo preciso, em sua obra Trilogia Inteligência Senciente. A compreensão destes conceitos nos possibilitará entrar no seio deste pensamento inovador e trazer à luz a novidade de toda a sua criação filosófica, que buscou superar o grande hiato milenar estabelecido entre sentir e inteligir.

Por uma questão de organização, apresentaremos os termos por ordem alfabética e não pela ordem com que aparecem na obra Inteligência Senciente e em outros textos de Zubiri:

- **Abertura**: esse termo é utilizado na filosofia zubiriana para indicar que a coisa real apreendida formalmente não possui um conteúdo fechado. Para Zubiri, a coisa real é muito mais que seu conteúdo atual, pois uma das suas características fundamentais é transcender o seu conteúdo. Pode-se afirmar que a coisa real está aberta às outras coisas reais. (ZUBIRI, 2011a, p. 83).

- **Apreensão sensível:** esse conceito define o ato de apreender em impressão, o que desperta o sentir. Aquele que sente algo é despertado, pois apreende o que desperta. (ZUBIRI, 2011a, p. 14-20).

[28] "La inteligencia no aparece así como facultad anímica, a la manera tradicional, sino como la actividad con que el hombre conoce la realidad. Zubiri propone y elabora así una nueva noologia más allá de la psicología y de la lógica, em la cual se integran la *noésis* cómo impresión de la realidad, el *noéma* cómo la realidad dada em imposición, y la noergia-término em el que confluyen intelige-, cómo unidad intrínseca de la intelección y lo inteligido, cómo actualización y de la intelección en la realidad."

**- Atualização:** é aquilo que foi inteligido, isto é, a realidade da coisa real que se faz presente, a partir de si mesma, na intelecção. (ZUBIRI, 2011a, p. 105).

**- Campo de realidade:** Zubiri, por meio desse conceito, demonstra a dimensão de abertura da coisa real, que se abre à respectividade com as outras coisas reais. O campo de realidade se dá quando a coisa real está atualizada, em respectividade a outras coisas reais, numa perspectiva de abertura. (ZUBIRI, 2011a, p. 196).

**- De suyo:** é o momento da realidade, que se coloca anterior e também independente ao ato intelectivo. Na filosofia zubiriana anterioridade, "já" e "*prius*" são semelhantes ao *de suyo.* (ZUBIRI, 2011a, p. 79).

**- Essência:** esse termo é definido por Zubiri como o conjunto de notas suficientes e necessárias que constitui um sistema por si mesmo. Partindo da coisa-realidade o pensador basco afirmará que a essência será o momento estrutural e físico do real. Em seu pensamento físico. (ZUBIRI, 2011a, p. 112). "Por momento físico se entende um modo de ser, isto é, um proceder intrínseco à própria coisa que se opõe ao artificial e ao intencional; o físico tem capacidade de se reproduzir diante os próprios efeitos." (BERNARDES, 2022, p. 64).

**- Formalidade de realidade:** é o modo como as coisas se apresentam impressivamente a nós. Ampliando o conceito, pode-se afirmar que é o modo como a coisa fica na inteligência humana. (ZUBIRI, 2011a, p. 138-141).

**- Intelecção senciente:** é a apreensão impressiva fundamental da coisa real. A apreensão significa o ato de captar a coisa real, e impressiva refere-se ao modo como a coisa fica no apreensor, que a inteligiu sencientemente. A inteleção senciente é o início do processo de apreensão da realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 101).

**- Inteligir:** aqui nos deparamos com um termo elaborado por Zubiri, com a finalidade de substituir o vocábulo entender. O pensador basco tem uma ideia própria do que venha a ser intelecção, e com ela rompe com o pensamento filosófico de Parmênides que até o século XX promoveu uma verdadeira dissociação entre sentir e inteligir. No pensamento filosófico zubiriano sentir é inteligir. O processo se dá do seguinte modo: o puro sentir sente o objeto que impressiona como puro estímulo, engendrando uma resposta. O ato de inteligir sente o objeto, ele se impressiona, como algo que é *de suyo.* (ZUBIRI, 2011a, p. 6).

**- Logos:** significa aquilo que se diz da coisa apreendida primordialmente, entre as outras coisas. Falar o que a coisa é, é dizer sobre ela sem sair da realidade. Em Zubiri, o logos seria a faculdade que permite ao humano julgar e avaliar. (ZUBIRI, 2011a, p. 58-59).

- **Metafísica:** no pensamento zubiriano, a metafísica é algo *a posteriori*. Zubiri não está preocupado em medir o mundo físico e dinâmico a partir do paradigma de um ultramundo ou transmundo, A sua metafísica nasce a partir da realidade, podendo ser definida como física. (ZUBIRI, 2011a, p. 89-90).

- **Mundo:** para ele o mundo não é a soma das coisas reais, mas a formalidade da realidade enquanto aberta e enquanto transcende da coisa real e a constitui no momento da realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 153-159).

- **Nota:** na obra zubiriana este termo irá aparecer muitas vezes. Para Zubiri nota é algo que se faz notar. Ele mesmo afirmará: "em sentido estrito, nota não é qualidade, mas algo meramente noto; é pura e simplesmente o presente em minha impressão." (ZUBIRI, 2011a, p. 15).

- **Realidade:** este é um dos termos fulcrais da filosofia zubiriana e é definido por ela como o caráter formal e preciso do *de suyo.* (ZUBIRI, 2011a, p. 37).

- **Respectividade:** é a ação formal entre as coisas reais. Por causa da abertura da coisa real, ela só é em relação às outras coisas. Desse modo, o pensamento zubiriano afirma que a coisa real possui dois momentos: um é o individual, ou seja, da sua própria realidade, o outro seria o campal, nesse encontramos todas as outras coisas, isto é, uma entre outras, o que forma o âmbito da realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 84).

- **Substantividade:** é um sistema fechado como suficiência constitucional, em que as notas ou suas propriedades são coerentes entre si. O termo é diferente da ideia de substância que encontramos em Aristóteles, onde se sustenta a tese de que as notas são inerentes ao sujeito. (ZUBIRI, 2011a, p. 5-7).

- **Suidade:** é definida pela obra zubiriana como o momento da formalidade de realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 84).

- **Talificar:** é o ato de conferir um conteúdo a um sistema pelo fato de ser nota de. Esse conteúdo seria a realidade enquanto tal, isto é, algo apreendido, o próprio *de suyo.* (ZUBIRI, 2011a, p. 87).

- **Transcendentalidade:** "é um momento da impressão de realidade, aquele momento segundo o qual a realidade está aberta tanto ao que cada coisa realmente é, à sua *suidade*, como ao que esta coisa é enquanto momento do mundo. É, em fórmula sintética, a abertura à *suidade* mundanal." (ZUBIRI, 2011b, p. 17).

Os conceitos acima elencados se apresentam a nós como os tijolos da grande construção filosófica de Xavier Zubiri. Eles nos ajudam a ter clareza de um sistema filosófico orgânico, novo e ao mesmo tempo estimulador, o qual nos ajuda a promover uma nova maneira de pensar a construção do conhecimento. Este não nasce a partir de conceitos, mas do humano que se encontra na realidade e é possuído por ela. O conceito nasce do desdobramento dessa realidade, a qual dá o que pensar.

### 1.3.2 Inteligência e realismo: A realidade no pensamento zubiriano

O estudo da metafísica zubiriana se apresenta a nós como um grande desafio, o qual nos impõe a tarefa de nos debruçarmos sobre o modo como o pensador basco afronta o tema da realidade. O primeiro volume da Trilogia Inteligência Senciente, terá como título *Inteligencia y Realidad*. Essa obra é uma salutar introdução aos elementos que sustentarão todo o desenvolvimento da nova metafísica da realidade, proposta pelo filósofo, que era um exímio conhecedor da História da Filosofia. Esse primeiro volume, unido aos outros dois volumes que tratam concomitantemente dos temas do logos e da razão terão por tarefa o registro e apresentação da originalidade do pensamento zubiriano e o novo caminho aberto por ele, para se pensar a filosofia primeira.

Mas qual é o caminho que Zubiri está abrindo e que dará a ele o status de pensador inovador e construtor de um novo método e proposta de metafísica? Segundo Tejada, na Trilogia da Inteligência Senciente, Zubiri está:

> Abrindo um novo caminho – via senciente – para o pensar. Não se trata de partir do ato da faculdade do pensar, como fazem a filosofia grega e a medieval. Também não pretende partir da filosofia moderna, desde Descartes, a qual pretende deslizar-se dentro do ato de intelecção. Zubiri volta-se para o processo de intelecção enquanto tal. (TEJADA, in: Zubiri, 2011a, p. xxxv).

Nas linhas que seguem nos impomos o escopo de visitar o primeiro volume da obra Trilogia da Inteligência Senciente. Nessa parte de nossa pesquisa desejamos abstrair desse texto as elucidações filosóficas de Zubiri, para alguns vocábulos necessários para o entendimento de sua obra filosófica, a fim de aplicá-la no estudo de outras áreas do conhecimento, em nosso caso, a Teologia, e para melhor precisarmos a Ciência Litúrgica, que é um dos braços da Ciência

Teológica. Aqui podemos recordar o que nos afirma o teólogo Aquino Júnior sobre a importância do diálogo entre filosofia e teologia:

> Se o estudo da teologia em geral não pode prescindir sem mais da filosofia, sob pena de perda de criticidade e rigor teórico, menos ainda se pode fazer um estudo da teologia na filosofia. Este é, aliás, uma ocasião privilegiada para se confrontar de modo mais explícito e consequente com os pressupostos e as consequências filosóficas de uma reflexão teológica. (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 37).

Desse modo, o que desejamos entender, partindo da obra mesma de Zubiri são as definições que ele apresenta aos seguintes termos, que encontraremos ao longo dos três volumes: apreensão primordial, apreensão dual ou logos e apreensão mundanal ou razão. O estudo desses modos de apreensão do real nos colocará de frente a importantes temas tratados por Zubiri como: os da intelecção, os atos de sentir e inteligir, bem como da particularidade do modo humano de apreender a realidade, em impressão.

Com os estudiosos da obra zubiriana, podemos afirmar que na obra Trilogia Inteligência Senciente encontramos os conceitos-chave da filosofia da realidade. Por isso, faz-se necessário nos debruçarmos sobre eles, com o escopo de não forjarmos um estudo que esteja aquém daquilo que Zubiri propôs para o seu tempo e que continua sendo fonte de inspiração para aqueles que no processo de conhecimento consideram o importante valor da via senciente, no desenrolar da construção do conhecimento humano.

Para superarmos o hiato entre inteligir e sentir, faz-se necessário percorrer a estrada trilhada corajosamente por Zubiri, o qual não desconsiderou a História da Filosofia, mas como exímio conhecedor desta, propôs um novo caminho, com o escopo de superar as lacunas geradas pelas diversas escolas filosóficas, na abordagem do sentir e inteligir.

Em um trabalho de pesquisa, elaborado por Fayos, com o objetivo de apresentar um estudo introdutório ao pensamento de Zubiri, levado ao seu ápice na Trilogia Inteligência Senciente encontramos a seguinte informação:

> A pesquisa que constitui o conteúdo dessas três obras é empreendida e conduzida de modo fenomenológico. Ela visa a analisar os atos de sentir e inteligir em si mesmos e por si mesmos, e não como atos de dadas faculdades. Esses atos são fatos imediatamente analisáveis. Falar de faculdades conduziria além, na direção de um trabalho de metafísica. Zubiri não pretende elaborar uma metafísica da inteligência, mas procura, primeiramente, determinar com todo rigor a estrutura da intelecção. Se utilizamos – já nos títulos – o termo

> inteligência, é preciso saber que isto significa o caráter "abstrato", "formal" da intelecção e não uma faculdade. (FAYOS, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 66).

Na Trilogia da Inteligência Senciente encontramos a carta topográfica para conhecermos o pensamento de Zubiri e as possíveis aplicações que podemos fazer do seu método filosófico metafísico, na interface entre Filosofia da Realidade e Ciência Litúrgica. Entender a noologia zubiriana, que busca analisar os atos de apreensão humana, eis a tarefa que a nós se apresenta, na busca do conhecimento do que é a metafísica da realidade.

## 1.4 O conceito de apreensão em Zubiri

Ao adentrarmos na obra *Inteligência y Realidad*, antes mesmo de abstrair o que Zubiri entende por apreensão, faz-se mister recolher o modo como ele define a inteligência. Schnake tratando do tema da inteligência, no pensamento zubiriano, irá afirmar: "Zubiri indica, no prólogo do primeiro volume de Inteligência Senciente, que a ideia de inteligência que propõe é uma intelecção humana entendida formalmente como mera atualização do real"[29]. (SCHNAKE, 2012, p. 45, tradução nossa). Com seu inovador pensamento filosófico, ele busca superar o grande equívoco produzido na história da filosofia que gerou a logificação da inteligência, concomitantemente a separação entre inteligir e sentir.

Em todos os volumes da Trilogia Inteligência Senciente, Zubiri volta ao tema mesmo da inteligência. Tanto é que as últimas palavras do filósofo no terceiro volume, retomará este tema que lhe era tão caro, a inteligência humana. Vejamos o que o pensador nos fala depois de uma longa estrada percorrida, sobre o tema da inteligência humana, do qual sempre se ocupou.

> A inteligência humana sente a realidade. Não é uma inteligência que começa por conceber e julgar o sentido. A filosofia contrapôs sentir e inteligir fixando-se somente no conteúdo de certos atos. Mas escorregou na formalidade. E aqui é que inteligir e sentir não só se opõem, mas, apesar de sua essencial irredutibilidade, constituem uma só estrutura, uma mesma estrutura que segundo o ângulo porque se olhe, devemos chamar de inteligência senciente ou sentir intelectivo. Graças a isso, o homem fica inadmissivelmente retido na e pela realidade: fica nela sabendo dela. Sabendo o que? Algo, muito pouco, do que é real. Mas retido constitutivamente na realidade. Como? É o grande problema humano: saber estar na realidade. (ZUBIRI, 2011c, p. 282).

[29] "Zubiri indica, en el prólogo del primer volumen de Inteligencia Sentiente, que la idea de inteligencia que propone es la de una intelección humana entendida formalmente cómo mera actualización de lo real."

No texto apenas apresentado, encontramos uma síntese do problema central do qual Zubiri se ocupou, nas mais de mil páginas da sua Trilogia Inteligência Senciente. Ele indagou-se sobre o que era a inteligência humana e através de um revisitar a história da filosofia. (ZUBIRI, 2011a, p. 7-8), o que propõe é uma definição que deixa bem claro a impossibilidade de pensar o ato de inteligir e sentir, como dois atos divergentes.

> Quando Zubiri fala de inteligência o faz utilizando o sentido originário do adjetivo "noético" que deriva do substantivo "nóesis", manifestando com ele, desde o começo, que a sua intenção é analisar e descrever a intelecção mesma enquanto atos intelectivos ou noéticos e não enquanto faculdade. Por essa razão, em sua obra nos encontramos com uma verdadeira noologia, isto é, dizer com uma análise da inteligência que é anterior a toda epistemologia, no sentido da teoria da ciência, e não com o desenvolvimento de uma teoria do conhecimento que, enquanto tal, é sempre um momento posterior. Em função dessa orientação a experiência assume um papel fundamental no desenvolvimento da sua filosofia e necessariamente em sua compreensão de inteligência[30]. (SCHNAKE, 2012, p. 46-47, tradução nossa).

Fica-nos claro, ao estudarmos o tema da inteligência em Zubiri, que seu esforço, em sua obra Trilogia Inteligência Senciente, não foi o de apresentar uma metafísica da inteligência, mas a de analisar a estrutura do ato mesmo de inteligir humano. Para ele a inteligência humana apreende a realidade, que se atualiza na inteligência do próprio apreensor.

Entretanto, antes mesmo de entendermos o que seria a apreensão da realidade, faz- se necessário compreender o que Zubiri entende por apreensão. A definição dada pelo filósofo a este termo nos ajudará a compreender porque ele "nos leva à inteligência senciente, e nessa intelecção não há primeiramente nada concebido nem afirmado, mas simplesmente o real atualizado como real e, portanto, ratificado em sua realidade. A ratificação é a força de imposição da apreensão da realidade". (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011a, p. xliii).

Após introduzir o leitor da Trilogia Inteligência Senciente no objeto desta sua obra, que é o de tratar o tema da intelecção humana, Zubiri convida o leitor a uma primeira e crível abordagem, a compreensão do que ele entende por apreensão. O título do primeiro capítulo de "*Inteligência e Realidade"* já é bem sugestivo. Nele o pensador basco propõe entender: "A

[30] "Cuando Zubiri habla de inteligencia lo hace utilizando el sentido originario del adjetivo noético que deriva del substantivo nóesis, manifestando con ello, desde un comienzo, que su intención es analizar y describir la intelección misma en cuanto actos intelectivos o noéticos y no en cuanto facultad. Por esta razón, en su obra nos encontramos con una verdadera noologia, es decir, con análisis de la inteligencia que es anterior a toda epistemología, en el sentido de teoría de la ciencia, y no con el desarrollo de una teoría del conocimiento que, en cuanto tal, es siempre un momento posterior. En función de esta orientación la experiencia asume un rol fundamental en el desarrollo de su filosofía y necesariamente en su comprensión de la inteligencia."

intelecção como ato: a apreensão". (ZUBIRI, 2011a, p. 1). Desse ponto de partida já observamos que diferente dos filósofos anteriores, Zubiri não tomará a intelecção como uma faculdade da inteligência humana, mas como um ato.

Ao apresentar o objetivo do seu estudo ele mesmo irá afirmar: "Nesta primeira parte do livro me proponho a estudar o que é isso que chamamos de inteligir". (ZUBIRI, 2011a, p. 1). Para desenvolver esse estudo, o filósofo percorrerá a história da filosofia, apontando como o tema foi tratado no decorrer dos séculos, a fim de apresentar a sua nova proposta noológica.

> Desde as próprias origens da filosofia, começou-se por contrapor o inteligir ao que chamamos sentir. Intelecção e sensação seriam duas formas, em boa parte opostas... de quê? As filosofias grega e medieval entenderam o inteligir e o sentir como atos de duas faculdades essencialmente diferentes. A contraposição de inteligir e sentir seria a contraposição de duas faculdades. (ZUBIRI, 2011a, p. 1).

Com essa afirmação, Zubiri prepara o leitor para demonstrar que o que a filosofia pensou sobre inteligir e sentir, teve como fruto a geração de um hiato entre esses dois atos. Para ele, contrapor o inteligir ao sentir seria o estabelecimento de uma contraposição entre duas faculdades. Desse modo, para tornar mais claro o seu pensamento, que buscará apresentar caminhos para a superação do abismo entre inteligir e sentir, Zubiri apresenta o que entende por coisa. A compreensão desse termo nos ajudará no entendimento da sua nova proposta noológica. Para ele a "coisa é tudo aquilo que é inteligido e sentido". (ZUBIRI, 2011a, p. 1). A palavra coisa será utilizada em seu pensamento filosófico, como sinônimo de algo.

Retomando o pensamento filosófico próprio do mundo grego e do mundo medieval, Zubiri afirmará que nesses dois momentos da história da filosofia, o inteligir e o sentir foram analisados como duas faculdades. Segundo ele, isso não tem base, pois "uma faculdade se revela em seus atos". (ZUBIRI, 2011a, p. 3). Desse modo, o escopo do seu estudo será o de voltar-se ao modo de inteligir e sentir. Não será para ele uma preocupação estudar a inteligência, como uma faculdade, mas seu interesse está em abordá-la como atos de sentir e inteligir.

Em um estudo sobre a temática do sentir e inteligir em Zubiri, Fayos faz a seguinte consideração:

> A análise que visava a esclarecer o sentir e o inteligir, para obter sua determinação precisa, conduziu Zubiri a uma constatação sem precedente: sua separação não encontra nenhum apoio sólido nos fatos. Certamente, sentir e inteligir são atos diferentes, e não é possível identificá-los; entretanto, "o

> sentir humano e a intelecção não sejam dois atos numericamente diferentes, cada um completo em sua ordem, mas constituem dois momentos de um único ato de apreensão senciente do real: é a inteligência senciente". (FAYOS, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 66).

O comentário deste estudioso do pensamento zubiriano nos ajuda a entender o modo como nos é apresentada em Inteligência e Realidade a definição do que venha a ser a apreensão. "O ato cujos momentos são o sentir e o inteligir é um ato de apreensão, de captação de alguma coisa, sem que essas expressões impliquem nenhum juízo sobre a situação ou sobre a existência do que é apreendido". (FAYOS, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 66). Na obra zubiriana, fica-nos evidente que a apreensão não é de modo algum uma teoria, mas um fato[31]. A apreensão seria o dar-se conta de algo que está diante de mim. Em Inteligência e Realidade o ato de intelecção será definido como apreensão. É por isso que, "o ato de inteligir é certamente um dar-se conta, mas sempre de algo que está presente"[32]. (SCHNAKE, 2012, p. 50, tradução nossa).

Tendo afirmado que o ato de inteleção é um ato de apreensão, na sequência da construção de sua obra a Trilogia da Inteligência Senciente, Zubiri dedicar-se-á à tratativa da apreensão sensível e da apreensão intelectiva. O estudo inovador desse pensador basco do século XX, nos ajudará a compreender que: "sentir e inteligir não se contrapõem; o que se contrapõe são o sentir puro e o sentir intelectivo; o primeiro é próprio dos animais não humanos, o segundo é próprio do homem". (FAYOS, in: SECRETAN, 2014, p. 67).

Desse modo, a tarefa que agora levamos a cabo é a de discorrer a partir da obra zubiriana os modos de apreensão apresentados pelo filósofo em sua obra Inteligência e Realidade. Esse passo nos ajudará a entender sua proposta noológica, que testifica a novidade do seu pensamento em relação a toda a teoria do conhecimento, desenvolvida a partir dos filósofos gregos até os tempos hodiernos. Segundo o filósofo basco, a apreensão sensível se dá de dois modos, isto é, por meio da apreensão de estimulidade e apreensão da realidade. A primeira se

---

[31] Sobre este tema assim Zubiri se expressa no volume Inteligência e Realidade, à página 6: "Na intelecção me 'está' presente algo do que eu 'estou' me dando conta. A unidade indivisa desses dois momentos consiste, pois, no "estar". O 'estar' é um caráter 'físico' e não apenas intencional da intelecção. 'Físico' é o vocábulo original e antigo para designar algo que não é meramente conceptivo, mas real. Opõe-se por isso ao que é meramente intencional, isto é, ao que consiste apenas em ser termo do dar-se conta. O dar-se é 'dar-se-conta-de', e esse momento do 'de' é justamente a intencionalidade. O 'estar' em que consiste fisicamente o ato intelectivo é um 'estar' em que eu estou com a coisa e na coisa (não da coisa), e em que a coisa está 'ficando' na intelecção. A intelecção como ato não é formalmente intencional. É um 'estar' físico. A unidade desse ato de 'estar' enquanto ato é o que constitui a apreensão. Intelecção não é ato de uma faculdade nem de uma consciência, mas é em si mesma um ato de apreensão. A apreensão não é uma teoria, mas um fato: o fato de que me estou dando conta de algo que me está presente."

[32] "El acto de inteligir es ciertamente un darse cuenta, pero siempre de algo que ya está presente."

refere ao modo de apreender dos animais e a segunda ao modo de apreender dos seres humanos. É sobre esses dois modos de apreensão sensível que agora desejamos nos ocupar.

### 1.4.1 A apreensão sensível

Ao tratar do tema da apreensão sensível, Zubiri procura deixar claro que ela é comum tanto ao ser humano quanto ao animal. (ZUBIRI, 2011a, p. 11). Ele mesmo afirmará que o que constitui a apreensão sensível será o próprio sentir. Desse modo, se desejamos entender o que é a apreensão sensível, faz-se necessário em primeiro lugar entender o que é o sentir.

Um primeiro elemento que Zubiri sustenta é de que o sentir é um processo. Assim sendo, três são os momentos fundamentais deste sentir. São eles a suscitação, a modificação tônica e a resposta. Procuremos entender esses momentos à luz do pensamento zubiriano.

Todo processo senciente pode ser suscitado tanto por algo que tenha um caráter exógeno, ou por algo que tenha um caráter endógeno. No primeiro temos algo que se origina a partir de algo externo ao organismo, já o segundo emerge a partir do interior de um organismo. Esse primeiro momento do processo senciente é denominado pelo pensador basco como "momento de suscitação". (ZUBIRI, 2011a, p. 11). Na filosofia zubiriana devemos entender que o sentir como processo encontra-se além de uma atividade puramente fisiológica, ele é um processo que abarca toda a vida do animal. "Suscitação é tudo que desencadeia uma ação animal". (ZUBIRI, 2011a, p. 12). A partir disso se pode afirmar que: "excitação é o momento de uma função e suscitação é momento de uma ação". (ZUBIRI, 2011a, p. 12).

O segundo momento do processo de sentir é a "modificação tônica". (ZUBIRI, 2011a, p. 12). Quem determina a modificação é a suscitação. "O animal tem, a todo momento, um estado de tônus vital". (ZUBIRI, 2011a, p. 12). É sabido que a suscitação causa uma mudança no tônus vital.

O terceiro momento essencial do sentir seria o da reposta. Todo animal responde a uma modificação tônica suscitada. Nesse momento Zubiri chama a atenção, a fim de que não se confunda resposta com uma reação dos efetores. Faz-se mister aqui explicitar que a afecção é sempre um momento funcional, todavia, a resposta será sempre um momento acional. A reposta suscitada por uma modificação tônica pode variar segundo a situação em que o animal está envolvido.

Tendo apresentado o sentir como um processo, faz-se crível afirmar que tal processo senciente é estritamente unitário. Sendo assim, este "consiste na unidade intrínseca e radical, na unidade indissolúvel de seus três momentos, suscitação, modificação tônica e resposta". (ZUBIRI, 2011a, p. 13). Na unidade desses três momentos encontramos a raiz do sentir.

O conhecimento desses três momentos essenciais do sentir, abre-nos o caminho para o estudo acerca da estrutura formal do sentir. De partida deve-se recordar que "o que suscita o processo senciente é a apreensão do suscitante. E, como o que essa apreensão determina é um processo senciente, sucede que a própria apreensão que o suscita deve ser chamada estritamente de apreensão sensível". (ZUBIRI, 2011a, p. 13).

Por isso, dois são os aspectos da apreensão sensível: um é o que determina o processo senciente, no que se refere ao seu momento de modificação tônica. Um segundo aspecto nos recorda que a apreensão sensível tem uma estrutura formal própria, engendrada pelo processo de sentir. Diante desses dois aspectos, a atenção de Zubiri se voltará para o estudo da estrutura formal da apreensão sensível. Pois a estrutura formal será aquela a determinar a estrutura processual do sentir. Zubiri, discorrendo sobre esse tema afirmará:

> Como o que determina o processo senciente é a estrutura formal da apreensão, é justo chamar esta apreensão de "sentir enquanto tal". Por isso, ao falar neste livro pura e simplesmente de sentir, estar-me-ei referindo ao sentir como estrutura formal da apreensão senciente. (ZUBIRI, 2011a, p. 14).

Para Zubiri a apreensão sensível consiste formalmente em ser apreensão impressiva. Por isso, o que constitui o sentir é a impressão. O criador da metafísica da realidade "compreende, a partir dessa perspectiva, que o que constitui o sentir é a impressão, e indica que nem a filosofia antiga, nem a medieval, nem a moderna reparou adequadamente nessa situação e na estrutura formal da impressividade"[33]. (SCHNAKE, 2012, p. 53, tradução nossa).

Mas o que é a questão da impressividade, tão deixada de lado pela filosofia antiga ou abordado de uma forma incipiente por ela? A busca da definição desse termo, a partir da filosofia zubiriana, nos permite anotar que três são os momentos da impressão: afecção, alteridade e força de imposição. A compreensão desses três momentos nos ajudará a entender, mais à frente, o que significa para Zubiri a apreensão de realidade. Por isso, a tarefa que agora

[33] "...comprende, desde esta perspectiva, que lo que constituye formalmente el sentir es la impresión, e indica que ni la filosofía antigua, ni la medieval, ni la moderna han reparado adecuadamente en esta situación ni en la estructura formal de la impresividad."

se apresenta é a de descrever a estrutura da impressão, que se desdobra em três momentos, os quais não se separam, mas mantêm um caráter unitário.

O primeiro momento da impressão é denominado de afecção do senciente por meio dos sentidos. (ZUBIRI, 2011a, 14). Aqui o senciente é afetado por alguns elementos, mas não no sentido de afeto, mas por aquilo que nos torna presente o que nos impressiona. "Em virtude desse momento afetante, dizemos que o senciente padece a impressão". (ZUBIRI, 2011a, p. 14). A realidade sentida fica impressa no ser humano animal de realidade, que sente das mais diversas formas a coisa que está diante dele, entre outras coisas.

O momento da afecção nos lança ao segundo momento da impressão denominado de alteridade. A afecção se constitui e tem um caráter de tornar presente ao senciente aquilo que o impressiona. Por isso, "a impressão é a apresentação de algo outro em afecção. É alteridade em afecção". (ZUBIRI, 2011a, p. 15). Ao tratar da alteridade, Zubiri definirá esse outro que se apresenta ao senciente como nota. Buscando trazer à luz o sentido que ele dá a esse termo, ele recordará que no seu estudo ele será utilizado em oposição à palavra ignoto[34]. Isto é, a nota é aquilo que faz algo tornar-se presente ao senciente. Por isso, a nota não é uma qualidade da coisa, mas é o que torna a coisa aparente.

O terceiro momento da impressão é denominado de força de imposição, isto é, "a nota presente na afecção se impõe ao senciente". (ZUBIRI, 2011a, p. 15). Aqui estamos diante daquilo que suscita todo o processo do sentir. "Trata-se em geral mais de um conjunto de notas do que uma nota isolada". (ZUBIRI, 2011a, p. 16). Para tornar mais claro o que pensa sobre a força de imposição, o pensador basco utiliza-se de um antigo adágio popular, isto é, "gato escaldado tem medo de água fria". A água que é sentida em impressão, ela se impõe ao animal. Aqui se constata que a força de imposição é algo variável.

Diante do exposto pode-se afirmar que a unidade desses três momentos, a partir do pensamento zubiriano, constitui a impressão. Todavia, Zubiri chama a atenção para a necessidade de nos debruçarmos sobre o tema da alteridade. Pois a alteridade nos faz presente a nota, ou se preferirmos uma formalidade, que é próprio do permanecer autônomo no senciente. Faz-se mister recordar que esse outro que se faz presente, tem um conteúdo que o

[34] Registremos como Zubiri constrói a sua reflexão sobre este tema, no volume Inteligência e Realidade, à página 15: "Impressão é a apresentação de algo outro em afecção. É alteridade em afecção. Este 'outro' é o que chamei e continuarei chamando de nota. Aqui nota não designa uma espécie de signo indicativo como significou etimologicamente em latim o substantivo nota; mas é um particípio, o que é 'noto' (gnoto) em oposição ao que é ignoto, desde que se elimine toda alusão tanto ao conhecer (isto seria antes o cognitum) como ao saber (que deu origem a noção e notícia)".

fará presente como outro. O conteúdo é algo que fica no senciente, como algo outro, e isto se dará como realmente um momento físico crível de alteridade.

Tornando a nota presente ao senciente, a alteridade indicará a forma de permanência da nota. Schnake, tratando dessa temática, própria do pensamento zubiriano afirmará: "é a este ficar particular da nota, que depende do haver-se do senciente em seu sentir e que está diretamente relacionado com o grau de formalização do animal, ao que Zubiri denomina hábito"[35]. (SCHNAKE, 2012, p. 54, tradução nossa). É preciso recordar que em Zubiri, hábito não significa costume, mas o modo do senciente relacionar-se com a coisa. Com a nota que está presente nele, mas que mantém sua autonomia ou independência.

A formalização a que Zubiri faz referência dentro desse processo unitário é a unidade existente entre a suscitação, a modificação tônica e a reposta. Aqui encontram-se as bases para se tratar dos modos de apreensão sensível, isto é, o modo de sentir a estimulidade, próprio dos animais e o modo de sentir a realidade, próprio dos homens. A nossa atenção se voltará ao segundo modo de apreensão sensível e buscaremos compreendê-lo, dentro do contexto em que Zubiri, na sua obra "*Inteligencia y Realidad*, procura definir seu modo de pensar a realidade. A realidade será compreendida pelo pensamento zubiriano como uma categoria metafísica.

### 1.4.2 Um novo modo de compreender a realidade

A tratativa do tema da realidade em Zubiri, que em sua obra madura Trilogia da Inteligência Senciente atinge o seu ápice, é a chave de entrada para a compreensão do seu pensamento metafísico. A realidade será o tema central dos seus estudos. O estudo dessa categoria filosófica se dá a partir de uma constatação feita pelo próprio filósofo basco. Como conhecedor da História da Filosofia, já que por muitos anos se dedicou ao ensino dessa disciplina nas Universidades de Madri e de Barcelona, ele constatou que o termo realidade foi compreendido de um modo errôneo. No prólogo da obra acima citada e que testifica a maturidade do seu pensamento, assim ele se expressará:

> Para muitos leitores, a meu livro Sobre a Essência faltava um fundamento porque consideravam que saber o que é a realidade é tarefa que não pode ser levada a efeito sem um estudo prévio do que nos é possível saber. [...] Penso

[35] "Es a este quedar particular de la nota, que depende del modo de habérselas el sentiente en su sentir y que está directamente relacionado con el grado de formalización del animal, a lo que Zubiri denomina habitud."

> que isto é inexato. Certamente, a investigação sobre a realidade precisa lançar mão de alguma conceituação do que seja o saber. (ZUBIRI, 2011a, p. li).

O seu novo modo de conceber a realidade levará em consideração a inteligência senciente, isto é, o modo como o ser humano apreende a realidade. Isso porque para Zubiri: "o saber e a realidade são, em sua própria raiz, estrita e rigorosamente congêneres. Não há prioridade de um sobre o outro". (ZUBIRI, 2011a, p. lii).

Devemos anotar que para Zubiri a inteligência senciente pressupõe três modos de apreensão da realidade, que mais adiante buscaremos desenvolver com mais detalhes. Os modos são os seguintes: apreensão primordial, apreensão em logos e apreensão em razão.

De partida é possível afirmar que na filosofia zubiriana a realidade será compreendida como um caráter formal, ou seja, a formalidade e o saber seriam o exercício de apreender algo referente à realidade. Desse modo, deve-se afirmar que o saber é algo ulterior à realidade. O saber emerge do desdobramento da realidade, apreendida primordialmente e desdobrada em simples apreensões. A realidade é a fonte de todo saber humano, e isso se dá por meio da inteligência senciente.

### 1.4.3 Um novo conceito para tratar sobre realidade

Para analisar o tema da realidade, Zubiri propõe um novo termo: *reidade*. A elaboração de novos termos é comum dentro da obra desse filósofo. Eles foram criados com o escopo de fazer aparecer com maior clareza os novos conteúdos apresentados pelo criador da filosofia da realidade. Na tentativa de definir o que venha a ser esse termo, ele mesmo afirma:

> Dado o caráter completamente diferente que o termo realidade pode ter na linguagem popular e mesmo na filosófica, isto é, realidade para além de qualquer apreensão, o termo *reidade* pode servir para evitar confusões. Feito, porém, esse esclarecimento, empregarei os dois termos indistintamente: *reidade* significa aqui apenas realidade, simplesmente ser "de seu". (ZUBIRI, 2011a, p. 34).

Oportunamente, nos debruçaremos sobre o termo "de suyo", pois esse aparece em muitas partes da obra Trilogia da Inteligência Senciente para definir a questão da formalidade da realidade. O termo *reidade* não será encontrado na obra *Sobre la esencia*, entretanto, ele

não será apresentado por acaso no conjunto dos volumes que compõem a Trilogia da Inteligência Senciente.

A introdução do termo *reidade* no conjunto da obra madura do pensador basco terá por escopo indicar os parâmetros estabelecidos por ele mesmo, para a apresentação do seu novo modo de compreender a realidade como o ponto de partida de toda a intelecção humana. Torna-se claro aqui que, ao criar este termo, Zubiri o apresenta como um modo de superar a antiga ideia propalada pela filosofia, desde o mundo grego aos nossos dias, que buscava ver a realidade em si, isto é, uma coisa existente no mundo, mas, todavia, independente das nossas percepções.

Em Zubiri se constata uma oposição a tal ideia que foi definida por ele mesmo como realismo ingênuo. (ZUBIRI, 2011a, p. 35). Diante dessa antiga compreensão do que venha a ser a realidade, em "*Inteligencia y Realidad"*, Zubiri apresentará o objetivo da sua investigação sobre esse tema recorrente em seu sistema filosófico e o porquê de propor um novo termo para tornar mais claro o fruto de sua pesquisa, a qual servirá de base ao seu pensamento metafísico.

> Não se trata de ir além do apreendido na apreensão, mas do modo como o apreendido "fica" na apreensão mesma. Por isso, é que às vezes penso que, melhor que realidade, esta formalidade deveria ser chamada de "reidade". É o "de seu" do que está na apreensão. É o modo de apresentar-se a própria coisa numa apresentação real e física. Realidade aqui não é algo inferido. Assim, como a estimulidade é modo do imediatamente presente na apreensão, isto é, do presente tão só estimulicamente, assim, também realidade é aqui formalidade do imediatamente presente, o modo mesmo da nota ficar presente. (ZUBIRI, 2011a, p. 35).

É significativo que Zubiri apresente esse termo na obra que testemunha a maturidade do seu pensamento. Como sabemos, nessa obra o conceito de inteligência senciente por ele mesmo criado atinge seu ápice. Na obra "*Sobre la esencia"*, o filósofo fez aparecer esse termo, mas a explicitação dele somente se dará, de uma forma mais sistemática, em "*Inteligencia y Realidad"*. Nessa obra se observa que a conceituação de realidade e de inteligência senciente são congêneres. Daqui podemos intuir, porque o termo *reidade* aparecerá apenas na obra que reflete a maturidade do pensamento filosófico zubiriano. Pois é ali que ele leva ao máximo o objetivo de sua obra filosófica. Estudando a realidade, que é apreendida e atualizada na inteligência senciente, torna-se possível compreender a unidade intrínseca entre o sentir e o inteligir.

Precisamos aqui recordar que esse e outros conceitos elaborados pelo filósofo em estudo nascem do seu profundo conhecimento sobre a História da Filosofia, disciplina que ensinou por

muitos anos como professor universitário. No exercício do magistério, Zubiri será um pensador crítico, que não só apresentará o desenvolvimento do pensamento filosófico na história, mas o fará de uma forma crítica.

A criação de conceitos para desenvolver seu pensamento filosófico nos ajuda a entender a postura crítica de Zubiri frente às escolas filosóficas que vieram antes da sua intrigante, criativa e inovadora filosofia. Galán, em um estudo sobre a contribuição de Zubiri para o tema da realidade, em referência ao que se havia dito até o seu tempo acerca dessa temática anota:

> A oposição semântica da análise zubiriana pretende situar-nos além do dilema imanência ou transcendência em que se havia fixado historicamente a questão da realidade. Ou o que o sentido – se cria- está meramente dentro, como dado subjetivo, ou está meramente fora, além da impressão, como algo em si transcendente, tal como se aparece. Ou *esse est percipi* como defende o idealismo fenomênico, ou *pecipere est percipere id quod est quatenus in se est,* como assegura o realismo dogmático[36]. (GALÁN,1998, p. 114, tradução nossa).

Ao tratar do tema da realidade Zubiri procura superar o que ele denominará de realismo ingênuo e sustentador de um pensamento dicotômico, que gera um hiato entre sentir e inteligir. Ao tratar desse assunto Galán assim se expressa:

> Há um ingênuo realismo, segundo o dilema lógico de que ou se tem a coisa em si ou somente fica um fenômeno subjetivo. A abertura como transcendência, mas algo prévio e muito distinto: um estar já no transcendente, enquanto formalidade aberta, transcendendo na direção do que esta seja ou poderá ser em si mesma. O já e o seria não implicam coordenadas temporais, mas dimensões ontológicas da abertura como um estar instante e dinâmico. Se compreende então que estar na realidade não pode ser interpretado como um mero estar intencional ou representativo, mas como um efetivo fixar da mente na atualidade do real[37]. (GALÁN, 1998, p. 114).

[36] "El forcejeo semántico del análisis zubiriano pretende situarnos más allá del dilema inmanencia o trascendencia en que se había empantanado históricamente la cuestión de la realidad. O lo sentido- se creía- está meramente dentro, como dato subjetivo, o está meramente fuera, allende la impresión, como algo en sí, trascendente, tal como se aparece. Pero este dilema conlleva un doble dogmatismo: O *esse est percipi* como defiende el idealismo fenomenista, o *percipere est percipere id quod est quatenus in se est*, como asegura el realismo dogmático."

[37] "A un ingenuo realismo ele replica con un idealismo igualmente ingenuo, según la lógica dilemática de que o se tiene la cosa en sí o sólo queda un fenómeno subjetivo. La apertura como trascendencia, advierte Zubiri, no es un estar ya en lo trascendente, sino algo previo y muy distinto: un estar ya en la realidad, en cuanto formalidad abierta, trascendiéndose hacia lo que ésta sea o pudiera ser en sí misma. El ya y el hacia no implican coordenadas temporales sino dimensiones ontológicas de la apertura como un estar instante y dinámico. Se comprende entonces que estar-en-realidad no pueda ser interpretado como un mero estar intencional o representativo, sino como un efectivo radicar de la mente en la actualidad de lo real."

Galán, na sequência de seu estudo, mostra como que para Zubiri a inteligência permanece retida na realidade, superando assim o realismo ingênuo.

> A inteligência fica remetida ao que tem a coisa, retida nela por sua própria força de imposição. (...) Esta presença não é, sem dúvida, nem mera presentidade impressiva, ao modo empirista, nem pre-sentificação ao modo idealista, mas um dar-se a realidade, remetendo a si mesma, no ato mesmo da inteligência[38]. (GALÁN, 1998, p. 114, tradução nossa).

Em síntese, o termo *reidade* consegue abarcar e expressar a nova definição que Zubiri dá ao conceito de realidade. Pois para ele a *reidade* conduz necessariamente à conceitualização da inteligência a partir do seu caráter, pois o saber e a realidade em sua raiz mesma, são congêneres. Sendo assim, no pensamento zubiriano não existe uma prioridade de um sobre o outro. Desse modo, após abordarmos o conceito *reidade*, no conjunto do primeiro volume da Trilogia da Inteligência Senciente, a tarefa que agora se impõe é a de entender, dentro do realismo zubiriano a realidade pensada como "*de suyo*". Podemos adiantar que o "*de suyo*" será outro importante vocábulo, dentro da obra madura do filósofo, que pensou e ensinou a Filosofia da Realidade.

### 1.4.4 A realidade como "*de suyo"*

Como já apontamos neste nosso trabalho, são muitos os vocábulos próprios do *corpus* filosófico zubiriano. Muitos deles apresentam um grande desafio para o trabalho dos tradutores, quando esses precisam ser traduzidos do espanhol para outras línguas. Entre os vocábulos está o "*de suyo"*. Para muitos estudiosos do pensamento zubiriano há um consenso, de que a não tradução do termo ajuda para que o mesmo não perca sua originalidade, isto é, o significado que ele traz a partir da noologia desenvolvida por Zubiri. Tejada e Cheriff em uma nota sobre a tradução deste termo, na edição brasileira desta importante obra do "*corpus zubirianum"*, assim se expressaram acerca da opção dos ingleses em manterem o termo sem traduzi-lo:

> Podemos entender a dificuldade da tradução da expressão "de suyo" para outras línguas. É uma expressão que possui toda uma complexidade e riqueza

[38] La inteligencia queda remitida al haber de la cosa retenida en ella por su propia fuerza de imposición. [...] Esta presencia no es, sin embargo, ni mera presentidad impresiva, al modo empirista, ni pre-sentificación al modo idealista, sino un dar-se la realidad, remitiendo a sí misma en el lacto mismo de la inteligencia."

> filosófica radical. T. Fowler, na tradução inglesa, manteve a expressão em espanhol pelo fato de ela não ter correspondência em inglês. (TEJADA; CHERIFF, in: ZUBIRI, 2011a, p. xlvii).

Os mesmos estudiosos da obra zubiriana assim se expressarão no que se refere a opção pela tradução do termo para o português:

> Tendo em vista que foram adquiridos os direitos de tradução para todos os países de língua portuguesa, os estudiosos portugueses e brasileiros travaram uma longa discussão sobre o tema. Os portugueses entendem que a melhor tradução semântica seria traduzir o *de suyo* pelo "de si", aduzindo em seu favor uma boa quantidade de exemplos. Os estudiosos brasileiros, porém, apoiados nas expressões dos dicionários Aurélio e Caldas Aulete, decidiram traduzir, na Trilogia Inteligência Senciente, o *de suyo* por "de seu", a fim de expressar em português a propriedade filosófica do termo, tal como Zubiri o fez em espanhol. (TEJADA; CHERIFF, in: ZUBIRI, 2011a, p. xlvii).

Após darem as razões da escolha pela tradução do termo *de suyo*, os editores afirmam:

> O editor e sua equipe, após criteriosa avaliação, optaram pela expressão "de seu", acompanhando a tradução do sinônimo "em próprio". Sobre esse último não houve discordância, já que essa locução é semelhante à espanhola na forma e sentido. (TEJADA; CHERIFF, in: ZUBIRI, 2011a, p. xlvii).

Em sua obra "*El hombre y Dios"*, Zubiri afirma que: "antes de tudo, realidade (...) é formalidade do de suyo"[39]. (ZUBIRI, 1988, p. 37, tradução nossa). Procurando explicitar o que venha a ser o *de suyo*, poderíamos afirmar que é o resíduo que não pode ser assimilado pelo sentido. O pensamento zubiriano sustentará que "no rigor dos termos, o resíduo do que nos falam os fenomenólogos é (...) o momento mesmo da realidade". (ZUBIRI, 2001, p. 249). O filósofo basco concluirá sua ideia afirmando que "o animal carece de resíduos". (ZUBIRI, 2001, p. 249).

Diante de tais afirmações é possível dizer que o *de suyo* possui um caráter de alteridade, o que conduz Zubiri a defini-lo como um *prius* do conteúdo do real, em relação à apreensão, isto é, anterioridade no temporal, todavia, meramente formal ao que foi apreendido. Em "*Inteligencia y Realidad"* Zubiri assim se expressa sobre o *de suyo*:

> Este "de suyo" é o momento segundo o qual o apreendido "já" é o que é apreendido. Esse "já" expressa a anterioridade formal do apreendido com

[39] "Ante de todo, realidad (...) es formalidad del de suyo."

> respeito ao seu ser apreendido; é o *prius*. Em razão disso, a formalidade de realidade nos instala no apreendido como realidade em e por si mesma, isto é, desde uma inteligência senciente. (ZUBIRI, 2011a, p. 138).

O *de suyo* em sua condição de alteridade é outro, que não é o meu. Desse modo, Zubiri irá conceituar este carácter de alteridade como um *prius* de um conteúdo em relação à apreensão. É uma anterioridade não temporal, todavia, simplesmente formal, o que possibilita uma distinção significativa, que contribui para escapar daquilo que o filósofo basco denominou de "realismo ingênuo". A este ponto de nossa reflexão podemos nos indagar: o que seria o *de suyo,* dentro do realismo crítico filosófico zubiriano? Na obra "*Inteligencia y Realidad"* encontramos uma resposta a tal indagação.

> Este *de suyo* é o momento segundo o qual o apreendido "já" é o que é apreendido. Esse "já" expressa anterioridade formal do apreendido com respeito a seu apreendido: é o *prius*. Em razão disso, a formalidade de realidade nos instala no apreendido como realidade em e por si mesma, isto é, desde uma inteligência senciente. (ZUBIRI, 2011a, p. 138).

Partindo desta afirmação de Zubiri, constata-se que esta presença outra encontra o seu fundamento a partir do ato individual do sentir. Todavia, é preciso entender que a alteridade se apresenta também como algo irredutível, pelo fato de ter em si uma força que a faz se impor. Tal força será denominada de poder do real. Essa imposição encontra-se além de uma decisão pessoal do sujeito, ela encontra-se antes. Pois o ato de sentir em si mesmo aquilo que existe, engendra um encontro que nos leva a sentir algo que, necessariamente, já se impõe a nós como outro. Zubiri afirmará por diversas vezes em sua obra que somos possuídos pela realidade, ou seja, o *de suyo* que é a formalidade de realidade que nos possui.

> É importante frisar que a realidade é "física" porque não é uma ideia ou um mero conceito deslocado da realidade. É assim porque o conceito físico não surge de uma especulação lógica, mas já está de forma compacta na apreensão primordial que se faz por impressão de realidade. (COSTA, in: NEVES; BERNARDES; COSTA, 2020, p. 45).

Somos possuídos pela verdade real, que a atualização da realidade deixa na apreensão. "A apreensão de realidade implica sentir a realidade, e é, portanto, impressão de realidade. Para

ele analisar a estrutura de apreensão de realidade será necessário analisar a estrutura da impressão da realidade"[40]. (MILLÁS, 2000, p. 258, tradução nossa).

Como se pode observar, essa realidade que possui o humano e o retém pelo sentir, têm consistência nas coisas com as quais o ser humano se relaciona em sua vida. Por isso, seria errôneo afirmar que a realidade seria um tipo de floresta em que as coisas permanecem submergidas. Com Zubiri devemos corroborar o pensamento de que "não existe realidade fora das coisas reais"[41]. (ZUBIRI, 1984, p. 87, tradução nossa). Não podemos atingir a realidade por meio de conceitos, mas a ela chegamos pela via da inteligência senciente.

### 1.4.5 A relação entre a realidade e o ser humano

As páginas que registram a rica herança do pensamento filosófico zubiriano, isto é, que apresentam a sua filosofia primeira ou metafísica, em muitas partes procuram colocar em evidência a fulcral relação entre a realidade e o ser humano. Aliás, ao falar dos modos de apreensão sensível, que para Zubiri serão dois, ele definirá que existe um que se configura como o "sentir estimulante". (ZUBIRI, 2011a, p. 27) e o outro será "sentir a realidade". (ZUBIRI, 2011a, p. 27). O primeiro é próprio dos animais e o segundo próprio dos homens. Para a construção do trabalho que nos propomos, interessa-nos entender melhor o segundo modo de apreensão sensível, pois o filósofo basco, criador do realismo crítico filosófico, definirá o ser humano como um animal de realidades. Como já podemos observar, o conceito de realidade perpassará todo o pensamento filosófico zubiriano.

Como já foi observado, a realidade para Zubiri é a formalidade do *de suyo*, por isso, antes mesmo de estabelecer sua relação com o humano, precisamos nos perguntar: o que é o ser humano, dentro do pensamento filosófico zubiriano? A resposta para tal indagação nos ajudará a compreender porquê Zubiri definirá o humano como um animal de realidades.

Zubiri foi um pensador que sempre gostou de problematizar, isto é, apresentar questões pertinentes aos seus alunos motivando-os a pensar. Martín em um texto recente em que trata sobre a fundamentação metafísica da educação em Xavier Zubiri, apresenta por meio de uma

[40] "La aprehensión de realidad implica sentir la realidad, y es por tanto, impresión de realidad. Por ello analizar la estructura de la aprehensión de realidad será analizar la estructura de la impresión de realidad."
[41] "No hay realidad fuera de las cosas reales."

carta enviada a Martin Heidegger, pelo filósofo basco "a sua emoção pelo puro problematismo" que acompanhou toda a sua vida intelectual:

> Durante toda minha vida [...] só conheci uma emoção que me comoveu: a emoção do puro problematismo. Desde muito jovem, senti a dor de ver como tudo se transforma em problema. Mas essa dor não era em si mesma dolorosa. [...] Essa dor, era de fato, a fonte, no fundo a única fonte até agora, de verdadeiros gozos. Afirmei-me positivamente nesse caráter problemático da existência. (MARTÍN apud: COROMINAS; VICENS in: NEVES; BERNARDES; COSTA, 2020, p. 171).

A capacidade de problematizar os temas filosóficos foi o que contribuiu para que Zubiri pudesse trazer à luz a novidade do seu pensamento filosófico, que se configurou na busca constante pela superação entre o sentir e o inteligir. O conhecimento humano não nasce de conceitos pré-estabelecidos pela consciência humana, mas ele é desdobramento de uma apreensão primordial, onde o poder do real possui o ser humano. É o real que lança o ser humano na busca do que é a realidade em si. Mais à frente nos dedicaremos ao estudo dos três tipos de apreensão apresentados pelo filósofo basco. O que por hora podemos afirmar é que o ser humano, por meio dos sentidos, apreende a realidade. A realidade fica impressa no ser humano, como uma alteridade, ou nota, mantendo sempre sua autonomia e atualizada em sua apreensão.

> O homem, como vivente que se enfrenta com as coisas reais, se enfrenta com elas animalmente, e, reciprocamente, se enfrenta com as coisas-estímulo realmente. Todo comportamento humano se inscreve em um somente hábito, em um enfrentamento próprio. É o que expressamos dizendo que o homem é um animal de realidades. Em sua virtude, o animal humano está instalado não somente entre realidades, na realidade, no transcendental. O transcendental é a unidade intrínseca e formal de apreensibilidade, determinabilidade e atemperança. O real é unitariamente apreensível, determinável e atemperante. Na realidade humana se atualiza esta unidade transcendental. Está aqui a realidade humana na ordem do habitual. A toda ação, a todo comportamento, subjaz um hábito, um enfrentamento com as coisas como reais. O respeito formal em que estas coisas ficam é realidade[42]. (ZUBIRI, 1986, p. 40, tradução nossa).

[42] "El hombre, como viviente que se enfrenta con las cosas reales, se enfrenta con ellas 'animalmente' y, recíprocamente, se enfrenta con las cosas-estímulo 'realmente'. Todo comportamiento humano se inscribe en una sola habitud, en un solo enfrentamiento propio. Es lo que expresamos diciendo que el hombre es animal de realidades. En su virtud, el animal humano está instalado no sólo 'entre' realidades, sino 'en' la realidad, en lo transcendental. Lo transcendental es la unidad intrínseca y formal de aprehesibilidad, determinabilidad y atemperancia. Lo real es unitariamente aprehensible, determinable y atemperante. En la realidad humana se actualiza esta unidad transcendental. He aquí la realidad humana en el orden de la habitual. A toda acción, a todo comportamiento, subyace una habitud, un enfrentamiento, el enfrentamiento con las cosas como reales. El respecto formal en que estas cosas quedan es realidad."

Em Zubiri fica-nos evidente que há um modo claro do ser humano estar nas coisas, e isto se dá por meio da inteligência senciente. O real é inteligido pelo ser humano animal de realidades, por intermédio dos sentidos. É na inteligência senciente que o real se atualiza. Aqui nos encontramos diante da habitude. Este termo habitude em Zubiri assume uma conotação específica, que foge ao sentido comum que damos ao mesmo, isto é, de pura repetição de atos. Para ele o termo está relacionado ao modo do ser humano, animal de realidades, lidar com as coisas reais. Ao falar desse termo assim se expressa o pensador basco:

> O ficar não depende dos receptores em si mesmos, mas do modo de o senciente haver-se em seu sentir. Esse modo de haver-se deve ser chamado de habitude. [...] Habitude não é costume nem hábito, mas modo de haver-se. Os costumes e hábitos são habitude precisamente porque são modos de haver-se. Mas a recíproca não é verdadeira: nem todo modo de haver-se é costume ou hábito. Costume e hábito são casos especiais de habitude. Pois bem, o termo de um receptor é o conteúdo. O termo de uma habitude é a formalidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 19-20).

Para Zubiri a realidade é sempre sentida em impressão de realidade. Por isso, na construção do seu pensamento filosófico se constará a afirmação de que sentir é um processo que faz parte da vida animal. (ZUBIRI, 2011a, p. 12). Porém, como já pudemos nos referir anteriormente existem dois modos de sentir segundo a noologia zubiriana, isto é, o "sentir a estimulidade" e o "sentir a realidade". O primeiro é próprio dos animais, que uma vez estimulados ou suscitados, há uma mudança de tônus vital, que exige uma resposta. Todavia, ao falar do ser humano, o pensador do realismo crítico o definirá como um animal de realidades. Por isso, ele agregará, aos já conhecidos cinco sentidos, mais seis que permitem ao ser humano sentir a realidade. Faz-se mister recordá-los, já que eles não são abordados pela filosofia contemporânea.

Não encapsulando os sentidos em onze, mas deixando uma abertura para que no futuro se pudesse agregar outros, aos indicados por ele, Zubiri fala que estes são os sentidos que encontramos no no ser humano: "visão, audição, olfato, gosto, sensibilidade labiríntica e vestibular, contato-pressão, calor, frio, dor, cinestesia (abrangendo o sentido muscular, tendinoso e articular) e a cinestesia ou sensibilidade visceral". (ZUBIRI, 2011a, p. 67). Cada um desses sentidos apresenta a realidade de uma forma. Por isso, é possível afirmar que diversas são as formas do ser humano  apreender a realidade, e isso depende do órgão receptor. Zubiri, na sua perseverante marcha pela busca da superação entre sentir e inteligir, por meio da afirmação da inteligência senciente, assevera que a filosofia:

> Pensou, pura e simplesmente, que a coisa sentida sempre é algo que está "diante" de mim. E isso, além de ser uma ingente vagueza, oculta uma grande falsidade, porque estar diante de mim é apenas uma das diferentes maneiras de a coisa real apresentar-se a mim. (ZUBIRI, 2011a, p. 67).

A afirmação zubiriana, que busca combater a logificação da inteligência humana, dentro da evolução do pensamento filosófico até o seu tempo e que perpassa a construção dos outros tipos de conhecimento humano, nos ajuda na compreensão dos modos de apresentação da realidade, isto é, a diversidade do sentir intelectivo, que nos apresenta uma diversidade de conteúdo. Essa diversidade do sentir intelectivo irá se firmar em primeiro lugar na diversidade de conteúdos que serão oferecidos pelos sentidos intelectivos como: cor, forma, som, temperatura, entre outros. Isso nos apresenta uma riqueza ímpar de qualidade sensíveis.

A visão nos ajuda a apreender a coisa real que se encontra diante de nós. Essa coisa é apreendida segundo o seu *eidos*, isto é, segundo o seu conteúdo, em formalidade de realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 68). Já a audição nos faz apreender o som, todavia, afirma-se que a coisa sonora não se encontra na audição, mas nos remete a ela. (ZUBIRI, 2011a, p. 68). Zubiri denomina isto de remissão de notícia. (ZUBIRI, 2011a, p. 68). Através do olfato o cheiro é apreendido imediatamente. Aqui a realidade é apreendida de forma diferente, isto é, como rastro. "O olfato é o sentido do rastreio". (ZUBIRI, 2011a, p. 68). Já no gosto a coisa está presente como realidade possuída. "O sabor é mais que notícia e rastro: é a própria realidade como *fruível*". (ZUBIRI, 2011a, p. 68). Porém, no tato, a coisa está presente sem o *eidos* nem gosto: "é a nua apresentação da realidade". (ZUBIRI, 2011a, p. 68).

Faz-se mister ainda recordar que os sentires apresentam a realidade a nós de outra forma. Na cinestesia, não temos nem a realidade e nem a notícia presente. O que temos é apenas "a realidade como algo para". (ZUBIRI, 2011a, p. 68). Aqui deve se compreender que não é um "para" a realidade, mas a própria realidade como "para". (ZUBIRI, 2011a, p. 69). A realidade será sempre o ponto de partida para todo conhecimento. A fim de se conhecer a coisa em si, o ser humano parte dela, a partir de uma apreensão primordial ou fundamental. Além dos tipos de apreensão senciente já recordados, podemos ainda falar do calor e do frio, a realidade é apresentada como atemperante. A realidade também se apresenta como afetante, por meio da dor e do prazer. Entretanto, ainda podemos encontrar outro momento da apreensão de realidade, denominado por Zubiri de posição. Isso significa algo próprio da sensibilidade labiríntica e vestibular. Aqui a realidade é apreendida como algo centrado.

Porém, podemos ainda encontrar outra forma de apreender a realidade. Zubiri chama essa forma de cinestesia, pois a realidade é apreendida por meio de uma sensibilidade interna ou visceral. Esse sentir oportuniza ao ser humano estar nele mesmo, o que será definido por intimidade. “A cenestesia, de certo modo, é o sentido do mim enquanto tal, os demais sentidos não dão o mim enquanto tal se não estiverem recobertos pela cenestesia”. (ZUBIRI, 2011a, p. 70).

Como podemos observar, várias são as formas que permitem ao ser humano inteligir e sentir a realidade. Por isso, para Zubiri, a grande tarefa do mundo contemporâneo era suprir o grande hiato estabelecido pela filosofia desde o mundo grego entre sentir e inteligir. Assim sendo, o que agora ocupará nossa reflexão é o estudo da Inteligência Senciente nos seus três momentos: apreensão primordial, apreensão de logos e apreensão de razão. É necessário conhecer estes três momentos, para entendermos a estrutura do pensamento metafísico realista de Zubiri, que dá origem a um realismo crítico.

## 1.5 A questão da Inteligência Senciente em seus três modos de apreensão

A obra zubiriana pouco a pouco vem ocupando um espaço significativo no mundo acadêmico. No editorial da *The Xavier Zubiri Review*, vol. 6, de 2004, com o título “*Outstanding Issues in Zubirian Philosophy for the 21st Century”* (Questões pendentes na filosofia zubiriana para o século XXI), encontramos uma importante exortação à comunidade científica, para a dedicação ao estudo de temas ainda pouco explorados do pensamento zubiriano nos campos da ética, teologia, política entre outros. No campo da teologia, observamos que existe um grande canteiro a ser explorado, todavia, precisamos registrar que Zubiri escreveu várias coisas sobre teologia, porém, sua obra nesse tema ficou inacabada, dada a sua morte em 1983.

A princípio, o pensamento do filósofo basco pode apresentar-se um tanto quanto complexo, sobretudo para aqueles que sequer ouviram falar da sua presença entre os eminentes filósofos espanhóis do século XX, que deram um novo impulso ao pensamento filosófico espanhol. À medida que adentramos seu pensamento vamos percebendo que para entender o conjunto de sua reflexão filosófica, faz-se mister nos demorarmos sobre alguns conceitos, que apresentam a novidade do seu pensamento realista crítico. Zubiri não constrói sua crítica desconsiderando o legado deixado pelos pensadores no decorrer do desenvolvimento do

pensamento filosófico, dos gregos aos tempos hodiernos. Na verdade, sua obra procura dar um passo mostrando a possibilidade de superação da logificação da inteligência humana, para considerá-la como uma inteligência senciente, concomitantemente superando o grande abismo estabelecido entre sentir e inteligir. (MORAL, 2005, p. 83). Aqui estamos diante da novidade do pensamento filosófico de Zubiri, que serve de apoio seguro para repensarmos o modo como construímos a ciência e de um modo particular, os caminhos que utilizamos para o quefazer teológico, em tempos de grandes transformações. (MORAL, 2005, p. 84).

A obra madura de Zubiri é um verdadeiro tratado sobre a inteligência senciente. É o ápice de uma construção filosófica que passou por vários processos e que trará à luz um elemento essencial para a superação da logificação da inteligência humana. O conhecimento não nasce a partir de um conceito, mas da realidade, que o ser humano apreende por meio da impressão que se constrói a partir de três momentos: afecção, alteridade e força de imposição. (MORAL, 2005, p. 84). A realidade apreendida sencientemente fica impressa no ser humano, como um *alter*, ou seja, outro automizado. (MORAL, 2005, p. 101). Dentro da obra do filósofo basco é nos apresentado um caminho percorrido pelo ser humano, com a finalidade de apreender o que é a realidade em si, isto é, como formalidade do *de suyo.*

O caminho que por hora desejamos percorrer é aquele de apresentar os modos de apreensão da realidade, que encontramos na obra madura de Zubiri. Não é nossa intenção aqui esgotarmos o conteúdo presente nesta grande obra, constituída por três substanciosos volumes, que formam um único livro. Mas nosso intento é aquele de mostrar como ela nos apresenta o realismo filosófico de Zubiri, que nos ajudará a pensar o quefazer teológico, no tocante ao tema sobre o silêncio como realidade litúrgico sacramental, a partir da metafisica zubiriana.

### 1.5.1 A apreensão primordial

Na obra Trilogia da Inteligência Senciente, Zubiri apresenta a apreensão primordial da realidade como o principal modo de apreensão humana. Nela encontra-se de uma forma compacta tudo aquilo que a coisa é. Nesse modo de apreensão a realidade é apreendida de um modo imediato, direto e unitário. Tal realidade permanece no ser humano por meio da impressão da realidade, que se impõe a ele e é atualizada em sua intelecção. (CAMARGO, 2003, p. 74).

Faz-se mister anotar que, em Zubiri, esse modo de intelecção é fundamental para que se dê os outros dois modos de intelecção ou apreensão. Fayos, um dos comentadores da obra zubiriana, sobretudo daquela que testifica a maturidade do pensamento do filósofo basco, ao tratar do tema da apreensão primordial assim se expressará:

> Apreensão primordial abrange todas as características da intelecção: a simples atualização impressiva de alguma coisa enquanto real. E nada mais. Estruturalmente, é a apreensão mais simples. Sobre ela se apoiam, implicando-a, os dois outros modos de apreensão. Apreender uma coisa em seu campo de relações com outras coisas supõe a apreensão dessa coisa em si mesma e por si mesma: o que significa que o logos se apoia sobre a apreensão primordial e a implica. (FAYOS, in: SECRETAN, 2014, p. 68).

Na busca de precisar os conceitos que compõem o seu estudo sobre a inteligência humana e rompendo com o que se defendia até então, Zubiri atestará que "apreensão primordial de realidade coincide com a mera intelecção da coisa real em e por si mesma, e, portanto, com a impressão de realidade". (ZUBIRI, 2011a, p. 186). Isso significa que a coisa apreendida já fica atualizada na inteligência senciente do ser humano. Pois aqui temos a apreensão fundamental da qual se originam os outros dois modos de apreensão, isto é, de logos e de razão.

Aqui se recordará que "por sua índole formal, a intelecção é apreensão da realidade em e por si mesma". (ZUBIRI, 2011a, p. 187). Essa apreensão se dará sempre de uma forma direta, imediata e unitária. Nessa apreensão fundamental não existem mediações. Por isso, o próprio Zubiri afirmará que "a intelecção é formalmente apreensão direta do real, não por meio de representações ou imagens; é uma apreensão imediata do real, não fundada em inferências, raciocínios ou nada similar, é uma apreensão unitária". (ZUBIRI, 2011a, p. 187).

Apoiados no pensamento zubiriano deve-se afirmar que toda intelecção ulterior se baseia nessa intelecção primeira, que nos lança no campo de realidade, isto é, em respectividade com outras coisas. Assim sendo, "toda e qualquer intelecção é baseada em apreensão do real em e por si mesmo". (ZUBIRI, 2011a, p. 188).

É preciso recordar que em Zubiri a modalidade é algo essencial para a intelecção. Como modalidade a apreensão primordial poderá então, segundo o pensamento zubiriano, apreender uma nota ou até um sistema mais amplo de notas. Na apreensão primordial posso apreender a árvore (uma nota), bem como uma paisagem (um sistema de várias notas).

Tendo descrito o modo fundamental de apreensão do real, no qual se fundamentarão as apreensões ulteriores ou simples apreensões à tarefa que agora nos impomos, no exercício de apresentar a metafísica zubiriana, que tem seu fundamento na realidade, a seguir apresentaremos o que é para Zubiri a apreensão dual. Esse tema será abordado pelo pensador basco no segundo volume da obra Trilogia da Inteligência Senciente, "*Inteligencia y Logos"*.

### 1.5.2 A apreensão dual

Tendo tratado no primeiro volume da sua obra Trilogia da Inteligência Senciente, o tema da inteligência e realidade, no processo de construção da sua metafísica da realidade, Zubiri, no segundo volume de sua obra madura, se debruçará sobre o tema da inteligência e logos. Em "*Inteligencia y Realidad"*, o pensador basco ressalta a importância da apreensão primordial, denominando-a também de apreensão fundamental. Entretanto, ele afirmará a necessidade das apreensões ulteriores na busca pelo fundamento das coisas, que já se encontram de uma forma compacta na apreensão primordial. Já em "*Inteligencia y Logos"* o objetivo do pensador basco se concentrará na análise da realidade campal, isto é, o logos. (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 230).

Na busca de estudar a estrutura da inteligência humana, que para Zubiri é senciente, o segundo modo de apreensão apresentado pelo filósofo será a apreensão de logos ou dual. Esse modo de apreensão encontra-se inserido dentro da categoria das simples apreensões.

> Na simples apreensão, simples significa classicamente que ainda não se afirma a realidade do apreendido, ficando o apreendido reduzido a mera alteridade. Na simples apreensão teríamos a alteridade como algo que repousa sobre si mesmo sem se inscrever dentro da afecção e da força de imposição da realidade. (ZUBIRI, 2011a, p. 42).

As simples apreensões nos impõem uma tarefa árdua se desejamos conhecer em desdobramento o que a coisa é em realidade. A realidade apreendida e atualizada na apreensão primordial que se dá de um modo direto, imediato e unitário, para ser conhecida precisa ser descompactada. Por isso,

> as simples apreensões não são fáceis, mas exigem um labor significativo. Exigem um recolhimento intelectivo que deixe em suspense o que essa coisa é em realidade. Essa suspensão é um movimento próprio, um esforço que

> Zubiri chama de retração. Na palavra esforço está todo o sentido do labor das simples apreensões. (COSTA, in: NEVES, BERNARDES; COSTA, 2020, p. 49).

Nesse modo de apreensão dual, a coisa apreendida, na apreensão primordial, é colocada em relação com outras coisas. Tal relação se dá dentro do campo de realidade. Aqui a coisa não sai da realidade, mas ela fica suspensa, a fim de que se conheça o que ela é em realidade.

> Toda coisa real abre diante de si um campo de realidade. A noção de campo de realidade desempenha um papel fundamental nas pesquisas zubirianas sobre a intelecção. Campo de realidade forma, juntamente com as de abertura, relacionalidade, transcendentalidade, uma constelação de noções e designa o espaço no qual se dá a intelecção enquanto logos. (FAYOS, in: SECRETAN, 2014, p. 69).

Precisamos ressaltar aqui que este modo de apreensão não retira o apreensor da realidade, mas o mantém nela, a fim de que ele conheça seu percepto (isto), seu ficto (como) e seu conceito (que). (BERNARDES, 2022, p. 47). Esse modo de apreensão está ligado àquilo que indica o que a coisa poderia ser. Faz-se mister recordar que nesse modo encontramos o início do processo de desdobramento que conduz ao conhecimento da coisa em realidade, pois essa é a tarefa desse modo ulterior de apreensão. As coisas dão a que pensar, por isso, o processo de conhecimento é uma tarefa exaustiva.

Quando tratamos da temática da apreensão em logos, o primeiro elemento que devemos ressaltar é que nesse modo de apreensão a intelecção se dá dentro do campo de realidade. Como assevera Zubiri: “toda coisa real tem dois momentos em sua formalidade de realidade: o momento de realidade individual e o momento de realidade campal”. (ZUBIRI, 2011b, p. 9).

Tal afirmação nos leva a pensar que o campo será então o momento dimensional da coisa. Assim sendo, podemos considerar o campo de diversas formas, cabendo então a cada coisa real a determinação do campo. Dessa determinação emergem dois aspectos. O primeiro é o ser estabelecido pela coisa real, e o segundo seria o ser algo estabelecido por cada uma das coisas que se apresenta como um campo que recolhe as coisas reais sentidas. No primeiro a realidade se apresenta como algo aberto “em si mesmo”, já o segundo “abarca todas as coisas, é âmbito de realidade”. (ZUBIRI, 2011b, p. 9). Fayos, em um de seus estudos tratando do tema do campo de realidade, assevera:

> Campo de realidade é uma expressão que designa um dado primário da experiência: a saber, que as coisas reais se abrem a outras em um ambiente no qual elas são na realidade. Tal é o sentido próprio dessa expressão quando se trata da intelecção como logos. (FAYOS, in: SECRETAN (org.), 2014, p. 69).

O pensamento zubiriano afirmará que é cada coisa que determina o campo. Sendo assim, quando apreendemos uma coisa, essa é apreendida de modo primordial, porém nós a apreendemos não só no seu momento de formalidade individual, mas também no seu momento de formalidade campal. Dentro do campo a coisa pode ser apreendida de duas maneiras. Na primeira a coisa está incluída dentro do campo, já na segunda apreendemos as coisas em função da sua relação com as coisas que se encontram incluídas no campo, aqui acontece o que Zubiri afirma ser o inteligir campalmente. (ZUBIRI, 2011b, p. 10). Partindo do que foi afirmado "apreender a coisa real é próprio da apreensão primordial de realidade. Apreender a coisa campalmente é próprio do logos. (ZUBIRI, 2011b, p. 10).

Cabe-nos então agora tratar de algumas características próprias do campo de realidade, com o escopo de inteligirmos melhor a noologia e a metafísica da realidade zubiriana. Aqui continuamos o frutuoso trabalho que nos propomos, que é o de adentrar na profícua obra desse pensador, que pouco a pouco vai nos oferecendo elementos que nos ajudarão a pensar e projetar nossa reflexão sobre a sacramentalidade da realidade do silêncio litúrgico.

Zubiri afirmará que "o campo é antes de tudo e sobretudo um momento da formalidade de realidade de cada coisa real". (ZUBIRI, 2011a, p. 11). Por isso, toca a apreensão primordial, apreender o campo de realidade. Ele é um momento do logos, mas que tem sua origem na apreensão fundamental, sem a qual não se tornam possíveis as apreensões ulteriores, que são sempre o resultado de um labor intelectivo, que faz surgir o conhecimento em desdobramento. É preciso ressaltar que a apreensão primordial é aquela que irá nos lançar no campo de realidade, com o escopo de inteligirmos uma coisa entre as outras.

Ao tratarmos do campo de realidade, faz-se necessário recordar um tema já abordado pela noologia zubiriana e ao qual já nos reportamos neste estudo, que é o da atualidade. Para o filósofo basco a apreensão primordial é uma atualização da coisa. Tudo nela é dado de uma forma compacta, que exigirá do apreensor um trabalho intelectual, a fim de que ele possa inteligir sencientemente o que a coisa seria entre outras. Aqui estamos dentro da apreensão do logos, que aponta dentro da noologia zubiriana para outro tipo de atualização, que será denominada de atualização diferencial. Segundo o pensador em estudo:

> Na atualização diferencial do real, o momento de formalidade da realidade campal é formalmente diferente do momento de conteúdo; no entanto, aquela formalidade é sempre realidade física: uma mesma formalidade de realidade pode alojar diferentes conteúdos não só simultaneamente, mas também sucessivamente. Assim, se a cor desta pedra muda, o conteúdo desta apreensão variou, mas seu momento de realidade conservou-se numericamente. (ZUBIRI, 2011b, p. 100).

A atualização diferencial pode ser definida como uma reatualização da coisa real apreendida primordialmente. Por isso, Zubiri assevera:

> Intelecção é fazer estar presente enquanto estar. Portanto, o que a segunda intelecção faz, por ser re-atualização, é determinar outro modo de apresentação. De quê? Da mesma coisa real. É a re-atualização. Como? Em toda re-atualização voltamos da segunda atualização para a primeira. E nesta reversão consiste a unidade do "re". Como? (ZUBIRI, 2011c, p. 264).

Mas como tal re-atualização se dá dentro do campo de realidade, para o qual somos impelidos pela apreensão primordial? Com o escopo de respondermos a essa pergunta, aqui faz-se mister apresentar a estrutura geral do campo. Dentro do campo podemos encontrar uma ou várias coisas que apreendemos diretamente. A noologia zubiriana definirá isso como primeiro plano do campo. (ZUBIRI, 2011b, p. 12). Porém, quando esse plano se reduz apenas a uma coisa, essa coisa passa a ocupar o centro da coisa. Acerca disso o filósofo basco, assevera: "com respeito a este primeiro plano, as outras coisas constituem o domínio dos demais. E essas demais coisas têm uma precisa articulação com o primeiro". (ZUBIRI, 2011b, p. 12).

É importante registrar que dentro da noologia zubiriana algumas coisas constituirão o que Zubiri denominará de fundo "contra o qual se apreende as do primeiro plano". (ZUBIRI, 2011b, p. 12). Tal dimensão faz originar o destacamento, isto é, as coisas do primeiro plano se "destacam contra o fundo das outras". (ZUBIRI, 2011b, p. 12). Porém, existem outras coisas que ficam na periferia do campo. Com isso algumas coisas dentro do campo adquirem o que será denominado de dimensão de proximidade ou afastamento. Zubiri afirmará que a periferia não seria uma linha fixa, mas uma área que pode variar. Na linguagem desse pensador a periferia seria então "a área do indefinido". (ZUBIRI, 2011b, p. 12). Essa área indefinida se dá, pois ela não se encontra definida em si mesma ou mesmo que esteja determinada ela pode passar por nós, sem que seja percebida.

Para Zubiri o primeiro plano, o fundo e a periferia são o que compõe a tríplice dimensão do campo. (COSTA, 2017, p. 217). Faz-se mister aqui registrar que essa estrutura não é fixa,

pode então variar. Recordemos sempre que para Zubiri a realidade apreendida se re-atualiza nas simples apreensões, as quais refletem o desdobramento da apreensão primordial.

A totalidade desse campo em suas três áreas: primeiro plano, fundo e periferia é delimitada por uma linha, a qual determinará aquilo que positivamente encontra-se dentro do campo, isto é, seu horizonte. Para Zubiri "horizonte não é mera linha de circunscrição externa, mas um momento intrínseco do próprio campo. Não pertence certamente às coisas apreendidas, mas a essas coisas enquanto abarcadas em minha apreensão delas". (ZUBIRI, 2011b, p. 13).

Todo campo tem um caráter de totalidade que será definido como panorama. Porém, ainda se faz necessário falar de um segundo caráter que é aquele que marca o que se encontra fora do campo. "Não são as demais coisas, mas o puro fora. Podem ser outras coisas fora do campo, ou algo que está fora de toda e qualquer coisa é o não definido". (ZUBIRI, 2011b, p. 13). Recorda-se neste ponto que o não definido será um elemento importante para a compreensão daquilo que está fora do campo. Pois a indefinição segundo Zubiri já é uma forma de definição. A clareza dos termos neste pensador em estudo, nos ajuda a entender o concatenamento da sua construção filosófica, utilizada aqui por nós, em vista de encontrarmos o logos teológico, que contribuirá com o segundo momento deste nosso trabalho, onde afrontaremos o tema da sacramentalidade da realidade do silêncio litúrgico.

Sendo assim, outro elemento ao qual aqui devemos nos referir no estudo do campo, é a questão da amplitude, que tem sua origem na afirmação zubiriana de que a estrutura do campo não é fixa, mas variável. "A amplitude é variável tanto por ampliação como por retração". (ZUBIRI, 2011b, p. 13). Nesse ponto da sua noologia Zubiri afirma que aqui ele não somente se refere ao número das coisas que o campo abarca, mas à unidade própria do campo. Desse modo, tal variação não depende apenas do apreensor, mas também das coisas. Faz-se mister ressaltar que as coisas novas modificam o horizonte. Essa modificação será denominada pelo pensador basco de "deslocamento do horizonte". (ZUBIRI, 2011b, p. 13). Aqui se recorda que toda a coisa nova que é introduzida no campo nasce dele ou se movimenta dentro do seu interior, o que destarte definirá a variação no primeiro plano, no fundo e na periferia. A esse ponto nos encontramos diante da reorganização do campo.

No ponto que já nos encontramos desta nossa pesquisa, já se torna possível apresentar o que Zubiri entende pelo campo de realidade. Pensamos que isso pode ser feito com suas próprias palavras:

> O campo não é nada fora das coisas reais; repeti-lo-ei infinitas vezes. Mas, mesmo ao falar, descrevendo o campo, do que fica "fora" do horizonte, esse "fora" pertence às coisas do próprio campo. Sem essas coisas não teria sentido falar de um "fora delas". O campo, portanto, é algo nas coisas mesmas. (ZUBIRI, 2011b, p. 14).

O campo de realidade, em primeiro lugar, pode ser descrito a partir do seu conteúdo, isto é, daquilo que ele mesmo contém em seu interior. Todavia, ele pode também ser descrito segundo sua particular unidade, o que dará origem ao campo perceptivo. Porém, para Zubiri o campo perceptivo é limitador, pois para ele,

> certamente as coisas mesmas não são completamente alheias à sua posição no campo: seu tamanho, por exemplo, não é alheio à posição no campo. Ainda assim, porém, essas coisas que o ato perceptivo abarca em unidade são as coisas em razão de seu conteúdo específico. (ZUBIRI, 2011b, p. 15).

Para o pensamento zubiriano essas coisas não devem ser descritas apenas pelo seu conteúdo, mas sobretudo pela sua formalidade, pois, "são coisas formalmente reais na apreensão". (ZUBIRI, 2011b, p. 15). Aquilo que se procura definir como campo perceptivo, dentro da noologia zubiriana é senão campo de realidade. O que se define como campo perceptivo, na verdade, é o conteúdo apreendido no campo de realidade. Esse campo, para Zubiri, "é aberto em e por si mesmo; é em e por si mesmo ilimitado". (ZUBIRI, 2011b, p. 15). Desse modo, o campo perceptivo oferece apenas um panorama de coisas, ao passo que o campo da realidade oferece um panorama de realidades. Cabe-nos recordar que aqui a realidade apreendida na apreensão primordial é reatualizada. Por isso, pode-se afirmar que a coisa real apreendida no campo está sempre aberta a outras. Tal abertura é denominada de dilatação do campo. "O momento campal é uma excedência de cada coisa real". (ZUBIRI, 2011b, p. 16).

Zubiri, na construção da sua noologia, afirmará que o campo é algo mais que cada uma das coisas reais que nele se encontra é "algo mais que a simples adição delas". (ZUBIRI, 2011b, p. 17). Por isso, partindo do pensamento zubiriano, sabe-se que a coisa e o campo possuem um caráter cíclico, por isso, cada coisa será sempre coisa-campo. Sendo assim, o algo mais pode ser observado por dois vieses: "o campo determinado desde coisas reais, e as coisas reais enquanto incluídas no campo". (ZUBIRI, 2011b, p. 17).

Quando as coisas são vistas a partir da excedência campal esse modo é definido de transcendentalidade. Para o pensador basco e fundador do realismo crítico filosófico a "transcendentalidade é um momento da impressão de realidade, aquele momento segundo o

qual a realidade está aberta tanto ao que cada coisa realmente é, à sua *suidade*, como ao que essa coisa é enquanto momento do mundo". (ZUBIRI, 2011b, p. 17). Diante disso, pode-se afirmar que o campo é um modo senciente da transcendentalidade. As coisas no campo estão em respectividade a outras. "A transcendentalidade é o que constitui o campo de realidade, é a própria constituição senciente do campo de realidade". (ZUBIRI, 2011b, p. 17).

Dito isso, é correto registrar que o campo se configura como um momento de caráter físico, na perspectiva zubiriana. Entretanto, faz-se necessário também ver as coisas a partir do campo. Isso nos remete ao âmbito da realidade. Zubiri afirmará "o campo excedente não só como transcendental, mas também como âmbito da realidade". (ZUBIRI, 2011b, p. 18). As coisas aqui são vistas a partir do campo. O âmbito dentro do pensamento do filósofo basco, significa o ambiente onde as coisas são geradas. "O ambiente é ambiente nas coisas mesmas, assim como a transcendentalidade é transcendentalidade nelas". (ZUBIRI, 2011b, p. 18).

O campo é mais que as coisas reais, porém sem sair delas. Por isso, de modo algum pode-se afirmar que há ausência de realidade. "O campo é, com efeito, a respectividade mesma do real enquanto dado em impressão de realidade". (ZUBIRI, 2011b, p. 19). O âmbito e a transcendentalidade são dois aspectos que indicam um único caráter. No que tange à transcendentalidade, à respectividade constitutiva do real, lança cada uma das coisas reais, a partir delas mesmas, para outras realidades. No que se refere ao âmbito, esse será o ambiente que guarda as coisas reais.

Assim sendo, trataremos agora sobre a temática do âmbito transcendental, isto é, buscaremos descrever a estrutura do campo de realidade. A busca de compreensão do como se constitui a estrutura do campo de realidade é a tarefa que agora nos impomos.

Como âmbito transcendental, Zubiri afirmará que o campo de realidade pode ter muitas coisas. (BERNARDES, 2022, p. 73). Todavia, essas coisas não se encontram dentro do campo como mera multidão de coisas. Mas essa multidão segue uma precisa estrutura, que está ligada ao campo de realidade. É necessário recordar que essa estrutura se encontra já dada na apreensão primordial, pois segundo a noologia zubiriana nela já se encontra, de uma forma compacta, todo o conhecimento. Na apreensão primordial, a coisa real é apreendida na sua dupla dimensão, isto é, individual e campal. Vale mais uma vez registrar que a apreensão primordial ou fundamental impele o apreensor ao campo de realidade onde temos dois momentos. No primeiro momento as coisas encontram-se entre outras coisas. Na segunda, umas coisas estão em função de outras.

No primeiro momento a realidade sentida como transcendental se atualiza em um "para". Este "para" nos remete impreterivelmente a outras realidades. Num segundo momento a coisa é reatualizada como campo real. Aqui podemos afirmar que cada coisa é isto ou aquilo, em relação a outras coisas dentro do mesmo campo e em função delas. Aqui, sem sair da realidade, pode-se estabelecer o que a coisa real é em realidade. A esse ponto Zubiri faz aparecer um novo conceito dentro da sua obra filosófica que é o da respectividade, isto é, uma coisa está em relação a outras. Aqui o pensador basco afirma que há uma respectividade remitente que se fundamenta anteriormente numa respectividade constituinte. Em síntese pode-se afirmar que o campo de realidade possui uma estrutura determinada por dois momentos, isto é, "o momento do entre outras coisas e em função delas". (ZUBIRI, 2011b, p. 27).

Tendo procurado definir o que é o campo de realidade, procuremos agora dentro desse segundo modo de apreensão, definido por Zubiri, como momento do logos, entender ao que ele compreende por respectividade constituinte e respectividade remitente. Em um artigo intitulado *Respectividad de lo real*, Zubiri assevera que: "toda coisa real se constitui na abertura para si mesma"[43]. (ZUBIRI, 1979, p. 32). Isso significa uma respectividade intrínseca que constitui a sua suidade. Por isso, pelo próprio caráter de abertura da realidade, pode-se afirmar que cada coisa real se encontra em primeiro lugar, aberta a si mesma e dela para as outras coisas reais. A abertura fundamentará a intrínseca e a formal suidade. Desse modo, a pergunta que nos fazemos é a seguinte: o que significa a suidade? Em linhas gerais podemos afirmar que suidade é o resultado da intrínseca e formal respectividade. Para o filósofo basco:

> A respectividade não é respectividade a outras formas de realidade, mas intrínseca e formalmente suidade. É respectividade constituinte. A remissão a outras formas de realidade quando existem, é, em troca, respectividade remitente. A respectividade remitente se funda na respectividade constituinte[44]. (ZUBIRI, 1979, p. 32, tradução nossa).

O que Zubiri define como respectividade remitente, em seu pensamento filosófico será compreendido como o campo. O campo então será a organização das distintas coisas que nos são dadas, em apreensão primordial. Sendo assim, o campo não é independente das coisas que o conformam e ele está sempre aberto a novas configurações. Pois como já observamos ele é

[43] "Toda cosa real está constituida en apertura hacia sí misma".

[44] "...la respectividad no é respectividad a otras formas de realidad, sino intrínseca y formalmente suidad. Es respectividad. Es respectividad constituyente. La remisión a otras formas de realidad cuando existen, es, en cambio, *respectividad remitente*. La respectividad remitente se funda en la respectividad constituyente".

variável, no seu interior as coisas se movimentam, ocupando ora o primeiro plano, ora o fundo ou ainda a periferia.

Dentro da estrutura da sua noologia Zubiri utiliza o termo campo, mas o confronta com o campo perceptivo e o distingue do mesmo. Para ele o campo é constituído pelo modo para que é específico de toda realidade: "diferentemente do campo perceptivo (no sentido de coisa contida no campo), que é extrínseco às coisas, o campo de realidade é intrínseco a elas: ele me é dado na impressão de realidade". (ZUBIRI, 2011b, p. 16). O fundamento então da atualização campal das coisas reais está unido ao caráter próprio do "em direção a", do como a coisa ficará atualizada na apreensão primordial, que é a fonte das apreensões ulteriores, que se configuram como re-atualização da coisa real, no campo.

A atualização das coisas dentro do campo sustenta a estrutura do processo interno do logos, o qual, sendo unitário, pode então ser dividido em dois passos: retração e reversão. No passo da retração o apreensor toma distância do conteúdo imediato, por meio das simples apreensões, que Zubiri divide em perceptos, fictos e conceitos. Isso torna possível que a coisa seja irrealizada, isto é, que se apreenda o que essa pode ser, entre as outras coisas. Mas o que significa o termo irrealizar dentro da noologia? Significa deixar suspenso o conteúdo da realidade enquanto conteúdo. (ZUBIRI, 2011b, p. 64-65).

Para Zubiri os perceptos, os fictos e os conceitos auxiliam no processo de intelecção em distância, ou seja, conhecer o isto, o como e o que da coisa. Aqui a coisa é convertida em um termo de percepção, isto é, num "percepto". Depois busca-se apreender "como" essa coisa seria. Finge-se uma realidade, que necessariamente não esteja em sintonia com as notas da coisa percebida, aqui surge o ficto. O terceiro modo da simples apreensão seria o de irrealizar o "que" da coisa, o reduzindo a um termo de apreensão, isto é, um conceito. A partir desses três modos de simples apreensões atualiza-se o que a coisa seria.

Dentro da noologia zubiriana existe uma ordem fundamental entre o percepto, o ficto e o conceito. Um ficto pressupõe um percepto prévio, todo conceito um ficto e por consequência um percepto. Aqui reside a possibilidade da livre criação, que somente o ser humano, que é um animal de realidades pode empreender. A livre criação está relacionada à capacidade do ser humano, que é um animal de realidades, de criar e de irrealizar a coisa. Por isso, a intelecção do que a coisa é em realidade, será definido como livre intelecção. (ZUBIRI, 2011b, p. 45).

Faz-se mister falarmos ainda, além da retração, do momento da reversão. Nesse momento procura-se afirmar a partir da distância alcançada, que se atualiza em simples

apreensões, que já é percepto, ficto e conceito, o que surge do "para" primordial, o que constitui a direcionalidade da coisa, como ficou primeiramente atualizada. A afirmação se concretiza em juízo, o que diz que a coisa é em realidade, o que possibilita a intelecção do logos. (ZUBIRI, 2011b, p. 49).

Segundo Zubiri são quatro os momentos constitutivos da afirmação. No primeiro momento de realidade efetiva do que se afirma, como sendo real, de onde se origina o juízo da impressão de realidade. No segundo momento se observa um movimento de reversão que vai do "para" o real, em intelecção intencional. O terceiro momento é o da atualização diferencial da coisa dentro da realidade, em que se vai do real ao que a coisa é em realidade, através da irrealidade, que em Zubiri possibilita a realização. O quarto momento é o do discernimento do afirmado. Aqui se afirma algo, dentro das inúmeras afirmações, sobre algo.

Tendo tratado do primeiro modo de re-atualização da coisa, que nos coloca diante da capacidade da livre criação existente no ser humano, a tarefa que agora se impõe é aquela de entender o tema da Inteligência e Razão dentro do pensamento zubiriano. Conhecer mais esse passo da sua noologia nos ajudará a encontrar os caminhos para a reflexão sobre a sacramentalidade da realidade do silêncio litúrgico, a partir da metafísica zubiriana.

### 1.5.3 A apreensão mundanal

Após termos abordado o segundo modo de apreensão da realidade, segundo o pensamento zubiriano, o que agora intentamos é nos debruçarmos sobre o terceiro modo de apreensão da realidade, denominado por Zubiri de apreensão de razão ou mundanal. Como temos insistido, à luz da noologia e metafísica da realidade do pensador basco, a apreensão primordial é a fundamental das apreensões, a realidade já se encontra nela de um modo compacto, todavia, faz-se mister recordar que esta lança-nos no campo de realidade. No campo a coisa será sempre apreendida entre outras coisas, isto é, a inteligência senciente a apreende o que elas são em realidade. Esse segundo modo de apreensão, que dá origem às simples apreensões, nos faz marchar para o terceiro modo de apreensão, em que a coisa é apreendida segundo aquilo que ela é na realidade.

O desdobramento da apreensão primordial se faz necessário, a fim de que o ser humano, "animal de realidades", possa atingir o conceito, superando aquilo que Zubiri, afirmou ser o grande desafio para o pensamento contemporâneo, a superação da logificação da inteligência

humana, o que gestou uma Teoria do Conhecimento, que promoveu um hiato entre sentir e inteligir. A grande maioria dos pensadores, de Parmênides até Zubiri, sempre insistiram que o ser humano primeiro conhecia o conceito, para posteriormente atingir a realidade. A revolução engendrada pelo pensamento zubiriano demostrou que o conceito é o último momento do processo de apreensão da realidade, que se dá por meio de três modos, sendo o último, este que por ora desejamos estudar, a apreensão de razão. (COSTA, 2017, p. 221). O conceito define o que a coisa é na realidade. Recordamos, com o auxílio de Tejada e Cherubin, que a partir do pensamento zubiriano,

> a realidade não são simplesmente conceitos, não tem lógica, não são juízos a *priori* ou a *posteriori*, não é representação, nem consciência e nem compreensão: é a experiência radical definitivamente, não subjetivista, é impressão de realidade. (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 53).

Tendo como ponto de partida o pensamento zubiriano e na busca do entendimento do modo como ele compreende a realidade, busquemos agora, sem a intenção de explorarmos por completo sua vasta obra, entender o que venha a ser a apreensão mundanal ou de razão. É de fundamental importância relembrar que aqui estamos dentro de um dos modos que nos recorda a necessidade das simples apreensões, para atingir o fundamento das coisas, na riqueza de suas notas. (COSTA, 2017, p. 222). Lembremos sempre que o ser humano é o único que possui uma inteligência senciente. Por isso, desde a apreensão primordial a realidade o envolve. Intelige a realidade sentindo e sente a realidade inteligindo. Isso não é apenas um jogo de palavras, mas uma superação da antiga Teoria do Conhecimento, que chegou até nós e ainda dita o modo de construção de muitas ciências, que já não conseguem responder aos pertinentes questionamentos engendrados pelo ser humano contemporâneo.

Zubiri tratará com riqueza de detalhes sobre esse terceiro modo de apreensão da realidade no terceiro volume da sua obra madura Trilogia da Inteligência Senciente, denominada de Inteligência e Razão. A leitura e os passos apontados pelo pai da Filosofia da Realidade testifica mais uma vez sua engenhosa e profícua tarefa de superação de um processo danoso de entificação da realidade e logificação da inteligência. O pensador basco “entendeu que os problemas que mais obstruíam a força da filosofia clássica e moderna eram os ligados à substancialização de realidade, que a entificava”. (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 31).

Vale evidenciar que as duas principais teses de Zubiri, que aparecem em Inteligência e Realidade, nos ajudam no processo de compreensão do seu esforço e novo modo de construir o conhecimento e o porquê ele não fala de uma Teoria do Conhecimento, mas de uma noologia.

> É impossível uma prioridade intrínseca do saber sobre a realidade e da realidade sobre o saber. O saber e a realidade são, em sua própria raiz, estrita e rigorosamente congêneres. Não há prioridade de um sobre o outro. E isso não somente devido às condições intrínseca e formal da própria ideia de realidade e de saber. Realidade é o caráter formal – a formalidade – segundo o qual o apreendido é algo "em próprio", algo "de seu". E saber é apreender algo segundo essa formalidade. (ZUBIRI, 2011a, p. lii).

O pensador basco, na sequência do Prólogo, que abre a obra Inteligência Senciente, fará questão de apresentar os motivos pelos quais o fez tomar a decisão de escrever a obra que registra a maturidade do seu pensamento.

> O "após" a que antes me referia não é, pois, uma mera constatação de fato, mas a demonstração em ato da deliberada repulsa de toda crítica do saber como fundamento prévio ao estudo do real. Isso, porém, não é tudo. Venho empregando a expressão "saber" com intencional indeterminação, porque a filosofia moderna não começa com o saber pura e simplesmente, mas com este modo de saber que é chamado de conhecimento. Assim, a crítica é Crítica do conhecimento, da *epistéme*, ou, como se costuma dizer, é "epistemologia", ciência do conhecimento. Pois bem, penso que isto é sumamente grave. Porque o conhecimento não é algo que repousa sobre si mesmo. (ZUBIRI, 2011a, p. lii).

Para Zubiri a busca pelo conhecimento se dá por meio de uma marcha incansável que o ser humano, animal de realidades experiencia por todo o seu existir. Somente ele pode fazer essa marcha, pois é dotado de uma inteligência senciente, tendo a capacidade de partir de uma apreensão primordial, para se atingir o fundamento da coisa apreendida, que se dá na apreensão de razão. (COSTA, 2017, p. 222).

Esse terceiro modo de apreensão da realidade, nos ajuda a perceber que o pensamento zubiriano é mais que um conjunto de conceitos, isto é, podemos defini-lo como uma unidade de elementos que nos ajudam a entender que a coisa é real, dá o que pensar. (COSTA, 2017, p. 223). A realidade que dá o que pensar nos aponta o que é a noologia zubiriana. Um pensamento que nos faz inteligir a realidade, não a partir de conceitos, mas a partir dela própria.

Tendo feito este breve preâmbulo, que ao nosso ver se torna necessário para o que agora passaremos a apresentar, pensamos que já seja oportuno abstrair neste momento os passos que

o ser humano, animal de realidades, faz na busca de saber o que a coisa é em realidade. Como já observamos, o termo realidade perpassará todo o pensamento do criador da Filosofia da Realidade, que por ora estamos buscando conhecer em seu arcabouço téorico, a fim de aplicá-la em nosso estudo sobre a sacramentalidade da realidade do silêncio litúrgico.

Nesta terceira parte de sua obra dedicada ao estudo do que venha a ser a inteligência do ser humano, o único capaz de inteligir sencientemente a realidade e atualizá-la em sua intelecção, o pensador conclui seu meticuloso trabalho de analisar a intelecção humana. Tal estudo permitiu ao fundador da Filosofia da Realidade[45] afirmar que, o modo de intelecção do ser humano se difere dos outros animais, pelo fato dele poder antecipar-se à sua resposta. Pois o animal age por estímulo. Se ele tem sede ou fome, diante do alimento ele sacia seu desejo. Os seres humanos, diante da sede, ao contemplar um rio com abundância de água, sabem, antes de consumir a água, discernir se ela é potável ou imprópria para o consumo. O animal não escolhe, mas o ser humano sim.

Desse modo, a marcha pela busca do conhecimento configura-se como um exaustivo movimento, que tem por escopo atingir o conhecimento da coisa que foi intelectivamente e sencientemente apreendida pelo ser humano. Tejada, no Prefácio de Inteligência e Razão irá afirmar:

> A partir da apreensão primordial de realidade, o logos nos abriu criativamente a coisa real para reatualizá-la, entre e em função de outras coisas pelo próprio esforço intelectivo. Esse processo inicia um novo movimento da intelecção senciente: a razão. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011c, p. xiii).

Na conclusão de Inteligência e Logos, como que impulsionando o leitor a adentrar no terceiro volume dedicado ao estudo da intelecção humana, demostrando a sua ousadia e a novidade do seu pensamento, Zubiri assevera, ao apresentar uma pequena síntese do que ele compreende por razão: “a razão é uma marcha desde o campo para o mundo. E, como o campo é o mundo sentido, a razão é constitutiva e formalmente razão senciente. Qual é esta marcha? É a terceira parte deste estudo”. (ZUBIRI, 2011b, p. 314).

Ao abrirmos a obra Inteligência e Razão, ajudados por Tejada, que prefacia a obra, em sua tradução para a língua portuguesa, podemos entender o objetivo deste terceiro volume: “Zubiri pretende em Inteligência e Razão nos falar de um terceiro momento/movimento da

[45] Em algumas partes da Trilogia da Inteligência Senciente Zubiri ao invés de usar o termo Filosofia da Realidade usará o termo Filosofia da Inteligência.

intelecção. Como dar conta do real apreendido no campo da realidade? Essa é a tarefa da razão". (ZUBIRI, 2011c, p. xii).

Tanto nas palavras de Zubiri como nas de Tejada, estudioso do pensador espanhol, podemos compreender que os dois momentos ou movimentos que geram as simples apreensões dependem da apreensão fundamental. Por isso, o pensador basco fará questão de sempre colocar em evidência essa dependência, afirmando que tudo já se encontra compactamente na apreensão primeira, mas para atingirmos o como a coisa real, que é transcendental, fica na intelecção humana e qual é o seu fundamento, faz-se necessário o processo de criação das simples apreensões. Aqui encontramos o caminho trilhado por Zubiri, que o auxiliará na apresentação de uma proposta de noologia capaz de superar a logificação da inteligência humana e a entificação da realidade.

Diante do exposto até agora, com Tejada podemos corroborar:

> Zubiri, neste último volume leva às últimas consequências toda a sua crítica. Muito embora reconheça que todos os sistemas filosóficos busquem o verdadeiro problema filosófico embutido no processo da formação do conhecimento, eles, em realidade, se desviaram, sem perceber, rumo à via concipiente. (TEJADA, in: ZUBIRI, 2011c, p. xiv).

Neste terceiro volume o esforço do pensador basco atinge o seu ápice, mostrando a marcha que o ser humano deve fazer para superar o processo feito pelo pensamento humano, que acabou gerando um grande hiato entre sentir e inteligir. Zubiri contesta o que a teoria do conhecimento denominou de inteligência concipiente. Tejada e Cherubin nos ajudam a entender, por meio de uma síntese, o que é esse tipo de inteligência: "1- o objeto primário é o sensível. 2. Que está dado pelos sentidos à inteligência. 3. Que conceitua o dado pelos sentidos". (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 247). Aqui a realidade é totalmente deixada de lado. O real é o que se adequa à ideia que a pessoa tem em mente.

Na contraposição da via concipiente, como forma de compreensão de construção do conhecimento, Zubiri apresentará a audaciosa e criativa via senciente. O ser humano conhece por meio da intelecção senciente. A coisa real inteligida se atualiza na intelecção do ser humano e nele permanece por intermédio da impressão da realidade. Schnake afirma: "a impressão de realidade não somente está transcendentalmente aberta a cada coisa real e a outras coisas reais

sentidas no campo, senão o que está também a qualquer outra realidade"[46]. (SCHNAKE, 2012, p. 119, tradução nossa).

Zubiri, retomando o tema da impressão da realidade, sobre o qual discorre no primeiro volume de sua Trilogia Inteligência Senciente, no terceiro volume de sua obra madura assim se expressa:

> A impressão de realidade é, portanto, também impressão de pura e simples realidade, ou seja, não só aprendemos em impressão que a coisa é real, e não só o que esta coisa real é em realidade, mas aprendemos também que esta coisa é pura e simplesmente real na realidade. Inteligir o que algo é em realidade não é o mesmo que inteligir o que algo é na realidade. (ZUBIRI, 2011c, p. 4).

O pensador basco, na introdução do livro que trata sobre a Inteligência e Razão, já procura estabelecer que "razão não é raciocínio". (ZUBIRI, 2011c, p. 4). Reafirmando mais uma vez que o seu intento é a superação da logificação da inteligência e a entificação da realidade, propalada pela Teoria do Conhecimento, que até ele chegou. Por isso, para ele deve ficar clara a diferença essencial, que se estabelece entre logos e razão: "ambas são certamente um movimento desde a coisa real". (ZUBIRI, 2011c, p. 4), pois as duas têm como fundamento a apreensão primordial de realidade.

Faz-se mister aqui recordar que para o pensamento zubiriano, o movimento ao qual ele faz referência "é no logos um movimento desde uma coisa real para a outra, enquanto na razão se trata de um movimento desde uma coisa real para a pura e simples realidade". (ZUBIRI, 2011c, p. 4). Esses dois movimentos são fundamentalmente diferentes. Todavia, Zubiri denominará o movimento da razão de marcha. Para Zubiri "marcha é a busca de realidade. É *intellectus quaerens*. (....) Marcha é abrir-se para a insondável riqueza e problematicidade da realidade, não só em suas notas próprias, mas também em suas formas e modos de realidade". (ZUBIRI, 2011c, p. 14-15). Essa marcha parte da coisa real, tendo como ponto de chegada a pura e simples realidade. Devemos aqui recordar que toda marcha é movimento, porém nem todo movimento se configura como uma marcha.

Diante do que expomos até agora sobre a marcha que é compreendida dentro da noologia zubiriana como um movimento, podemos agora acrescentar que ela é uma atividade pensante da razão. Porque na busca pelas coisas reais, aquele que intelige está aberto ao dado de, em

[46] "La impresión de realidad no solo está transcendentalmente abierta a cada cosa real y a otras cosas reales sentidas en el campo, sino que o está también a cualquier otra realidad."

vista de atingir o dado para. Encontramos aqui algo que dá a identidade do pensar, ou até mesmo o caracteriza. Podemos aqui recordar mais uma vez o que o pensamento zubiriano procura sempre colocar em evidência. As coisas sempre dão que pensar. Por isso, podemos afirmar que é próprio das coisas motivar o ser humano a viver uma vida pensando. Mas aqui pode-nos surgir a pergunta o que é pensar? A partir do pensador basco a resposta a esta pergunta pode se construir da seguinte maneira: pensar é a busca das razões do real. Pensar, então, para Zubiri será uma atividade, por isso, ele assevera: "a atividade não é pura e simples ação, mas é estar acionando com respeito a um conteúdo formal próprio. E esse conteúdo é aqui o inteligir. A atividade é o que formalmente chamamos pensar". (ZUBIRI, 2011c, p. 20).

Partindo desta definição sobre o que é pensar, no estudo deste terceiro momento de apreensão denominado de mundanal, pode-se corroborar que na perspectiva zubiriana a razão não será definida como uma medida principal e canônica do caráter da realidade em profundidade. "O pensar é antes de tudo ir inteligindo, segundo esta direção, o que está fora das coisas que apreendemos. O pensar é, nessa direção, uma atividade para fora". (ZUBIRI, 2011c, p. 21). Uma razão pessoal só tem sentido quando é razão das coisas. Assim sendo, a razão senciente terá sua origem e irá buscar a sua problematização na intelecção do logos ou campal.

Na razão encontra-se toda possibilidade de raciocínio. Aqui se pode falar de um momento criador da razão, pois a busca que ela engendra, jamais esgotará sua abertura mundanal. Assim sendo, faz parte da essência da razão a liberdade e a criação. Ela pode ser ainda denominada como uma experiência livre do real, o que coloca fim a qualquer tentativa de afirmá-la como algo arbitrário. Ela é criação a partir de três formas, isto é, modelar, homologar e postular.

> A razão é um momento estrutural da inteligência determinado pela índole da intelecção do real mesmo. Nela a razão tem seu orto estrutural. Em como a intelecção é formalmente senciente, sucede que a razão mesma é senciente. É a realidade das coisas, com efeito, o que sencientemente apreendido nos dá que pensar. (ZUBIRI, 2011c, p. 107).

Desse ponto emerge uma questão: qual seria então o caráter formal de possibilidade ou como poderia ser em profundidade. É sabido a partir da noologia zubiriana que a razão não transita em meio a um infinito de possibilidades, mas dentro de um elenco de possibilidades, as quais são instituídas pela própria realidade. A razão, que marcha dentro da realidade, deve escolher uma das possibilidades de realidade profunda, com o escopo de explicá-la. Aqui temos

a origem do conhecimento. Esse é atualização fundamental da realidade, que será definido como intelecção em razão. (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 233).

Diante disso, partindo do pensamento zubiriano, pode-se afirmar que o ser humano pensa através do método, por meio da realidade na verdade. Se constata que a verdade tem três momentos: objetualidade, método e encontro verdadeiro. A unidade desses três momentos dá origem à estrutura do conhecer. O mundo não é algo dado. Pode até estar diante do ser humano, mas ele se atualiza a partir da busca daquilo que o ser humano deseja racionalmente inteligir. O método é então uma abertura dentro da realidade, para que se atinja o mais profundo da própria realidade. Desse ponto nasce o que Zubiri denominará de verdade racional. (BERNARDES, 2022, p. 85).

Nessa marcha da razão nos deparamos então com o que venha a ser a compreensão do real. Em Zubiri essa compreensão pode ser explicitada pela seguinte fórmula:

> A *res* da atualização é o atendimento de algo; é a com-preensão da coisa real. Compreender em Zubiri não é: ciência; momento lógico; interpretação; vivência; só intuição. O ato de compreensão é a atualização que vai "de" a impressão de realidades, "pela" intelecção do que é "realmente" para a intelecção da recuperação do real desde o que realmente é. Essa modalização da inteligência, Zubiri a chamou de entendimento. (TEJADA; in: ZUBIRI, 2011c, p. xvii).

Assim sendo, podemos aqui entender o que Zubiri fala sobre o saber. A noologia zubiriana nos recorda que por meio da intelecção senciente estamos retidos no saber, recordando que o saber é estar na realidade. O real permanece na intelecção e a própria intelecção estará ligada ao real. Aqui se encontra a verdadeira sabedoria. Por isso, é certo afirmarmos que todo o pensar do ser humano será determinado pela sua inteligência senciente. Por meio do saber estamos retidos no que foi inteligido. É nesse ponto que Zubiri atinge o escopo do seu pensamento, a superação do dualismo que não permitirá mais a existência do hiato entre sentir e inteligir.

### 1.6 O novo modo de pensar a metafísica

Ao tratarmos das fases do pensamento zubiriano, pudemos apontar, segundo o modo como o próprio Zubiri classificou e concebeu a construção de sua reflexão filosófica, que a

terceira fase será, por ele mesmo, denominada de eminentemente metafísica. Todavia, é preciso deixar claro que, como um exímio conhecedor da História da Filosofia e perseguindo a tarefa que ele mesmo se impôs, de superar a aporia[47] entre sentir e inteligir, que procurava pôr fim à entificação da realidade e à logificação da inteligência humana, o pensador basco faz surgir um novo modo de pensar a metafísica. Para muitos autores, o fundador da Filosofia da Realidade foi o último metafísico da História da Filosofia. Savignano, analisando o período maduro do pensamento do filósofo da realidade afirmará:

> Zubiri se pergunta se não é a mesma coisa ser e realidade. Já Heidegger havia mostrado a diferença entre as coisas e seu ser, se bem que a metafísica estava fundada sobre o juízo na ontologia. Zubiri, em lugar de, recorre a um caminho inverso, já que considera que o ser (ontologia) se funda sobre a realidade (metafísica). O que a filosofia estuda não é a objetividade, nem o ser, mas a realidade enquanto tal através da inteligência senciente[48]. (SAVIGNANO, 2016-2018, p. 17, tradução nossa).

Precisamos aqui evidenciar que o modo de pensar a metafísica para Zubiri se opõe à clássica definição de que ela tem por escopo lidar com os dados que estão além da realidade. O modo de pensar a realidade no pensamento zubiriano é diverso. Para ele, a realidade, apreendida primordialmente será sempre a base, o ponto de partida para a construção do seu pensamento. Em sua reflexão antropológica, definirá o ser humano como um animal de realidades, o único capaz de inteligir o real, por meio de uma apreensão primordial da realidade, que o impulsiona a fazer apreensões ulteriores, a fim de alcançar o fundamento das coisas. "Todo pensamento de Zubiri é plantado na realidade, a que o ser humano está aberto graças à inteligência senciente"[49]. (SAVIGNANO, 2016-2018, p. 32).

Desse modo, a metafísica dentro do *corpus zubirianum* terá como fundamento a própria realidade. Por isso, para ele, a metafísica não se preocupa com o que está além da realidade, mas parte da realidade e sem sair dela atinge o seu fundamento primeiro. Assim sendo, é tarefa da metafísica o estudo do *trans*. Toda realidade tem um *prius* e um *trans*. Para Zubiri, "a

---

[47] Segundo o Dicionário Aurélio (2010, p. 55) o termo aporia significa dificuldade de ordem racional, aparentemente sem saída. O método zubiriano apresenta um caminho para resgatar a importância da realidade como ponto de partida para se atingir o conhecimento humano. Isso representa uma virada copernicana no estudo da Teoria do Conhecimento.

[48] "Zubiri se pregunta si non la misma cosa ser y realidad. Ya Heidegger había mostrado la diferencia entre las cosas y su ser, si bien la metafísica estaba fundada a su juicio en la ontología. Zubiri, en cambio, recorre un camino inverso, ya que considera que el ser (ontología) se funda sobre la realidad (metafísica). Lo que la filosofía estudia non es ni la objetividad, ni el ser, sino la realidad en cuanto tal través la inteligencia sentiente."

[49] "Todo el pensamiento de Zubiri es implantado en la realidad, a la que el hombre está abierto gracias a la inteligencia sentiente."

realidade não é sinônimo de ‘coisa em si’, como sustentava a metafísica antiga, nem se quer ‘de coisa em mim’ como considera o subjetivismo moderno, ao invés algo que precede ao em si e ao em mim: é *de suyo*”[50]. (SAVIGNANO, 2016-2018, p. 35, tradução nossa).

O novo pensamento metafísico elaborado por Zubiri tem seu fundamento na realidade. Ao estudar a realidade ele dirá que ela é transcendental. Por isso, “se observa que a metafísica intramundana de Zubiri se baseia fundamentalmente no transcendental, entendido como realidade em impressão”[51]. (GARCIA, 2012, p. 166, tradução nossa). Sendo a realidade transcendental, procuremos entender o que significa esse termo, com o escopo de compreendermos sua aplicação dentro do pensamento zubiriano. Garcia, em um estudo sobre a metafísica zubiriana, nos dá uma direção na compreensão do termo. Ele assim se expressa: “O termo *transcendo* está composto de *trans* ou mais além e *scando* que em latim significa subir ou escalar e desse modo é natural que já os escolásticos chamassem transcendental ao conceito que se predica todas as coisas”[52]. (GARCÍA, 2012, p. 166, tradução nossa).

O pensador basco e fundador da metafísica da realidade foi um grande conhecedor das línguas antigas, o que o ajudou a precisar com clareza os termos que viriam a compor toda a sua nova maneira de compreender a metafísica, perseguindo sempre sua tarefa como atento intelectual, que era de encontrar caminhos para a superação da entificação da realidade e a logificação da inteligência humana. O estudo da realidade como transcendentalidade em Zubiri, toma um novo sentido. García assevera:

> O novo sentido e aplicação proporcionados a este vocábulo metafísico por Zubiri é muito coerente a meu juízo, porque se bem segue na linha do desenvolvimento de diferentes tipos de transcendentais, considero que o principal ou o fundamental é o seu uso vinculado tanto a uma ontologia realista como a uma teoria do conhecimento ou noologia também baseada em uma apreensão do real através da intelecção senciente[53]. (GARCÍA, 2012, p. 166, tradução nossa).

[50] “... la realidad no es sinónimo de “cosa en sí” como sostenía la metafísica antigua, ni siquiera ‘de cosa en mí ‘como considera el subjetivismo moderno, sino en cambio algo que precede al en sí y al en mí: es ‘de suyo’”.
[51] “... se observa que la metafísica intramundana de Zubiri se basa fundamentalmente en lo transcendental entendido como realidad en impresión.”
[52] “El término transcendo está compuesto de trans o más allá y scando que en latín significa subir o escalar y este modo es natural que ya los escolásticos llamasen transcendental al concepto que se predica de todas las cosas.”
[53] “El nuevo sentido y aplicación proporcionados a este vocablo metafísico por Zubiri es muy coherente a mi juicio, porque si bien sigue en la línea de desarrollar diferentes tipos de transcendentales, considero que lo principal o lo fundamental es su uso vinculado tanto a una ontología realista como una teoría del conocimiento o noologia también basada em una aprehensión de lo real a través de la intelección sentiente.”

A nova maneira de pensar o termo transcendental dá ao pensador basco o alicerce para a sua maneira inovadora de abordar o tema da metafísica, não pensando a coisa fora da realidade, mas a coisa como nota da realidade, que se atualiza em cada apreensão primordial de realidade e se reatualiza nas apreensões ulteriores de logos e razão. A sua metafísica intramundana ou realista, como alguns dos estudiosos da sua obra a definem, terá como base a própria realidade, o que auxiliará na superação da entificação do real. (SAVIGNANO, 2016-2018, p. 33). Esse modo inovador de pensar a metafísica oferece as bases para a superação do idealismo e racionalismo, que colocavam de lado a realidade, para se chegar nela a partir do conceito. Em Zubiri o caminho é feito de outra forma, se parte da realidade, com o escopo de chegar ao conceito, que já está na apreensão primordial, mas é próprio da apreensão primordial lançar o ser humano no campo de realidade, para que sem sair da realidade ele a conheça no seu mais profundo. (SAVIGNANO, 2016-2018, p. 33).

A obra Trilogia da Inteligência Senciente é a expressão máxima do pensamento metafísico zubiriano. Nela encontramos o processo feito pela inteligência senciente, com o escopo de atingir o fundamento das coisas. Todavia, esse fundamento não é atingindo partindo de um conceito, mas este será a última parte do processo. O novo da metafísica de Zubiri pode ser traduzido pelas palavras de García, que afirma:

> Embora isto já é original porque parte da potentíssima capacidade criativa de Zubiri e de sua extraordinária sutileza reflexiva e de pensamento, embora como o transcendental é a realidade em impressão para Zubiri, se subentende que no processo perceptivo e apreensor do intelecto se sente, se pensa ou se intelige a realidade de forma direta tal como é em si mesma, sem mediações representativas artificiais que dificultem o acesso ao real[54]. (GARCÍA, 2012, p. 167, tradução nossa).

Partindo dessa novidade sobre a forma com que o ser humano apreende a realidade é que se poderá afirmar que a metafísica zubiriana tem seu fundamento na própria transcendentalidade da realidade, que é apreendida por meio da impressão de realidade. Isto é, o real tem um poder sobre o apreensor. Por isso, mais uma vez García afirmará em seu estudo sobre a transcendentalidade como fundamento da metafísica zubiriana que:

[54] "Aunque este ya es original por si mismo, porque parte de la potentísima capacidad creativa de Zubiri y de su extraordinaria sutileza y pensamiento, aunque como lo transcendental es la realidad en impresión para Zubiri, se sobreentiende que en el proceso perceptivo y aprehensor del intelecto se siente, si piensa o de intelige la realidad de forma directa tal como es en sí misma, sim mediaciones representativas artificiales que dificulten el acceso inmediato a lo real."

> Por esta razão está justificado pensar que a transcendentalidade é o fundamento de uma metafísica que quer ser intramundana, dirigida à factualidade das coisas, do fenomênico e também da fisicidade das coisas reais ou ao sistema constitutivo de notas que são essenciais tal como as define e compreende acertadamente Zubiri[55]. (GARCÍA, 2012, p. 167, tradução nossa).

A metafísica da realidade ou intramundana, como Zubiri pensou a partir da sua maneira de definir o processo percorrido pelo ser humano, animal de realidades, para inteligir a realidade, testifica a incansável busca do pensador basco de superar a antiga ideia de metafísica, que cooperou para a entificação da realidade e logificação da inteligência humana. Zubiri, com sua nova ideia de metafísica, recupera a importância e a correlação que existe entre o inteligir e sentir a realidade. Para ele, segundo García, "qualquer forma de logificação da inteligência representa a negação de um enfoque realista e transcendental da metafísica e, portanto, da totalidade da filosofia"[56]. (GARCÍA, 2012. p. 168, tradução nossa).

O audacioso modo de repropor o que venha a ser a metafísica, representa uma mudança de mentalidade sobre o processo em que se engendra o conhecimento humano e ao mesmo tempo a recuperação dos sentidos humanos dentro desse processo. O seu pensamento rompe com os antigos esquemas filosóficos e uma já então solidificada Teoria do Conhecimento, para indicar um caminho diverso, demonstrando que a realidade sempre dá a que pensar. Por isso, em Zubiri a metafísica da realidade ou intramundana deve ser sempre pensada:

> Como um saber de transcendentalidade, unido à apreensão do que é a formalidade da realidade, e estando abertos ao sentido e significações ou ao que dá que pensar a própria realidade a mente humana, já que o dar de si das coisas, que é uma expressão que Zubiri usa em suas obras, é uma imagem mui gráfica do que representa a atividade pensante dos seres humanos que não está dissociada em modo algum da realidade, mas todo o contrário[57]. (GARCÍA, 2012, p. 171, tradução nossa).

---

[55] "Por esta razón está justificado pensar que la transcendentalidad es el fundamento de una metafísica que tiene que ser intramundana, dirigida a factualidad de las cosas, de lo fenoménico y también a la fisicidad de las cosas reales o al sistema constitutivo de notas que son las esencias tal como las define acertadamente Zubiri."

[56] "...cualquier forma de logificación de la inteligencia representa la negación de un enfoque realista y transcendental de la metafísica e por tanto de la totalidad de la filosofía."

[57] "... como un saber de transcendentalidad, unido a la aprehensión de lo que es la forma o formalidad de realidad, y estando abiertos a los sentidos y significaciones o a lo que pensar la propia realidad a la mente humana, ya que el dar de sí de las cosas, que es una expresión que Zubiri usa en sus obras, es una imagen muy gráfica de lo que representa la actividad pensante de los seres humanos que no está disociada en modo alguno de la realidad, sino todo lo contrario."

Em Zubiri, a metafisica não significa um pensamento que está além da realidade. Mas é a própria realidade dando que pensar. Ele chega a essa afirmação a partir da sua noologia, onde como já apontamos anteriormente, procura descrever os passos da apreensão humana, que é senciente. A mesma parte da apreensão primordial ou fundamental, passando pela apreensão do logos, até atingir a apreensão da razão, onde se dá a afirmação do que a coisa é na realidade. A sua metafísica se fundamenta no real, inteligido sencientemente. "Zubiri pretendeu restaurar a vida intelectual e filosófica dando um giro metafísico (não hermenêutico ou linguístico). Ele parte da formalidade da realidade ou do *de suyo* para restabelecer a via do homem como animal de realidades". (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 211).

Tendo traçado a novidade da metafísica zubiriana, que encontra seu fundamento na transcendentalidade do real, continuamos esta nossa marcha pela busca do conhecimento do pensamento zubiriano, discorrendo sobre ele, em um mundo que buscou abandonar os sentidos humanos, no processo de apreensão da realidade. A novidade introduzida por Zubiri, em uma sociedade marcada pela busca da logificação da inteligência e entificação da realidade, nos testifica seu grande e pertinente esforço de dialogar com as diversas ciências e aqui em nosso caso com a Teologia.

Aos poucos os estudos contemporâneos vêm redescobrindo a figura pertinente de Xavier Zubiri. Pensador que colocou em evidência o pensamento filosófico que nasceu na Espanha durante a Guerra Civil e que depois se desenvolveu nos anos vindouros da busca pela redemocratização, diante de um sistema político que tentou calar os pensadores espanhóis. Zubiri, precocemente, diante de situações que buscaram tolher sua liberdade de pensador, prefere deixar a cátedra universitária a renunciar à sua capacidade e sagacidade de pensador inovador. (SAVIGNANO, 2016-2018, p. 37). A sua escolha por não lecionar em uma faculdade o fez viver, ao lado de sua esposa, tempos difíceis, que aos poucos serão superados, quando, com o apoio de seus amigos, começa os cursos livres onde poderá com muita liberdade transmitir as suas novas intuições filosóficas. Longe de ser um enciclopedista, o pensador e fundador da metafísica e noologia da realidade será um crítico daquilo que ele conhece com muita destreza, a História da Filosofia e, sobretudo, da Teoria do Conhecimento que chegou até ele.

O seu modo de criticar e propor, faz de Zubiri um pensador que está além do seu tempo, basta olharmos que seu pensamento experimentará uma constante dinâmica de construção. (ELLACURÍA, in: SECRETAN, 2014, p. 35). Não terá muitas obras publicadas em vida, porém as publicadas servirão de guias seguras para adentrarmos em seu pensamento e por meio delas

colher a novidade, sem nos entregarmos a mesmice de um pensamento filosófico que sempre buscou dividir a inteligência e as sensações humanas, que no pensador basco será um único ato de intelecção. O ser humano intelige a realidade sentindo a mesma. E somente ele assim pode agir, por ter uma inteligência senciente.

O modo de descrever como o ser humano apreende a realidade e por ela é dominado, demonstra o quanto o pensamento de Zubiri está além do seu tempo. Em um mundo marcado pela constante busca da logificação da inteligência e da entificação da realidade, a sua proposta recupera a importância e plausibilidade dos sentidos na marcha do conhecimento humano. "Conhecendo a história da filosofia e transitando com propriedade na fenomenologia, Zubiri foi mais longe do que qualquer outro pensador. Sua metafísica e noologia são revolucionárias". (COSTA, in: NEVES; BERNARDES; COSTA, 2020, p. 33).

A grande revolução do pensamento zubiriano está no rompimento com uma Teoria do Conhecimento, que já não mais respondia às inquietações do ser humano contemporâneo. A marcha zubiriana em busca do conhecimento demonstra cada vez mais a necessidade da superação do hiato estabelecido pela história do pensamento humano entre o ato de inteligir e sentir. Para conhecer a realidade, o ser humano deve estar inserido nela. Tejada e Cherubin dois estudiosos do pensamento zubiriano assim asseveram:

> O termo mais repetido nos livros de Zubiri é o de "realidade". Quando começamos a ler, imediatamente acreditamos saber de que se está falando. Real é um termo que na linguagem ordinária se opõe ao ideal. Porque há coisas que pensamos, e esses pensamentos têm existência mental, mas não certamente real. O real, pelo contrário, tem existência extramental, existe fora da mente, fora de nós mesmos, tem uma consistência própria; que em certa medida se opõe, exigindo-nos respeito. O real, falamos por isso, é objetivo. Os objetos são reais. Ob-jectum é precisamente isso, o que se nos opõe o que tem entidade própria, distinta da propriedade mental. Em alemão se diz Gegen-stand, o que está fora de mim e frente a mim. (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 2).

A novidade no seu modo de abordar a realidade, procura tirá-la do anonimato e como o último momento da marcha na busca pelo conhecimento como pensavam os antigos pensadores e alguns modernos. Em Zubiri, a realidade será o ponto fulcral onde encontraremos a origem de todo conhecimento que já é dado à apreensão primordial, mas que exige um esforço do apreensor da realidade, que é conduzido às apreensões ulteriores, que são necessárias para conhecer o fundamento das coisas apreendidas. (CONILL, 1990, p. 273). Para Zubiri "a

realidade não deve entender-se o em-si dos antigos, mas também não o em mim dos modernos, mas o que ele chama *de suyo*". (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 2).

Com sua noologia e metafísica da realidade Zubiri sustenta que inteligir e sentir não são dois atos, mas um único ato de apreensão. Por isso, o ser humano apreende sempre a realidade, isto é, o *de suyo*. Na apreensão primordial a realidade já se atualiza ao apreensor e nos modos ulteriores de apreensão a realidade se reatualiza no campo de realidade e em razão. A realidade será para Zubiri: "pura formalidade, a formalidade como apreendemos as coisas". (TEJADA; CHERUBIN, 2016, p. 5).

Aos poucos a atualidade do pensamento zubiriano vem adentrando o mundo universitário, nos ajudando a repensar o modo em que se dá a marcha humana em busca do conhecimento. A novidade revolucionária do seu pensamento tem auxiliado no aprofundamento dos caminhos escolhidos pelas diversas áreas do saber para se chegar ao conhecimento. No que se refere ao nosso campo de pesquisa, o que agora nos interessa é mostrar a relação entre filosofia e teologia, partindo da metafísica da realidade elaborada por Zubiri. Segundo Costa: "um dos méritos da filosofia de Zubiri é corresponder aos fatos, pois criar sistemas de pensamento não é difícil; o difícil é que eles correspondam realmente aos fatos. E isso já é um valor teológico também". (COSTA, in: NEVES; BERNARDES; COSTA, 2020, p. 36). O mérito do *corpus zubirianum*, aplicado ao estudo da teologia, encontra-se na oferta de elementos para a construção de uma reflexão sistemática das experiências humanas de Deus, que dão origem aos conceitos teológicos, partindo da realidade sentida e inteligida, a partir da intelecção.

## 1.7 O diálogo entre Filosofia e Teologia a partir do pensamento zubiriano

Tendo nos dedicado à busca da compreensão do conceito de realidade no pensamento de Xavier Zubiri, que nos auxiliará nos passos seguintes desta pesquisa, o que ainda nos resta é demonstrar o diálogo existente entre Filosofia e Teologia. Um antigo adágio medieval, dizia *"Philosofia ancilla Teologiae"*. A Filosofia por muito tempo foi entendida como serva da Teologia. Os estudos teológicos modernos apresentaram outra proposta. Para se fazer Teologia é preciso que estejamos em diálogo com a Filosofia. (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 33). A Teologia não é um estudo isolado das outras ciências, mas uma reflexão que nasce de um estudo interdisciplinar. (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 36). Por isso, a pergunta que nos surge agora é

esta: em que o pensamento zubiriano nos ajuda a estabelecer o diálogo frutuoso entre Filosofia e Teologia?

Ellacuría, em um artigo que busca abordar os temas relevantes do pensamento zubiriano, apresenta sinteticamente oito elementos que nos ajudam a entender a contribuição deste pensador, para o que fazer teológico que nasce da realidade. Os elementos são os seguintes:

> 1- a intelecção é fundamentalmente uma atualização do real enquanto real;
> 2- existe uma unidade estrita e estrutural entre compreender (*inteligere*) e sentir, de modo que é preciso falar de uma inteligência senciente e de uma sensibilidade intelectiva;
> 3- existe uma prioridade fundamental da apreensão primordial da realidade sobre o movimento do logos e o percurso da razão;
> 4- há um enraizamento constitutivo do logos no campo da realidade de maneira sensível, e da razão no mundo apreendido sensivelmente;
> 5- existe um amplo espaço de liberdade na intelecção, especialmente em suas modalidades de logos e de razão;
> 6- a epistemologia, como tarefa intelectual fundamental, não é a primeira nem vale por si mesma, mas deve se fundar numa filosofia da intelecção;
> 7- o logos e a razão não passam de modalidades ulteriores da atualização da apreensão primordial da realidade e, como tais, são formalmente sencientes e não somente sensíveis;
> 8- a realidade já é dada como um *prius* na apreensão primordial, e é dada sensitivamente nas impressões da realidade. (ELLACURÍA, in: SECRETAN, 2014, p. 38-39).

Os elementos acima apresentados e que são encontrados na obra de Zubiri, contribuem para a construção de um pensamento teológico que nasce da realidade, na qual o apreensor da realidade encontra-se inserido e vive sua experiência de fé. Tal fé auxilia na concretização do reino de Deus, anunciado por Cristo e escopo de toda a vida cristã. Os elementos do pensamento zubiriano auxiliaram na construção de uma epistemologia teológica, que na América Latina trouxe à luz a Teologia da Libertação, que se desdobrou em muitas teologias, chegando hoje a ser definida como Teologias da Libertação. (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 85).

No continente da esperança, onde a fé cristã ainda continua dando sinais de vitalidade, é preciso registrar que o pensamento zubiriano encontrou no já citado filósofo e teólogo jesuíta

Ignácio Ellacuría um dos seus grandes divulgadores. Isso permitiu trazer à luz uma proposta teológica capaz de levar em consideração a realidade concreta, marcada por elementos que se opunham à fé, com o escopo de apontar um ponto de chegada, que seria o reino.

O modo como a filosofia zubiriana pensa a realidade ajudou a fazer surgir no continente da esperança um pensamento teológico que nasce tendo como base a própria realidade, apreendida na sua formalidade, como *de suyo*. (GRACÍA, 2020, p. 87-89). A Teologia da Libertação nasce de um diálogo profícuo com a Filosofia, que dá a ela as suas bases teóricas. As estruturas sociais injustas de um continente com muitos cristãos pediram pelo surgimento de um pensamento teológico, capaz de propor um processo de libertação dos povos que aqui vivem.

> As estruturas sociais injustas da América Latina têm nome e rosto. Todos eles têm a ver com os pobres e excluídos. Este continente, em que a Revelação cristã é mais aceita por concentrar em si a maior massa de cristãos do mundo, ostenta estruturas sociais escandalosas, como em nenhum outro lugar. A ineficiência de tal Revelação na ordem da práxis desabona-a como divina. (LIBÂNIO, 2004. p. 34).

Partindo dessa afirmação de Libânio, é possível pensarmos que a realidade Latino-Americana clamava por uma reflexão teológica capaz de estimular processos de libertação das realidades de submissão, ou até mesmo de escravidão, vividas pelos povos que formam este grande continente. (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 91). Não basta a Igreja da América Latina sustentar o índice de possuidora do maior número de cristãos. Ela precisou repensar seu modo de falar sobre a revelação de Deus na história, para estimular nos povos sofridos deste continente um renovado ardor missionário, a partir de uma apreensão primordial da realidade, que se desdobrará nas apreensões ulteriores, as quais apontaram as possibilidades da transformação dela. (LEMBO, 2020, p. 131).

As Conferências do Episcopado Latino-Americano e os documentos que nascem destas, testemunham não só a tentativa de leitura e aplicação dos apelos do Concílio Vaticano II, ao nosso contexto eclesial, mas apresentam, sobretudo, o revolucionário trabalho de uma Igreja que busca reconstruir num mundo de desiguais sua função de promotora de libertação. O diálogo entre Filosofia e Teologia, no contexto Latino-Americano, deu origem a um pensamento teológico capaz de dialogar com o mundo contemporâneo e até mesmo questionar as opções feitas por determinados grupos eclesiais, num continente marcado por uma gama infinita de desigualdades. (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 96-98).

A unidade entre Filosofia e Teologia, para o surgimento de práticas pastorais, fez da Igreja na América Latina um ponto de luz a iluminar e inspirar práticas pastorais na Igreja do mundo, visando a promoção integral da pessoa humana. (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 100). O método ver, julgar e agir, ao nosso entender, encontra-se em sintonia com o modo concreto que Zubiri apresenta para definir como o ser humano apreende a realidade, isto é, primordialmente, pelo logos e pela razão. Esse método até hoje vem servindo para se refletir e pensar a vida eclesial, neste continente definido pelo Papa emérito, Bento XVI, na abertura da V Conferência do Episcopado Latino-americano e caribenho de terra de esperança. (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 105).

É possível afirmar que a esperança com que o papa emérito busca definir nosso continente está em sintonia com as inúmeras iniciativas de uma Igreja que sempre buscou pensar as suas práticas pastorais a partir da sua realidade e propor a ela caminhos de evangelização proféticos. É dentro desse contexto, de sempre pensar e repensar as suas atividades pastorais, que nasceram aqui na América Latina estudos no campo da teologia sacramental, que é fruto de uma interdisciplinaridade necessária, em vista do quefazer teológico. (AQUINO JÚNIOR, 2004, p. 201-202). As ações litúrgicas da Igreja não podem gerar processos de alienação das pessoas, mas conduzir os cristãos a experiências concretas de libertação. A liturgia da Igreja nos recorda que na ação litúrgica, por meio da participação ativa, consciente, frutuosa e plena se dá a atualização de um mistério, que nos recorda a Páscoa cristã, que engendrou um processo de libertação do ser humano na sua integralidade. Por isso, "a Igreja Latino-Americana entende cada vez mais a salvação como libertação. Como a liturgia é um momento eclesial na missão de salvação, o cristão não pode deixar de perguntar-se pelo modo de unir libertação e liturgia"[58]. (ELLACURÍA, 1984, p. 279, tradução nossa).

O teologizar hoje pede o diálogo com a Filosofia. O quefazer teológico, não engendra um pensamento aquém da realidade. Ela não se configura, como muitos procuram conceituá-la, como um dizer sobre Deus. Toda teologia deve ter como ponto de partida o real apreendido e atualizado na apreensão primordial, e que se desdobra em apreensões ulteriores, que nos ajudam na compreensão da revelação de Deus na história, que é celebrada e atualizada pela liturgia, que é teologia primeira. (COSTA, 2017, p. 215).

---

[58] "La Iglesia Latinoamericana entiende cada vez más la salvación cristiana como liberación. Como la liturgia es momento esencial en la misión de salvación, el cristiano no puede menos de preguntarse por el modo de juntar liberación y liturgia."

O novo pensamento teológico litúrgico propalado pelo Concílio Vaticano II, que teve por princípio conduzir o povo de Deus a participar de uma forma ativa, consciente e plena nas ações litúrgicas da Igreja, emerge de uma definição de liturgia que busca evidenciá-la, como momento histórico da atualização da história da salvação. Desse modo, em cada ação litúrgica a Igreja é chamada a experimentar a realidade sacramental do silêncio litúrgico.

Por isso, após termos apresentando o pensamento de Zubiri sobre a metafísica da realidade, nos debruçaremos agora na tarefa de apresentar o que o pensamento teológico contemporâneo compreende por realidade sacramental, sobretudo, na esteira do Concílio Vaticano II. O tema da sacramentalidade no Vaticano II recebeu grande atenção, e foi estudado a partir das Sagradas Escrituras, Tradição e Magistério da Igreja. (JAVIER FLORES, 2016, p. 12). O nosso foco será o de estudar a sacramentalidade do silêncio, percebendo sua força mística, mistagógica e como *locus theologicus* da manifestação de Deus. Certos de que o silêncio tão negligenciado pela liturgia é parte essencial dela, o que nos propomos agora é à luz da metafísica da realidade zubiriana aprofundar seu sentido. Evidentemente a tarefa que agora se impõe é aquela de entendermos o que significa realidade sacramental. Pois partindo deste conceito se tornará possível resgatar a força da realidade sacramental do silêncio e constatar os pontos frágeis, que impedem sua vivência plena pela comunidade cristã, por meio de suas ações litúrgicas.

Agora sim, pensamos ter descrito a base da filosofia de Zubiri para poder descrever o silêncio como realidade litúrgico sacramental, à luz do seu pensamento metafísico. Não estamos falando do silêncio como um novo conceito, mas como uma realidade litúrgico sacramental.

## 1.8 Algumas referências ao silêncio na obra zubiriana

Como já pudemos aludir nesta nossa pesquisa, a obra zubiriana é constituída por muitos volumes. Alguns destes, foram publicados quando o pensador ainda estava vivo. Já outros formam o conjunto de suas obras póstumas, que vieram à luz a partir do esforço de seus alunos e membros da fundação de pesquisa que leva o seu nome. Zubiri em suas obras dedica-se a discutir muitos temas. Desse modo, ao tratarmos do tema do silêncio procuramos, sem a pretensão de exaurir o tema, fazer uma pesquisa sobre o uso do termo em alguns escritos deste pensador. De partida, podemos afirmar que o termo será utilizado nos seus muitos significados.

Por isso, escolhemos algumas que nos ajudam a pensar o diálogo entre o seu pensamento e a Ciência Litúrgica.

Uma primeira referência ao silêncio no pensamento de Zubiri, encontraremos na obra intitulada "*Primeros Escritos* (1921-1926)". O termo será utilizado para mostrar como que diante do silêncio, como expressão de indiferença, com paciência Desiderio Mercier transformou a Escola de Lovaina no centro contemporâneo de difusão do pensamento tomista. Assim afirma o pensador basco:

> E com a sua própria oposição, o sorriso de estranhos, e o silêncio indiferente de todos, Desiderio Mercier, sem "medo da verdade", com essa paz espiritual que recorda o temperamento de Santo Tomás, se aproxima a ciência do seu tempo; e lenta, penosamente, inicia a obra de restauração da escolástica, até converter Lovaina no "centro científico do tomismo contemporâneo" como a chamou Rudolf Eucken.[59] (ZUBIRI, 1999, p. 339).

Em Natureza, História, Deus Zubiri fala do gesto do silêncio como o caminho utilizado por ele nos tempos em que ele exerceu o magistério. Foi no recolhimento, que o pensador encontrou o caminho mais frutuoso para preparar as lições oferecidas aos seus alunos desde 1926 até 1942 quando a pedido dos seus amigos e alunos, faz vir à luz um livro com os frutos de suas pesquisas. No prólogo da primeira edição dessa obra Zubiri anota:

> Não posso pensar senão com carinho nos discípulos e alunos daqueles anos, a quem consagrei a maior parte de meu modesto e silencioso labor. Muitas vezes me pediram a publicação de meus cursos. É demasiado que mo peçam. Meu trabalho segue hoje em ritmo de tartaruga. Mas nestas páginas está, pelo menos, o substancial do argumento de alguns daqueles. (ZUBIRI, 2010, p. 32).

Na obra apenas citada ao tratar do tema da história da filosofia, Zubiri afirmará que: "O problema da filosofia não é senão o problema da inteligência". (ZUBIRI, 2010, p. 145). Por isso, nas suas obras subsequentes o estudo sobre o modo como o ser humano apreende a realidade ocupará grande espaço, todavia, partindo dessa afirmação apenas registrada por nós

[59] "Y con la oposición de próprios, la sonrisa de extraños, y el silencio indiferente de todos, Desiderio Mercier, sin "miedo a la verdade", con esa paz espiritual que recuerda el temperamento de Santo Tomás, se acerca a la ciencia de su tempo; y lenta, penosamente, inicia la obra de restauración escolástica, hasta convertir a Lovaina en el "centro científico del tomismo contemporâneo" como lo há llamado Rudolf Eucken.

o pensador basco irá concluir dizendo: “Com essa afirmação, que no fundo remonta ao velho Parmênides, começou a existir a filosofia na Terra. E Platão nos dizia, por isso, que a filosofia é um silencioso diálogo da alma consigo mesma em torno do ser.” (ZUBIRI, 2010, p. 145).

Zubiri ainda se refere ao silêncio em um pequeno artigo que encontramos dentro da obra “*Sobre el problema de la filosofia y outros escritos* (1932-1944)”. O texto é uma homenagem ao Pe. Lagrange, OP a quem Zubiri denominará como o Doutor da Tradição Bíblica, para o seu tempo. Apenas tendo recebido a notícia de sua morte, o pensador redige um texto para demonstrar a maturidade deste importante teólogo, que se faz ver por meio de seus escritos. Ao elogiar este frade dominicano o pensador basco afirmará, que ele era devedor de um:

> Espírito essencialmente construtivo, jamais colocou suas complacências numa negação, mas para ir a uma afirmação mais funda: porém, jamais tão pouco sentiu o apuro de tomar posição precipitada diante as exigências do momento; ele sabia ter a serenidade de esperar com fé em Cristo e na ciência, e assim realizou em sua vida esse sutil equilíbrio entre os diretos da verdade e os deveres da fidelidade. Nutriu seu espírito em largas horas de oração, e pediu a Jesus Cristo que imprimisse em sua alma de frade dominicano, como outra Verônica, sua imagem, a imagem da Verdade Divina.[60] (ZUBIRI, 2002, p. 290).

Para Zubiri a vida de Pe. Lagrange era de um homem que sabia conjugar silêncio contemplativo e a marcha pela busca do sentido último da Verdade. Foi a conjunção de silêncio e marcha para inteligir a Verdade em profundidade, que fez da obra desse teólogo um anúncio que conduziu muitos a Cristo. Diferentemente de Moíses este homem pode contemplar os frutos de sua obra, tornando-se para o seu tempo um doutor da ciência bíblica, alguém que consumiu sua vida por Cristo. Com quem dialogou muitas vezes, por meio do silêncio.

Auxiliados pelo index zubiriano, que encontramos junto ao site da Fundação Xavier Zubiri, o qual já fizemos registrar anteriormente neste trabalho podemos constatar a incidência da palavra silêncio em 27 passagens do conjunto da obra deste pensador. Ao pesquisa-las

[60] “Espíritu esencialmente constructivo, jamás puso sus complacencias em uma negación sino para ir a uma afirmación más honda; pero jámas tampoco sintió el apuro de tomar posición precipitada ante las exigências de la hora; supo tener la serenidad de esperar con fe em Cristo y en la ciência, y así realizo em su vida esse maravilloso y sutil equilíbrio entre los derechos de la verdade y los deberes de la fidelidade. Nutrió su espíritu em largas horas de oración, y pidió a Jesuscristoque imprimiera en su alma de fraile dominico, como outra Verônica, su imagen, la imagen de la Verdad divina.”

fizemos registrar aqui, aquelas que mais se conectam com a temática que estamos tratando neste nosso trabalho.

**Conclusão parcial**

Neste primeiro capítulo de nosso trabalho, debruçando-nos sobre a obra Trilogia da Inteligência Senciente, procuramos apresentar o percurso intelectual feito por Zubiri, com o escopo de tratar o tema da realidade, o qual encontra-se ao centro de toda a sua obra intelectual. Este nosso esforço não teve por pretensão esgotar os elementos presentes em toda a obra zubiriana, mas procuramos evidenciar alguns conceitos presentes em seus livros, a fim de aplicá-los depois ao estudo da realidade litúrgico-sacramental do silêncio.

A nossa opção de começar este estudo a partir da abordagem do pensamento metafísico, segundo Zubiri, o criador do realismo filosófico, emergiu de um desejo de estabelecer um salutar diálogo entre Filosofia e Teologia. Pois, ao nosso entender, este diálogo se torna mais frutuoso pelo fato desse pensador trabalhar as questões ligadas à vida do ser humano, a partir do real. Ele não parte de conceitos para chegar à realidade, mas o real é para ele a fonte primordial para se chegar ao conceito. (AQUINO JÚNIOR, 2004, p. 207).

Poderíamos começar nosso trabalho já conceituando o que venha a ser o silêncio litúrgico, a partir das orientações gerais que encontramos nos livros litúrgicos. Entretanto, a pastoral litúrgica já nos aponta que não basta existir as indicações à assembleia celebrante, acerca do como fazer o silêncio, é preciso vivê-lo sencientemente. Cônscios de que o silêncio, mais do que definido, deve ser sentido intelectivamente. Falar dele a partir do pensamento zubiriano é recuperá-lo, ao nosso ver, como uma realidade litúrgico-sacramental.

Continuando a construir nossa reflexão, o que por ora nos impomos como tarefa é aquela de pensar a realidade litúrgico-sacramental do silêncio. A Igreja, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, se debruçou com mais afinco sobre o tema da sacramentalidade. Isso se deu pelo reconhecimento das diversas maneiras de Deus se revelar à comunidade, por meio dos gestos e símbolos, palavras e ritos. Tudo isso teve como ponto de partida um dos fundamentais desejos do Vaticano II, no que toca à vida litúrgica da Igreja, promover uma participação ativa, consciente, plena e frutuosa de toda a comunidade cristã na liturgia. (SC n. 30).

Uma das formas de participação indicada pelo Concílio Vaticano II e pouco inteligida pela comunidade cristã é aquela do silêncio. O Sínodo dos Bispos, que buscou tratar da Palavra de Deus na vida e missão da Igreja afirma:

> O nosso tempo não favorece o recolhimento e, às vezes, fica-se com a impressão de ter medo de se separar, por um só momento, dos instrumentos de comunicação de massa. Por isso, hoje é necessário educar o Povo de Deus para o valor do silêncio. Redescobrir a centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja significa também redescobrir o sentido do recolhimento e da tranquilidade interior. (VD n. 66).

Educar o povo para a prática do silêncio nas ações litúrgicas da Igreja apresenta-se como uma urgente tarefa. Por termos consciência dessa necessidade educativa para a vivência senciente do silêncio na liturgia é que nos propomos a seguir construir um estudo, a partir da Teologia Litúrgica sobre o sentido sacramental da realidade. Pois faz-se mister que as palavras cessem, para que o Verbo apareça com toda a sua potencialidade de transformação e motivação de geração de novos tempos.

# CAPÍTULO II

## A REALIDADE SACRAMENTAL

Na primeira parte deste trabalho procuramos apresentar o pensamento de Xavier Zubiri, a fim de estabelecer um diálogo com sua nova maneira de abordar a metafísica, na construção da nossa reflexão sobre a realidade sacramental do silêncio litúrgico. Todavia, para continuarmos a construção de nossa pesquisa, nesta segunda parte precisamos apresentar alguns elementos da Ciência Litúrgica que nos possibilitará tal diálogo, ou se quisermos o estabelecimento da interface entre o pensamento zubiriano e a temática do silêncio, visto à luz do novo pensamento sacramental, que emerge com o advento do Concílio Vaticano II e os movimentos eclesiais que o antecederam.

As narrativas sobre a História da Salvação procuram sempre anotar que a realidade é o espaço propício, por meio do qual Deus se revela ao ser humano. Essa revelação é apreendida pelo ser humano por meio da sua inteligência senciente. Cambres, um dos estudiosos do pensamento zubiriano, nos ajuda a entender o que significa inteligência senciente quando afirma: "A inteligência humana é estruturalmente senciente: apreende o real sentindo de sua realidade. Graças ao momento senciente de sua inteligência o homem 'está' na realidade e pode realizar sua vida com as coisas reais"[61]. (CAMBRES,1993, p. 30, tradução nossa).

A experiência que o humano faz de Deus, pouco a pouco o leva a perceber a revelação como *misterium* ou *sacramentum,* isto é, Deus está e se faz ver na realidade. É na realidade humana, marcada pela beleza e por incongruências que ele se faz sentir e ver pelo seu povo. Por isso, que:

> a liturgia recorda: é uma memória e a ela introduz a Igreja e o homem. Na liturgia forma-se e cresce a consciência que o desígnio do homem já está estabelecido, que não lhe compete inventá-lo, que ele é projetado pela iniciativa divina que concebe o homem, cria-o e o faz vir ao mundo em Jesus Cristo Redentor. Em outros termos, não é o homem que se dá um significado, que se autoinventa: somos precedidos por Deus e por seu plano, a quem compete a invenção. (BIFFI, 2022, p. 18).

[61] "La inteligencia humana es estructuralmente sentiente: aprehende lo real sintiendo su realidad. Gracias al momento sentiente de su inteligência el hombre 'está' en la realidad y puede realizar su vida com las cosas reales."

Ao apresentarmos a realidade como *locus theologicus* da epifania de Deus, já desejamos fazer vê-la em sua característica sacramental. Pois Deus, de modo algum, revela-se ao ser humano no vazio, mas é na realidade que ele se faz experimentar e sentir. Zubiri afirma que:

> o homem é experiência de Deus. E é experiência de Deus formalmente, enquanto é um ser relativamente absoluto, de modo que a experiência da sua própria relatividade absoluta é justamente a experiência de Deus, porque é a experiência do absoluto[62]. (ZUBIRI, 1988, p. 328, tradução nossa).

Desse ponto, já podemos observar que o próprio ato celebrativo, marcado por inúmeros momentos de silêncio, já nos lança dentro de uma dinâmica, onde para se celebrar e acolher o mistério é preciso fazer calar as palavras, para se escutar a Palavra. "O mistério celebrado é, ao mesmo tempo, memória de uma libertação realizada que se atualiza e perdura no compromisso de amor e fidelidade a Deus e aos homens". (BORÓBIO, 2009, p. 94).

A compreensão do silêncio como realidade sacramental, que envolve o ser humano que apreende sencientemente o mistério pascal, nos demonstra que inúmeros são os modos de Deus se revelar à humanidade.

> Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério de sua vontade (cf. Ef 1,9), mediante o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina. (cf. Ef 2,18. 2Pd 1,4) (DV n. 2).

Cônscios dos muitos modos de Deus se revelar ao seu povo, nesta parte de nosso trabalho, o que colocamos como escopo é tratar da realidade sacramental, aplicada para o gesto do silêncio litúrgico. A partir dele desejamos inteligir como Deus se revela ao ser humano que toma parte de uma assembleia celebrante.

> O homem participando da liturgia, significa e expressa essa presença de Deus, mas também faz algo que é muito humano e normal: recorda e comemora agradecido, com palavras e gestos, os acontecimentos pelos quais Deus manifestou e realizou a salvação do homem. (BORÓBIO, 2009, p. 34).

---

[62] "...el hombre es experiencia de Dios, Y es experiencia de Dios formalmente, en tanto em cuanto es un ser relativamente absoluto, de modo que la experiencia de su propria relatividade absoluta es justamente la experiencia de Dios, porque es la experiencia de lo absoluto."

A expressão bíblica encontrada na Carta de Paulo à comunidade de Colossenses que exorta os cristãos a buscarem as coisas do alto (Cl 3,1-3), não insere o ser humano num processo de abandono da realidade. Pois a marcha que se faz, para buscar as coisas do alto, se dá sempre dentro de uma realidade, em que o ser humano é chamado a acolher o Deus que se faz carne, para se aproximar da humanidade e na força do seu Espírito regenerar a sua criação, isto é, salvá-la.

> O Plano de Salvação de Deus é, como diz São Paulo, o mistério escondido, desde a eternidade, que foi anunciado pelos profetas e começou a se cumprir no povo de Israel, mas que chegou à sua verdadeira realização em Cristo e foi dado a conhecer pela pregação dos apóstolos. (BORÓBIO, 2009, p. 34).

Por isso, o que nos propomos nas linhas que seguem é demostrar como que a realidade tocada por Deus se torna um lugar sacramental. Para alcançarmos tal escopo, será necessário percorrermos a História da Salvação, procurando demostrar como que a vida cristã, alimentada pela prática do silêncio, nos ajuda a compreendê-la como espaço da revelação de Deus. (CATELLA, 2011, p. 209). Revelação que se atualiza em cada encontro do ser humano com Cristo. E aqui devemos recordar que toda a missionariedade da Igreja nasce de uma experiência de encontro com Cristo. (CATELLA, 2011, p. 212-213). Pois quem contempla o Filho vê o Pai, e quem está em Deus se deixa conduzir pelo Filho, no Espírito. Pela Trindade atingimos o mistério. Assim sendo, "a celebração dos mistérios destina-se a renovar profundamente o espírito da piedade e o estilo da oração cristã". (BIFFI, 2022, p. 24).

## 2.1 A sacramentalidade da liturgia

O Concílio Vaticano II, por meio da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, que buscou refletir sobre os parâmetros para uma salutar renovação e reforma da liturgia, segundo as orientações dos padres conciliares, trouxe à luz a dimensão sacramental da vida litúrgica da Igreja. Nesse importante documento sobre a vida litúrgica da Igreja encontramos a seguinte afirmação:

> É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da liturgia exige e à qual o povo cristão, "raça escolhida, sacerdócio real,

> nação santa, povo adquirido" (1Pd 2,9; cf. 2,4-5), tem direito e obrigação, por força do batismo (SC n. 14).

O texto apenas citado nos recorda o escopo estabelecido pelos membros do Concílio ao pensarem a renovação e reforma da vida litúrgica da Igreja. Porém, tal reflexão surge de uma busca criativa e fiel de retorno às fontes cristãs. No período em que acontece o Vaticano II, a Teologia vem passando por grandes transformações. Os movimentos Litúrgico, Patrístico e Bíblico ofereceram aos teólogos católicos contemporâneos novos elementos para se repensar, no século XX, a vida da Igreja, nas suas mais diversas dimensões. No que se refere à liturgia, ofereceram um conteúdo que proporcionou a solidificação da Ciência Litúrgica, com seus diversos braços. Pensar a liturgia como ciência contribuiu para um retorno às fontes primeiras, não como uma atitude anacrônica, mas como um ponto de inspiração para a formação de um novo conceito de liturgia, que conduziria a uma nova práxis litúrgica. (CAPRIOLI, 2003, p. 298). Essa nova práxis nos ajuda a pensar que: "o importante é insistir que celebrar é ato fundado em apreensão primordial de realidade, e não, em si, ato afirmativo do pensamento, ou momento declarativo do que apreendemos primordialmente". (COSTA, 2017, p. 215).

Continuando a tratar sobre a importância da participação dos batizados na vida litúrgica da Igreja de um modo pleno e frutuoso, a *Sacrosanctum Concilium* continua afirmando:

> A esta plena e ativa participação de todo o povo cumpre dar especial atenção na reforma e incremento da sagrada liturgia: com efeito, ela é a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis podem haurir o espírito genuinamente cristão. Esta é a razão que deve levar os pastores de almas, em toda a sua atividade pastoral, a procurarem com máximo empenho, através da devida formação (SC n. 14).

A reforma e renovação da vida litúrgica exigiu empenho de toda a comunidade eclesial, sobretudo daqueles que por ministério assumiram o serviço de animação do povo de Deus. Do seu princípio aos nossos dias, o processo de reforma e renovação da liturgia tem exigido da Igreja um verdadeiro processo de conversão pastoral e de amadurecimento teológico.

> O Concílio Vaticano II foi descrito – talvez numa tentativa de limitar seu alcance – como um concílio exclusivamente pastoral, mais precisamente porque se preocupou, antes de tudo, em renovar o anúncio do Evangelho; foi um concílio eminentemente teológico, e até mesmo um concílio cristológico importante. (BÉGUERIE; BEZANÇON, 2016, p. 43).

É a partir desse contexto de reforma e de renovação que torna possível buscarmos a compreensão da sacramentalidade da liturgia e por conseguinte o sentindo sacramental da realidade do silêncio litúrgico. (COSTA, 2019, p. 698). Os novos estudos da Ciência Litúrgica têm nos ajudado na compreensão da liturgia como *locus theologicus* da epifania de Deus. Por isso, hoje falamos da sacramentalidade da Palavra, da sacramentalidade da assembleia, da sacramentalidade da Igreja, da sacramentalidade do silêncio. Nesses e em outros sinais podemos contemplar o Senhor que se revela, por meio do seu Filho, no Espírito ao seu povo. Nesses sinais se torna visível a graça atuante do Senhor na História da Salvação.

> A ação litúrgica é sempre um diálogo: Deus Pai fala a seu povo e, por meio dele, a todo homem; e, por sua vez, o homem responde a Deus, Jesus é o mediador; por meio dele, o Pai nos fala na graça do Espírito. E é essa mesma graça que move o homem a responder ao Pai por intermédio de Jesus. Em boa parte, é por meio da palavra pela qual Deus fala a seu povo, assim como mediante a palavra com a qual costumamos responder-lhe. Dizemos palavras, mas Cristo é a palavra por meio da qual também nos dirigimos ao Pai. Nesse diálogo de Salvação que é a liturgia, entra em jogo a mediação decisiva da palavra e da dinâmica da linguagem humana. (FERNÁNDEZ, 2011, p. 85).

O termo sacramentalidade nasceu da experiência de fé das primeiras comunidades. Com a paixão, morte, ressurreição, ascensão do Senhor e a vinda do Espírito de Deus sobre a comunidade dos discípulos, a Igreja assumiu a tarefa de continuadora incansável da obra missionária de Cristo. Aquele que voltou para o Pai, torna-se presente no mundo por meio da comunidade, que cada vez que se reúne, faz isso em sua memória. Por isso,

> A assembleia deve ser manifestação da Igreja mediante a participação e o exercício dos ministérios que expressem a própria estrutura ministerial da Igreja, isto é, a estrutura de um ministério da Palavra, de um ministério cultual, de um ministério da caridade. (BORÓBIO, 2009, p. 51).

O memorial na liturgia está ligado à dimensão da atualização, da realidade do Mistério Pascal. (COSTA, 2019, p. 699). Cada vez que a comunidade se reúne, ela mesmo aclama que Cristo está no meio dela. A resposta à saudação inicial da celebração eucarística que encontramos no *ordo missae,* traduzido para a Igreja do Brasil, expressa muito bem tal realidade: o presidente da celebração diz: “O Senhor esteja convosco!” E toda a comunidade responde: “Ele está no meio de nós”. A presença de Cristo em sua comunidade, por meio de sua vida litúrgica, nos leva a afirmar com Biffi:

> Todas as ações salvíficas sobre a terra, que têm a finalidade "de edificar o Corpo de Cristo" – apostolado, profecia, evangelização, atividade pastoral e magisterial (cf. Ef 4,1-13), são dom do Senhor ressurgido e sentado à direita do Pai e obra do Espírito por Ele enviado. (2022, p. 122).

A liturgia da Igreja é sempre um convite à celebração da certeza de que por meio de sinais, ritos, preces, gestos e palavras Deus está se comunicando, por intermédio do Filho, com toda a sua comunidade. Por isso, "celebrar é um momento delicado no qual se encaixa o conhecimento poético e religioso, considerando que 'a religião é uma exigência última de transcendentalidade". (COSTA, 2017, p. 215). A comunidade que celebra torna atual a presença de Cristo em meio à reunião. E como assevera a SC n. 7 são muitas as formas de Cristo estar presente na liturgia:

> Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora se oferece pelo ministério sacerdotal é o "mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz", como sobretudo nas espécies eucarísticas. Ele está presente pela sua virtude nos sacramentos, de tal modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo quem batiza. Está presente na sua palavra pois é ele quem fala quando na Igreja se lêem as Sagradas Escrituras. Está presente, por fim, quando a Igreja ora e salmodia, ele que prometeu: "onde se acharem dois ou três em meu nome, aí estou no meio deles". (Mt 18,20).

O texto acima nos recorda que a sacramentalidade da liturgia tem seu fundamento em Cristo. Evidente que tal fundamento traz à luz o caráter trinitário da liturgia. Por isso, quando afirmamos que a liturgia é momento oportuno de atualização da História da Salvação, estamos asseverando que por meio de Cristo o Pai age na história e a ela dá um novo impulso, por meio do seu Espírito.

> Por isso, cada liturgia revela e difunde a íntima comunhão da Igreja com Cristo: pelos ritos realizados em sua memória deve transparecer sua alegria de encontrar-se com Ele, que é continuamente a razão de sua existência, a fonte de sua vida, o sustento de sua caminhada. (BIFFI, 2022, p. 124).

A tratativa do tema da realidade sacramental do silêncio nos leva a refletir sobre a sacramentalidade da liturgia. Pois, na liturgia, a graça invisível torna-se palpável por intermédio de *ritus et preces* a toda a comunidade cristã. Desse ponto, já podemos asseverar que sendo o silêncio parte integrante dos ritos litúrgicos, isto significa que, por meio dele, Deus está e se

comunica com seu povo. “Na liturgia Deus se comunica com esta assembleia concreta, reunida em seu nome de uma maneira misteriosa em seu conteúdo, mas real e acessível em sua linguagem, na linguagem própria da cultura à qual deseja falar”. (FERNÁNDEZ, 2011, p. 86).

Na sociedade dos incalculáveis rumores, falar de silêncio na liturgia não se configura como uma tarefa muito fácil. Todavia, precisamos resgatar em nossa vida de fé a experiência edificante do silêncio. Faz-se mister inteligirmos a força transformadora do silêncio. “O silêncio é exigente. Pede para ser total, caso contrário não alcança seu objetivo”. (POELMAN, 2013, p. 32).

Dentro do processo da reforma e renovação da liturgia, promovido pelo Vaticano II, o silêncio ultrajado por muitos anos pela comunidade cristã é trazido à luz. Ele passa a ser indicado como parte integrante dos ritos. O silêncio sentido na liturgia não é ausência de ação ou se preferirmos não participação da assembleia, mas é abertura para o Espírito e reconhecimento de que, se desejamos verdadeiramente acolher a Deus e contemplá-lo no Filho, é preciso silenciar-se.

> O silêncio favorece a união entre dois entes: Deus se revela ao homem no silêncio, porque o mistério vai bem além de tudo aquilo que o homem pode dizer e pensar dele; o homem descobre Deus no silêncio adorante que é somente capaz de permitir-lhe de aproximar-se ao infinito mistério[63]. (DESTHIEUX, 2017, p. 78, tradução nossa).

Se a presença de Cristo na liturgia, coloca em evidência a sua dimensão sacramental é possível então afirmar que o silêncio que somos chamados a experimentar, motivados pelos ritos litúrgicos, é também sacramental. Pois ele é espaço concreto da Epifania do Pai, que se torna palpável no Filho, que está entre nós. “O encontro com Deus na liturgia precisa munir-se de elementos sacramentais que proporcionam uma apreensão de realidade, fruto de uma impressão de realidade que retenha a pessoa e a remeta ao Transcendente”. (COSTA, 2017, p. 225).

Neste sentindo, inteligindo a importância do silêncio litúrgico e a sua realidade sacramental podemos afirmar:

---

[63] “Il silenzio favorisce l’unione fra le due entità: Dio si rivela all’uomo nel silenzio perché il suo mistero va ben oltre tutto quello che l’uomo potrebbe dire o pensare de lui; l’uomo scopre Dio silenzio adorante che è il solo capace di permettergli di avvicinarsi all’ infinito mistero.”

> O silêncio fecunda tudo o que é vida cristã. Sem silêncio a teologia se torna estéril; a oração não pode dar lugar à presença de Deus; a pregação não é mais que uma multiplicação de palavras que não conduzem à experiência de Deus; e o empenho não é mais que uma luta sem amor e sem perdão[64]. (DESTHIEUX, 2017, p. 79, tradução nossa).

Como podemos observar a liturgia, na sua riqueza simbólica, ritual, de palavras e de gestos, nos ajuda a entender que sua sacramentalidade reside enquanto essa é lugar propício da manifestação de Deus. Ele se manifesta ao seu povo pelos elementos que compõem todos os passos de uma ação litúrgica. Desse modo, não seria desproporcional afirmar: que Deus está na liturgia e nela permanece por meio do silêncio tantas vezes negligenciado. Silenciar é inteligir o valor da realidade do silêncio. "Ouvir é abrirmo-nos ao amor que nos quer revelar o que somos, que sabe ter chegado a hora de desvelar o que estava escondido, de dar-nos a conhecer o mistério que há em nós". (POELMAN, 2013, p. 59).

Tendo a liturgia um valor sacramental, o que agora nos propomos é nos debruçarmos sobre o fundamento da sacramentalidade da liturgia que é o próprio Cristo. Pois, "é na memória litúrgica – entendida como a presença novamente eficaz da Páscoa de Cristo, ou como sacramento do dom do Espírito do Senhor morto e ressuscitado - que a Igreja tem sua origem, reconhece-se na sua natureza, recebe a força para a sua vida". (BIFFI, 2022, p. 17). Por isso, inteligir Cristo como o fundamento de toda sacramentalidade da liturgia nos ajuda a compreender que toda ação litúrgica é um ato trinitário. Não podemos falar do Filho se não nos referirmos ao Pai. Muito menos é incabível falar da relação entre o Pai e o Filho sem indicarmos aquele que é a força renovadora da vida eclesial, o Espírito Santo.

## 2.2 Jesus, o grande sinal sacramental do Pai

O Movimento Litúrgico significou para toda a comunidade eclesial, e sobretudo para a vida litúrgica da Igreja, um novo tempo. Ele "nasce próprio com o escopo de permitir aos fiéis um reacesso à celebração e à riqueza dos seus textos, na certeza que uma consciente e ativa participação na liturgia deriva-se de um radical renovamento da vida cristã"[65]. (PARATI, 1999,

[64] "Il silenzio feconda tutto ciò che è la vita cristiana. Senza silenzio la teologia diventa sterile; la preghiera non può far posto alla presenza di Dio; la predicazione non è più che uma moltiplicazione di parole che non possono condurre all'esperienza di Dio; e l'impegno non è più che uma lotta senza amore e senza perdono."

[65] "Il movimento litúrgico nacque proprio allo scopo di permettere ai fedeli un 'riaccesso' alla celebrazione e alla ricchezza dei suoi testi, nella certeza che, da una consapevole e attiva partecipazione alla liturgia, sarebbe derivato un radicale rinnovamento della vita Cristiana."

p. 5, tradução nossa). Com ele surge a Ciência Litúrgica, amparada pelos novos estudos bíblicos e patrísticos, que abriram algumas janelas que possibilitaram engendrar uma nova Teologia Sacramentária. Essa teologia facilitou a construção de um conceito de sacramento, que se encontra além do septenário sacramental, determinado pelo Concílio de Trento. Essa nova ciência pouco a pouco foi conduzindo a comunidade cristã, presente no mundo contemporâneo, a uma intelecção de que: "a liturgia é uma realidade para ser redescoberta, celebrada e vivida na sua intensidade". (PARANHOS, 2022, p. 10).

Para redescobrir, viver e celebrar a liturgia é preciso resgatar seu caráter mistérico. O fundamento de tal caráter é o próprio Jesus Cristo, o sinal sacramental do Pai. O evangelho de João nos ajuda a entender tal afirmação, isto é, a presença do Pai no mundo, por intermédio do Filho, no diálogo de Jesus com Filipe:

> Filipe lhe diz: "Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta!"
> Diz-lhe Jesus: "Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai.
> Como podes dizer: "Mostra-nos o Pai?"
> Não crês que estou no Pai e o Pai em mim?
> As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim realiza suas obras.
> Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim. Crede-o, ao menos, por causa dessas obras". (Jo 14,8-11).

O texto apenas citado nos recorda que em Jesus Cristo o Pai se faz presente ao mundo. No mistério de sua vida, Deus se revela como salvação ao seu povo. No Filho, o Pai envolve todos os seus filhos com a sua misericórdia. Os cristãos desde as comunidades primitivas viveram a experiência de se despertarem para a consciência do mistério de Cristo. "A primeira comunidade cristã confessa que o Senhor é Jesus Cristo: tudo se cumpre em Cristo, também o culto; tudo é sinalizado do evento, isto é, do Mistério Pascal, e tudo ganha sentido apenas em Jesus". (PARANHOS, 2022, p. 17).

Se as comunidades nascentes reconheceram em Cristo a manifestação do Senhor, torna-se possível afirmar que nessas comunidades progressivamente foi se desenvolvendo a consciência de que tudo foi feito por, com e em Cristo. As primeiras comunidades, ao continuar os passos de Jesus, o fizeram para responder criativamente ao seu pedido: "façam tudo em minha memória". A pedra que foi rejeitada pelos construtores tornou-se então a pedra fundamental. Sendo Jesus a pedra fundamental da comunidade, ele é acolhido por ela como mistério. É importante recordar que a palavra *mysterium*, do léxico grego, na língua latina será

traduzida por *sacramentum.* Desses dois termos, nasce um novo conceito de liturgia. "Se se quisesse conservar a terminologia dos antigos se poderia dizer que a liturgia é simplesmente a atuação 'in sacramento' ou 'in *mysterio'* da história sagrada, desde Pentecostes até a parusia". (VAGAGGINI, 2009, p. 50). Por meio de Cristo a comunidade, no serviço que presta ao anúncio do Reino, experimenta a Deus. Em seu pensamento sobre o ser humano e Deus, Zubiri afirmará que a vida humana é sempre e formalmente experiência de Deus. O ser humano está religado ao poder do real. Por isso,

> Deus é percebido pelo homem na direcionalidade da realidade na "direção" como seu fundamento constituinte. À religação ao poder do real e a seu fundamento, ou Deus dando-se nas coisas, o homem pode responder entregando-se à Realidade fundante[66]. (NIZINSKI, 2016-2018, p. 75, tradução nossa).

Aqui faz-se mister recordar que o primeiro a usar a palavra *sacramentum* foi Tertualiano, dentro do contexto da experiência da celebração da iniciação à vida cristã. "Tertuliano tomou em empréstimo o termo *sacramentum* do vocabulário militar, em que a palavra originariamente tinha o sentido de juramento feito ao imperador". (PARANHOS, 2022, p. 31). O gesto de juramento aponta para a aceitação ou para a aliança com um projeto, pelo qual se busca consumir a vida. Nessa perspectiva, a partir de dados coletados dos Evangelhos, constatamos que o modo de agir de Jesus reflete uma aliança celebrada entre Ele e o Pai. Do trecho de Jo 6,38 colhemos o seguinte testemunho, que elucida o que por ora afirmamos: "...pois desci do céu não para fazer minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.". Jesus é então o espaço, o sinal que Deus escolhe para se revelar sacramentalmente a toda a sua criação. Por isso,

> Se de fato a liturgia é um complexo de sinais sensíveis, e sob o véu desses sinais e através deles se realiza em nós, hoje, o sentido da história sagrada como comunicação da vida divina que Deus, por Cristo, nos faz e como nossa resposta à ação de Deus em Cristo, é fácil intuir que as consequências para o modo de penetrar e viver a liturgia depende do modo de se aproximar do mundo dos sinais. (VAGAGGINI, 2009, p. 57).

Sendo Jesus o fundamento de toda a fé cristã, é ele uma realidade sacramental para toda a *Ecclesia orans*. A Igreja que se reúne para celebrá-lo, como um mistério que se atualiza na

[66] "Dios es percebido por el hombre en la direccionalidad de la realidad en el "hacia" como su fundamento constituyente. A religación al poder de lo real y a su Fundamento, o Dios dándose en las cosas, el hombre puede contestar entregándose a la Realidad fundamentante."

história, o faz a partir da intelecção que é partindo da realidade Cristo que ela é chamada a anunciar o Reino.

> A realidade Cristo é uma realidade invisível, existente no mundo desde o princípio porque, "nele que foram criadas todas as coisas [...]. Ele é a cabeça de tudo o que existe, ele é o primogênito de toda criatura" (Cl1,15-16); portanto, é aquele que guia, que move, que está no princípio da criação. A criação não o vê, não o sente, mas ele é o primeiro e está na criação. (MARSILI, 2010, p. 76).

A presença de Jesus desde o princípio da criação nos ajuda a perceber a presença da Trindade, que envolve toda a história da salvação. Pois não é possível discorrermos sobre Jesus, como sinal sacramental de Deus, se não fazemos referência ao Espírito, que dinamiza a criação. A encarnação de Jesus se concretizou por obra do Espírito Santo. Ela é o sinal de uma presença que revela alguém que desde o princípio estava com Pai, em vista da salvação de todo o seu povo. Marsili em um estudo sobre os sinais de Cristo assevera:

> A presença revelada: NT Cristo diz: "Eis que estou no meio de vós" (Mt 28,20); no AT Deus havia dito: "Eu estarei no meio de vós" (Êx 29,43). Há muitos modos de estar "no meio de vós". Em determinado momento Deus opera isso de modo visível: "Vós podeis me ver [...] Quem me vê, vê o Pai". (Jo 14,9) (MARSILI, 2010, p. 77).

A encarnação de Jesus na história da salvação dá a ela um caráter sacramental. A liturgia por meio de gestos, palavras, símbolos e sinais celebra essa presença, que se atualiza em cada momento que a comunidade se reúne para fazer chegar ao Senhor o seu louvor, por meio de Cristo, no Espírito. Por meio do Filho, no Espírito, o Senhor se comunica com o criado, estabelece um diálogo que revela sua presença no mundo.

> Sem dúvida, a linguagem mais perfeita de Deus Pai é esse diálogo com o homem mediante símbolos, o que se cumpriu por intermédio de seu Filho Único feito homem que viveu nossa vida em nosso mundo. A Palavra de Deus Pai não é apenas o que Jesus disse verbalmente, mas também os gestos de amor que realizou entre os homens. (FERNÁNDEZ, 2011, p. 89).

Os gestos de Jesus são expressões da misericórdia de Deus para com a sua criação. Esses revelam o desejo do Senhor de sempre, por meio do Filho, comunicar-se com sua criação. De santificá-la no seu amor e redimi-la no seu eterno desejo de salvá-la.

A presença de Jesus no mundo, como expressão sacramental do Pai, é sinal de uma aliança entre o Abbá e toda a sua criação. Deus é mistério sobre o qual nunca poderemos tudo falar.

> Esse mistério de salvação cristaliza-se no tempo, quando Deus decide salvar o homem por meio do homem; Ele escolheu um povo, a fim de que fosse mensageiro dessa salvação e levasse a todas as nações o anúncio do único Deus que salva; mas esse povo não seguiu o caminho indicado por Deus para redimir o homem; e, no último esforço de seu amor paternal, enviou-nos nada menos que seu Filho, a Palavra eterna tornada carne, para que com sua obra salvadora nos resgatasse do mal, recuperando a humanidade para a participação na glória de Deus Pai. (FERNÁNDEZ, 2011, p. 91).

Como podemos observar Jesus é o sacramento do Pai, na história. Ele não age por si mesmo, mas sua vida é marcada por gestos contínuos de obediência àquele que o enviou. É através desses gestos de obediência que Jesus atua na história, como enviado do Pai, a fim de congregar um único povo, para Deus. Por isso, "a função de ser sacramento do Pai passou de Jesus à Igreja, permanecendo essa como sacramento universal de salvação". (FERNÁNDEZ, 2011, p. 91). Sendo assim, o que agora nos colocamos como tarefa é o apontamento de alguns elementos que nos ajudam a entender as primeiras comunidades como expressão da realidade sacramental de Cristo. Pois é missão da Igreja transmitir a vida nova, que nos vem daquele que esvaziando-se de si mesmo, entregou a sua vida para que nele encontrássemos a verdadeira vida.

## 2.3 A comunidade cristã como expressão da sacramentalidade de Cristo

A partir do sacramento original que é Cristo, torna-se possível inteligir toda a sacramentalidade do corpo eclesial, que é a comunidade cristã, a qual é formada pela multiplicidade de membros, que tendo o Cristo como cabeça, sob o impulso do Espírito, caminha neste mundo, buscando realizar a tarefa de construção do reino de Deus. (VAGAGGINI, 2009, p. 289). Desse modo, "a Igreja é o povo reunido por Deus para lhe render culto". (TORREL, 2014, p. 17). A comunidade eclesial encontra na liturgia a força, para a realização de tão importante tarefa.

> A liturgia é o grande rio no qual confluem toda a energia e a manifestação do mistério, de quando o corpo do Senhor vivente junto ao Pai continua sem interromper a conceder aos homens na Igreja para dar-lhes a vida. A liturgia não é uma realidade estática: uma recordação, um modelo, um princípio de ação, uma expressão de si ou uma invasão angélica. Essa supera os sinais nos quais se exprime e eficácia que se pode perceber. Não é reduzida às suas celebrações embora esteja presente inteiramente[67]. (CORBON, 2003, p. 282, tradução nossa).

Na sua essência a comunidade eclesial é missionária. Dos primórdios aos tempos hodiernos, coube sempre a ela a tarefa de evangelizar. Nesse processo de evangelização ela age como mistagoga, pois é tarefa sua conduzir toda a humanidade ao coração do mistério que é o próprio Cristo, celebrado e atualizado em cada ação litúrgica, que recorda o seu mistério pascal e o atualiza, por *ritus et preces* na *historia salutis*. Por isso,

> a assembleia aqui significa convocação, reunião e celebração eficaz em Cristo Senhor, morto e ressuscitado, do povo de Deus como organismo vivo composto de vários membros hierarquicamente estruturados. Na assembleia todos são autores, parte de um todo; mas cada um no seu lugar, no seu tempo e na sua função, sem usurpar o que diz respeito a outros, mas sem isolar-se dos outros nem materialmente, nem espiritualmente. (VAGAGGINI, 2009, p. 257).

Ao exercer sua tarefa missionária, a Igreja revela a realidade do mistério pascal, como expressão de Jesus, por isso, sua presença no mundo faz dela sinal sacramental de salvação. No número 48, da *Lumen Gentium*, tal afirmação se torna mais evidente:

> Quando foi levantado na terra, Cristo atraiu a si todos os homens (cf. Jo 12,32); ressuscitado de entre os mortos (cf. Rm 6,9), enviou sobre os apóstolos o seu Espírito vivificador e, por meio dele, constituiu o seu corpo, que é a Igreja, como sacramento universal de salvação; sentado à direita do Pai, atua continuamente no mundo para conduzir os homens à Igreja e por ela os unir mais estreitamente a si, e para, alimentando-os com o próprio corpo e sangue, os tornar participantes de sua vida gloriosa".

A sacramentalidade da comunidade cristã, como podemos observar, tem seu fundamento nos eventos pascais. A comunidade é continuadora de Cristo, por isso, guiada pelo

---

[67] "La liturgia è il grande filme nel quale confluiscono tutte le energie e le manifestazioni del mistero, da quando il corpo del Signore vivente presso il Padre continua senza sosta a essere 'consegnato' agli uomini nella chiesaper dar loro la vita. La liturgia non è uma realtà statica: um recordo, un modello, un principio d'azione, um'espressione di sé o un'evasione angelica. Essa supera i segni nei quali si esprime e l'efficacia che se ne può percepire. Non è riducibile alle sue celebrazioni, benchè vi sia presente interamente."

seu Espírito, cabe a ela conduzir todos a um encontro com o seu Senhor. O número apenas acima citado da *Lúmem Gentium* ainda continua afirmando:

> Unidos, pois, a Cristo, na Igreja, e marcados pelo selo do Espírito Santo, 'que é penhor da nossa herança' (Ef 1,14), chamamo-nos e na realidade somos filhos de Deus (cf. 1Jo 3,1), mas aparecemos ainda com Cristo na glória (Cl 3,4), na qual seremos semelhantes a Deus, porque o veremos tal como ele é. (cf. 1Jo 3,2).

No exercício de sua vida missionária a Igreja também vigia, até que se chegue o dia em que todos desfrutarão do banquete nupcial definitivo, o dia em que todos serão contatos como os benditos do Pai. Enquanto percorre esse caminho, a Igreja com penhor e profetismo realiza a tarefa de revelar por meio de gestos e sinais da liturgia a presença transformadora da Trindade no mundo em que habitamos. "A liturgia não é tudo na vida da Igreja, mas, nela, é o centro, o princípio e o fim de tudo". (BUCCIOL, 2020, p. 37).

Como evangelizadora a Igreja tem a consciência de que toda a sua missão nasceu de três momentos importantes da história da salvação, ligados à vida de Jesus, isto é, da sua paixão-morte na cruz, da sua ressurreição e da vinda do seu Espírito sobre sua comunidade. É a partir desses três eventos pascais que a Igreja exerce sua missão de mãe e mestra. A exemplo de Cristo cuida e forma seus membros. A Igreja forma, por meio dos seus ritos e preces. (BIFFI, 2022, p. 38), verdadeiros discípulos do Senhor, quando estes são vividos de um modo mistagógico.

> O rito não é o Evento sagrado e o rito não é a vida: essa afirmação permanece verdadeira mesmo depois de todas essas reflexões. Mas, é exatamente esse "ser outro" do rito a garantir uma relação significativa entre vida salvada e Evento de salvação. Na verdade, a nossa relação com a Páscoa e a nossa relação com a vida não é jamais uma relação direta e imediata. Propriamente, essa junção – a da nossa relação com o Evento da Páscoa e com uma vida cristã – é o terreno em que o rito se torna necessário e precioso, graças ao seu especial modo de agir com autoridade. (GRILLO, 2017, p. 50).

O cuidado da Igreja para com os seus membros, revela a força da sua sacramentalidade.

> Para celebrar, o ser humano precisa de cerimônias, de símbolos. Somos corpo e alma, sentidos e espírito. Portanto, podemos nos expressar somente através do nosso ser total! E, como sentimos a necessidade de espiritualizar o que é material, do mesmo jeito, precisamos corporalizar o que é espiritual. Por isso a necessidade dos símbolos. (BUCCIOL, 2020, p. 51).

Todavia, faz-se mister recordar que a Igreja não realiza sua missão por si mesma, mas é ela toda perpassada pela força da Trindade. Aliás é pela Trindade que temos acesso à Igreja, e é por meio dela que tomamos consciência de nossa filiação divina, que nos faz membros de um corpo e ao fazermos parte desse corpo, somos exortados a perseguir e realizar os mesmos gestos e sinais de Cristo. Por isso:

> O rito litúrgico, então, não visa a tornar pesada a relação direta entre Cristo e o cotidiano, mas pretende ser o elemento unificador, o *médium*, que põe em comunicação os dois "polos" na comunhão que acontece entre "uma vez por todas" e o "aqui e agora". Para realizarmos isso, porém, o rito deve assumir toda a riqueza da própria bagagem de linguagens, códigos e mensagens, porque, exatamente assim – com todos esses "acidentes contingentes" – vê realizado o essencial; graças às "espécies", crê presente a "substância". (GRILLO, 2017, p. 51).

A dignidade de sermos filhos de Deus não nos coloca acima das outras pessoas, mas desperta em nós o compromisso com a ampliação cada vez maior do *sensus fidelium*. Somos parte da videira, e não o tronco. Somos ramos, mas o tronco é o próprio Cristo, que por meio do Espírito anima e encoraja a comunidade cristã a ser sinal da sua presença no mundo.

> Quando celebramos a liturgia nós entramos em contato intenso e único com a totalidade de nossa vida, com aquele que é o Senhor digno de ser adorado, com todos os homens encontra-se na comunhão do Pai, com o mundo reconciliado e com o tempo libertado: nós vivemos, em verdade e o que seremos eternamente é já manifestado e antecipado no Espírito[68]. (CORBON, 2003, p. 209, tradução nossa).

A Igreja como mãe, na sua tarefa de ser expressão de sacramento da salvação, cuida como pastora para que todos encontrem em Cristo o sentido mais profundo do seu existir, enquanto comunidade que peregrina, para o encontro definitivo com o seu Senhor.

> A liturgia tem um dinamismo escatológico como a fé; mais propriamente: a história da salvação, cuja aceitação com todas as suas implicações coincide com a fé e cuja a celebração consiste na liturgia, se faz no mundo, mas para o além; é sensível, mas ordenada ao invisível; é exposição conceptual voltada para a visão e pregustação e ainda espera da plena celebração "na santa cidade de Jerusalém para a qual tendemos". (BIFFI, 2022, p. 35).

[68] "Quando celebriamo la liturgia noi entriamo in contato intenso e único con la totalità della mostra vita, com colui che ne è il Signore degno di essere adorato, com tutti gli uomini ritrovati nella comunione del Padre, com il mondo riconciliato e com il tempo liberato: noi viviamo, in verità, e ciò che seremo eternamente è già manifestato e pregustato nello Spirito."

O cuidado da Igreja, não pode de modo algum revelar-se por meio de atitudes proselitistas, mas por um fatigoso trabalho de despertar todos para uma consciência profunda do que é verdadeiramente configurar-se a Cristo. E uma das formas que a Igreja encontra para conduzir os seus membros a Cristo é por meio da sua *lex orandi*.

> O rito modifica o cotidiano, distinguindo-o e salvando-o do banal, porque distancia dele a repetitividade e assim manifesta a liberdade na sua substância de graça; ao mesmo tempo, reestrutura a relação com o Evento, distinguindo-o e salvando-o da "distância", porque o aproxima da verdade e torna possível a sua participação, descobrindo na graça uma liberdade. (GRILLO, 2017, p. 51).

No processo de evangelização o caminho de configuração a Cristo se dá pelo despertar de uma consciência do que de fato é viver verdadeiramente a fé. Pois, a fé não é algo que nos tira da realidade, mas é uma força que nos conduz a um encontro profundo e transformador com o mistério, que é o próprio Cristo. "A participação na ação sagrada equivale ao aperfeiçoamento da aceitação da fé ao seu exercício, que a faz passar um nível mais alto de realismo e de eficiência". (BIFFI, 2022, p. 37). O documento de Aparecida é muito audacioso e estimulador, quando em muitas de suas páginas afirma que o verdadeiro discipulado de Jesus nasce de um encontro profundo com a sua pessoa. A vida litúrgica da Igreja é responsável por promover o encontro entre o mestre e sua comunidade. Esse encontro nos ajuda a inteligir que: "Deus 'brotando' ou dando de si cria as coisas entrando, por assim dizer, na essência delas sendo constitutivamente e formalmente fundamento das coisas"[69]. (NIZINSKI, 2016-2018, p. 75, tradução nossa).

Todo encontro gera inquietações, inseguranças e seguranças. Por isso, ao deixar-se encontrar por Jesus, a Igreja permite-se moldar pela força do evangelho que é o próprio Cristo. "A liturgia é, antes de mais nada, esse dom do Espírito do Senhor através dos sinais, que não se compreendem a partir de nossa possibilidade e de nossa necessidade, mas da palavra, da vontade e da instituição que se encontra em Jesus Cristo". (BIFFI, 2022, p. 43). A mensagem evangélica, que a Igreja deve comunicar com seu testemunho, a estimula sempre a viver a experiência de ser uma comunidade eclesial *semper reformanda*, isto é, estando no mundo, não se deixa absorver por ele, mas sabe encontrar nele um espaço, um *locus theologicus* da revelação de Deus. A sua presença no mundo não revela a si mesma, mas o seu alicerce

[69] "Dios "brotando" o dando de sí crea las cosas entrando, por así decirlo, en la esencia de ellas siendo constitutivamente y formalmente fundamento de las cosas."

trinitário. Daqui advém sua força sacramental. Pois, “na realidade, a Igreja torna manifesto o sacramento a partir daquilo que ela é e que vive e revela: ou seja, a unidade com Cristo e a experiência no Espírito”. (BIFFI, 2022, p. 162).

Nesse sentido a Igreja precisa dar passos largos. Talvez hoje ela ainda não tomou consciência da sua missão sacramental no mundo, que se encontra além da celebração dos sete sacramentos. Hoje, mais do que nunca, a Igreja precisa formar-se para a consciência de que sua presença sacramental no mundo, responde a uma tarefa profética. Entretanto, falar do caráter profético sacramental da comunidade eclesial pode até gerar um mal-estar para aqueles que talvez estejam acostumados com uma fé muito mais anestésica do que expressão da continuidade da inquietante missão de Jesus. O Documento de Aparecida no número 99d nos assevera:

> Na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral, persistem também linguagens pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens. Muitas vezes as linguagens utilizadas parecem não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por amplo pluralismo social e cultural. As mudanças culturais dificultam a transmissão da fé por parte da família e da sociedade.

A comunidade eclesial como sinal sacramental de Cristo é no mundo provocadora de diálogo. Motivadora de discussões que conduzem à geração de uma nova terra e um novo céu. Promotora de novos tempos, onde a fé interpela a irmos ao encontro do outro, e a nos deixarmos interpelar pelos desafios da missão e pelos apelos do Espírito, que se comunica com todos através de gestos e sinais. “O culto litúrgico é rico de profunda sensibilidade, de uma vida afetiva de expressão forte e por vezes apaixonada”. (GUARDINI, 2017, p. 20).

Na esteira do Concílio Vaticano II, afirmar a sacramentalidade da comunidade cristã nos leva a entendê-la como continuadora da missão salvadora de Jesus. Tal obra se realiza por meio da liturgia. A Constituição Conciliar sobre a vida litúrgica da Igreja, *Sacrosanctum Concilium*, nos ajuda no número 6 a compreender tal afirmação:

> Como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também ele enviou os apóstolos, cheio do Espírito Santo, não só porque, pregando o Evangelho a todos os homens anunciassem que o Filho de Deus com a sua morte e ressurreição nos livrou do poder de satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas também para que levassem a efeito, por meio do sacrifício e dos sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica, a obra de salvação que anunciavam. Assim, pelo batismo, os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo:

> com ele mortos, sepultados e ressuscitados; recebem o espírito de adoção de filhos, "no qual clamam: 'Abbá, Pai'" (Rm 8,15), e se tornam assim verdadeiros adoradores que o Pai procura. Do mesmo modo, toda vez que come a ceia do Senhor, anunciam a sua morte até que venha. Por esse motivo, no próprio dia de Pentecostes, no qual a Igreja se manifestou ao mundo, "os que receberam a palavra" de Pedro "foram batizados". E "perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comum fração do pão e na oração... louvando a Deus e sendo bem-vistos por todo o povo" (At 2,41-47). Desde então, a Igreja jamais deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal: lendo "tudo quanto nas Escrituras a ele se referia" (Lc 24,27), celebrando a Eucaristia na qual se representa a vitória e o triunfo de sua morte" (2Cor 9,15) em Cristo Jesus, "para louvor de sua glória" (Ef 1,12) por virtude do Espírito Santo.

O Mistério Pascal celebrado e atualizado pela liturgia é o fundamento de toda sacramentalidade da comunidade eclesial. Pois, ao mesmo tempo que ela é continuadora de Cristo, por meio de suas ações litúrgicas, ela atualiza o Mistério Pascal. Por isso, é correto afirmarmos que toda ação da Igreja tem como fundamento o sacramento original que é Cristo. "O mistério é algo mais que uma ideia secreta ou um pensamento que tem sua sede na mente. O mistério é o desígnio universal de salvação do Pai, revelado ou realizado em Jesus Cristo". (BELLOSO, 2008, p. 44).

Desse ponto, se consegue inteligir porque, à luz dos ensinamentos conciliares podemos pensar a comunidade eclesial como expressão sacramental de Cristo. Um dos grandes méritos do Movimento Litúrgico, que até os nossos tempos ainda continua sua ação em favor da renovação da vida litúrgica da Igreja, foi o de recuperar a Teologia do Mistério Pascal, amadurecida e tão bem experimentada pelas comunidades primitivas.

> É preciso sublinhar que o mistério, mesmo tendo sido revelado, permanece velado. O mistério cristão não é plena e pura manifestação daquilo que torna patente de maneira "aberta" – "hegeliana" – como a plena luz do meio-dia, mas que *re-vela* de fé em fé. Quando se revela, volta a se ocultar. *Reve-la*-se ocultando-se, oculta-se revelando-se. O mistério nunca perde a sua raiz escatológica. Por isso, somente no Reino de Deus se manifestará sem sombra, quando Deus e Cristo serão tudo em todos (1Cor 15,28; Cl 3,11). Na Terra, a manifestação não *des-vela* totalmente o mistério escatológico, escondido na luz invisível de Deus. (BELLOSO, 2008, p. 45).

A recuperação desta teologia nos ajuda a compreender que em cada ação da comunidade eclesial ela tudo faz em memória de Cristo. Por isso, quando nós a pensamos como expressão sacramental de Cristo, afirmamos que todas as suas ações, quando estão verdadeiramente em sintonia com o evangelho, elas atualizam a presença do Verbo encarnado no mundo, pois elas

são uma resposta ao seu pedido naquela ceia derradeira: "fazei tudo em minha memória". "A liturgia, própria através do exercício da sensibilidade, desvela ao homem o mistério divino presente nos eventos históricos salvíficos"[70]. (BONACCORSO, 2012, p. 179, tradução nossa).

A retomada da Teologia do Mistério Pascal está unida à compreensão de que, no seio da Teologia Cristã, o mistério é Deus, que por intermédio do Filho se desvela à humanidade. É então a comunidade cristã o espaço concreto desse desvelamento. Desse modo, aqui se supera a ideia de que o mistério é aquilo que se oculta. No introito da Constituição Dogmática sobre a revelação *Dei Verbum*, encontramos a seguinte afirmação:

> Este sagrado Concílio, ouvindo religiosamente e proclamando com desassombro a Palavra de Deus, obedece ao dito de São João: "Nós vos anunciamos esta Vida eterna que estava voltada para o Pai e que nos apareceu: o que vimos e ouvimos, vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o Filho Jesus Cristo" (1Jo 1,2-3). Por isso, seguindo os Concílios Tridentino e Vaticano I, pretende propor a genuína doutrina sobre a Revelação divina e a sua transmissão, para que, ouvindo o anúncio da salvação, o mundo inteiro creia, crendo espere, esperando ame.

A partir desse texto é possível compreender que a Igreja transmite o mistério de Cristo como uma realidade que se atualiza nas ações, gestos e palavras engendrados pelos membros da comunidade eclesial. Assim sendo, podemos afirmar que a Igreja continua a memória de Cristo, até o dia em que todos se encontrarem na casa do Pai, daqui advém seu caráter escatológico. Por isso, a celebração é "a reunião para atualizar e receber o mesmo que se comemora, o Mistério Pascal de Cristo". (BELLOSO, 2008, p. 85).

Nesse sentido a realidade sacramental da Igreja recorda sempre aos seus membros que sua razão de ser está na pessoa de Jesus Cristo, que por meio do seu Espírito, move todos os membros da Igreja, a fim de que essa testemunhe a presença do Reino. Este Reino não acontece por meio de um ato mágico, mas pelos gestos, ações e atitudes da comunidade, que pouco a pouco se compreende como sacramento de salvação. Como já apontamos, essa tarefa da Igreja não faz dela um tribunal, ao qual cabe selecionar aqueles que participam do mistério e aqueles que devem ser excluídos dele. Mas cabe a ela mistagogicamente conduzir a todos ao coração do mistério de Cristo.

---

[70] "La liturgia, próprio attraverso l'esercizio della sensibilità, scopre all'uomo il mistero divino presente negli eventi storico-salvifici."

> O mistério é percebido quando se crê na fé, de tal maneira que, na medida em que alguém tem fé e na medida em que cresce a fé simples e luminosa, nasce e cresce a manifestação do mistério. É preciso lembrar a oração de Jesus: "Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, por teres ocultado isso aos sábios e aos inteligentes e por tê-lo revelado aos pequeninos. Sim Pai, foi assim que dispuseste na tua benevolência". (Mt 11,25; Lc 10,21). (BELLOSO, 2008, p. 45).

A ela cabe a essencial tarefa de tentar reunir a todos, e reunião formar todos para Cristo. Cabe então à Igreja que é sinal sacramental de Cristo, promover a comunhão que se dá no respeito à diversidade. Pois muitos são os modos de Deus se aproximar de seus filhos e diversas também são as maneiras com as quais a comunidade pode revelá-lo ao mundo.

> Por isso, celebrar não é apenas uma reunião festiva por ocasião de um acontecimento favorável. É muito mais que isso: é a atualização do chamado, da presença e da ação de Deus em seu povo. É a atualização da Aliança da qual Deus tem a iniciativa. A celebração é a comunicação de Deus aos homens e o serviço dos homens a Deus. (BELLOSO, 2008, p. 82).

O pensamento teológico que nasce a partir do Concílio Vaticano II testemunha uma busca de diálogo com o mundo contemporâneo. A Constituição Conciliar sobre a presença da Igreja no mundo, *Gaudium et Spes* no número 1 afirma:

> As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo: e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no coração. Porque a sua comunidade é formada por homens que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história.

A Igreja testemunha sacramentalmente a presença do mistério cristão no mundo, no exercício do sacerdócio batismal. A nova teologia conciliar não apresenta a comunidade dos discípulos como opositora do mundo, mas como um caminho propositivo para se alcançar novos tempos. Esse caminho propositivo se torna possível quando seus membros se deixam guiar pelo Espírito. O qual foi prometido aos primeiros discípulos, pelo próprio Cristo, antes do seu retorno ao Pai.

Sob o impulso do Espírito à comunidade comunica o mistério, por meio de gestos, palavras e sinais. O mistério torna-se conhecido e amado pela comunidade, que o continua

sacramentalmente no mundo. Porque para a comunidade cristã: “A celebração da Cruz e da Ressurreição de Jesus, o Cristo, longe de nos alienar, é uma força que nos impulsiona no verdadeiro caminho em direção ao Reino de Deus”. (BELLOSO, 2008, p. 82).

Desse modo, para comunicar e tornar real a presença de Cristo no mundo, os membros da comunidade eclesial são exortados a formarem um único corpo. Esse ser um só corpo a serviço do anúncio da realidade do Mistério Pascal exige da comunidade cristã a fomentação da consciência de que todos os seus membros fazem parte do povo de Deus. “Atualmente, dizer ‘povo de Deus’ é se referir a uma pluralidade difícil de enquadrar num esquema ideológico”. (BELLOSO, 2008, p. 163). Assim sendo, o que agora desejamos é tratar da temática da *Ecclesia*: como sinal da sacramentalidade do corpo místico do Senhor.

## 2.4 A *Ecclesia:* expressão da sacramentalidade do Corpo Místico do Senhor

Um termo que ainda gera alguma confusão na compreensão do que venha ser a Igreja é quando a definimos como corpo místico de Cristo. Todavia, para assim compreendê-la, faz-se necessário evidenciar a nova eclesiologia propalada a partir do Concílio Vaticano II, que nos ajudará a pensar até mesmo o processo de renovação da vida litúrgica da Igreja. Paranhos, recuperando um autor que no campo da Ciência Litúrgica tratará da temática do corpo místico antes do Vaticano II se expressará:

> Para Casel, a Igreja é corpo místico de Cristo, que realiza a si mesmo no culto que oferece ao Pai. O sujeito de cada ação litúrgica é, portanto, o corpo de Cristo. E é justamente isso que confere à liturgia superioridade em relação às outras devoções ou pias práticas. É na liturgia que acontece a presença ativa e vivificante do Senhor ressuscitado. Por meio da liturgia, de fato, o mistério de Cristo torna-se o mistério da Igreja, e a Igreja existe no tempo e no espaço como mistério de Cristo. (PARANHOS, 2022, p. 137).

Na Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, a comunidade eclesial será definida como povo de Deus. Essa definição nasceu de um processo engendrado por movimentos, que no final do século XIX e no decorrer do século XX refletiram, a partir do contato com algumas fontes cristãos antigas, a necessidade de promover no seio da Igreja algumas mudanças, para tornar sua vida litúrgica, teológica e pastoral mais dinâmica. As transformações pelas quais a Igreja irá passar, terão por escopo gerar em seus membros uma

nova consciência eclesial. Por isso, como parte do povo de Deus, na diversidade dos carismas, todos os membros da Igreja são chamados a testemunhar Jesus Cristo.

> O povo Santo de Deus também participa da missão profética de Cristo: quando lhe dá testemunho vivo, especialmente por uma vida de fé e de caridade, e quando oferece a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que glorificam o seu nome (cf. Hb 13,15). A totalidade dos fiéis que receberam a unção que vem do Espírito Santo (cf. 1Jo 2,20.27), não pode enganar-se na fé, e manifesta essa sua propriedade característica através do sentido sobrenatural da fé do povo inteiro, quando desde os bispos até aos últimos fiéis leigos exprime o seu consenso universal a respeito das verdades de fé e costumes. (LG n. 12).

O apóstolo Paulo, de uma forma magistral recorda em diversas passagens de suas cartas a doutrina do Corpo Místico do Senhor. (cf. 1Cor 12,12; Cl 1,18; Ef 5,23; Rm 12,4-5). Em cada uma destas passagens o apóstolo dos gentios recorda, que sendo formada por muitos membros, a Igreja é comparada a um corpo cuja cabeça é o próprio Cristo. No corpo cada membro exerce uma função, todavia, as funções se harmonizam entre si, pois existe um único cérebro, encarregado de manter a harmonia entre os membros do corpo. A harmonia da vida eclesial se dá pois em torno de Cristo, princípio unificador de toda obra missionária da Igreja.

Ao comparar a Igreja a um corpo, Paulo indica que a harmonia dos membros da comunidade eclesial, que se dá a partir da diversidade, é um sinal concreto de unidade a cabeça deste corpo, que é Cristo. A unidade que se dá a partir da valorização das diferenças, coloca em evidência a dimensão sacramental deste corpo místico. Na ação litúrgica isto se evidência, quando inteligimos que na liturgia todos devem participar, entrando no mistério por meio dos gestos, símbolos, palavras e sinais.

> Nela, através do instrumento e do véu dos sinais sensíveis, Deus santifica a Igreja, por meio de Cristo, sua cabeça, e a Igreja, unida a Cristo, presta o seu culto a Deus associando-se ao culto que Cristo presta ao Pai e fazendo-o seu e fazendo também Cristo mesmo objeto do seu culto. A liturgia, desse modo, aparece como lugar privilegiado de encontro entre o homem e Deus no qual o homem, por meio de Cristo mediador e cabeça, de posse do Espírito Santo, recebe todo bem do Pai e retorna ao Pai na viva e concreta atuação em si do mistério de Cristo, da história sagrada, da Igreja e da unidade de todo o cosmos. (VAGAGGINI, 2009, p. 439).

Porém, esse corpo místico é expressão em primeiro lugar do povo de Deus. O termo povo de Deus, como já procuramos evidenciar, foi recuperado pelo Concílio Vaticano II. A sua recuperação, para definir o que venha ser a comunidade eclesial, é o sinal mais concreto pela

busca da construção de um pensamento eclesiológico, capaz de dialogar com o mundo contemporâneo e com os desafios que se colocam para a pessoa de fé. Tal esforço podemos constatar desde a publicação da *Lumen Gentium* até os nossos dias.

> Com a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a Igreja expressa a compreensão de si mesma e proporciona muitas luzes para que os fiéis entendam e vivam a e da liturgia. Na *Lumen Gentium*, a Igreja manifesta a consciência de ser corpo e o sacramento de Cristo, que é sua cabeça. Celebrando-o na liturgia, o Mistério Pascal se torna presente de forma sacramental, uma vez que toda liturgia é uma realidade sacramental. (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 33)

Faz-se mister ressaltar aqui o exercício da Igreja, em dialogar com o mundo contemporâneo, pois é neste mundo que ela existe de forma sacramental, isto é, como reveladora e comunicadora do evangelho. Por isso, todos aqueles que nela entram, por intermédio do batismo, são chamados a estarem ligados ao tronco da videira, que é o próprio Cristo. (cf. Jo 15,1ss.). A unidade dos membros da comunidade a Cristo se expressa concretamente por intermédio da vivência da doutrina do corpo místico do Senhor. "A Igreja tem consciência de ser o corpo e o sacramento de Cristo; Ele é sua cabeça. O Mistério Pascal é celebrado e se torna presente na liturgia de forma sacramental; por isso, toda liturgia é uma realidade sacramental". (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 34).

Entender a Igreja apenas como corpo místico do Senhor pode nos fazer incorrer no erro de pensá-la de uma maneira estática. Todavia, quando unimos esse conceito teológico ao conceito do povo de Deus, damos movimento a esse corpo. Nos últimos tempos, temos escutado falar da necessidade da construção de uma Igreja em saída. Os fundamentos dessa Igreja encontram-se nessas duas expressões povo de Deus e corpo místico. Isso porque, "para alcançar a comunhão eclesial, os cristãos devem partir de Cristo". (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 36).

A expressão povo de Deus recorda que a comunidade eclesial tem uma característica exodal. Na tarefa de revelar o Cristo ao mundo, ela percorre muitos caminhos, entra em contato com realidades diversas, e atualiza a mensagem do evangelho que é Cristo, nas diversas culturas onde ela se estabelece. Todavia, sendo também um corpo, essa Igreja está sempre em movimento, mas esse movimento somente acontece quando, no exercício da sua missão, ela sabe respeitar e valorizar a riqueza da diversidade, representada por todos os seus membros, os

quais são unidos e movidos por uma única cabeça que é o Cristo. Assim sendo, "a Igreja que nasce na comunhão da Trindade, em Cristo e pelo Espírito, torna-se louvor e missão de amor; sem esquizofrenias e unilateralismos. A fé que professamos pede para ser celebrada e testemunhada na liturgia e na vida". (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 95).

No desdobrar de sua história, a Igreja vive momentos de avanços e retrocessos. Luzes e trevas que podem ser observadas no exercício de sua missão. Entretanto é importante ressaltar que o Espírito, de muitos modos, a interpela nos seus mais de dois mil anos. Assistimos em vários momentos da sua construção histórica que em algumas fases a Igreja se deixou interpelar pelo Espírito, em outras preferiu se colocar na defensiva. Porém, é importante recordar que o ser expressão sacramental do corpo místico do Senhor exige dela profetismo. Boselli nos ajuda a entender a vocação profética do povo de Deus a partir das ações litúrgicas quando afirma: "na verdade, a liturgia, como sábia pedagoga, educa o cristão a ir além da própria liturgia, a fim de alcançar, na oração, a comunhão com Deus". (BOSELLI, 2017, p. 160).

O profetismo na Igreja se revelou de muitos modos. Em alguns momentos da sua história ele foi mais pontual, em outros ficou mais arrefecido, até mesmo oculto. O que importa aqui é colocar em evidência que dos primórdios aos tempos hodiernos a Igreja sempre viveu essa sua importante dimensão, à luz de uma pneumatologia que sempre procurou animar e colocar a Igreja em movimento. Pois,

> na história da salvação existe uma relação estreita e íntima entre Jesus Cristo e o Espírito Santo, pois ambas as pessoas se relacionam. A presença do Espírito supõe sempre o amor do Filho, o qual, feito carne por obra do Espírito Santo, faz que se retorne sempre ao Espírito"[71]. (MAQUEDA, 2012, p. 103, tradução nossa).

O Espírito que move a comunidade eclesial, por meio das ações celebrativas e pastorais, faz o mundo ver a Igreja como sacramento de Cristo, expressão de caridade libertadora, que emerge de uma mística que exige silêncio, experimentado sobretudo por intermédio da liturgia. "A palavra liturgia, no Novo Testamento, é empregada para designar não somente a celebração do culto divino, mas também o anúncio do Evangelho e a caridade em ato". (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 96).

---

[71] "En la historia de la salvación existe uma relación estrecha e íntima entre Jesucristo y el Espíritu Santo, pues ambas personas se relacionan. La presencia del Espíritu supone siempre el amor del Hijo. El cual, hecho carne por obra del Espíritu Santo, hace que se retorne siempre al Espíritu."

No livro dos Atos dos Apóstolos encontramos o retrato da primeira comunidade. (At 2,42-47). O que está registrado sobre essa comunidade nas Sagradas Escrituras foi sempre o ideal a ser buscado por todas as outras comunidades. É interessante que nas páginas do Novo Testamento a comunidade cristã encontra o ideal que deve animar a vida comunitária de todos os discípulos do Senhor. Pois, se as primeiras comunidades receberam a missão de formar um só corpo, como povo de Deus, a fim de continuar os passos de Jesus, precisamos anotar que as comunidades de hoje, respondendo aos desafios do nosso tempo, também recebem a mesma tarefa missionária. (JIMÉNEZ, 2000, p. 505). Porém, isso exige da Igreja criatividade profética, pois, "evangelizar hoje, na liturgia e por meio dela – como nas outras dimensões do testemunho da fé e da vida eclesial -, pede uma renovada consciência para discernir, com sabedoria, coragem e coerência, o estilo mais adequado à missão". (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 105).

A continuação dessa missão não se configura apenas como uma mera repetição dos gestos e palavras de Jesus, mas numa busca criativa de atualizá-lo para o mundo contemporâneo, que apresenta questionamentos pertinentes à teologia e por conseguinte à vida eclesial. A atualização se dá a partir de uma leitura dos desafios propostos a missão, que se realiza em um mundo marcado por grandes transformações, à luz de uma pneumatologia, que nos aponta a possibilidade da continuidade da construção do Reino, nesse tempo que chamamos hoje. Boselli, discorrendo sobre o tema do sentido espiritual da liturgia, assim se expressa:

> Afirmar, com a constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium*, que a liturgia é cume e fonte da ação da Igreja significa ao mesmo tempo tomar consciência de que a liturgia é também cume e fonte do agir ético de cada comunidade cristã e cada fiel individualmente, chamado pela própria liturgia a não esquecer os irmãos que estão com necessidade e todos aqueles que vivem situações de injustiça. (BOSELLI, 2014, p. 164).

São muitos os gestos, palavras e sinais por meio dos quais a *Ecclesia* revela ao mundo a presença sacramental de Cristo. Cada uma dessas presenças deve revelar seu profetismo, pois seu alicerce é o próprio Filho de Deus. A palavra viva e eterna do Pai. Pois Ele, ao assumir a nossa humanidade, armou a sua tenda entre nós, a fim de nos fazer próximos do Pai e, por meio Dele, nos conduzir à plenitude da criação. Por isso, que:

> a celebração da Eucaristia não é só ação sacerdotal de um povo de sacerdotes chamado a oferecer a Deus, em nome de toda a humanidade, a ação por seus dons. Mas, a celebração da Eucaristia é também ação profética celebrada por

> um povo de profetas que, realizando o gesto da *fractio panis* como sinal de partilha, proclama, diante do mundo, em nome de Deus, o dever de compartilhar os dons por ele distribuídos e de partir o pão para saciar o faminto. (BOSELLI, 2014, p. 164).

Cabe então à Igreja, como sacramento de Cristo, através dos seus membros, revelar essa verdade ao mundo. À medida que ela celebra a Eucaristia, por meio de sinais sensíveis, gestos e palavras ela testemunha a presença do Reino. Ela não fala de si mesma, mas revela, através da sua sacramentalidade, Cristo ao mundo. Motivando todos a buscarem a realização da plenitude da vida, que se dá com a realização plena do Reino.

Esse reino é anunciado de diversos modos, entre eles por meio da *lex orandi*. Por meio de suas ações litúrgicas a Igreja atualiza a história da salvação, toma consciência e aprofunda o sentido de sua obra missionária. Porque a Igreja, povo Deus e corpo místico do Senhor, é essencialmente missionária. Desse modo, ela em tudo trabalha não para ser uma comunidade proselitista, mas um espaço no qual vivem pessoas que atraem outras, por intermédio do testemunho.

> Hoje, mais do que nunca, o gesto da *fractio panis* é o grande gesto profético com o qual a Igreja testemunha que o Senhor confiou ao homem que foi tirado da terra os recursos da terra, a fim de que, quem está na abundância compartilhe com os pobres, na solidariedade e na justiça. (BOSELLI, 2014, p. 167).

O testemunho é um elemento essencial para fazer chegar hoje o evangelho ao coração de diversas culturas, sobretudo para a gestação de uma nova evangelização na qual todo o corpo místico é envolvido, protagonizando novas formas de anúncio, que buscam a superação do hiato entre vida e fé. Em muitos países do mundo a fé em Cristo, assiste um declínio, pois a Igreja se distanciou da sua atividade testemunhal, que a faz distante dos princípios evangélicos, o que conduz seus membros a não escolherem o essencial, que é o Cristo, mas a assumir projetos que de um certo modo justificam ações que espezinham a própria existência humana. Com o objetivo de superar essa situação, na *Evangelii Gaudium* número 120, assim se expressa o Papa Francisco.

> Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28,19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num

> esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair anunciá-lo, não pode esperar que lhe dêem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários». Se não estivermos convencidos disso olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: "Encontramos o Messias" (Jo 1,41). A Samaritana, logo que terminou seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus "devido às palavras da mulher" (Jo 4,39). Também São Paulo, depois do seu encontro com Jesus Cristo, "começou imediatamente a proclamar (…) que Jesus era o Filho de Deus". (At 9,20). Por que esperamos nós?

Em tempos hodiernos a Igreja precisa recuperar sua força testemunhal. Tal movimento se faz possível à medida que ela toma consciência do que é de fato ser povo de Deus, corpo místico do Senhor. "Os horizontes imensos da missão eclesial e a complexidade da situação presente requerem hoje modalidades renovadas para se poder comunicar eficazmente a Palavra de Deus (VD n. 97).

Estar sacramentalmente no mundo é exigente para a Igreja. Pois ela precisa estar sempre disposta a rever sua obra missionária, sempre que isso se faça necessário. Quanto mais a Igreja toma consciência da sua missão, à luz do Espírito e da compreensão das Sagradas Escrituras, mais ela se torna capaz de revelar o Cristo ao mundo. De continuar com criatividade a incentivar sua obra missionária. As formas de se pregar o evangelho são as mais variadas, porém existe uma forma que deve ser exercitada por todos e sobre ela nos fala a *Evangelii Gaudium* no número 127:

> Hoje que a Igreja deseja viver uma profunda renovação missionária, há uma forma de pregação que nos compete a todos como tarefa diária: é cada um levar o Evangelho às pessoas com quem se encontra, tanto aos mais íntimos como aos desconhecidos. É a pregação informal que se pode realizar durante uma conversa, e é também a que realiza um missionário quando visita um lar. Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isso sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho.

A consciência do corpo místico como expressão da sacramentalidade da *Ecclesia*, foi um dos grandes passos dados, pelo Concílio Vaticano II, pois isso auxiliou e continua a

contribuir para que a comunidade eclesial amadureça seu *sensus fidelium*. Pelo batismo passamos a fazer parte da Igreja. Por meio de *ritus et preces* somos inseridos em um corpo eclesial, onde todos são exortados a crescer e amadurecer a fé. Assim sendo, à medida que ampliamos nossa consciência acerca da nossa pertença a este corpo, torna-se claro para nós o testemunho que devemos dar como parte do corpo místico do Senhor.

Desde os primórdios a Igreja recebeu a tarefa de celebrar e atualizar o Mistério Pascal. Isso ela faz há mais de dois mil anos, como testemunha e continuadora da obra missionária iniciada por Jesus. Celebrar o Mistério Pascal é atualizar a presença de Cristo no mundo. É continuar sua obra missionária com criatividade inventiva. Por isso, a *Evangelii Gaudium* no número 130 assim se expressa:

> O Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diferentes carismas. São dons para renovar e edificar a Igreja. Não se trata de um patrimônio fechado, entregue a um grupo para que o guarde; mas são presentes do Espírito integrados no corpo eclesial, atraídos para o centro que é Cristo, donde são canalizados num impulso evangelizador. Um sinal claro da autenticidade dum carisma é a sua eclesialidade, a sua capacidade de se integrar harmoniosamente na vida do povo santo de Deus para o bem de todos. Uma verdadeira novidade suscitada pelo Espírito não precisa de fazer sombra sobre outras espiritualidades e dons para se afirmar a si mesma. Quanto mais um carisma dirigir o seu olhar para o coração do Evangelho, tanto mais eclesial será o seu exercício. É na comunhão, mesmo que seja fadigosa, que um carisma se revela autêntico e misteriosamente fecundo. Se vive este desafio, a Igreja pode ser um modelo para a paz no mundo.

O Mistério Pascal é a base de toda experiência missionária da *Ecclesia*, que é presença sacramental de Cristo no mundo. A comunidade anuncia e vive sua missão a partir do evangelho, que é o próprio Cristo. Por isso, é certo afirmarmos que sacramentalmente a Igreja celebra diariamente por obras, símbolos e palavras a Páscoa de Cristo, na Páscoa de seus membros. “De fato tudo fundamentalmente é liturgia na Igreja: a unidade na fé e comunhão na caridade, os ministérios e a missão, a oração e os santos cânones. A liturgia é a fonte”[72]. (CORBON, 2003, p. 124, tradução nossa).

A realidade pascal de Cristo, que se atualiza na vida da Igreja, deve renovar-se diariamente com o escopo do cumprimento da sua essencial tarefa missionária. Uma urgente tarefa que se apresenta hoje à Igreja, em tempos que falamos de uma nova evangelização, é a revisão dos seus métodos missionários (DAp n. 362). Talvez a perda drástica de membros por

[72] “Infatti tutto è fondamentalmente liturgia nella chiesa: l’unita nella fede e la comunione nella carità, i ministeri e la missione, la preghiera e i santi canoni. La liturgia è la sorgente.”

parte da Igreja Católica, em tempos hodiernos, encontra-se na sua incapacidade de revelar, através de novos métodos a pessoa de Jesus.

A Conferência de Aparecida nos fala da categoria do encontro, como meio para o surgimento de novos discípulos (DAp n. 11). O Papa Francisco tem insistido nos últimos tempos sobre a necessidade da Igreja se encontrar com as culturas. A categoria do encontro vem se apresentando como um elemento importante para o surgimento de uma Igreja que deseja dialogar com o nosso tempo e se tornar verdadeiramente capaz de revelar a realidade do Mistério Pascal, que está ao centro de sua vida litúrgica (EG n. 46).

Faz-se urgente, a uma Igreja que se projeta como expressão do corpo místico do Senhor, uma autoavaliação de como isso se dá. Sobretudo, em um mundo que pede a promoção de encontros, a fim de que a fé seja vivida de uma forma madura, consciente, plena e ativa. A comunidade cristã, que é expressão do corpo místico do Senhor, precisa recuperar sua força profética e transformadora das situações de morte em realidades de vida (EG n. 191). Pensamos que a ampliação da intelecção da importância do significado do silêncio como realidade litúrgico-sacramental nos dará luzes no caminho a ser percorrido pela Igreja, sinal sacramental de Cristo no mundo, nossa casa comum. Por isso, o que por ora agora irá nos ocupará é a reflexão sobre a importância da relação realidade litúrgica e rito.

## 2.5 A realidade litúrgico-sacramental e o rito

Ao tratarmos da temática da realidade litúrgico-sacramental, não podemos deixar de lado a tratativa da sua relação com os ritos da Igreja. Guardini, um importante teólogo da Ciência Litúrgica, dos inícios do Movimento Litúrgico, tratando do tema da ritualidade das ações litúrgicas da comunidade cristã afirmou: “O culto litúrgico é rico de profunda sensibilidade, de uma vida afetiva de expressão forte e por vezes apaixonada”. (GUARDINI 2017b, p. 20). Por meio de seus ritos a Igreja forma seus membros e os conduz ao coração do mistério celebrado. Por isso, o rito não é algo que nasce de uma ideia, mas de uma realidade que nos coloca na presença do mistério fundamento da nossa fé, que é a realidade do evento pascal. Guardini, continuando sua reflexão sobre a sensibilidade litúrgica afirmará:

> Essa emotividade litúrgica é extraordinariamente instrutiva. Ela possui momentos de intensa exaltação em que parece quebrarem-se todas as barreiras, como por exemplo no prodigioso júbilo do *Exultet*, na Vigília

> Pascal. Não obstante, a expressão litúrgica mantém, regra geral, a medida na emoção. O coração exprime-se com força, mas simultaneamente o pensamento afirma-se com igual força; no seio das mais ricas orações foi distribuído um sábio equilíbrio interior; uma consciência ordenada e vigilante conserva, na efusão do coração, uma severa disciplina. (GUARDINI, 2017b, p. 20).

A comunidade eclesial, desde os seus primórdios, buscou organizar suas formas rituais. Por meio dos ritos, ela transmitiu a fé e os caminhos para que seus membros pudessem sencientemente tocar o coração do mistério celebrado, isto é, o Mistério Pascal, fundamento e razão da existência da comunidade cristã. A História da Liturgia nos testemunha que os ritos não são estáticos, mas de tempo em tempo são avaliados, repropostos, porém o que se busca é sempre manter aquilo que neles é essencial e ajuda a evidenciar o mistério que celebramos. Uma das características do rito é a de convocar toda a comunidade a uma participação ativa, consciente, frutuosa e plena. Um dos caminhos encontrados pela Igreja para o envolvimento da assembleia na ação ritual, e que testemunha a presença de Cristo entre os homens está na sua oração comum.

> O tipo de oração em comum é-nos oferecido na oração coral da Igreja. Para ela se reúnem regularmente todos os dias a hora fixa, numerosas comunidades de homens e mulheres. Aqui, mais do que em qualquer outro momento e situação, nos será permitido estudar em flagrante as leis da oração comunitária. (GUARDINI, 2017b, p. 25).

Por meio da oração ritual, a Igreja expressa a sua sacramentalidade. Cada sinal, movimento, gestos e palavras presentes em uma ação litúrgica, indica a presença do mistério celebrado e que se atualiza na celebração. Na ação ritual por exemplo:

> O corpo é todo ele instrumenta e expressão da alma. Esta, porém, não se encontra à maneira duma pessoa sentada em sua casa. Reside e age em cada membro e em cada fibra; fala em cada linha, em cada forma e movimento do corpo. De maneira especial, porém, o rosto e a mão são instrumento e espelho da alma. (GUARDINI, 2017b, p. 14).

Na ação ritual todo o nosso corpo, que é templo do Espírito, manifesta o mistério que dá forma à ação litúrgica. O evento pascal é o elemento central que dá sentido aos sinais, movimentos, gestos, palavras e símbolos usados pela liturgia. Ele é o instrumento que revela a disposição do ser humano ou assembleia celebrante que deseja penetrar no mistério do Senhor. É a alma que faz a comunidade experimentar a realidade sacramental transformadora do

mistério celebrado e atualizado por ele, que sempre vem acompanhado de palavras pronunciadas ou internalizadas pela ação ritual do silêncio. Em uma ação litúrgica "a alma se abre toda diante de Deus em grande júbilo e agradecimento. Como se fora um órgão, abrem-se todos os registros deixando fluir a torrente interior". (GUARDINI, 2017b, p. 15).

Nesta altura de nossa reflexão precisamos registrar que o Movimento Litúrgico, ao qual já nos referimos neste nosso trabalho, e que ainda continua vivo em meio à Igreja em tempos hodiernos vem exercendo um papel fulcral na maneira de abordar e entender os ritos experimentados pela comunidade eclesial como caminho de atualização da *historia salutis*. Por isso, pensamos ser pertinente apresentar aqui os objetivos deste movimento, pois a compreensão desses nos ajudarão a inteligir a importante busca pela compreensão dos ritos como caminho educativo para uma fé consciente, ativa, plena e frutuosa. Bonaccorso indica os seguintes elementos, que testemunham as intenções do Movimento Litúrgico:

> Fazer reviver a antiga e rica tradição da Igreja orante; confrontar-se, em um modo mais ou menos crítico, com a cultura moderna; promover uma espiritualidade plasmada da práxis celebrativa. Na base de tais intenções está o convencionamento que a oração do cristão é, fundamentalmente, a oração da Igreja, que a oração mais autêntica da Igreja é aquela litúrgica, e que a educação a liturgia constitui uma dimensão fundamental da pastoral eclesial[73]. (BONACCORSO, 2012, p. 13, tradução nossa).

Pensamos que ao nos referirmos à realidade sacramental e à sua relação com o rito, faz-se necessário desdobrarmos as intenções do Movimento Litúrgico acima recordadas, que perpassaram o pensar da reforma litúrgica, as decisões tomadas pelo Concílio Vaticano II no campo da liturgia e, sobretudo, servem de interpelações para o tempo que chamamos hoje, em que muitas das nossas ações litúrgicas parecem cair no vazio de sentido ou num estéril ritualismo, que nos distancia do coração do mistério, auxiliando na geração de um hiato entre fé e vida. Com Grillo podemos ressaltar que:

> Se é verdade que o Movimento Litúrgico constitui objetivamente um fenômeno extremamente complexo e articulado, no qual várias dimensões (eclesial, institucional, religiosa, política, espiritual etc.) se misturam e se sobrepõem, é absolutamente impossível compreender a sua verdadeira natureza sem colocar, no centro, a redescoberta da qualidade teológica da

[73] "... fare rivivere l'antica e ricca tradizione della chiesa orante; confrontarsi, im modo più o meno critico, con la cultura moderna; promuovere una spiritualità plasmata dalla prassi celebrativa. Alla base di tali intenti sta la convinzione che la preghiera del cristiano è, fondamentalmente, la preghiera della chiesa, che la preghiera più autentica della chiesa è quella liturgica, e che l'educazione alla liturgia costituisce uma dimensione fondamentale della pastorale ecclesiale."

> liturgia. O Movimento Litúrgico surgiu, sobretudo, como tomada de consciência da questão litúrgica, ou seja, como elaboração consciente da crise de relação que a modernidade secularizada estabelece com a experiência ritual da fé e, claro, também como tentativa para oferecer uma resposta teórica e prática a esse novo constrangimento eclesial. (GRILLO, 2022, p. 56).

Reconhecendo o valor do Movimento Litúrgico, que engendrou e continua pertinentemente a colaborar para a construção de um pensamento litúrgico imbricado com a realidade apreendida sencientemente pelo ser humano, e que nele fica impressa, a nova maneira de pensar a liturgia, libertada de um esteticismo, juridicismo e rubricismo, empobrecedores, faz vir à luz um novo caminho de compreensão das ações litúrgicas, em que a antropologia, ao lado da ciência litúrgica, nos ajuda a pensar o ser humano como ser celebrante e que apreende sencientemente Deus. Aqui podemos colocar em evidência o caráter educativo da liturgia. Pois, como assevera Grillo:

> O rito litúrgico, então, não visa a tornar pesada a relação direta entre Cristo e o cotidiano, mas pretende ser o elemento unificador, o médium que põe em comunicação os dois polos na comunhão que acontece entre a "uma vez por todas" e o "aqui e agora". Para realizarmos isso, porém, o rito deve assumir toda a riqueza da própria bagagem de linguagens, códigos e mensagens, porque, exatamente assim – com todos esses "acidentes contingentes" – vê realizado o essencial; graças às "espécies", crê presente a "substância". (GRILLO, 2017, p. 51).

Quando o rito é bem inteligido, como povo de Deus acolhemos sua força atualizadora, pois ele nos inicia no mistério que somos chamados a celebrar e atualizar, por meio de palavras, gestos e sinais sensíveis. A força criativa do rito dá a que pensar e nos ajuda a contemplar o possível seria.

> O rito modifica o cotidiano, distinguindo-o e salvando-o do "banal", porque distancia dele a repetitividade e assim manifesta a liberdade na sua substância de graça; ao mesmo tempo, reestrutura a relação com o Evento, distinguindo-o e salvando-o da "distância", porque o aproxima da verdade e torna possível sua participação, descobrindo na graça uma liberdade. (GRILLO, 2017, p. 51).

Inteligir a importância do rito em sua função educativa nos ajuda a dar mais um passo no entendimento da relação entre a realidade sacramental e o rito. Pois, após este preâmbulo podemos resgatar as intenções do Movimento Litúrgico, que gerou muitos caminhos para a

intelecção da liturgia como fonte de espiritualidade cristã. Vagaggini sobre esse argumento afirma:

> Toda oração, feita por um indivíduo qualquer no seio da Igreja, ou seja, ainda que tal indivíduo esteja unido na fé, em sacramentos e em obediência à legítima hierarquia é, de modo realíssimo, oração da Igreja. É a Igreja, corpo de Cristo, é Cristo mesmo que reza na oração daquele indivíduo. Ele, portanto, não é jamais considerado, menos ainda escutado, por Deus separadamente do corpo da Igreja, melhor, por Cristo mesmo, no qual está inserido. (VAGAGGINI, 2009, p. 578).

Um primeiro elemento que o Movimento Litúrgico se propôs ao indicar a necessidade de uma reforma litúrgica, que até hoje continua a ser construído é aquele de fazer reviver a antiga e rica tradição da Igreja orante. A oração da comunidade eclesial deve ser expressão da *Ecclesia orans*. Igreja que fala e sabe silenciar. Anuncia e se recolhe. Comunica a verdade dialogando com os desafios que se colocam à sua missão de ser no mundo, sinal sacramental da presença real de Deus. Diante de tão importante princípio, a oração da Igreja precisava ser assumida por toda a comunidade eclesial, em vista de se tornar realmente fonte de espiritualidade para toda a comunidade cristã.

> Na sagrada liturgia fazemos explícita profissão de fé não somente com a celebração dos divinos mistérios, com a realização do sacrifício e a administração dos sacramentos, mas também recitando e cantando o Símbolo da Fé, que é como distintivo e a carteira de identidade dos cristãos, com a leitura de outros documentos e das sagradas cartas, escritas por inspiração do Espírito Santo. Toda liturgia possui, portanto, um conteúdo de fé católica enquanto atesta publicamente a fé da Igreja. (VAGAGGINI, 2009, p. 598).

Na esteira da reforma litúrgica, que teve seu ápice com a publicação da *Sacrosanctum Concilium*, a Igreja assistiu um frutuoso momento de renovação e de retorno às fontes da oração cristã, não para vivermos um saudosismo infrutífero, mas para se repensar os ritos utilizados pela comunidade eclesial e que testemunham sua salutar *lex orandi*. Os ritos reformados e renovados exigirão da Igreja, povo de Deus, um exigente serviço pastoral. Vagaggini, ao tratar do sentido teológico da liturgia afirmará:

> Sendo a finalidade de toda pastoral conduzir e conservar o povo em Cristo e Cristo no povo, ou realizar e conservar o encontro entre o povo e Cristo, quando essa pastoral for conscientemente centrada na liturgia, ou seja, for pastoral litúrgica, o seu fim será conduzir e conservar na liturgia o povo em Cristo e Cristo no povo, ou realizar e conservar na liturgia o encontro entre o

> povo e Cristo. Por isso, o esforço pastoral consistirá em conduzir o povo à liturgia e a liturgia ao povo para poder realizar e conservar o encontro entre o povo e Cristo. (VAGAGGINI. 2009, p. 712).

O retorno às fontes antigas da oração cristã, auxiliou para restaurar ritos presentes na oração das primeiras comunidades e que se configuravam como um caminho salutar de encontro e atualização do Mistério Pascal. As primeiras comunidades pouco a pouco amadureceram a consciência de que as suas ações rituais eram sempre uma resposta positiva ao pedido de Cristo na ceia derradeira: "fazei isto em memória de mim". Pelos ritos a comunidade continua e atualiza a presença do Senhor no mundo. (BÉGUERIE; BEZANÇON, 2016, p. 53).

Outro elemento importante para compreendermos a realidade sacramental em relação ao rito está no confrontar a vida litúrgica da Igreja presente no mundo contemporâneo. Sabemos que o Concílio Vaticano II, opondo-se ao propósito que motivou a realização do Concílio de Trento, estabeleceu como seu escopo estabelecer um diálogo profundo com o mundo contemporâneo. (BÉGUERIE; BEZANÇON, 2016, p. 56). Para que a vida litúrgica respondesse melhor a esse momento eclesial, que clamava por mudanças decisivas, em vista de novos tempos para a vida litúrgica da Igreja, a *Sacrosanctum Concilium*, indicou algumas mudanças necessárias na liturgia, que teriam por objetivo resgatá-la como uma fonte perene de espiritualidade. No número 21 da Constituição conciliar sobre a vida litúrgica da Igreja *Sacrosanctum Concilium* lemos:

> A Santa mãe Igreja, para permitir ao povo cristão o acesso mais seguro à abundância de graças que a liturgia contém, deseja fazer uma acurada reforma geral da liturgia. Na verdade, a liturgia compõe-se de uma parte imutável, porque de instituição divina, e de partes suscetíveis de mudanças. Estas, com o passar do tempo, podem ou mesmo devem variar, se nelas se introduzirem elementos que menos correspondam à natureza íntima da própria liturgia, ou se estes se tenham tornado menos oportunos.

Motivados pelo documento conciliar, os responsáveis pela reforma e renovação da vida litúrgica da Igreja deram continuidade a um valoroso trabalho de retirar dos ritos, até então utilizados, o conjunto de elementos que transformaram a liturgia em uma ação muito mais subjetiva, esvaziando seu sentido comunitário. Outro importante trabalho da comissão foi aquele de resgatar muitos elementos esquecidos na história da liturgia, e que serviam para testemunhá-la como caminho mistagógico de encontro com o Senhor. A partir da reforma litúrgica, empreendida pelo Concílio Vaticano II:

> Não se pode mais considerar a ação litúrgica como a simples moldura de um evento dogmático (Richter), mas como aquele âmbito comunicativo complexo, no qual o evento do Mistério Pascal se realiza de modo simbólico-ritual, envolvendo todo o corpo do sujeito em uma dinâmica que requer inteligência sensível e sensibilidade inteligente. (GRILLO, 2017, p. 30).

Entre os muitos elementos rituais resgatados pela reforma litúrgica está aquele do silêncio, não entendido como ausência de palavras ou rumores, mas como caminho fundamental de comunicação com Deus. Por meio dele o ser humano, animal de realidades, intelige o mistério central da nossa fé, que nos vem do evento pascal. Através do silêncio, o ser humano que apreende a realidade sencientemente penetra no coração do mistério e por ele se deixa envolver, pois ele fica impresso em sua intelecção. Aqui,

> o silêncio não é somente deixar de falar, de pensar. É também parar de imaginar o que pode vir, deixar de esperar determinada resposta, inspiração ou solução. A pessoa não dita mais à sua mente o que deve fazer. Não cria mais expectativas a respeito do que pode acontecer. Silencia a própria mente, o pensamento, a imaginação, as expectativas. Entrega-se ao que pode vir. (POELMAN, 2013, p. 44).

O mistério que evolve o apreensor dá o que pensar. Coloca o apreensor da realidade, a partir de uma apreensão primordial em marcha, com o escopo de sencientemente inteligi-lo naquilo que ele é. Dessa apreensão fundamental é que surgirão as apreensões ulteriores que auxiliarão na intelecção do seu *de suyo*, isto é, daquilo que lhe é próprio. Mesmo permanecendo impresso no apreensor, o mistério será sempre um outrem, o que mantém sua alteridade e atualidade. Desthieux, ao tratar do tema do silêncio ritual, tendo como base a obra "A missa" de Romano Guardini, assim se expressa:

> O silêncio é a primeira condição de cada ação sagrada, porque é essencial para formar a comunidade, a Igreja, que celebra a missa. Não é suficiente que as pessoas se reúnam em modo mais ou menos piedoso, mas é necessário que se torne interiormente presente e aberta[74]. (DESTHIEUX, 2017, p. 110, tradução nossa).

[74] "(...) il silenzio è la prima condizione di ogni azione sacra perché è essenziale per formar ela comunità, la Chiesa, che celebra la messa. Non è suficiente che la gente si raduni in un modo più o meno pio, ma è necessário che diventi interiormente presente e aperta."

O silêncio ritual é-nos dado, porém, sua dimensão sacramental só pode ser alcançada quando através das ações sagradas conseguimos inteligi-lo como espaço da revelação de Deus. Pois a assembleia reunida é:

> Produto de dois verbos de ação: congregar e celebrar. Os sujeitos – humano e divino – alternam-se e completam-se na execução destas ações, de modo que a assembleia só é realidade quando estes movimentos fazem convergir para a reunião-sacramento e fazem comungar, em gestos e preces, a memória pascal do Senhor em seu corpo místico. (COLA, 2020, p. 128).

A assembleia sempre se reúne após ser convocada pelo Senhor, por isso o silêncio ritual é fundamental para se inteligir o sentido dessa convocação.

> Ela não é suscitada para ser imposição arbitrária, que solapa as diferenças, não admite a livre determinação de si, ou que nivele a tudo, opaca, maciçamente. Sua comunhão se faz como abertura de um canal maduro e permanente de verdadeira comunicação, envolvendo os receptores e envolvendo-se num dinamismo amoroso-comunicativo que define, enfim, sua própria unidade. (COLA, 2020, p. 128).

Em tempos hodiernos faz-se urgente recuperar o silêncio dentro do rito não como ausência de palavras, mas como ação ritual sacramental, que favorece o encontro do ser senciente com o Mistério Pascal, que é o próprio Cristo, por meio do qual acessamos o Pai, na esteira do Espírito, força dinamizadora da Igreja. A assembleia que é chamada a viver o silêncio sacramental é expressão do Senhor que a convoca. “Ser sinal da convocação divina e da índole comunional com que o Pai assinalou todo o criado e deflagrou a obra redentora coloca a assembleia diante de um imperativo ético profundamente solidário e inclusivo”. (COLA, 2020, p. 129).

Ao tratarmos da realidade litúrgico-sacramental e o rito precisamos apresentar aqui um terceiro elemento sobre o qual a reforma da liturgia se debruçou e que nos ajuda na compreensão do entendimento da liturgia como fonte e ápice de toda a vida cristã. Quando nos dedicamos a essa tratativa, estamos buscando entender porque o Vaticano II ensinou que as ações litúrgicas da Igreja se configuram como um oásis de espiritualidade. Com Boselli aprendemos: “é necessário reconhecer que, se nas últimas décadas os fiéis se tornaram capazes de haurir o alimento de sua vida espiritual das Escrituras, não foram também educados para recebê-lo da mesma forma da liturgia”. (BOSELLI, 2017, p. 10).

A liturgia, compreendida como fonte de espiritualidade, nos recorda que as práticas celebrativas devem servir como caminho educativo para a vivência de uma fé que não tem suas bases em ideias, mas na própria realidade. Há muito tempo que a Igreja vem reformando e restaurando sua vida litúrgica. Todavia, a estrada percorrida até nosso tempo ainda não foi suficiente para despertar nas comunidades a consciência de que na liturgia encontramos uma fonte perene de espiritualidade. Sendo assim:

> Apesar da profunda renovação operada pela reforma litúrgica conciliar e dos inegáveis benefícios obtidos graças à real aproximação da liturgia aos fiéis e dos fiéis à liturgia, não é ainda possível afirmar que a liturgia seja o alimento da vida espiritual dos fiéis do mesmo modo como são hoje as Escrituras. (BOSELLI, 2017, p. 11).

A espiritualidade cristã é um elemento essencial em vista de uma vivência coerente da fé. Desse modo, agora podemos além de inteligir o silêncio como espaço de revelação de Deus, observar como a espiritualidade que alimenta a vida de fé dos discípulos de Cristo, nos faz pensar o silêncio como recolhimento, necessário para sentirmos os apelos do Espírito. "A espiritualidade cristã – a espiritualidade que queira ser conforme o plano de Deus – deve ser pascal, ou seja, comunhão concreta com a caridade de Cristo, evidenciada na *traditio* de seu Corpo e de seu Sangue". (BIFFI, 2022, p. 103).

O silêncio como recolhimento chama nossa atenção para o caráter mistagógico da liturgia. "A mistagogia é, ao mesmo tempo, conhecimento do mistério contido nas Escrituras e conhecimento do mistério contido na liturgia. O objeto do conhecimento é único: o mistério de Deus". (BOSELLI, 2017, p. 18).

A renovação litúrgica, ao recuperar nos ritos renovados a importância do silêncio litúrgico, procurou colocar em evidência sua sacramentalidade. Por isso, este grande esforço de mostrar que as ações litúrgicas não escondem o mistério, mas o fazem claro a toda a comunidade cristã. Desse ponto podemos afirmar que o mistério alimenta a vida espiritual dos discípulos-missionários de Jesus.

> Em clima de espiritualidade litúrgica, o missionário desenvolve a sua atividade em vista de conduzir aquele que é estranho à fé e a viver a vida cristã e a vivê-la plenamente, o que acontece na ação litúrgica, especialmente na participação ativa e também psicologicamente plena no sacrifício comunitário da missa. (VAGAGGINI, 2009, 576).

Assim sendo, a vida espiritual dos cristãos alimentada por meio da liturgia, encontra no caminho do silêncio um frutuoso percurso para despertar a pessoa para uma vida segundo a vida de Cristo. Essa vida gestada na fé, por meio da liturgia, é um convite ao cristão para superar os caminhos que engendram o abismo entre fé e vida. A fé deve ser vivenciada a partir da realidade. É o processo de vivência da fé, vivido pela pessoa, a partir de uma apreensão primordial que a conduzirá, por meio de um processo de desdobramento da intelecção, ao que o mistério é em si mesmo.

A vida cristã, para a qual somos exercitados por meio da liturgia, nos faz viver o caminho de encontro com o Mistério Pascal, como estrada para melhor entendermos o que seria a vida em Cristo. Pois "o ser cristão é participação na natureza divina". (VAGAGGINI, 2009, p. 556). A sacramentalidade da liturgia, por meio do silêncio ritual vivido pela assembleia, como um elemento mistagógico, nos ensina a acolher o mistério e dele participarmos por meio de ritos e preces. A sacramentalidade da liturgia se faz ver a partir do Concílio Vaticano II, por meio das ações litúrgicas da Igreja. Por isso, o que agora nos ocupará será o apresentar a liturgia, que por meio das suas ações rituais, atualiza a história da salvação.

## 2.6 As ações litúrgicas como atualização da *historia salutis*

O Concílio Vaticano II, com a publicação da *Sacrosanctum Concilium* deu à Igreja novas orientações teológicas e pastorais, a fim de que as ações litúrgicas da comunidade eclesial fossem compreendidas como momentos propícios de atualização da *historia salutis*. Para se chegar a essa afirmação as comunidades percorreram um longo caminho de uma reforma da sua vida litúrgica, que ainda não atingiu seu pleno cumprimento. Tanto é que muitos hoje ainda não a compreenderam na sua totalidade e muitas vezes tentam desacreditá-la, através da defesa de um retorno à liturgia pré-Vaticano II. Com isso, "a reforma litúrgica corre o risco de não ser jamais compreendida. Na verdade, não é raro que ela pareça até mesmo totalmente incompreendida, pelo menos em suas motivações mais autênticas e proféticas". (GRILLO, 2022, p. 15).

Na trilha do documento conciliar *Sacrosanctum Concilium* a comunidade eclesial foi convocada a viver uma mudança de mentalidade, para promover ações litúrgicas capazes de envolver e motivar uma participação ativa e consciente de todos os membros da comunidade cristã.

Marini, um valoroso estudioso da Ciência Litúrgica e que teve a oportunidade de participar dos primeiros passos da reforma litúrgica engendrada pelo Vaticano II assevera:

> Passaram-se mais de cinquenta anos desde a conclusão do Concílio Vaticano II (8 de dezembro de 1965) e da promulgação do primeiro documento conciliar: a *Sacrosanctum Concilium* (4 de dezembro de 1963). O documento, essencialmente, não é um conjunto de normas sobre a Liturgia, mas um documento doutrinal que exige a mudança de mentalidade antes da mudança de ritos. Ele, de fato, não é um Decreto, mas uma das quatro Constituições do Concílio. Portanto, à participação na ação celebrativa por parte da assembleia e ao exercício do *múnus* da presidência por parte dos sacerdotes, pede-se, primeiramente para mudar a mentalidade. (MARINI, 2018, p. 14).

O texto a pouco citado já nos aponta que esse importante documento sobre a vida litúrgica da Igreja traduziu os anseios de muitos que já vinham dando passos favoráveis à concretização de uma mudança substanciosa e profunda na liturgia da comunidade eclesial. As celebrações litúrgicas da Igreja, por meio de *ritus et preces*, tem por escopo fazer aparecer o mistério celebrado, a fim de atualizá-lo. "A *Sacrosanctum Concilium*, assim, deu início a uma reforma que não está concluída, mas está sempre em curso para a presença e o agir de Cristo ressuscitado na história através do seu Espírito". (MARINI, 2018, p. 15).

O Espírito do Senhor continua presente na sua Igreja. Ele é a força que move as nossas comunidades. Ele é a luz que ilumina todas as nossas ações celebrativas. A sua presença em meio à *Ecclesia orans* continua a conduzir nossas comunidades à consciência de que na liturgia todos devem participar plenamente, por isso, nela entramos com nossos sentidos. "O mesmo Espírito que suscitou na Igreja o movimento litúrgico, que guiou e inspirou as escolhas de fundo dos Padres no Concílio, continua ainda hoje por meio da celebração da Liturgia a renovar as comunidades eclesiais espalhadas pelo mundo". (MARINI, 2018, p. 15).

Uma das grandes riquezas do Concílio Vaticano II foi o regaste da Teologia do Mistério Pascal. Isso permitiu à comunidade eclesial compreender o lugar da liturgia dentro do mistério da Igreja. A própria *Sacrosanctum Concilium*, no número 2, afirma:

> A liturgia, com efeito, mediante a qual, especialmente no divino sacrifício da eucaristia, "se atua a obra da nossa redenção contribui sumamente para que os fiéis exprimam em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja que tem a característica de ser ao mesmo tempo humana e divina, visível, mas dotada de realidades invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e, contudo, peregrina.

A Igreja peregrina, que exerce uma função sacerdotal, é chamada a celebrar e a atualizar através das suas ações litúrgicas o mistério da nossa salvação. Destarte, podemos afirmar que, por meio das ações litúrgicas, a Igreja, povo de Deus, atualiza a história da salvação. Pois, por intermédio de sinais sensíveis à comunidade que celebra, adentra o coração do Mistério Pascal. Alimenta sua vida de fé, porque "a expressão mais perfeita de uma vida espiritual objetivada é oferecida pela liturgia". (GUARDINI, 2017a, p. 13).

No processo de renovação dos *ritus et preces* a Igreja, por meio da comissão responsável por tal tarefa procurou evidenciar a dimensão da teologia do Mistério Pascal, que perpassa toda a vida celebrativa da Igreja. Os ritos reformados e restaurados contribuíram para tornar as celebrações mais dinâmicas e, sobretudo, evidenciar o mistério que celebramos. Por isso, podemos afirmar que os ritos e a eucologia renovada assumiram por escopo conduzir o ser humano que celebra ao coração do mistério. Mas isso só se tornou possível porque "a liturgia, antes de tudo, se define como ação e como abertura ao transcendente (alteridade dos irmãos e alteridade de Deus)"[75]. (BONACCORSO, 2012, p. 63, tradução nossa).

A compreensão do mistério celebrado pela liturgia nos ajuda a compreender sua realidade mistérica. A ação litúrgica assinala um momento histórico da salvação. Aqui não podemos então deixar de recordar a dimensão memorial a que a ação litúrgica nos impulsiona a experimentar. Esse memorial nos conduz a uma atualização do mistério por meio de gestos, símbolos e palavras, o que resgata o caráter mistagógico da liturgia.

> A mistagogia autêntica é, de fato, aquela que põe em relação cada um dos ritos com o relato bíblico, porquanto somente o relato bíblico, tanto no Novo como no Antigo Testamento, guarda e narra o evento de Salvação, aquele evento de salvação que é razão do rito celebrado. (BOSELLI, 2017, p. 129).

O método mistagógico como via de acesso ao mistério celebrado, nasceu no século IV com os Padres da Igreja. (STUDER, 2002, p. 945). Desde o primeiro momento ele se apresentou com um caminho seguro de condução da pessoa ao coração do mistério que a liturgia nos convida a celebrar. São muitos os textos desse tempo que nos testemunham um contínuo esforço de formar os neófitos, com o escopo de conduzi-los à compreensão da fé, a partir de uma apreensão primordial, que se desdobra na busca pelo sentido fundamental da fé. A mistagogia por excelência trabalha com os sentidos. Pois, "a liturgia é entrar 'com os sentidos e ânimo

[75] "La liturgia, anzitutto, si definisce come azione e come apertura ala trascendenza (alterità dei fratelli e alterità di Dio)."

aberto' (Guardini) no Mistério do Deus trinitário. Todos os sentidos do corpo são convocados ao encontro litúrgico-sacramental, nenhum excluído"[76]. (TOMATIS in: BRAGA (org.), 2012, p. 595, tradução nossa).

Por meio dos sentidos, temos acesso às qualidades do Mistério Pascal que nos ajudam a chegar em suas notas. A realidade apreendida do mistério nos ajuda a inteligir-lo e atualizá-lo em nossa vida de fé. Daqui entendemos porque somos chamados a acolhê-lo não como uma ideia, mas como uma realidade que atua no ser senciente. O mistério inteligido sencientemente nos ajuda a superar o hiato entre fé e vida. Desse modo, com Boselli podemos afirmar:

> Rezar quando se preside uma assembleia, não é algo natural, mas é fruto do constante exercício de interiorização, de assimilação e, portanto, de entendimento espiritual da oração litúrgica. É este o sentido do adágio beneditino '*mens concordet voci*', no qual a prioridade cabe à voz, ou seja, àquilo que é dito, enquanto a mens, o espírito, deve concordar com o texto litúrgico, num movimento de interiorização daquilo que é externo. (BOSELLI, 2017, p. 128).

É impossível inteligir o mistério e não viver segundo seus ditames. A sua intelecção, motivada por uma experiência memorial, deve fazer brotar em nós atitudes que testemunham um modo de vida configurada com o Mistério Pascal celebrado e atualizado, que domina o senciente e o faz estar na realidade.

> A liturgia, com efeito, é o ato moral mais alto que o ser humano pode realizar, porque nela seu agir é moldado pelo agir de Deus. De tal modo, a experiência teofânica da liturgia é fonte de cada agir moral, porque ela torna aqueles que a celebraram participantes do *ethos* daquele que nela opera. (BOSELLI, 2017, p. 170).

As ações litúrgicas nos colocam em relação com a realidade e dinamicidade do mistério que celebramos. A história é o lugar escolhido por Deus para fazer atuar a sua salvação. Essa atuação se dá por meio de Cristo. Os diálogos de Jesus com seus discípulos nos mostram que ele não deixou ritos e preces, mas entregou à sua comunidade o seu Espírito. É o Espírito que animará a comunidade e a conduzirá à consciência de que todas as suas ações-memórias terão por escopo manter a presença viva e atuante de Cristo na história, onde o Pai, por meio do Filho, opera seu plano de redenção em favor da criação.

---

[76] "La liturgia è entrare 'con sensi desti e animo aperto' (Guardini) nel Mistero del Dio trinitário. Tutti i sensi del corpo sono convocati all'incontro litúrgico-sacramentale, nessuno escluso."

> Por isso, a liturgia dos cristãos é a liturgia do pobre, ou seja, a liturgia que manifesta uma ética da doação (um corpo dado), uma ética de partilha (o único para muitos), uma ética da solidariedade e de caridade (coleta para os pobres). É, portanto, necessário reconhecer que nossas liturgias estão sempre expostas ao risco de humilhar os pobres. (BOSELLI, 2017, p. 170).

Na liturgia toda a história da salvação é recordada memorialmente. A celebração memorial não nos tira da realidade, mas nos coloca em relação com o mistério. Nos lança em um encontro com a Realidade Suprema. "Se, alimentando-se da Eucaristia, memorial da páscoa de Cristo, o cristão torna-se guarda da memória incessante daquele que morreu e ressuscitou, isso significa que ele mesmo se torna memorial da páscoa de Cristo". (BOSELLI, 2017, p. 178).

Entre as muitas ações litúrgicas que podemos tomar como base para a compreensão da atualização da história da salvação, que se dá através de ritos e preces, temos a celebração da eucaristia. O Concílio Vaticano II, ao tratar da celebração eucarística, apresentou um pensamento que gerou uma verdadeira revolução copernicana no campo da Teologia da Eucaristia. Desse modo, agora seremos motivados a compreender que:

> O mistério da Igreja e o mistério da Eucaristia formam a tal ponto um único mistério que somente quem entende a eucaristia sabe o que é a Igreja e só quem conhece a realidade profunda da Igreja pode compreender também a Eucaristia. Esta é a razão pela qual Paulo recorda que é impossível não discernir o corpo eclesial e pensar comungar dignamente o corpo eucarístico. (BOSELLI, 2017, p. 179).

Após a experiência das primeiras comunidades com a celebração da *fractio panis* a Igreja procurou, por meio de teólogos, estabelecer as bases da sua teologia da eucaristia. Os primeiros testemunhos dessa celebração nos ajudam a entender o envolvimento dos membros da comunidade no ato celebrativo, isto é, a celebração é sempre um momento oportuno de atualização da *historia salutis*. Registraremos aqui três antigos testemunhos que nos ajudam a entender a eucaristia como momento memorial de atualização do Mistério Pascal. Nesses veremos que a Eucaristia se configurará pouco a pouco como o alimento essencial para se viver com coerência os valores cristãos testemunhados pelos apóstolos.

O primeiro testemunho recolhemos da Didaqué ou Catecismo dos 12 apóstolos. O texto é fruto do período que a Igreja está vivendo a elaboração dos seus primeiros textos eucológicos. Vejamos o texto:

> Celebrem a Eucaristia deste modo: Digam primeiro sobre o cálice: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste por meio do teu servo Jesus. A ti a glória para sempre".
>
> Depois digam sobre o pão partido: "Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste por meio do teu servo Jesus. A ti glória para sempre.
>
> Do mesmo modo como este pão partido tinha sido semeado sobre as colinas, e depois recolhido para se tornar um, assim também a tua Igreja seja reunida desde os confins da terra no teu reino, porque tua é a glória e o poder, por meio de Jesus Cristo, para sempre".
>
> Ninguém coma nem beba da Eucaristia, se não tiver sido batizado em nome do Senhor, porque sobre isso o Senhor disse: "Não deem as coisas santas aos cães". (DIDAQUÉ, IX, 1-5).

O texto apenas citado nos apresenta uma prática incipiente da Celebração Eucarística. Dele podemos recolher que desde os primórdios a Eucaristia era para os iniciados. Tal iniciação se dava por meio do batismo, o gesto que marcava a acolhida de uma pessoa na comunidade cristã. Desde sempre ela foi entendida como alimento necessário para se amadurecer o sentido da vida cristã.

Outro importante testemunho que recolhemos sobre a prática da celebração da eucaristia nos vem da Apologia I de Justino. O texto nos mostra uma riqueza de detalhes que acontecia nesta celebração, para confirmar a realização de uma celebração memorial, que era realizada de um modo comunitário. Conheçamos o texto:

> No dia que se chama do Sol [domingo] celebra-se uma reunião dos que moram nas cidades e nos campos e ali se leem, quanto o tempo permite, as Memórias dos Apóstolos ou os escritos dos profetas.
> Assim que o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos tais belos exemplos. Erguemo-nos, então, e elevamos em conjunto as nossas preces, após as quais se oferecem pão, vinho e água, como já dissemos. O presidente também, na medida de sua capacidade, faz elevar a Deus suas preces e ações de graças, respondendo todo o povo "Amém". Segue-se a distribuição a cada um, dos alimentos consagrados pela ação de graças, e seu envio aos doentes, por meio dos diáconos. Os que têm, e querem, dão o que lhes parece, conforme sua livre determinação, sendo a coleta entregue ao presidente, que assim auxilia os órfãos e viúvas, os enfermos, os pobres, os encarcerados, os forasteiros, constituindo-se, numa palavra, o provedor de quantos se acham em necessidade. (JUSTINO, 67, 3-6).

O texto apenas apresentado além de indicar uma ministerialidade prematura, necessária para se celebrar a reunião eucarística da comunidade, nos reporta também ao dia e ao caráter social desta celebração memorial. A comunidade que se reúne para a oração de ação de graças é motivada a celebrar o dia do Senhor, a escutar, refletir e rezar a palavra proclamada. A escuta

da Palavra ilumina o gesto de rezar sobre o pão e o ato de partilhá-lo entre os presentes. Entretanto, ainda precisamos registrar que a participação nessa reunião faz brotar também na consciência dos participantes a necessidade de se partilhar os bens com aqueles que mais necessitam. Nesse gesto faz-se ver também, concretamente, o caráter social dessa reunião.

Um texto que ainda pensamos ser útil recordar neste nosso estudo, nos vem da *Traditio Apostolorum*. Nesse documento encontramos as bases da prece eucarística número II, do rito romano. Faz-se mister antes de entrarmos no texto, recordar que aqui estamos no período da criação dos textos litúrgicos. A prática da espontaneidade ainda era muito presente na vida da Igreja. Procuremos dar voz ao texto.

> Assim que se tenha tornado bispo, todos ofereçam-lhe o ósculo da paz, saudando-o por tornar-se digno. Os diáconos, então, oferecer-lhe-ão o sacrifício e ele, após impor suas mãos [sobre o sacrifício] dará graças, juntamente com todo o presbitério, dizendo: "O Senhor esteja convosco". Todos responderão: "E com o teu espírito". [Dirá:] "Corações ao alto". [Responderão:] "Já os oferecemos ao Senhor". [Dirá:] "Demos graças ao Senhor". [Responderão:] "Pois é digno e justo". Em seguida, prosseguirá: "Nós te damos graças, ó Deus, por teu Filho querido, Jesus Cristo, que nos enviaste nos últimos tempos, [Ele que é nosso] Salvador e Redentor, porta-voz da tua vontade, teu Verbo inseparável, por meio de quem fizeste todas as coisas e, por ser do teu agrado, enviaste do céu ao seio de uma Virgem; aí presente, cresceu e revelou-se teu Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem. Cumprindo a tua vontade, obtendo para ti um povo santo, ergueu as mãos enquanto sofria para salvar do sofrimento todos aqueles que em ti confiaram. Se entregou voluntariamente à Paixão para destruir a morte, quebrar as cadeias do demônio, esmagar o poder do mal, iluminar os justos, estabelecer a Lei e trazer à luz a ressurreição. (TRADITIO APOSTOLORUM, 4).

O texto nos aponta como a Igreja dos primeiros tempos amadureceu a compreensão da eucaristia como celebração memorial da Páscoa do Senhor, na vida pascal da própria comunidade. Isso nos ajuda a entender que à medida que a comunidade se reúne, a própria reunião já é um sinal da continuidade da presença de Jesus por meio da comunidade, que tem uma origem pascal.

Na eucaristia, celebração memorial da Páscoa de Cristo, na páscoa dos membros da comunidade eclesial, era possível perceber o desenvolvimento de uma compreensão de que cada celebração era única e irrepetível. O fazer memória conduzia a comunidade a sempre inteligir o momento da celebração como um deixar-se envolver pela força do Mistério Pascal. A Eucaristia era compreendida como o banquete, em que todos os cristãos iniciados eram convocados a se deixarem envolver pelo mistério celebrado e atualizado por ritos e preces. “A

mística tem um significado importante no contexto celebrativo, por causa da centralidade do mistério pascal de Jesus Cristo na oração da Igreja". (COSTA, 2005, p. 13).

Com o aumento do número de cristãos e sobretudo com a assimilação de alguns elementos do Império Romano, que reconheceu o cristianismo por volta de 380 d.C. como religião oficial do estado, vagorosamente vamos assistindo a um distanciamento das experiências primitivas da celebração da eucaristia. Do século III ao VI, a Igreja vive um profundo período de criatividade litúrgica. Surgem os primeiros ritos e preces, que aos poucos vão se difundindo e tornando-se presentes em muitos lugares. Nesse período assistimos à construção da *lex orandi* da *Ecclesia orans*. A leitura desses textos nos demonstra uma Igreja em processo, de construção da sua Teologia Litúrgica. Aqui constatamos a importante passagem do período da espontaneidade para a codificação necessária da liturgia, como meio de transmissão da fé. Isto se dá, porque a ação celebrativa é:

> Momento, lugar e centro da liturgia, a celebração é também epifania porque irradia em energia diversa. Se de um lado todas as celebrações se revelam fundamentalmente semelhantes quanto aos sinais que manifestam o mistério, estes se diferem notavelmente na energia do Espírito Santo que realizam e comunicam tal mistério[77]. (CORBON, 2003, p. 129, tradução nossa).

Os ritos e preces testemunham uma Igreja que, por meio de gestos e palavras, anuncia o Mistério Pascal, no qual ela fundamenta sua razão de existir. Nesse período os cristãos vão à eucaristia para participar do banquete, no qual após oferecerem o pão e o vinho e o presidente da assembleia rezar sobre os dons oferecidos a oração de ação de graças, todos comiam do pão e vinho eucaristizados. Aqueles que comiam do pão e bebiam do sangue do Senhor, alimentavam na fé a certeza de receberem um dia a vida eterna. Difundia-se entre os membros da assembleia a certeza de que aquele banquete era antecipação do banquete escatológico.

> Indagando sobre como a liturgia vem celebrada pela Igreja, nos aproximamos ao momento, ao lugar, ao ponto mesmo no qual a festa eterna da Páscoa irrompe no nosso tempo, o tempo no qual "gememos interiormente" (cf. Rm 8,19-27), e a celebração nos apareceu como manifestação, epifania da liturgia[78]. (CORBON, 2003, p. 137).

[77] "Momento, luogo e centro della liturgia, la celebrazione ne è anche l'epifania perché la irradiain energie diverse. Se da un lato tutte le celebrazioni si rivelano fondamentalmente simili quanto ai segni che manifestano il mistero, esse differiscono notevolmente nelle energie dello Espírito che realizanno e comunicano tale mistero."
[78] "Indagando su come la liturgia viene celebrata dalla chiesa, ci siamo accostati al momento, al luogo, al fulcro stesso in cui la festa eterna della Pasqua irrompe nel nostro tempo, il tempo in cui "gemiamo interiormente" (Rm 8,19-27), e la celebrazione ci è apparsa come la manifestazione, l'epifania della liturgia."

Nesse frutuoso período de criatividade litúrgica, a comunidade eclesial pouco a pouco vai inteligindo, por meio da vivência ritual da celebração da fração do pão, que a liturgia é a realidade fundante da vida cristã. Por isso, todas as ações litúrgicas desse tempo procuravam envolver a assembleia, reunida para celebrar o memorial pascal, fazendo aparecer seu protagonismo a partir dos gestos e palavras realizados pelo grupo. Por meio da celebração, a comunidade se coloca em relação com o Senhor.

> Como diálogo e troca vital entre Deus e o homem, a liturgia chega a sua mais alta densidade na celebração eucarística. Nesta aqueles que a celebram participam da natureza humana de Cristo, que é a fonte da divinização, da qual os crentes recebem a vida divina. (KUNZLER, 1996, p. 52).

De um período de grandes frutos para a liturgia da Igreja, a história testemunhará um momento em que ela passará a não ser mais uma ação de todo o povo de Deus, mas algo quase que exclusivo do clero. Do século VII em diante a liturgia passará por um processo de clericalização. A nobre simplicidade, que definia o gênio da liturgia romana, vai dando espaço para a existência de uma ação litúrgica marcada pela suntuosidade, o que acaba gerando um distanciamento entre fé e vida. A liturgia neste novo tempo vai deixando de ser expressão de uma Igreja povo de Deus, para assumir uma eclesialidade com contornos clericais. Isso acaba gerando uma nova eclesiologia, que se distancia da experiência das primeiras comunidades, pois a Igreja não é compreendida como povo de Deus, mas uma sociedade hierarquicamente organizada. Augé, ao tratar da liturgia no contexto do mundo medieval ocidental, assim se expressa:

> O desenvolvimento da liturgia ocidental é feito, no longo período medieval, de adaptações e de reprodução, mais que criação original. A criatividade se manifesta muito mais na periferia da ação litúrgica: oração privada para os fiéis ou também para o celebrante, prosa e sequência, ofícios de devoção etc. Se parte, pois, da multiplicidade dos ritos para chegar à uniformidade estabelecida no século XVI pelo Concílio de Trento[79]. (AUGÉ, 2010, p. 37, tradução nossa).

Nesse período surge um conceito de liturgia muito mais jurídico e estético, em detrimento de um conceito teológico, que estaria em sintonia com os primeiros séculos da

[79] "Lo sviluppo della liturgia occidentale è fato, nel lungo período medievale, dia adattamentie de riproduzioni più cge di creazione originale. La creatività si manifesta piutostoalla periferia dell'azzione liturgica: preghiere private per i fedeli o anche per il celebrante, prose sequenze, uffici di devozione ecc. Si parte poi dalla molteplicità di riti per arrivare all'uniformità stabilita nel secolo XVI dal concilio di Trento."

Igreja. Os espaços consagrados para a celebração da eucaristia e as outras ações litúrgicas já não mais expressarão o corpo eclesial que ali se reúne para celebrar o Mistério Pascal. Entre a nave da Igreja, espaço reservado para os leigos e o presbitério, ergue-se a mesa da comunhão, que marca a separação entre a assembleia e os ministros, que por força do ministério são chamados a presidi-la. "A missa se tornou oferta do padre, porque celebrava *ad orientem* (voltado ao oriente), virando as costas à assembleia"[80]. (PECKLERS, 2007, p. 84, tradução nossa).

De uma ação litúrgica marcada pela constante busca de ritos que promovessem a participação dos membros da Igreja, em suas ações litúrgicas, chegamos a um período onde se passa a desenvolver um devocionalismo estéril. "Alguns sustentavam que quanto mais alto a hóstia era elevada, mais graças se recebia". (PECKLERS, 2007, p. 84).

Como a liturgia já não é mais compreendida como fonte de espiritualidade, os cristãos vão à celebração para assistir à missa e não para nela participar. A excessiva clericalização da celebração da eucaristia faz com que os membros da comunidade eclesial se afastem da celebração do Mistério Pascal, ou chegam a essa celebração apenas com as suas devoções. "Por causa dessa redução da atividade litúrgica somente ao clero, os ministérios instituídos ao serviço da participação do povo perderam a sua utilidade, segundo a concepção da época, o ministério litúrgico se reduziu ao sacerdócio dos padres"[81]. (METZGER, 1996, p. 164, tradução nossa).

A multiplicação de missas, a teatralização da liturgia, a má formação dos presbíteros, a estreita relação entre estado e religião, a multiplicação das canonizações, a venda de relíquias e tantas outras situações conduzirão a Igreja a uma reflexão profunda sobre a necessidade de uma séria revisão de suas práticas celebrativas e ação pastoral. (PECKLERS, 2007, p. 85).

Por isso, provocada por algumas vozes que pediam por mudanças e pelos pais da reforma protestante, no início dos tempos modernos a Igreja celebrará o Concílio de Trento (NEUNHEUSER, 2009, p. 134). A grande preocupação dos bispos que irão participar desse concílio será aquela de combater as ideias dos reformadores, que com suas críticas colocavam em xeque todas as ações pastorais, celebrativas e de governo da Igreja. Porém, não podemos negar que esse concílio também apresentou uma preocupação pastoral.

---

[80] "La messa era diventata l'offerta del prete, poiché egli celebrava ad orientem (rivolto a oriente), volgendo le spalle all'assemblea."

[81] "A causa di questa riduzione dell'attività liturgica al clero soltanto, i ministeri istituiti al servizio della partecipazione del popolo hanno perso la loro utilità e, secondo la concezione dell'epoca, il ministero litúrgico si è ridotto al sacerdozio dei preti."

> Muitas vezes a reforma litúrgica de Trento vem apresentada com uma impressão conservadora. Com efeito, era subjacente um interesse pela centralização da liturgia católica, junto a uma encontrada ênfase sobre as rubricas e sobre as celebrações sacramentais rubricalmentes corretas. Para dizer com as palavras do liturgista inglês Clifford Howell, jesuíta: "Cada palavra impressa em preto deveria ser pronunciada, cada ação impressa em vermelho deveria ser cumprida". Além disso, tinha a determinação de reafirmar a catolicidade, no seu pleno sentido sacrificial[82]. (PECKLERS, 2007, p. 97, tradução nossa).

Podemos elencar aqui três objetivos elegidos por esse evento eclesial. O primeiro objetivo seria a reforma da vida clerical. O clero precisava rever algumas ações que serviam uma abundância de elementos para a sustentação das críticas dos reformadores protestantes à Igreja Católica. O segundo objetivo era o da promoção e fundação dos seminários, com o escopo de promover uma pertinente formação aos futuros sacerdotes. Era preciso formar novos padres dentro dos princípios de um Concílio que teve por escopo combater a reforma protestante. O último objetivo a que se propôs Trento, foi aquele de reformar a vida laical. É interessante notar que a reforma litúrgica envolverá estes três objetivos. Por isso,

> em 1562 os bispos conciliares aprovaram um decreto disciplinar que ordenava de eliminar os mais sérios abusos litúrgicos: a missa deveria ser celebrada somente em lugares consagrados, um modo mágico de tratar a eucaristia deveria ser cessado, junto com o uso da música litúrgica inadequada; os bispos deveriam observar mais atentamente o seu clero no que se refere às compensações recebidas pelas missas; e as práticas supersticiosas em torno do número de missas que deviam ser abolidas[83]. (PECKLERS, 2007, p. 98, tradução nossa).

No campo da liturgia teremos a publicação de um Missal, por obra de Pio V, que buscou seguir as indicações dos padres conciliares, que pedia livros litúrgicos que pudessem ser impostos a toda a Igreja presente em Roma e em outras partes de mundo. Em Trento dão-se os

---

[82] "Sovente le riforme liturgiche di Trento vengono presentate come di impronta conservatrice. In effetti, era ad esse sogiacente un interesse per la centralizzazione della liturgia cattolica, insieme a una ritrovata enfasi sulle rubriche e su celebrazioni sacramentali, 'rubricalmente correte'. Perd dirla con le parole del liturgista inglese Clifford Howell, gesuita: "Ogni parola stampata in nero doveva essere pronunciata, ogni azione stampata in rosso doveva essere compiuta". Inoltre, c'era la determinazione di riaffermare la cattolicità della messa nel suo pieno senso sacrificale."

[83] "Nel 1562 i vescovi del concilio approvarono un decreto disciplinare che ordinava di eliminare i più seri abusi liturgici: la messa doveva essere celebratasolo in luoghi consacrati; un modo magico di trattare l'eucaristia doveva cessare, insieme con l'uso di musica litúrgica inadeguata; i vescovi dovevano sorvegliare più atentamente il loro clero riguardo ai compensi percepiti per le messe; e le pratiche superstiziose circa il numero delle messe purê dovevano essere abolite".

primeiros passos para a implantação de uma liturgia fixa para toda a Igreja de rito romano. Paranhos, ao tratar deste assunto, afirma:

> Em relação à reforma dos livros litúrgicos, o Concílio não tinha a possibilidade de cumpri-la, uma vez que esta exigia um trabalho longo e decisões delicadas. O encargo pela revisão foi confiado aos papas, indicando, porém os princípios e os critérios a serem seguidos, na revisão do Missal, do Breviário e a participação dos fiéis ao cálice... A renovação foi sentida no Breviário, no Missal e nos rituais de batismo e da confirmação, com a supressão de hagiografias lendárias e de missas votivas marcadas por superstições. Os dois livros foram enriquecidos com rubricas gerais e, no início do Missal, foi previsto o *Ritus servandus.* (PARANHOS, 2022, p. 105-106).

Pensavam os padres conciliares que a imposição de uma única proposta litúrgica poderia gerar uma unidade de toda a Igreja Latina. Porém, a manutenção do latim como língua litúrgica e a centralização da liturgia em mãos dos ministros ordenados, sobretudo dos bispos e padres, foi gestando um abismo entre celebração do mistério e a vida cristã cotidiana.

> Infelizmente a liturgia depois de Trento não perdeu os aspectos espetaculares que lhe caracterizavam precedentemente. A celebração era ainda mais bonita, porém fora do verdadeiro espírito da liturgia; a dimensão mistérica e o evento da salvação não eram acolhidos e tudo isso em vista das devoções. (PARANHOS, 2022, p. 110).

Nesse sentido, em muitas partes do mundo, sobretudo na segunda metade de 1800, começam a surgir movimentos que clamavam por mudanças na vida celebrativa e pastoral da Igreja. A liturgia já não estava sendo inteligida como celebração do mistério, mas se confundia com uma definição juridicista, rubricista e estética. Aos poucos os teólogos desse tempo começam a fomentar a necessidade de se resgatar o sentido teológico da liturgia. Isso pressupunha resgatar sua força mistérica. Esse desejo de mudanças nasce da seguinte constatação: "Nas Igrejas, os altares laterais se multiplicam, como também as imagens dos santos e de Maria. A homilia se torna sermão e é feita no púlpito". (PARANHOS, 2022, 110). Observa-se nesse período um grande vazio espiritual que cooperou com o desenvolvimento de um juridicismo litúrgico e com o crescimento do número de santos no Calendário Romano, em detrimento da celebração dominical e seu sentido real.

Precisamos aqui registrar que uma das forças que dará novo impulso à liturgia da Igreja será o Movimento Litúrgico, que surge em meio a uma sociedade marcada por grandes

transformações. Esse movimento, somado aos movimentos Bíblico e Patrístico, será responsável pela elaboração de estudos teológicos que motivarão os cultores da Liturgia a visitarem as antigas fontes litúrgicas, para se repensar sua renovação e reforma. Podemos aqui registrar que dois são os objetivos nos quais se resumirão a obra do Movimento Litúrgico: "a- fazer da liturgia o alimento da vida cristã; b- responder a pergunta: O que é Liturgia?" (PARANHOS, 2022, p. 125).

A reforma da liturgia nasce na esteira de uma reflexão que traz à luz, o significado do Mistério Pascal para toda a comunidade cristã. O resgate do sentido mistérico da liturgia ajuda a motivar um Concílio, que ao invés de se apresentar como um combate à modernidade, surge na história da Igreja, para gerar novos tempos de diálogo e de retorno às fontes do cristianismo, como forma de recuperação da razão de existir da comunidade eclesial, que estando neste mundo celebra um memorial, que é o ápice de toda a vida cristã. Nesse novo caminho que se desenhava para a Igreja no mundo contemporâneo, "a liturgia teve de se libertar da imagem jurídica e superar a fase historicista para chegar a uma base teológica sobre a qual foram enxertadas as reformas de tipo pastoral". (PARANHOS, 2022, p. 128).

As mudanças pelas quais o mundo contemporâneo vinha passando no campo da teologia, filosofia e outras ciências, não poderiam passar pelo contexto eclesial sem deixar seus apelos por uma revisão profunda do que é verdadeiramente ser cristão e o sentido da vida litúrgica para os discípulos de Cristo. "Aquela situação histórica, cultural e religiosa que tinha criado e difundido a imagem da Igreja como sociedade juridicamente perfeita era já superada". (PARANHOS, 2022, p. 129).

As intervenções dos papas no início de 1900, o estudo das fontes patrísticas, ajudou muitos membros do clero e os leigos a verem um rosto da Igreja que até então estava escondido. Era preciso superar o divórcio entre povo e Igreja, que acabou gerando uma ideia distorcida sobre o que era a liturgia da Igreja. (PARANHOS, 2022, p. 130).

Por isso, entre as muitas tarefas do Concílio Vaticano II, encontramos aquela de promover um importante processo de renovação e restauro da liturgia romana. Era preciso vencer as liturgias estáticas, para fazer brotar celebrações capazes de promover uma participação ativa, consciente, frutuosa e plena de toda a comunidade cristã. É importante ressaltar que:

> Diferentemente do Concílio de Trento, em que os padres conciliares confiaram ao papa o trabalho da reforma dos livros litúrgicos, os padres do

> Vaticano II, por sua vez, entregaram ao papa um programa de renovação bem definido, expressão de toda a Igreja, sustentado por um grande compromisso pastoral e espiritual, capaz de introduzir os fiéis na participação ativa da celebração dos santos mistérios. (PARANHOS, 2022, p. 153).

Em sendo este o desejo da Igreja, faz-se então mister recuperar o sentido mistagógico dos ritos litúrgicos, sobretudo da eucaristia, que será definida como *fons et culmen* de toda a vida cristã. Aqui se coloca em evidência a importância da ritualidade do culto cristão, como meio para se atingir o Mistério Pascal. "Uma Igreja em oração sabe que fora do caminho ritual não se celebra o mistério". (COSTA, 2005, p. 37).

Através dos ritos somos inseridos no Mistério Pascal mistagogicamente. Esse mistério é atualizado e nos ajuda a viver a ação litúrgica como momento fulcral de atualização da *historia salutis*. Os ritos celebrados nos ajudam a entrar na vida mesma de Cristo, por meio do qual atingimos a Realidade Suprema, que é Deus. Por isso, "nossas celebrações litúrgicas deveriam ser o principal chamariz da Igreja e o momento cume e fonte da nossa vida de fé". (COSTA, 2005, p. 39).

Faz-se mister aqui recordar o escopo estabelecido pelos padres conciliares, quando propuseram um retorno às fontes cristãs, a fim de promover a reforma e restauro da liturgia. O retorno às fontes não se deu por um desejo anacrônico, mas para fazer aparecer a dimensão da liturgia, como espaço de atualização da história da salvação. As experiências rituais vividas pelas primeiras comunidades cristãs tiveram por escopo colocar em evidência o caráter memorial da liturgia. Celebrar a memória do ato fundante da fé cristã, isto é, a paixão, morte e ressurreição de Cristo, não era um mero repetir de gestos e palavras, mas a atualização de um fato, em resposta ao mandato de Cristo: "façam isto em minha memória". Assim sendo, "mais que todas as religiões, o cristianismo valoriza a história. Para nós, os acontecimentos ganham uma dimensão de teofania, pois a história é o lugar da manifestação de Deus". (COSTA, 2005, p. 41).

O Concílio Vaticano II, por intermédio de seus documentos procurou promover uma importante reforma e restauro da liturgia romana, a fim de que essa voltasse às suas fontes, como forma de se repensar e reprojetar o modo de celebrar, em tempos hodiernos. Aqueles que assumiram tal tarefa, após acurado estudo, conseguiram propor ritos capazes de resgatar a experiência memorial que a liturgia nos convida a vivenciar. E a acolher o ato litúrgico como celebração da história da comunidade, que se transforma em história da salvação. História da

Salvação que é "fundada na pascalidade do rito celebrado em conexão com os eventos de libertação que caracterizam as maravilhas de Deus no mundo". (COSTA, 2005, p. 41).

Por meio dos ritos a comunidade é chamada a se colocar na presença do mistério que a liturgia nos convida a celebrar. "O rito litúrgico é a dimensão expressiva que configura e reforça a experiência do Evento na vida e a experiência da vida no Evento". (GRILLO, 2017, p. 50). Evidente que a comunidade celebra tal mistério sob o impulso do Espírito, força dinamizadora de toda a comunidade cristã.

A reforma litúrgica fez surgir um novo modo de compreensão da liturgia. Ela deixa de ser compreendida como mera observância de ritos ou normas, para se tornar o meio através do qual a comunidade eclesial adentra o Mistério Pascal. Por isso, o rito assume uma característica mistagógica, isto é, de condução da pessoa ao coração do evento pascal, que se atualiza cada vez que a comunidade se reúne para celebrar a eucaristia, fonte e cume de toda a vida cristã. Pois,

> o rito modifica o cotidiano, distinguindo-o e salvando-o do banal, porque distancia dele a repetitividade e assim manifesta a liberdade na sua substância de graça; ao mesmo tempo, reestrutura a relação com o Evento, distinguindo-o e salvando-o da distância, porque o aproxima da verdade e torna possível a sua participação, descobrindo na graça uma liberdade. (GRILLO, 2017, p. 51).

O princípio norteador de toda a reforma litúrgica foi aquele de promover a participação ativa, consciente, frutuosa e plena dos cristãs na liturgia. Na celebração da eucaristia, bem como dos demais sacramentos e sacramentais, não chegamos como meros expectadores, mas no Espírito somos chamados a nos deixarmos envolver pelo mistério. Permitir-se envolver pelo mistério significa compreendê-lo, não como algo que se esconde, mas que se revela, atuando no mundo através dos membros da comunidade. "A maneira de viver de quem celebra não pode se chocar com a santidade do rito cristão". (COSTA, 2005, p. 61).

Uma das grandes intuições da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* foi aquela de apresentar no movimento ritual, como Cristo se faz presente na liturgia. No número 7 desse documento sobre a vida litúrgica da Igreja, encontramos os diversos modos de Cristo estar presente na comunidade, na liturgia. A sua presença se observa naquele que preside a assembleia eucarística, quando a Palavra é proclamada, quando se celebra os demais sacramentos e sacramentais, na assembleia reunida e por fim nas espécies consagradas. A recordação dos modos como Cristo se faz ritualmente presente à comunidade eclesial na

liturgia, pede que explicitemos os frutos que a Igreja, em processo de reforma, recolhe dessa valiosa afirmação, sobretudo quando se busca superar o ritualismo estéril para acolher o rito como caminho mistagógico de inserção no Mistério Pascal, por conseguinte momento oportuno de atualização do mistério de nossa fé. Pois, "no rito litúrgico, o ser humano não pode aparecer fantasiado de anjo ou de herói da mitologia grega, mas como é: cercado de fragilidade e sedento de santidade". (COSTA, 2005, p. 61).

O Concílio Vaticano II, ao propor a reforma litúrgica, recuperou a importante tarefa daquele que preside a assembleia. Pois, esse exerce um papel crucial de condução dos membros da comunidade eclesial, reunida para a sua oração comum, ao coração do mistério, por meio de ritos e preces. O presidente não é alguém que está diante da assembleia para executar um rito, mas com o povo de Deus ele preside um memorial, em resposta ao mandato de Jesus. A celebração desse memorial, que se dá por meio de um rito, configura-se como momento oportuno de atualização da história da salvação. O presidente deve ajudar a comunidade a "refletir sobre a liturgia como escola de oração". (BOSELLI, 2017, p. 144).

Outro importante elemento que aponta a presença de Cristo na liturgia é aquele da proclamação da Palavra. É impossível pensar uma ação litúrgica onde a Palavra de Deus não ocupe o seu crível espaço. Uma ação litúrgica é toda marcada pela Palavra de Deus. Quando essa é proclamada em meio à comunidade reunida em assembleia, ela nos recorda o Pai, que se comunica com seu povo por meio do Filho, palavra viva e encarnada, sob a luz do Espírito. O anúncio da Palavra na liturgia nos recorda que Cristo está presente na liturgia, colocando em evidência sua sacramentalidade. Ao evidenciar a importância da proclamação da Palavra de Deus na liturgia, os padres conciliares recuperaram seu caráter performativo, isto é, de caminho de formação do povo de Deus reunido em oração, pois é da Palavra proclamada que nasce a homilia. Por meio da homilia a comunidade é exortada a viver a fé. "A palavra cria vínculos entre quem fala e quem ouve". (BENEDITO, 2022, p. 55).

A reflexão sobre a presença de Cristo na liturgia se desdobra na afirmação de que ele está também na *Ecclesia orans*, quando essa se reúne para celebrar os outros sacramentos e sacramentais. Aqui se observa que diversos são os modos do agir epifânico de Deus, por intermédio do seu Filho em sua comunidade. Os ritos indicados para a celebração dos sacramentos e sacramentais se revelam como caminhos para tornar visível a presença de Cristo para sua comunidade discipular, que tem a tarefa de continuá-lo no mundo.

> Se a liturgia tem uma força, é exatamente porque opera essaelementar radicação no espaço e no tempo dos sujeitos crentes, que procede, antes de tudo, na educação dos sentidos e no plasmar da sensibilidade. Existe, na liturgia, o desdobrar-se de uma inteligência do mistério por meio de ações rituais que representam um recurso para a Igreja no porvir. (GRILLO, 2017, p. 37).

Na esteira da reflexão conciliar, faz-se mister ainda aqui recordar que Jesus está na liturgia, por meio da assembleia que se reúne e que se configura como expressão da Igreja povo de Deus. A assembleia reunida é o indicativo de uma comunidade eclesial que se forma a partir da diversidade, mas cuja cabeça é o Cristo. Essa comunidade, compreendida como corpo místico do Senhor, sabe que sua razão de existir só encontra sentindo na pessoa de Cristo, o qual ela é chamada a comunicar ao mundo por meio dos seus gestos e palavras. A assembleia é lugar fundamental da manifestação de Cristo.

> O mistério de Cristo é, portanto, não simplesmente o fato da vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo, nem simplesmente a tarefa de adequar coerentemente a nossa vida àquela vida, mas também e sempre o rito com o qual a minha experiência se faz expressão da comunhão com ele, na comunhão com os irmãos. (GRILLO, 2017, p. 45).

Concluindo os modos rituais, por meio dos quais Cristo se faz ou está presente na sua comunidade, registramos aquele das espécies consagradas. Aqui se busca evidenciar que o ápice de toda a vida cristã está na eucaristia. Ao recebê-la participamos da vida mesma de Cristo. Da eucaristia brota toda a força da Igreja, que é chamada a ser no mundo presença visível do Cristo. O pão e o vinho consagrados que hoje recebemos,

> nos leva a observar que o problema central no cristianismo hoje é crer na Igreja como comunhão, como corpo de Cristo. Numa cultura marcada pelo individualismo, pela competição, pela afirmação de si mesmo a todo custo, também em detrimento dos outros, experimenta-se como seja difícil hoje ser Igreja e fazer realmente comunidade. (BOSELLI, 2017, p. 182).

Recuperar a importância do rito, como via de atualização do mistério da nossa salvação nos ajuda a evidenciá-lo como caminho de encontro com Cristo, que de muitas formas está presente na liturgia. Por isso, podemos já afirmar que em sendo o silêncio um elemento ritual, através dele podemos também perceber a presença de Cristo na liturgia. Desse modo, a ação ritual do silêncio é espaço teológico da manifestação do Verbo encarnado nas ações litúrgicas. “No silêncio surge o vazio, espaço onde Deus pode manifestar-se”. (POELMAN, 2013, p. 90).

Tendo evidenciado a importância do rito como caminho de atualização do mistério da nossa fé, intentamos agora tratar o tema da sacramentalidade da assembleia. Pensamos ser importante a abordagem dessa temática dentro da nossa pesquisa, pelo fato de que o silêncio litúrgico é proposto à assembleia congregada em muitos momentos dessa reunião.

## 2.7 A sacramentalidade da assembleia litúrgica

A abordagem da realidade da sacramentalidade do silêncio litúrgico, nos coloca diante da assembleia que se reúne para celebrar e atualizar o Mistério Pascal. A prática de se reunir para celebrar o mistério da fé não é uma novidade dos cristãos contemporâneos. Essa prática nasce logo após o evento da paixão, morte e ressurreição do Senhor. Nos primórdios, o encontro semanal para celebrar e recordar a Páscoa do Senhor anunciava uma das novidades do grupo que assumiu a tarefa de continuar os passos de Jesus.

> A assembleia nascida da experiência salvífica em Cristo reconhece-se, pois, num tempo favorável, o kairós, que permite aos seus membros a conversão como resposta contínua, propedêutica e processual ao chamado já recebido por pura graça. (COLA, 2020, p. 39).

Na reunião semanal dos membros da comunidade, contemplamos o espaço oportuno para a revelação e celebração do Mistério Pascal. Essa celebração memorial comunica a presença de Cristo à comunidade, pois a assembleia é lugar da sua manifestação e indicativo de um novo tempo. Por isso, para os cristãos,

> entrar na assembleia é deixar-se envolver por este tempo novo, que antecipa a reunião definitiva do juízo-misericórdia, mas que, em reflexo simultâneo, atravessa salvificamente os meandros sombrios e contraditórios da história pessoal e comunitária dos convocados. (COLA, 2020, p. 39).

Para compreendermos melhor a dimensão da sacramentalidade da assembleia litúrgica, faz-se necessário revisitarmos a história e observarmos os avanços e retrocessos vividos pelos cristãos na experiência de se reunir para celebrar e atualizar o Mistério Pascal. Essa passagem pela história, mesmo que sumária, nos ajudará a entender os processos que conduziram a Igreja a recuperar no mundo contemporâneo o valor da constituição de uma assembleia, para se realizar uma ação litúrgica. Na experiência da constituição da assembleia sempre se constata

que é Deus que a convoca, para comunicar-se com ela através de *ritus et preces*. Desde já, podemos afirmar que a forma de entender o que era a assembleia dos convocados divergia entre os judeus e os cristãos.

> Enquanto os judeus confundiam convocação com discernimento, rejeitando os pecadores e os impuros, sem dar-lhes nenhum prazo, os cristãos entendem-na como ação reconstitutiva, um preparar Israel para Deus, em perspectiva escatológica. (COLA, 2020, p. 39).

Nas primeiras comunidades, muitos serão os testemunhos que indicarão a constituição de uma assembleia para celebrar o memorial da Páscoa do Senhor. Nos primórdios da fé cristã, a comunidade assiste a um verdadeiro momento de criatividade litúrgica. A comunidade eclesial, com o auxílio de seus pastores, vive um fecundo momento da construção da sua *lex orandi*, a qual nasce das experiências das reuniões comunitárias para a oração comum. Na assembleia cristã, há um espaço reservado para todos. O liturgista Cola nos ajuda a entender isso quando trata do tema assembleia e virtude.

> Já a virtude - no sentido de virtus, força, potência, possibilidade – que pulsa no coração da assembleia cristã é a autoridade para absolver aqueles que foram convocados. Os inaptos e culpados podem acercar-se do mistério celebrado pela comunidade, pois que em sua reunião atua a graça capaz de restituir a integralidade, a santidade e a justiça exigidas pela aliança. (COLA, 2020, p. 40).

As comunidades primitivas, ao estruturar os elementos constitutivos do culto cristão, colocam em evidência o valor da formação de uma assembleia para celebrar e atualizar o Mistério Pascal. (BRADSHAW, 2007, p. 85). A reunião dos discípulos de Jesus é testemunho pertinente da continuidade da missão do mestre. É sinal do florescimento de uma mentalidade que indica o caráter comunitário das ações litúrgicas e da missão de evangelizar, que a Igreja recebe como mandato do próprio Senhor Ressuscitado.

> No quarto evangelho, o Ressuscitado oficializa este mandato e o investe de eficácia com o seu sopro: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes ser-lhes-ão retidos”. (Jo 20,23). (COLA, 2020, p. 40).

Nos passos do Ressuscitado, as comunidades primitivas fazem parecer com clareza que as ações litúrgicas da Igreja são sempre fontes inesgotáveis de espiritualidade cristã. Elas se

revelam como pontos de chegada e de partida para todas as ações eclesiais. A assembleia reunida é sempre expressão de um corpo eclesial, cuja cabeça é o próprio Cristo. Na assembleia reunida Deus encontra um espaço propício para se revelar, por meio do Filho, no Espírito a toda a sua criação. Por isso, "sem dúvida, o meio mais excelente encontrado pela Igreja para inserir em suas assembleias o sujeito pecador e recentemente atingido pela pregação, dispensando-lhe, na potência do Espírito, o perdão divino, é o catecumenato". (COLA, 2020, p. 40).

A construção dos ritos e preces nessa fase da história da Igreja e de sua vida litúrgica demonstra uma grande preocupação dos membros das comunidades nascentes, em pensar uma liturgia que mantenha sempre o caráter comunitário do culto cristão, pois "o Pneuma divino irrompe como princípio interior e vivificador, que investe cada membro da assembleia de ciência e outros dons". (COLA, 2020, p. 41). Na experiência das primeiras comunidades não nos deparamos com uma prática cultual intimista, mas com um culto que alimenta na consciência dos membros da comunidade eclesial sua tarefa profética. Isto porque, "a celebração e a vivência do mistério pascal de Cristo, por causa da verdade e da realidade que representam, são de uma densidade que faz a vida gravitar em torno do altar da celebração e do testemunho do mundo". (COSTA, 2005, p. 11).

O encontro dos membros da comunidade para celebrar o Mistério Pascal se reveste cada vez mais de um compromisso em fazer conhecido o mistério que se celebra. Não assistimos neste tempo uma dicotomia entre fé e vida. As práticas eclesiais do tempo nos fazem ver que na celebração a assembleia reunida pelo Senhor é convocada a deixar-se formar por Ele. Pois devemos entender que:

> O corpo do Senhor Jesus é o sacramento que doa a vida de Deus aos homens. Quando a nossa humanidade consente de unir-se à humanidade de Jesus, participará da sua natureza divina (cf. 2Pd 1,4) e será deificada. Se é este o significado pleno da economia da salvação, se compreende como a liturgia seja o seu cumprimento. A deificação do homem será participação ao corpo de Cristo[84]. (CORBON, 2003, p. 94, tradução nossa).

A assembleia formada pelos ritos e preces nascentes é testemunho de uma comunidade de iniciados ao mistério. Um mistério que congrega e envia, exorta e acompanha. Os cristãos que tomam parte nessa reunião são formados para anunciar o *kerigma*. O anúncio do *kerigma*

[84] "... il corpo de Signore Gesù è il sacramento che dona la vita di Dio agli uomini. Quando la mostra umanità acconsentirà a unirsi all'umanità di Gesù, allora sarà partecipe della natura divina (cf. 2Pd 1,4) e sarà deificata. S è questo il significato pieno dell'economia della salvezza, si compreende come la liturgia ne sai il compimento. La deificazione dell'uomo sarà patecipazione al corpo di Cristo."

terá fundamental importância nos primórdios do cristianismo, pois será ele um dos elementos fundamentais para que a comunidade cresça cada vez mais. À medida que a comunidade cresce, desenvolve-se também a necessidade da reunião, como espaço fulcral da manifestação de Deus.

> Em todas as maravilhas operadas por Deus está contido um significado que o Espírito revela porque é artífice. O significado se torna corpo em Cristo, mas quem o inspira é o Espírito Santo. Cristo é a realidade, mas o Espírito Santo é o artífice. Pois o Espírito, aquele que o Senhor Jesus infunde "naqueles que acreditam no seu nome" para dar àqueles o poder de tornarem-se filhos de Deus (Jo 1,12). A segunda energia do Espírito Santo é aquela que nos transforma em Cristo, nos conforma, "a sua imagem, de glória em glória, segundo a ação do Espírito do Senhor"[85]. (2Cor 3,18). (CORBON, 2003, p. 107, tradução nossa).

Na experiência das comunidades primitivas a assembleia será sempre compreendida também como escola de formação para o discipulado. Isso nos leva a pensar que aqui encontram-se os germens da concepção de que a liturgia é para a comunidade cristã uma fonte perene de espiritualidade. Desse modo,

> a Igreja não pode contentar-se de ter a Eucaristia, ela não a possui; a nada serve a Eucaristia se permanece simples objeto possuído e adorado. A Igreja, ao contrário, é chamada a tornar-se o corpo eucarístico do Senhor: a verdade do corpo eucarístico é o corpo eclesial. (BOSELLI, 2017, p. 113).

Unida à sacramentalidade da assembleia nos princípios da comunidade eclesial está a dimensão ministerial. Testemunhos antigos registram que na experiência celebrativa das primeiras comunidades havia uma riqueza de ministérios que auxiliavam para que a celebração acontecesse de uma forma harmoniosa. Documentos do tempo já nos indicam algumas rubricas, em que algumas pessoas da assembleia assumiam papéis que contribuíam para o bom andamento da celebração.

> A experiência litúrgica das comunidades antigas está eivada de um espírito sacerdotal e comunitário tão intenso, que se torna capaz de legar para mais alguns séculos, pelo menos, a memória de um culto verdadeiramente comunitário e eclesial. (COLA, 2020, p. 67).

---

[85] "In tutte le meraviglie operate da Dio è contenuto um significato che lo Spirito rivela perché ne è l'artefice. Il significato prende corpo in Cristo, ma chi lo ispira è il suo Spirito. Cristo è la realtà, ma lo Spirito santo ne è l'artefice. È dunque o Spirito quello che il Signore Gesù effonde in 'coloro che credono nel suo nome' per dare loro 'il potere di diventare figli di Dio'. (Gv 1,2). La seconda energia dello Spirito santo è quella che ci transforma in Cristo, ci conforma "a sua imagine, di gloria, secondo l'azione dello Spirito del Signore". (2Cor 3,18).

Recordemos que nesse período estamos vivendo o momento da espontaneidade litúrgica, o que não se pode confundir com desatenção ao modo do como se celebra. Nascem nesse tempo muitas orações que expressam a *lex orandi* da Igreja nascente, e que influenciarão significativamente na formação dos futuros livros litúrgicos que farão notar a teologia de um povo sacerdotal.

> É, sobretudo, na eucaristia que esta atitude sacerdotal-existencial do povo cristão encontra expressão máxima e torna-se sacramento. Todo o povo batizado, reunido com o bispo, oferece a oblação espiritual, cujo princípio é a unidade efetiva da Igreja. Unida internamente ao Cristo-cabeça, a Igreja oferece a si mesma no sacramento do corpo do Senhor, recebendo dele aquela capacidade sacerdotal manifesta na cruz de fazer-se tanto vítima quanto oferente. (COLA, 2020, p. 68).

Às comunidades primitivas, ao formarem assembleias para celebrar e atualizar o Mistério Pascal, continuaram com sabedoria a missão de Jesus, pois tudo aquilo que realizaram fizeram em sua memória. A memória aqui assume a tarefa de tornar presente a realidade do mistério, que se atualiza em cada encontro da comunidade para escutar a palavra e ser alimentada pelo pão eucaristizado. Por isso, "é da participação ampla no sacerdócio de Cristo, compartilhado com seu corpo-Igreja, que cada ministro haverá de partir para compreender e evidenciar sua inserção no múnus sacerdotal ministerial". (COLA, 2020, p. 68).

Infelizmente, dentro do processo de evolução da comunidade cristã, algumas interferências externas em sua vida litúrgica fizeram com que passássemos de uma assembleia celebrante, reunião participada por todos, por intermédio da pluralidade ministerial, para um encontro de pessoas reunidas apenas para assistir a um rito. Isso se dá pelo distanciamento gerado entre liturgia e vida de fé. A partir do século IV testemunha-se um sequestro progressivo da liturgia cristã pelo cerimonial imperial.

> O triunfalismo da liturgia basilical, que contrasta radicalmente com a sadia e solene espontaneidade dos séculos anteriores, testemunha a mudança de paradigma. A assembleia celebrante, cada vez mais distanciada do altar menos motivada pela fé que por razões civis, massificada e preterida, ver-se á confundida em seu papel sacerdotal. Assumirá o lugar de plateia expectante até cair em um profundo alheamento da ação celebrativa. (COLA, 2020, p. 68).

No mundo medieval já existiam muitos sacramentários, que indicavam os elementos necessários para a validade dos ritos da Igreja e para comprovar a eficácia de uma celebração

sacramental. Não se via tanto nestes rituais uma preocupação com o envolvimento da assembleia no ato litúrgico, mas apenas o que deveria ser feito em uma celebração para que ela se tornasse válida. A assembleia se torna verdadeiramente uma plateia e isto se dá porque nesse tempo:

> A assembleia cristã se vê obrigada a integrar em sua dinâmica litúrgica sensibilidades muito contraditórias, como o espírito passional e supersticioso dos povos indo-europeus e as formalidades cerimoniais da corte dos césares. (COLA, 2020, p. 69).

A prática litúrgica desse tempo conduz cada vez mais a uma assembleia de assistentes e não de membros que participam efetivamente da celebração do mistério. Esse distanciamento faz nascer comunidades que mais cumpriam um preceito do que celebravam um mistério que se atualizava em cada encontro fraterno.

> Intensifica assim o culto dos mártires e suas relíquias, propõe bênçãos e outros sacramentais para corresponder ao gênio sacral dos bárbaros, ao mesmo tempo em que instala seus bispos nas basílicas, fazendo-lhes ocupar o lugar que cabia aos magistrados romanos. (COLA, 2020, p. 69).

No período medieval temos a formação de grandes assembleias, porém constituídas por mudos espectadores. A participação na liturgia, experimentada pelas primeiras comunidades, aqui tomará outros rumos. O ministério ordenado irá absorver todos os outros ministérios. Isso faz surgir, paralelo às ações litúrgicas, um devocionalismo. Uma fixação tão veemente na exterioridade dos ritos trará consequências drásticas à assembleia litúrgica, como o deslocamento do centro pulsante da celebração. (COLA, 2020, p. 70).

A liturgia deixa de ser o alimento espiritual da comunidade cristã, pois essa já não fala mais à Igreja reunida em oração. Com o esvaziamento da liturgia como fonte de espiritualidade, começam a surgir em meio à comunidade eclesial práticas oracionais muito mais subjetivas do que comunitárias. Ao mesmo tempo que o padre presidia a eucaristia, na assembleia as pessoas recitavam individualmente outras orações. O único momento em que se parava as orações paralelas era quando se rezava a prece eucarística. Constata-se neste período que:

> O conjunto da comunidade reunida para o culto, outrora tão consciente da importância de seu chamado comunitário, vê-se sempre mais preterido na opinião geral e no ordenamento litúrgico, até que o enaltecimento do oficiante dos ritos conduza a Igreja à polarização ministerial. (COLA, 2020, p. 70).

Com isso a eucaristia foi se confundindo cada vez mais apenas com o pão consagrado. E como testemunha a história nem todos participavam nesse período do banquete, isto é, poucos eram aqueles que se apresentavam para receber o pão consagrado. Essa nova realidade nos permite afirmar com Cola:

> As reverberações deste novo estado de coisas na teologia dos sacramentos permitem-nos falar da passagem de uma economia sacramental vinculada e vinculante ao todo eclesial, para um automatismo cúltico e um personalismo ministerial, estranhos à experiência original cristã. (COLA, 2020, p. 70).

A criação de missas particulares fez com que muitos alimentassem uma fé muito mais de devoções do que uma fé que encontrava nas devoções uma exortação para se celebrar e viver a celebração da eucaristia como momento ápice da experiência de fé cristã. O excessivo devocionalismo contribuiu para a criação de um abismo entre liturgia e vida. Isso gerou uma fé intimista, que desembocou numa desvalorização da celebração do Mistério Pascal. Vai-se à missa para cumprir um preceito e não para se alimentar a fé.

> Os ministros ordenados passam a ser requisitados para invocar, por meio da celebração eucarística, as graças almejadas pelos fiéis individualmente. Sob tais condições, a fragmentação da assembleia litúrgica atinge um grau radical: a estas celebrações acorrem somente solicitantes ou, em alguns casos, nem mesmo eles. (COLA, 2020, p. 71).

No período medieval encontramos as grandes formulações sobre a fé, todavia, a *lex orandi* da Igreja passa por um processo de esvaziamento. A vida litúrgica da comunidade eclesial precisava passar por um período sério de renovação. As práticas celebrativas precisavam ser repensadas, com o intuito de se superar os inúmeros abusos.

> Na Escolástica, a abordagem teológica percorre um viés abstracionista. O mistério eucarístico torna-se, primeiramente, enigma intelectual e complicada equação de categorias racionais. Como já acontecido à reunião dos fiéis, perde-se o "fio" histórico-salvífico de sua trama significativa. (COLA, 2020, p. 75).

A necessidade de uma renovação da vida litúrgica apresentava-se como algo urgente para um grupo de cristãos que assistia a derrocada dos processos de evangelização. As assembleias litúrgicas já não mais se configuravam como espaços da revelação do mistério da fé.

> Ventos de insatisfação não serão mais contidos a partir do século XV. A reação leiga ao aconselhamento da vida litúrgico-espiritual dá-se com um novo despertar devocional, feito de contemplação da vida de Jesus e exercício caritativos. Esta *devotio moderna*, porém, consegue só parcialmente injetar meditação e interioridade no culto distante, incompreensível e formal de então. Em sua derivação mais heterodoxa, a *devotio* concorre para um cisma – Reforma Protestante -, que praticamente abandona o caráter simbólico e ritual da liturgia para centrar-se com exclusividade no anúncio da palavra de Deus. (COLA, 2020, p. 76).

Fazia-se mister recuperar a força e a importância da reunião da assembleia para a celebração e atualização do Mistério Pascal. Entretanto, para isso era necessário abandonar as ações litúrgicas marcadas pelo fausto, a fim de recuperar sua beleza primitiva. Desse modo, a Igreja adentra o mundo moderno impelida por parte de seus membros e pela Reforma Protestante a promover algumas necessárias mudanças, sobretudo no que se refere à recuperação do sentido e importância da reunião da assembleia celebrante. Pois, "os reformadores reposicionam a assembleia no centro de suas reuniões, repropondo o sacerdócio comum dos batizados". (COLA, 2020, p. 76).

Com o avanço dos reformadores a Igreja percebeu que era necessário dar alguns passos, sobretudo, revendo algumas práticas litúrgicas que com o passar do tempo contribuíram para o esvaziamento da força sacramental da assembleia litúrgica, convocada por Deus, para a celebração e atualização do Mistério Pascal.

> Em forma de reação, o Concílio de Trento e a Contrarreforma suscitam revisões de textos e da normativa das celebrações litúrgicas, visando, sobretudo, extirpar abusos e formar assembleias mais esclarecidas. Mas também aqui não acontece o almejado resgate da matriz cultual cristã antiga, que exigiria a superação das polarizações inseridas historicamente. (COLA, 2020, p. 76).

O Concílio de Trento realizou uma obra muito limitada de renovação da vida litúrgica. Todavia, não podemos deixar de ressaltar que ela teve: "A virtude de eliminar as incoerências mais gritantes dos textos em uso, conter excessos, além de resgatar alguma parte da tradição litúrgica antiga. Mais uma vez, porém, ressente-se a ausência de acenos à assembleia". (COLA, 2020, p. 76).

Nesse período teremos a organização e imposição de um rito único para a celebração da eucaristia e dos outros sacramentos a toda a Igreja de rito romano. Isso teve por objetivo rever os abusos que estavam acontecendo nas celebrações litúrgicas da Igreja. O surgimento, em

1570, do Missal Romano, e do Ritual Romano em 1614, tinha por objetivo dar um novo fôlego à vida litúrgica da Igreja. O nascimento desses livros marcou uma tentativa de superar os abusos cometidos nas celebrações da eucaristia e outros sacramentos. Porém,

> o excesso de rubricas e detalhes e minúcias referentes ao ofício do celebrante torna os novos livros litúrgicos manuais exclusivamente clericais, exageradamente indicativos e substancialmente técnicos. Toda a responsabilidade do culto é, pois, depositada nas mãos do ministro ordenado, que é quem deve mover o complexo mecanismo celebrativo com precisão, sob pena de desobedecer a rígida legislação canônica. (COLA, 2020, p. 77).

Os novos livros litúrgicos foram construídos tendo como base um pensamento escolástico, que delegava a fórmula e matéria à validade da celebração de um sacramento. Isso fez com que a comunidade cristã católica ampliasse ainda mais uma ideia distorcida do rito. Isto é, pouco a pouco voltou-se ao ritualismo e sobretudo a um ampliamento do clericalismo litúrgico. Aqui assistimos a um esquecimento da assembleia. A liturgia continua sendo celebrada com uma língua desconhecida, poucos são os textos bíblicos proclamados nas celebrações e mínima é a participação dos fiéis na liturgia. O excessivo clericalismo litúrgico gera o desconhecimento da importância de uma assembleia para a celebração do Mistério Pascal. “Durante a missa os fiéis rezam suas devoções particulares e paralelas à ação litúrgica”. (COLA, 2020, p. 77).

A implantação desse novo missal e dos outros rituais para a celebração dos demais sacramentos foi com o tempo apontando que era preciso que a Igreja se abrisse para um novo processo de renovação e reforma da sua *lex orandi*. Cada vez mais se fazia importante rever as práticas celebrativas, a língua utilizada nas celebrações e sobretudo o conceito de liturgia, que dava muita evidência a uma ideia jurídica, estética e rubrical da mesma, em detrimento de um conceito teológico. Em síntese, para se resgatar o valor da assembleia litúrgica e concomitantemente a sua sacramentalidade, era preciso recuperar o sentido teológico da liturgia. Isto porque:

> A restauração litúrgica tridentina resultou em um tenaz anexo às formas herdadas de uma Idade Média, na qual a liturgia tinha se tornado um fato clerical do qual o povo se distanciou. A teologia do culto cristão, aquela dos Padres, tinha sido esquecida, e o evento da salvação, operante na ação litúrgica, continuava ausente. (PARANHOS, 2022, 126).

O caminho dessa recuperação não será fácil. Porém, pouco a pouco foi se observando que era necessário fazer a estrada, a fim de dar novo impulso à vida litúrgica da Igreja. Na passagem do século XIX para o século XX, já não se poderia mais pensar em uma ação litúrgica onde apenas os ministros ordenados assumiam um protagonismo. Era preciso recuperar o sentido e a importância da participação de todos os batizados na celebração eucarística e dos demais sacramentos. (PECKLERS, 2007, p. 105-116).

Em diversas partes do mundo assistiremos a tentativas de superação de um ritualismo estéril, com o escopo de recuperar a liturgia como fonte de espiritualidade. Na esteira de promover a renovação da vida litúrgica da Igreja, assistiremos a importantes processos, engendrados pelo Movimento Litúrgico, que se une ao Movimento Bíblico e Movimento Patrístico. A unidade desses três movimentos foi fundamental para a vida litúrgica da Igreja. Contribuiu para a recuperação da teologia do mistério cristão na liturgia. Esse não visto como aquilo que se oculta, mas como o que se desvela e se atualiza na vida celebrativa da comunidade eclesial. Aqui é importante recordar que: "o Movimento Litúrgico não teve início nos escritórios vaticanos, nem nas chancelarias das dioceses, mas em alguns mosteiros e paróquias e em congressos de estudos e círculos culturais"[86]. (PECKLERS, 2007, p. 118, tradução nossa).

O conhecimento das primeiras fontes litúrgicas, os modernos estudos das Sagradas Escrituras e a busca pela superação de um conceito estético, rubricista e jurídico da liturgia abriram caminhos para se repensar as práticas celebrativas, a fim de que elas fizessem ver com maior clareza o Mistério Pascal celebrado. Augé afirma que:

> É importante para a renovação litúrgica posterior nesta época de restauração à atividade científica que tem por objeto a história da liturgia. Surgem amplas edições dos padres e obras sobre as fontes: o Migne inicia e publica velozmente a Patrologia Grega e Latina. Desse modo, colocam-se as premissas para uma consideração muito crítica da liturgia medieval-tridentina, muitas vezes elogiada unilateralmente na fase de restauração. Assinala-se também a publicação, ao início do século XX, do monumental *Dictionnaire d'archéologie chrétienne et liturgie*[87]. (AUGÉ, 2010, p. 50, tradução nossa).

[86] "Il movimento litúrgico, quindi, non ebbe inizio negli uffici vaticani, né nelle cancellerie diocesane, ma in alcuni monasteri e parocchie e in congressi di studi e circoli culturali."
[87] "Importante per il rinnovamento litúrgico posteriore è in quest'epoca della restaurazione l'attività scientifica che ha per oggetto la storia della liturgia. Sorgono ampie edizioni dei padri e opere sulle fonti: il Migne inizia e pubblica velocemente la Patrologia latina e greca. In questo modo vengono poste le premesse per uma considerazione più critica della liturgia medievale-tridentina, spesso elogiata unilateralmente nella fase della restaurazione. Da segnalare anche la pubblicazione, all'inizio del secolo XX, del monumentale Dictionnaire d'archéologie chrétienne et de liturgie."

As vozes de muitos estudiosos da liturgia darão impulso a novas pesquisas que contribuirão de uma forma pertinente com a renovação e reforma da vida litúrgica da Igreja e com ela a recuperação do sentido sacramental da assembleia celebrante. Grillo nos ajuda a entender o grande contributo do Movimento Litúrgico para a renovação da vida litúrgica da comunidade eclesial quando assevera: "o movimento litúrgico inaugura um novo método teológico, para sair da parte rasa do racionalismo (sistemático), sem cair nas outras partes rasas do positivismo (historicista)". (GRILLO, 2022, p. 55). Continuando sua reflexão, trará à luz a particularidade desse novo método, que ajudou a repensar a vida litúrgica da Igreja afirmando:

> A característica desse método é justamente a recuperação (respectivamente) de um "realismo litúrgico", de um pensamento total, de uma oposição polar, que permite superar a oposição entre teologia e antropologia na compreensão da ação litúrgica. (GRILLO, 2022, p. 55).

Esse novo impulso para a vida litúrgica da Igreja terá importantes interlocutores como: Próspero Gueranger, Leonard Beaudoin, Odo Casel, Romano Guardini, Cipriano Vagaggini, Anniballe Bugninni entre outros. Esses teólogos da liturgia assumiram com competência teológica a formulação de um pensamento teológico, que auxiliou na gestação de novos tempos para a vida litúrgica da Igreja. Esses e outros teólogos contribuíram para que a Igreja chegasse ao Concílio Vaticano II e publicasse como seu primeiro documento uma Constituição Conciliar intitulada *Sacrosanctum Concilium*, na qual tratou sobre a vida litúrgica da comunidade eclesial, colocando em relevo os elementos a serem reformados e renovados na liturgia da Igreja. A partir daqui podemos afirmar que "o Movimento Litúrgico não é só um antes, mas também e sobretudo depois da Reforma, por preocupar-se em 'formar' os ritos reformados e por meio deles". (GRILLO, 2022, p. 55).

O advento do Concílio Vaticano II significou um novo momento para a recuperação da importância da sacramentalidade da assembleia litúrgica. Nos documentos conciliares aparecerá com maior clareza a necessidade da constituição de uma assembleia, com o intuito de celebrar e atualizar o mistério da fé. Com isso observa-se a retomada do sentido teológico da liturgia, que a Igreja perdeu com o passar do tempo.

Por isso, a *Sacrosanctum Concilium* irá afirmar no número 10:

> A Liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força. Na verdade, o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e

> pelo batismo, se reúnam em assembleia, louvem a Deus na Igreja, participem no sacrifício e comam a Ceia do Senhor.

Uma das grandes tarefas que os padres conciliares entregaram nas mãos das comissões responsáveis em promover a reforma e restauração da liturgia foi a da redação dos novos livros litúrgicos capazes de orientar a teologia, a pastoral e a ação ritual proposta para a celebração dos sacramentos e sacramentais da Igreja. Nesses livros o principal elemento a ser observado era aquele da promoção ativa, consciente, frutuosa e plena na liturgia de toda a comunidade cristã.

> Diferentemente do Concílio de Trento, em que os Padres conciliares confiaram ao papa o trabalho da reforma dos livros litúrgicos, os Padres do Vaticano II, por sua vez, entregaram ao papa um programa de renovação bem definido, expressão de toda a Igreja, sustentado por um grande compromisso pastoral e espiritual, capaz de introduzir os fiéis na participação ativa de celebração dos santos mistérios. (PARANHOS, 2022, p. 153).

A orientação dada pelos padres conciliares se fez ver na criação de livros litúrgicos, que buscaram colocar em evidência o caráter comunitário da liturgia. Isto é, toda ação litúrgica pede a formação de uma assembleia. A assembleia é lugar concreto onde a realidade do Mistério Pascal se manifesta à comunidade e nela é atualizado.

> A reforma da liturgia se coloca ao intento de uma renovação geral da praxe eclesial, desejada por uma Igreja que decide simultaneamente redescobrir a própria natureza de mistério de viver a missão confiada por Cristo com grande atenção aos sinais dos tempos. (PARANHOS, 2022, p. 154).

Desse modo, à luz dos ensinamentos conciliares a assembleia litúrgica é expressão da reunião dos cristãos que por meio de *ritus et preces* celebraram um memorial, por meio do qual a presença de Cristo é continuada no mundo pela comunidade eclesial. A assembleia reunida é chamada a participar do sacerdócio de Cristo, por meio do qual ela presta culto ao Pai, em vista da santificação do ser humano.

Por ser lugar da manifestação de Deus, a assembleia tem um caráter sacramental. Aqui faz-se mister recordar que uma das formas indicadas da presença de Cristo na liturgia é a reunião de uma assembleia (SC, n. 7). Em linhas gerais a assembleia é manifestação do mistério da Igreja. (PARANHOS, 2022, p. 155).

Um dos apelos do Concílio Vaticano II, quando começou a pensar o processo de reforma e restauração da liturgia, foi o de retornar as fontes primitivas, com o intuito de pensar as práticas litúrgicas no mundo contemporâneo. O retorno às fontes tinha por escopo beber das primeiras experiências celebrativas da comunidade cristã, com a finalidade de propor novos caminhos para a vida litúrgica no tempo hodierno, sem cairmos na tentação de ficarmos presos ao passado. A comunidade cristã precisava contemplar novos horizontes, entrever novas possibilidades. Levando em consideração as Sagradas Escrituras, a Tradição e o Magistério eclesial repensar e repropor suas ações celebrativas.

> As celebrações litúrgicas devem ser concebidas, celebradas e interpretadas pelo viés da ação autocomunicante de Deus que vem ao encontro do ser humano em Jesus de Nazaré, cuja presença permanece sacramentalmente, após sua morte e ressurreição, no corpo eclesial pela ação do Espírito Santo. (PARANHOS, 2022, p. 159).

A audácia em repropor novos caminhos para a vida litúrgica da Igreja cooperou para o surgimento de uma Pastoral Litúrgica, com a finalidade de formar os cristãos para a celebração das ações celebrativas, sobretudo a eucaristia. A recuperação do sentido sacramental da assembleia colocou fim, em partes, a uma ideia difusa e errônea de que o cristão "assistia a missa". A participação de um cristão na assembleia litúrgica o forma para uma coerente vida discipular, para uma espiritualidade que o ajuda a tomar conhecimento da sua tarefa no mundo como parte do corpo eclesial. Por isso,

> a reforma litúrgica foi levada adiante a partir do escopo, objetivando enraizar a espiritualidade dos discípulos e discípulas do Senhor nesta perspectiva teológica, uma vez que fazia tempo que o mundo devocional havia sequestrado da liturgia o lugar matricial da vida cristã. (PARANHOS, 2022, 159).

Os novos livros litúrgicos, nascidos segundo as reflexões do Vaticano II, não difundem e nem permitem mais essa ideia de uma assembleia formada por meros espectadores. Mas eles procuram recuperar o protagonismo da assembleia, que se dá sob a luz do Espírito Santo. Esse protagonismo conduz a comunidade ao seu coração e razão de ser, isto é, celebrar e continuar o Mistério Pascal. Quando assim se intelige o sentindo do ser comunidade pode se afirmar:

> Quando a fé é viva e real a vontade de realizá-la, a liturgia não morre e está repleta de significado. Pedirá e porá em ação as renovações que o Concílio

> apresentou. Será inventiva na observância, mas para ser mística; isto é, inclusão no mistério. Caso contrário, para que serve celebrar? A liturgia deve ser o sinal de uma Igreja viva. (BIFFI, 2022, p. 41).

A celebração memorial do Mistério Pascal coloca a comunidade diante da Realidade Fundamento. Na razão primeira de ser da própria comunidade cristã, isto é, ser continuidade memorial do próprio Cristo, que na ceia com os seus discípulos afirmou que tudo a partir daquele momento deveria ser feito em sua memória, a fim de que ele permanecesse vivo em meio a sua comunidade.

Sendo assim, a assembleia é expressão clara da realidade do Mistério Pascal, pois é o Pai que a convoca para celebrar a fé por meio do Filho, no Espírito. Essa nova e valiosa concepção da assembleia litúrgica nos ajuda a dar passos e inteligir porque a liturgia é *fons et culmen* de toda a vida cristã. Como fonte e cimo de vida espiritual a liturgia é expressão do mistério da fé e nela somos iniciados. Essa iniciação se dá por meio de gestos, símbolos e palavras.

> A razão mais profunda pela qual essa iniciação é necessária não está na óbvia condição de qualquer texto ou símbolo, que dificilmente se aceita logo, sem esforço. Mas está na natureza da linguagem litúrgica, ou melhor, do mundo que ela é chamada a mediar e a exprimir. (BIFFI, 2022, p. 67).

Essa estrada percorrida de renovação da vida litúrgica da Igreja, a partir do Vaticano II, está quase atingindo os seus 60 anos. Porém, mesmo já tendo feito uma longa estrada, a comunidade cristã ainda precisa dar muitos passos para um ampliamento da consciência entre os cristãos do valor sacramental da assembleia. Pois, "não existe liturgia cristã se não nos encontrarmos e nos deixarmos reconduzir para a realidade do evento que alimenta e dá a memória objetiva através da linguagem, na qual é como que inscrito e experimentado no seu existir novo". (BIFFI, 2022, p. 72).

Nos últimos tempos faz-se necessário recuperar o sentido da assembleia como parte da celebração. Ela não é apêndice, mas elemento essencial para que aconteça o ato celebrativo. Aqui surge um importante elemento que é aquele de sermos formados para capitar o sentido do símbolo assembleia para toda a comunidade cristã. E a nossa formação se dá por meio dos ritos e orações utilizados pela liturgia. "A ritualidade litúrgica, porém, não existe para si mesma, mas em função do mistério celebrado". (COSTA, 2005, p. 117).

Procuramos apresentar alguns elementos, que retirados da história da liturgia nos ajudam a pensar a sacramentalidade de assembleia litúrgica. Revisitar a história da liturgia para compreender o conceito de assembleia que temos hoje nos permite pensar o futuro, a engendrar alguns processos que nos ajudam a entender que o lugar concreto em que somos chamados a viver a realidade do silêncio litúrgico-sacramental é na reunião da comunidade, como caminho propício de encontro com o Senhor,

Tendo tratado da sacramentalidade da assembleia, não poderíamos deixar de dedicar algumas linhas para tratarmos da sacramentalidade da Palavra. Por isso, o passo que agora damos é em vista dessa reflexão.

## 2.8 A sacramentalidade da Palavra

Em tempos hodiernos assistimos na comunidade cristã um valoroso trabalho de estudo, difusão e meditação da Palavra de Deus. Através de círculos bíblicos e outras iniciativas a comunidade eclesial tem buscado desenvolver entre seus membros uma relação de maior proximidade com a Palavra, que deve ser guia e fundamento de todas as ações da comunidade cristã. O uso abundante da Palavra do Senhor na liturgia é um dos frutos do Concílio Vaticano II. "A Palavra mesma se torna sacramento na celebração eucarística, em virtude da ação do Espírito Santo"[88]. (KLÖCKENER, 2012, p. 268, tradução nossa).

Desde os primórdios a comunidade cristã sempre reservou um tempo em suas ações litúrgicas para escutar a Palavra. Alguns testemunhos antigos nos apontam que no dia do sol ou no *dies domini*, os membros da comunidade cristã se reuniam para escutar o anúncio dos profetas ou os ensinamentos dos apóstolos.

> Um exemplo concreto da leitura da Escritura na celebração eucarística é dado por Justino mártir, na sua Apologia, que nos remete à metade do século II. Todavia, Justino não nos fornece alguma notícia sobre a escolha das leituras, ou tamanho e divisão[89]. (KLÖCKENER, 2012, p. 263, tradução nossa).

[88] "La Parola stessa diviene sacramento nella celebrazione eucaristica, in virtù dell'azzione dello Spirito Santo."
[89] "Un esempio concreto delle letture scritturistiche nella celebrazione eucaristica è oferta da Giustino Martire nella sua Apologia, che risale ala metà del II secolo. Tuttavia, Giustino non ci fornisce alcuna notizia sulla scelta delle letture, la loro ampiezza e la loro suddivisione."

Tal prática foi transmitida pelos discípulos das primeiras horas aos que viriam continuar os passos de Cristo. Graças a um frutuoso exercício da comunidade cristã para a escuta da Palavra do Senhor, o Evangelho foi transmitido, chegando até nós.

> A Igreja Antiga testemunha em modo ulterior o grande respeito pela Bíblia no contexto da liturgia. Assim, o conhecimento da Sagrada Escritura era um elemento central do catecumenato como itinerário para se tornar cristão plasmado no sentido litúrgico-catequético[90]. (KLÖCKENER, 2012, p. 263, tradução nossa).

Porém, é preciso ressaltar que no decorrer da história da Igreja nem sempre a Palavra de Deus ocupou um papel de destaque nas ações litúrgicas. Nas primeiras comunidades assistimos a um grande esforço em torná-la conhecida por todos. Entretanto, em períodos posteriores o contato com a Palavra de Deus será bem pífio. Nem todos os textos bíblicos eram estudados pelos futuros presbíteros e sobretudo as propostas de leituras a serem utilizadas nas celebrações eram bem poucas. "Nos séculos sucessivos, a Sagrada Escritura não teve a mesma importância como aconteceu no período da tardia antiguidade cristã". (KLÖCKENER, 2012, p. 265).

No período medieval o anúncio da Palavra nas celebrações não é muito testemunhado. Analisando o uso da Palavra de Deus neste período Klöckener afirmará:

> Certamente, na celebração eucarística e na Liturgia das Horas se continuava a ler a Bíblia, e existiam subsídios e livros adequados redigidos na forma de listas de perícopes, Lecionários, Evangeliários ou, mais adiante, o *Missale Plenum*; mas uma proclamação num sentindo estreito a toda a comunidade no contexto da liturgia medieval não existia quase nunca[91]. (KLÖCKENER, 2012, p. 265, tradução nossa).

Todavia, precisamos considerar que os textos eucológicos, que são expressões da *lex orandi* da Igreja, encontram na Palavra de Deus seu fundamento teológico. O estudo exegético dos antigos e novos textos utilizados nas ações litúrgicas da Igreja demostram a riqueza de

---

[90] "La Chiesa antica testemonia in modi ulteriori il grande rispetto per la Bibbia nel contesto della liturgia. Così la conoscenza della sacra Scrittura era un elemento centrale del catecumenato come itinerario per diventare cristiani plasmato in senso litúrgico-catechetico."

[91] Certamente, "nella celebrazione eucaristica e nella Liturgia delle Ore si continuava a leggere la Bibbia, ed esistevano sussidi e libri adeguati redatti nella forma di liste di pericopi, Lezionari, Evangeliari o, più avanti, il Missale Plenum; ma uma proclamazione in senso stretto all'intera comunità nel contesto della liturgia dal Medioevo non avveniva quase più."

citações implícitas ou explícitas de textos tirados das Sagradas Escrituras e que fundamentam teologicamente essas orações com importantes elementos da revelação.

> A maioria das fórmulas e das aclamações que encontramos nos diversos gêneros de celebrações litúrgicas é uma citação bíblica ou tem um fundo bíblico, a partir das fórmulas da saudação na missa, que nos remete às epístolas neotestamentárias, passando pelas fórmulas do início de cada parte da Liturgia das Horas[92]. (KLÖCKENER, 2012, p. 271, tradução nossa).

A Palavra de Deus ganhará grande evidência na liturgia a partir do Concílio Vaticano II. Na *Sacrosanctum Concilium* são muitos os artigos que colocam em evidência a necessidade do uso da Palavra de Deus de forma abundante na Liturgia. Já não é mais possível pensar a celebração dos sacramentos e sacramentais sem o que chamamos de Liturgia da Palavra.

> Uma das grandes aquisições do Concílio no tocante à reforma dos ritos, sem dúvida, consiste na restauração do lugar da Sagrada Escritura na celebração litúrgica. Por muitos séculos, a leitura da Bíblia na liturgia foi colocada em segundo plano, sobretudo como reação apologética à Reforma Protestante. Entretanto, com o resgate da perspectiva histórico-salvífica das ações litúrgicas, a Escritura celebrou o feliz reencontro com a ritualidade cristã. Desde a virada conciliar, então, o povo católico se beneficia da fonte da Palavra, escutada e celebrada em cada liturgia. (BENEDITO, 2022, p. 17).

Em todas as ações litúrgicas o anúncio da Palavra fundamenta e conduz a celebração do sacramento. Por isso, a Palavra não é entendida como adendo da celebração, mas parte integrante do rito.

> A restauração da liturgia da Palavra promovida pelo Concílio Vaticano II foi um dado importante para a renovação da vida eclesial. O retorno da Sagrada Escritura à liturgia constitui uma das principais condições para o fortalecimento da unidade cristã e da missão apostólica. (BENEDITO, 2022, p. 37).

A criação de um novo elenco de leituras para a celebração dos sacramentos e sacramentais colocou em evidência a importância da Palavra na celebração litúrgica e o valor ritual do silêncio que acompanha sua proclamação. O silêncio nesse momento ajuda a

[92] "La maggioranza delle formule e delle acclamazioni che incontriamo nei diversi generi di celebrazioni liturgiche è o una citazione biblica oppure há un retroterra biblico, a partire dalle formule di saluto nella messa, che risalgono alle espistole neotestamentarie, passando per le formule, di inizio di ogni parte nella Liturgia delle ore."

assembleia reunida para a celebração pascal a entender que o anúncio da Palavra é sinal do próprio Deus que se comunica com a sua comunidade.

> A importância da Escritura para a liturgia é a mesma com relação ao ar que se respira. Não bastasse isso, segue a mesma dinâmica da respiração: inspira-se ao escutar a Palavra proclamada e expira-se através das orações, cantos, e outros gestos rituais, que expressam a fé. (BENEDITO, 2022, p. 40).

Por meio do anúncio a comunidade testemunha a sacramentalidade da Palavra, pois o gesto expressa a revelação de Deus a toda a humanidade. Nela Cristo está presente e vem ao encontro de seus irmãos, a fim de instrui-los no Espírito. "A constituição sobre a revelação aponta que é no ambiente ritual que a Escritura aparece como Palavra de Deus. É na liturgia que a Escritura é proclamada, cantada e rezada, ações que dão concretude à Palavra". (BENEDITO, 2022, p. 49).

A riqueza dos novos lecionários, elaborados para a celebração dos sacramentos e sacramentais já nos ajudam a pensar a força que a Palavra assume dentro das ações litúrgicas da Igreja. A Palavra proclamada faz ver os valores éticos a serem vividos e ensinados pelos cristãos. Sustenta e anima a vida pastoral da comunidade eclesial. Ensina e testemunha os valores do reino. Forma e envia os cristãos. "Escutando com ânimo disponível a Palavra de Deus na Igreja, desperta-se a caridade e a justiça para com todos, sobretudo para com os pobres". (VD n. 103).

Nas ações litúrgicas a sacramentalidade da Palavra não se faz notar apenas pelo seu anúncio, mas também pela própria homilia. "O Concílio buscou restituir à liturgia da Palavra a sua dignidade e eficácia, determinando as leituras em língua viva e devolvendo à homilia o seu devido lugar de honra". (BENEDITO, 2022, p. 53). A homilia, segundo as orientações conciliares, nasce da Palavra de Deus. Todavia, é preciso compreender que essa Palavra se faz presente em todos os textos eucológicos, espalhados pelo rito indicado para a celebração. Por isso, na ação ritual todos os textos são importantes e capazes, quando bem rezados ou proclamados, de comunicar e celebrar o Mistério Pascal. No Concílio Vaticano II pode-se observar que: "a Igreja, então, convenceu-se de que não há progresso litúrgico possível sem uma educação bíblica do cristão, porque não há liturgia sem a Bíblia". (BENEDITO, 2022, p. 53).

Desse modo, a homilia é um elemento fundamental da ação litúrgica no qual a meditação da Palavra e o silêncio orante da assembleia se encontram, para evidenciar a sacramentalidade

dos textos sagrados. A exortação feita à comunidade para viver segundo as Escrituras faz ver a importância dos múltiplos tesouros da Palavra proclamada em meio à assembleia litúrgica. Por isso, "a revalorização da Sagrada Escritura na ritualidade cristã se tornou também um ponto de partida para outra abordagem nas relações entre Bíblia e liturgia: a sacramentalidade da Palavra de Deus". (BENEDITO, 2022, p. 54-53).

Ao ser proclamada no meio da assembleia a Palavra se faz carne. Revela à comunidade os prodígios de Deus em favor de seu povo. Impele os membros da comunidade eclesial a irem por todo o mundo e a todos pregar o Evangelho. Pois, "a palavra cria vínculos entre quem fala e quem ouve". (BENEDITO, 2022, p. 55).

Desse modo, não é equivocado afirmarmos que o anúncio da Palavra é uma via de educação para a fé. A fé nos coloca diante de um mistério, que pode ser tocado, sentido, inteligido. Aqui a Palavra é o mistério que se revela no tempo e na história, sem perder a sua novidade. Por isso,

> a Palavra divina, mais que didaqué (ensino, doutrina, é o *dabar* criador e poderoso, enunciado em favor da salvação dos homens. Quando a palavra chega até nós, é o próprio Deus que nos alcança; quando é proclamada, o próprio proclamado chega para salvar a todos. (BENEDITO, 2022, p. 56).

Abordar o tema da sacramentalidade da Palavra nos impõe a tarefa de tratar sobre a disposição para a acolhida da proclamação da Palavra, como espaço e momento da revelação, do fundamento primeiro de toda a existência humana, que é Deus. A Palavra proclamada em meio à assembleia não é um conjunto de palavras para se defender uma ideia ou ideologia, mas é uma pessoa que oferece o fundamento de todo o existir humano, Jesus Cristo. "A partir da encarnação, a evangelização e a salvação realizam-se através de uma única realidade: a sua humanidade, foi na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento da nossa salvação". (BENEDITO, 2022, p. 61).

Os sentidos humanos acolhem das mais diversas formas essa Palavra, que uma vez proclamada se reatualiza no seu sentido mais profundo, em meio à assembleia. "Acolher a Palavra é, na verdade, acolher o próprio Cristo, que vem à assembleia litúrgica com o desejo de transformar, com sua potência transformadora, a vida dos batizados". (BENEDITO, 2022, p. 64).

A primeira forma pela qual o ser humano acolhe a Palavra é por meio da escuta. O gesto de escutar na ação litúrgica a Palavra proclamada significa voltar-se com atenção ao Senhor

que deseja falar. É deixar-se envolver por uma palavra que deseja estimular no ser humano novas atitudes. Porém, o anúncio da Palavra pressupõe uma escuta silenciosa. O silêncio aqui é *didaskalia*, isto é, meio educativo, que auxilia o ouvinte a inteligir os apelos que a Palavra proclamada faz à pessoa que a recebe na celebração memorial e é chamada a viver segundo aquilo que foi transmitido, por intermédio da sua proclamação, em uma assembleia formada por um povo sacerdotal. "Toda vez que a Palavra é celebrada, acontece o renascimento mistérico da Escritura. Ali se pode experimentar a potência e a eficácia de cada palavra que sai da boca de Cristo". (BENEDITO, 2022, p. 65).

A atenta escuta da Palavra faz com que o ser humano contemple a realidade com os olhos da fé. Aqui chamamos a atenção para a visão. Nos últimos tempos observamos que o ser humano tem perdido a capacidade de contemplar a realidade. Isto é, enxergar além do puro aparente. Por isso, educados pela proclamação da Palavra que coloca em evidência a sua sacramentalidade, o modo com que contemplamos a realidade nos faz ver, mesmo diante das precariedades da vida, a possibilidade da concretização do Reino. Aqui faz-se mister recordar que aquele que acolhe a Palavra, e por ela se deixa orientar, com sabedoria, penetra na realidade do mistério. "Quando a Escritura é proclamada na liturgia, é imbuída de uma nova realidade sacramental, por meio da qual se torna palavra inspirada proclamada hoje, direcionada à assembleia e eficaz para ela". (BENEDITO, 2022, p. 66).

O penetrar na realidade do mistério nos conduz a outro sentido despertado pelo anúncio da Palavra que é aquele do tato. Formado pelo anúncio da Palavra, o ser humano toca e se faz presente na sociedade de forma a transformar a história em espaço saudável de convivência. A busca no mundo cristão por relações que de fato sejam reveladoras da presença de Deus entre os homens, nasce de uma atenta escuta da Palavra, que do início aos nossos dias sempre foi compreendida pelos cristãos como guia e luz para a tomada de sábias decisões. "Através do Espírito Santo, o texto bíblico proclamado torna-se epifania e transfiguração da Palavra no hoje da vida, daquele que professa a fé em Cristo". (BENEDITO, 2022, p. 68).

Pelo que por ora estamos afirmando, inteligir o sentido da sacramentalidade da Palavra de Deus será sempre uma urgência para os cristãos de todos os tempos. Pois se faz necessário colocar em evidência sua função de educadora e de atualizadora do mistério da salvação.

> A Palavra de Deus, a qual a Igreja tem a missão de levar ao mundo, não pode se limitar a um simples preceito moral ou doutrinal – e nem mesmo esgotar na pregação. Ela precisa se tornar um acontecimento na nossa vida, lugar onde

> somos chamados a fazer nosso encontro salvífico com Deus. (BENEDITO, 2022, p. 77).

A Palavra de Deus proclamada será sempre uma novidade, pois seu anúncio é continuidade do anúncio de Cristo, que tomando o livro do profeta Isaías e subindo num ponto alto da Sinagoga, após ler um trecho desta profecia afirmou: "hoje esta palavra se cumpriu." (Lc 4,13-16).

Em Cristo e por meio do seu ministério a Palavra se cumpre, a fim de realizar, em favor de todos, a salvação. O Mistério Pascal se renova em favor de toda a comunidade cristã, que não vive de uma palavra qualquer, mas do próprio Cristo Palavra, fundamento de toda a vida cristã. Aqui se recorda que "o centro de cada testemunho evangélico é o evento pascal"[93]. (PAOLO, 2012, p. 284, tradução nossa).

Nos tempos atuais, um dos grandes desafios que se colocam à comunidade cristã é aquele do exercício para a escuta da Palavra de Deus. Mesmo depois de tantos anos da publicação dos lecionários, à luz dos ensinamentos do Vaticano II, faz-se necessário que a comunidade eclesial intelija a importância da proclamação da Palavra dentro das ações litúrgicas, como caminho para a celebração sacramental. (MEDEIROS, 2012, p. 322).

Uma tarefa que se coloca à Pastoral Litúrgica hoje é aquela de tornar o elenco de leituras, proposto para as celebrações litúrgicas, conhecido por toda a comunidade eclesial. Isso se faz necessário para evidenciar o local da Palavra de Deus nas ações litúrgicas da Igreja. Porque, "a liturgia é reconhecida como o lugar privilegiado no qual Deus nos fala no momento presente da nossa vida"[94]. (MEDEIROS, 2012, p. 323, tradução nossa).

A Palavra de Deus já não pode ser mais compreendida como um adendo em nossas celebrações. É preciso entender que ela é parte integrante do rito e que através dela a comunidade cristã é preparada para a ação sacramental. (GRILLO, 2017, p. 86). A sua escuta é de fundamental importância, pois ela, no seu bojo, traz os princípios norteadores da vida cristã.

O gesto de acolhida da Palavra de Deus, semeada em meio à assembleia é reconhecimento da força ética que ela deseja nos revelar. Essa força ética é que indica os passos que devemos dar como Igreja, para respondermos com fidelidade criativa aos desafios da missão. A valorização da sacramentalidade da Palavra de Deus contribui para que a vida mística

[93] "Il centro do ogni testimonianza evangelica è l'evento pasquale."
[94] "La liturgia é riconosciuta come ambito privilegiato in cui Dio ci parla nel momento presente della mostra vita."

da comunidade se renove cotidianamente e a novidade do Evangelho seja sempre um elemento integrador e jamais promotor de hiatos entre fé e vida ou promotor de dissociações entre os membros da comunidade eclesial.

## 2.9 A ministerialidade litúrgica como expressão da realidade sacramental da Igreja

Uma vez que tratamos da sacramentalidade da Palavra de Deus, dentro da ação litúrgica, uma novidade que nos vem dos ensinamentos do Concílio Vaticano II e que em tempos hodiernos tem ganhado evidência na reflexão construída pela Ciência Litúrgica é a ministerialidade litúrgica e a sua dimensão sacramental. Desse modo, por ora a tarefa que nos impomos é aquela de pensar a ministerialidade litúrgica como expressão da realidade sacramental da comunidade eclesial. A opção por tratar desse assunto em um estudo sobre a realidade sacramental do silêncio litúrgico tem por objetivo apontar que a harmonia ministerial em uma ação litúrgica é expressão viva de uma comunidade que se reúne para celebrar e louvar o seu Senhor, por intermédio de Cristo, na força do Espírito. Aqui já podemos ressaltar que: "tanto os diversos ministérios litúrgicos como a própria celebração, entendida como ação ritual, devem estar claramente postas a serviço do Verbo. (DWORAK; In: PARO (org.), 2020, p. 13).

Toda ação ritual exige o exercício de uma ministerialidade, que coopera para que Deus se comunique com todos aqueles que se reúnem a partir da sua convocação. Por isso, todos serviços litúrgicos têm por escopo auxiliar no processo de comunicação entre Deus e a sua comunidade. Assim sendo,

> o que está em jogo na celebração cristã, portanto, é esta comunicação, esta manifestação de Deus através da consistência e do significado das palavras ditas e dos gestos realizados pelos participantes da ação litúrgica em um certo lugar. (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 20).

Nas primeiras comunidades cristãs já podemos observar uma divisão dos ministérios, em vista da harmonia de uma celebração. Evidente que nesse período nos encontramos diante de uma ministerialidade litúrgica emergente, que está buscando seus fundamentos. Todavia, já podemos entrever nesse momento histórico da vida cristã que a organização ministerial terá por finalidade apontar que o mistério está no visível e não no invisível. A celebração será sempre um memorial de toda ação salvadora de Jesus. Por isso, pode-se afirmar que:

> Gestos, palavras e objetos não são simples instrumentos ou pretextos para atingir o mistério de Deus revelado em Jesus Cristo: faz parte do seu ser, da sua carne, poder-se-ia dizer, Deus se manifesta, se deixa entrever, se dá a contemplar. (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 20).

A Pastoral Litúrgica engendrada segundo os ensinamentos do Concílio Vaticano II e apresentada em seus princípios na *Sacrosanctum Concilium* nos ajuda a entender que na diversidade dos ministérios litúrgicos e no seu exercício encontramos um dos principais modos da participação ativa dos fiéis na liturgia. Se uma das presenças de Cristo na liturgia se expressa na reunião dos fiéis em assembleia, para a celebração, daqui podemos pressupor que toda ação celebrativa requer o exercício ministerial daqueles que se encontram para celebrar e atualizar o mistério da fé. Pois,

> a sacramentalidade cristã leva a sério o seu peso de humanidade: é no concreto dos irmãos e das irmãs reunidos, da Palavra proclamada, dos gestos e das coisas, das pessoas que presidem, leem, oferecem, que se manifestam o dom de Deus e a ação de graças da sua Igreja. Assim como ele se declara realmente presente e de fato está na pessoa do doente, do prisioneiro etc. (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 21).

Os documentos eclesiásticos tratam de um modo abundante em suas linhas sobre uma Igreja ministerial. Tal desejo deve se concretizar nas ações litúrgicas, porque a liturgia é *fons et culmen* de toda a vida cristã. Mesmo que nela não se esgote toda a oração da Igreja, é nela que somos chamados a alimentar nossa vida de fé, em vista de um discipulado consciente da pessoa de Jesus Cristo. Por isso, "a celebração poderia ser comparada à interpretação de uma peça musical por parte de vários músicos". (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 21). Em uma orquestra cada músico assume o seu papel, e tocam a partir de uma partitura da qual não são autores, entretanto, a harmonia do grupo faz brotar a música, a partir de um conjunto de sinais registrado em uma folha de papel.

> O mesmo acontece, com as devidas proporções, com a liturgia. Ela está contida nos livros oficiais da Igreja, mas ainda não é liturgia até que uma assembleia a celebre. Aqueles que a celebram não são seus autores: se trata de uma partitura composta pela Igreja no curso dos séculos. (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 21).

O discipulado de Cristo exige a divisão de tarefas. Por isso, celebrar e por meio de ritos e preces continuar sua memória é pensar como as tarefas em uma ação litúrgica podem ser

divididas, para que os fiéis encontrem na celebração uma fonte abundante de água límpida para alimentar a vida de fé. "A liturgia não é *logia*, um saber a respeito de como é a teologia, mas é uma ação, uma *urgia* (do termo grego *érgon*) que significa ação, trabalho, como em cirurgia, em metalurgia". (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 25).

Se a liturgia nos é apresentada como fonte de espiritualidade, a pergunta que por ora podemos nos fazer é esta: como que os diversos ministérios, que são expressões da Igreja sacramento contribuem para o resgate do silêncio, tão necessário para adentramos na realidade do mistério que celebramos?

A resposta para essa pergunta nos impõe a tarefa de descrever como cada um dos ministérios na liturgia contribui para uma vivência plena do rito, e entre os elementos do rito, o silêncio. Trataremos aqui de quatro ministérios específicos, na impossibilidade de discorrermos sobre todos aqueles que se encontram envolvidos em uma celebração litúrgica, de modo particular na celebração eucarística. Os ministérios que aqui abordaremos serão os seguintes: o da assembleia, o do presidente, o do leitor e o do coro. Nesse e em outros ministérios se faz ver a dimensão da realidade sacramental da liturgia. Pois, "celebrando o culto divino, a Igreja exprime o que é". (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 35).

O primeiro ministério sobre o qual nos debruçaremos é aquele da assembleia, anteriormente refletimos sobre sua sacramentalidade, mas aqui desejamos tratar da sua função dentro da ação litúrgica. À luz das reflexões sobre a vida litúrgica da Igreja, nascidas na esteira do Concílio Vaticano II, podemos afirmar que toda ação litúrgica exige uma assembleia. Todo ato litúrgico é sempre comunitário. Por isso, a assembleia é sempre a resposta de uma comunidade a Deus, que convoca seu povo para viver a oração em comum.

> Refletir sobre o tema da convocação do ponto de vista litúrgico significa, antes de tudo, afirmar que a *lex orandi* não deve se limitar a ser a lei da fé, mas deve constituir também a lei do ser e do agir da Igreja: ou seja, como a Igreja reza estabelece o que a Igreja é, e não só em que ela acredita. (BOSELLI, 2017, p. 102).

A assembleia é sempre expressão da *Ecclesia orans*. É símbolo de uma comunidade que encontra na reunião litúrgica uma fonte para alimentar sua espiritualidade. Fontes litúrgicas antigas testemunham que já era uma prática dos cristãos das primeiras horas, se reunirem aos domingos para a escuta da Palavra e partilha do pão e vinho eucaristizados. Tais testemunhos certificam que a origem de todos os outros ministérios dentro de uma celebração litúrgica

encontra-se na assembleia reunida. Desse modo, Boselli afirmará: “só há liturgia cristã quando o povo de Deus está reunido”. (BOSELLI, 2017, p. 103). Daqui decorre a importância da assembleia, pois é ela sinal sacramental da presença de Cristo, espaço concreto onde Deus se revela ao seu povo.

O novo *ordo missae* segundo as orientações do Concílio Vaticano II e promulgado por Paulo VI, nas suas primeiras linhas não fala mais apenas da necessidade de o presidente estar preparado para o início da celebração, mas agora coloca em evidência a função da assembleia reunida. Estando o povo reunido dá-se início à celebração. Essa indicação é muito valiosa, pois faz ver o sentido teológico da assembleia. “A assembleia litúrgica não é, portanto, autoconvocação do povo dos fiéis, porque, na origem de cada liturgia, está o chamado de Deus e a resposta do povo”. (BOSELLI, 2017, p. 103). Desse ponto podemos pressupor que toda ação litúrgica deve ser pensada a partir do povo reunido, não por vontade própria, mas pelo próprio Deus. A constituição da assembleia é uma realidade que expressa uma resposta positiva ao Senhor, que teve a iniciativa de chamar. A reunião da assembleia tem como uma de suas funções continuar a memória pascal. “A comunidade cristã, isto é, a *ecclesia* nascida no Mistério Pascal de Cristo, é uma comunidade que não só preserva e faz a memória do Senhor, mas dela continuamente se alimenta”. (DWORAK; in: PARO (org.), 2020, p. 25).

O ministério da assembleia é expressão da unidade entre Deus e seu povo, que acontece por intermédio de Cristo, no Espírito. Isso nos leva a afirmar que esse ministério faz parte da economia da salvação, pois através dele Deus continua a comunicar-se, por meio do Filho, com seu povo. Essa comunicação exige a presença do Espírito, que auxilia a comunidade reunida a tomar consciência de sua missão eclesial. “A ação litúrgica é uma ação santificadora por excelência, possibilitando a realização e abertura para uma pastoral missionária”. (MEIRA; in: PARO (org.), 2019, p. 102).

Por isso, a sacramentalidade da assembleia-ministério perpassa pela dimensão memorial. Ela simboliza o povo que atravessa o deserto em busca da terra prometida, aqueles que receberam de Moisés, ao pé do Sinai, as tábuas da lei, os que com Josué, em Siquém, assumiram a tarefa de servir somente ao Senhor. Ela é continuidade da ceia que Jesus desejou celebrar com seus discípulos e sinal do seu novo povo, que ainda hoje continua celebrando e cooperando com uma aliança que não se finda, com o desdobramento da História da Salvação. O liturgista italiano Goffredo Boselli assevera:

> Se a convocação caracteriza a *actio* litúrgica primordial, o constituir-se do povo de Deus em assembleia é o primeiro ato eucarístico, é já ação de graças. Por isso, podemos fazer nossa a expressão cunhada pelo teólogo russo Alexander Schmemann, que define a Eucaristia como "o sacramento da assembleia". (BOSELLI, 2017, p. 107).

Após tratarmos da assembleia-ministério podemos discorrer sobre a sacramentalidade do exercício ministerial daquele que preside a reunião litúrgica da comunidade eclesial. Tratar sobre o tema do presidente da ação litúrgica pressupõe falar da sua função mistagógica. Desde as comunidades primitivas até nossos tempos, podemos constatar a existência desse importante ministério para a realização da oração cristã. A ele cabe a realização de muitas ações durante a celebração, que auxiliam a assembleia a prestar seu culto ao Senhor. O presidente da ação litúrgica é alguém que age em nome do Cristo, o mistagogo por excelência. Por isso, aqui é correto afirmarmos: "quando a Igreja faz mistagogia torna-se serva de Cristo mistagogo, que dá ao cristão a capacidade de se tornar um *epóptes*, uma testemunha ocular do mistério de Deus". (BOSELLI, 2017, p. 31).

Em tempos hodiernos vem se desenvolvendo cada vez mais a consciência do importante papel que o presidente exerce em uma celebração. A sua função mistagógica se sustenta no escopo que tem o seu ministério de conduzir o povo de Deus, ao coração do mistério celebrado. Por isso, mais do que ler os textos eucológicos, aquele que preside a assembleia deve em primeiro lugar predispor-se a vive-los, pois a sua voz deve ser a voz da *Ecclesia orans*, que se volta ao Pai.

> Sabemos que a Igreja encontra sua justificação e seu sentido na economia sacramental, e por isso o presbítero também encontra aí o seu lugar. Na Igreja, realidade sacramental completa, existem homens chamados e enviados para levar ao mundo sinais visíveis e eficazes, portanto sacramentais, da ação de Deus acontecida uma vez por todas em Jesus Cristo, e sempre comunicável à humanidade através da Palavra e do Espírito. (BIANCHI, 2011, p. 68).

A SC no número 7 afirma que uma das presenças de Cristo na liturgia está na pessoa daquele que preside a assembleia. Isso nos recorda que somos reunidos para a oração pelo Pai, sob a presidência de Cristo, que se dá por intermédio de um dos membros da comunidade eclesial, que foi eleito pelo Senhor para tal serviço. Bianchi, tratando sobre a figura do presbítero que preside a assembleia celebrante assevera:

> Os presbíteros são homens escolhidos, chamados, ordenados e enviados para o meio das pessoas todas, a fim de significarem visivelmente o que Deus quer e realiza livre e gratuitamente, a fim de que "todas as criaturas humanas sejam salvas". (1Tm, 2,4). (BIANCHI, 2011, p. 69).

Por isso, na pessoa do presidente contemplamos o Cristo que preside, ensina e envia à comunidade em missão. Esses três gestos contemplamos na ação litúrgica. O presidente da assembleia acolhe a todos, por meio da homilia exorta a assembleia a viver segundo a Palavra proclamada. Após exortar a comunidade a se deixar conduzir pela Palavra escutada e refletida, com ela professa a fé e reza segundo suas necessidades. O presidente convoca a todos para participarem da Liturgia Eucarística. Após sermos alimentados pelas duas mesas, somos enviados em missão para dividir com os outros aquilo que aprendemos da Palavra e do Sacramento. Desse modo, o ministério do presbítero tem uma dupla tarefa: "representar o Cristo pastor "o único mediador entre Deus e os homens". (1Tm 2,5), o Cristo que reúne e conduz o seu povo; e representar também a Igreja, a serviço da qual eles realizam sua própria ação. (BIANCHI, 2011, p. 70).

Aqui não poderíamos deixar de considerar que o presidente da celebração, por meio dos gestos que realiza e das palavras que pronuncia, coopera significativamente com a realidade do silêncio. A ação litúrgica pede momentos de recolhimento. O silêncio aqui pode ser definido como o fio de ouro que vai unindo as partes de uma celebração litúrgica, que no seu conjunto nos ajuda a penetrar no coração do mistério. "Na liturgia, tudo deve guiar para o Senhor Jesus que, em união com o Espírito Santo, tudo dirige ao Pai, fonte de todo bem e fim da Sagrada Liturgia". (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 58).

Hoje os documentos da Igreja devotam uma grande atenção para com a tarefa a ser exercida pelo presidente da celebração. Isso exige preparo e acompanhamento. O preparo aqui não é tomado apenas no sentido intelectual e o acompanhamento como forma de controle das ações daquele que preside. Faz-se mister aqui pensar um pouco mais além. O preparo significa a unidade entre fé e razão, que pressupõe uma profunda espiritualidade e presença efetiva da comunidade na vida daquele que é escolhido para presidi-la. "Quem está à frente da assembleia precisa ter viva consciência de que a comunicação não passa somente pela palavra; é o corpo todo que fala". (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 58).

A presença da comunidade eclesial na vida daquele que a preside é expressão concreta do exercício do sacerdócio universal, que todo cristão recebeu por meio do seu batismo. É o reconhecimento da importância desse ministério na vida eclesial como um contínuo serviço que se presta a Deus, no cuidando de seus filhos. Por fim, o presidente de uma celebração deve conduzir a assembleia à intelecção de que: "os ritos são cantos multimidiais, feitos de palavras, gestos e sons, imagens, espaços, odores, contatos que constroem uma trama partilhada, social, das emoções". (COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 85).

Tendo tratado do ministério daquele que preside a comunidade em sua oração, podemos dar um passo adiante observando a importância daqueles que exercem o ministério de leitores. O Concílio Vaticano II, em seus documentos, exorta a comunidade cristã a criar uma intimidade com a Palavra de Deus, por meio do lugar reservado a ela pela liturgia. Ela não pode ser desconhecida pelos membros da comunidade cristã. "Numa sociedade em que a cultura dos ruídos é intensa, deve-se privilegiar o espaço celebrativo como ambiente do silêncio e da escuta". (QUIRINO, 2018, p. 82). Local propício para se acolher o anúncio da Palavra de Deus.

Uma das formas encontradas pela Igreja para fazer essa Palavra conhecida por todos foi motivar sua proclamação de forma abundante durante suas ações litúrgicas. Por isso, um ministério do qual hoje ouvimos falar e que precisa de uma esmerada preparação para exercê-lo é aquele da proclamação da Palavra, que acontece dentro da ação litúrgica. Por isso, o ministério do leitor deve ser exercido por pessoas iniciadas na vida litúrgica da Igreja.

> Para que os fiéis cheguem a adquirir uma estima viva das Sagradas Escrituras através da audição da Palavra, os documentos do Magistério da Igreja salientam a necessidade da preparação cuidadosa dos leitores, mesmo que eles não sejam instituídos oficialmente no ministério de leitor, para desempenhar com aptidão esse nobre ministério. (QUIRINO, 2018, p. 89).

Proclamar a Palavra em uma ação litúrgica exige um conhecimento da realidade do mistério que a envolve. Temos insistido aqui que o mistério não é o que se esconde, mas a realidade fundante, que é Deus que se desvela àqueles que se predispõem a escutar e viver segundo a Palavra proclamada, que é o próprio Cristo. Aqui insistimos que o silêncio que acompanha a proclamação da Palavra é um elemento fundamental para acolhê-la. "O silêncio como mística cria um clima sacramental elevado e orante na celebração litúrgica, propicia a comunicação com Deus". (QUIRINO, 2018, p. 90).

A exigência de preparação para a proclamação da Palavra pressupõe então o importante ministério do leitor, a quem cabe também tornar evidente a sacramentalidade da Palavra. Ao subir ao ambão para proclamar a Palavra de Deus, o leitor oferece sua voz, para que através dela o Senhor comunique sua mensagem a toda a sua comunidade. Por intermédio do leitor a comunidade é exortada a acolher a Palavra, que não é sua, mas de Deus, que do ato criativo até os nossos dias não se cansa de comunicar-se com o seu povo. Desse modo, "leitores bem-preparados contribuem para uma adequada comunicação da Palavra de Deus nas assembleias litúrgicas, pelo jeito (correto) de proclamar as leituras". (QUIRINO, 2018, p. 90).

O leitor deve ser contemplado em uma celebração como um importante ministério e a sua preparação como algo essencial. Isso não por questões puramente estéticas, mas para que ele possa exercer com qualidade a *ars celebrandi*, da qual também é responsável. As pausas em uma leitura, o texto bem proclamado, ajuda a assembleia a superar os ruídos para exercitar-se na capacidade de auscultar a Palavra anunciada. "Daí a necessidade da preparação espiritual dos leitores em primeiro lugar, sem menosprezar a preparação técnica". (QUIRINO, 2018, p. 90).

Outro ministério a que desejamos dedicar algumas considerações é aquele do coro ou da música litúrgica. Dentro do processo de renovação da música litúrgica já demos muitos passos, todavia, ainda encontramos em algumas comunidades um permanente desleixo, com a escolha dos cânticos próprios para uma ação litúrgica. Isso talvez se dê por uma distorcida ideia do que venha a ser a música litúrgica. Por isso, a formação do povo Deus para uma vida litúrgica ativa e consciente deve conduzir a comunidade cristã a inteligir que: "a música leva para a celebração o aspecto lírico e festivo, que é necessário: magia dos sons, pureza de linha melódica, riqueza de harmonia ou de contraponto. Em uma palavra: emoção". (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 51).

Em nossas comunidades o grupo que se responsabiliza pela música litúrgica é aquele do coro. Este não tem por vocação cantar em nome da assembleia, mas ele é parte dela, pois, "a música oferece um meio privilegiado de participar: canta-se junto, contribuindo assim com a elaboração do ato litúrgico; ou se escuta junto, e é outra maneira de ser atores criando a mesma beleza". (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 51). As novas Igrejas, segundo as orientações do Concílio Vaticano II já nos mostram que não existe um lugar de destaque para o coro, mas seu espaço fica localizado próximo à assembleia de quem é extensão. O ministério da música tem por escopo animar a assembleia que deve cantar a liturgia. (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 128-129).

Faz-se necessário pontuar que o lugar do coro é entre a assembleia, pois ele é parte dela. Por isso, “a participação da assembleia no canto é um direito e um dever que não pode ser suplantado por um coral, uma vez que este tem também sua própria função na celebração a serviço de toda assembleia”. (MARTÍN, 2006, p. 190).

Desse modo, precisamos ressaltar que esse ministério atinge seu escopo à medida que ele canta o mistério celebrado. A razão de um coro não está na promoção de uma *liturgia-show*, mas na sua capacidade de conduzir a comunidade, através da música, a deixar-se plasmar por Cristo. Cada celebração pede um tipo de música, que nas suas entrelinhas nos faz perceber traços da Palavra de Deus, elementos da Tradição e do Magistério eclesial. “A grandeza da música litúrgica e sua verdadeira qualidade não se encontram em primeiro lugar no seu valor estético, mas na capacidade de conferir pleno desenvolvimento e alegria aos diversos ritos que constituem a celebração”. (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 53).

O coro no seu exercício ministerial deve ajudar a comunidade a inteligir o Mistério Pascal que se renova e atualiza em cada ação litúrgica. Aqui encontramos sua importante dimensão sacramental. O que nos ajuda a observar na música litúrgica um modo de comunicação de Deus com sua comunidade. Desse modo, “é importante que os cantos da liturgia sejam realizados com arte, segundo o estilo e as possibilidades das assembleias em matéria vocal”. (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2016, p. 71).

À luz do Vaticano II procuramos colocar em evidência como alguns ministérios, dentro de uma ação litúrgica, nos ajudam a captar a sacramentalidade da comunidade eclesial. Esse exercício se fez necessário para alargamos nossa consciência sacramental, que deve estar além dos sete sacramentos. Hoje somos exortados a observar que a Igreja, por meio das suas ações litúrgicas ou pastorais, se deixa conduzir por um agir sacramental. Isso nos faz entender que em tudo a *Ecclesia* é sinal profético da presença atuante de Deus no mundo, que age por meio do seu Filho e tudo transforma por intermédio do seu Espírito. Nesses e em outros ministérios podemos observar a ação trinitária de Deus, agindo na história da salvação.

## 2.10 A marcha para a construção de um novo conceito de sacramentalidade

O Concílio Vaticano II trouxe à luz a importância da Teologia Litúrgica. Isso se deu pelo fato do acesso que os Movimentos Litúrgico, Bíblico e Patrístico tiveram às fontes cristãs.

(JAVIER FLORES, 2016, p, 253). O retorno às origens do cristianismo, motivado por esses importantes movimentos que nasceram entre os séculos XIX e XX, significou uma mudança copernicana para a vida litúrgica da Igreja. Entre os muitos avanços no campo litúrgico está aquele da elaboração de um novo conceito de sacramentalidade. Boróbio assevera:

> O redescobrimento da visão escriturística e patrística de Cristo e da Igreja como "sacramentos" levou o Concílio Vaticano II a procurar ou ampliar a utilização da palavra "sacramento", não só a Cristo e à Igreja, mas também em um sentido mais amplo ao homem, e inclusive à realidade cósmica. (BORÓBIO, 2017, p. 65).

A elaboração desse novo conceito está ligada a uma nova visão acerca da realidade do mistério. Pois na contramão do que se afirmava anteriormente o mistério agora é compreendido como aquilo que se revela. Uma realidade que se faz ver por meio de ritos e preces. Muitos serão os autores que irão se dedicar a esse estudo, sobretudo para registrarem e explicitarem o significado do mistério do culto cristão. E. Schillebeeckx. K. Rahner, J. Ratzinger, L. Boff, H. de Lubac, W. Kasper, S. Marsili e L. M. Chauvet serão alguns dos importantes teólogos que na esteira do Vaticano II nos ajudarão a pensar um conceito mais amplo de sacramento, partindo da Teologia do Mistério. Todavia, precisamos anotar que:

> esta extensão foi criticada por alguns autores, ao entender que de certo modo desvirtua o estritamente sacramental do setenário. Para outros, pelo contrário, trata-se de um acerto, ao ampliar o campo do sacramental e das diversas sacramentalidades, enriquecendo desse modo o conceito mesmo de sacramento (BORÓBIO, 2017, p. 65).

Os contrapontos na construção dessa reflexão apresentaram-se como algo frutuoso para o amadurecimento de uma nova Teologia Sacramental, que auxiliou a Teologia Católica pós Concílio Vaticano II a observar a realidade sacramental de uma forma mais ampla. "O Concílio Vaticano II, tendo em consideração o ensinamento do Novo Testamento e a própria tradição da Igreja, explicitou de um modo eloquente o que implicam essas diversas realidades sacramentais, em seu nível próprio". (BORÓBIO, 2017, p. 66).

A nova Ciência Litúrgica auxiliou de modo efetivo na construção da Teologia do Mistério, que engendrou um novo conceito de sacramentalidade. Com isso se fez ver que na Igreja o mistério se revela através dos sinais. Nesse sentido a teologia evidenciará Cristo como o sacramento original. Desse modo,

> em Cristo se realiza de uma forma original, única, plena, fundante e instituinte a sacramentalidade. E é assim porque nele se manifestou e se fez presente de forma visível a invisível divindade, de modo absolutamente privilegiado, referente e irrepetível. (BORÓBIO, 2017, p. 66).

Desse ponto, podemos afirmar que toda a história da salvação terá então uma estrutura sacramental. Por isso, a presença de Deus irá se manifestar por meio de pessoas, acontecimentos, símbolos e sinais. Evidente que o cume dessa manifestação se dará com a encarnação de Jesus. O Verbo se faz carne, e arma sua tenda entre nós (Jo 1,14). Por isso, é correto afirmar que:

> A encarnação é a sacramentalização radical e culminante da presença preexistente de Deus no meio dos homens. Desse modo Cristo é o "protossacramento", o "sacramento original", o verdadeiro "único sacramento fundante", que visibiliza o amor e a graça de Deus de modo supremo, e é o fundamento e a razão de ser de toda sacramentalidade cristã. (BORÓBIO, 2017, p. 67).

Em Cristo o mistério que estava escondido se revela a todos. Por isso, a *lex orandi* da Igreja torna-se um elemento central para celebrar e inteligir o mistério, já que toda ação litúrgica da comunidade eclesial tem um caráter mistérico e memorial. E encontra o seu fundamento na pessoa de Jesus Cristo.

> Por isso, a história da Salvação se desdobra hoje em continuação ao passado através de Jesus ressurgido dos mortos, nele – síntese e permanência das intervenções e das "maravilhas" de Deus. Mas é preciso acrescentar – é nele que suscita concretamente um testemunho. A história sagrada hoje é o Senhor acolhido e exposto na fé e na experiência cristã. (BIFFI, 2022, p. 160).

Como podemos constatar a liturgia é marcada por gestos, símbolos e palavras que procuram nos colocar diante da Realidade Suprema. O termo suprema aqui não se aplica de forma alguma à ideia de distância. Mas aponta para o humano que é colocado diante de Deus. Por exemplo, "a Eucaristia pode ser expressa como memorial crível do Senhor só enquanto a comunidade em si mesma, aquém da formulação ritual, já se proponha como lugar vivo da memória, da qual a Eucaristia pode receber interpretação". (BIFFI, 2022, p. 161).

A ação litúrgica, com os seus ritos e preces, deve ser sempre promotora de unidade entre o humano e Deus, o qual se apresenta à sua criação como um *alter*. A liturgia, como *fons et culmem* de toda a vida cristã, deve auxiliar na superação do hiato entre fé e vida. Pois, por meio

da liturgia o humano se aproxima sacramentalmente de Deus. Daqui se entende o porquê do Concílio Vaticano II, ao indicar a necessidade de uma reforma litúrgica, colocando como seu objetivo principal a promoção da participação ativa dos fiéis nas celebrações para se superar a ideia de que aqueles que participam de um ato celebrativo são meros espectadores. (JAVIER FLORES, 2016, p. 253).

A recuperação da sacramentalidade das ações litúrgicas trouxe à luz a superação da ideia de que apenas os sete sacramentos assim podem ser denominados. Na Igreja a Palavra, as pessoas, os livros litúrgicos, o espaço sagrado entre outras coisas, têm um valor sacramental. Tudo isso é símbolo da presença mesma de Cristo em sua Igreja. Por isso, como nos vai afirmar o Concílio Vaticano II, a liturgia será expressão concreta dessa sacramentalidade. Na *Sacrosanctum Concilium* 2 encontramos a fundamentação para tal afirmação.

> A liturgia, com efeito, mediante a qual, especialmente no divino sacrifício da eucaristia, "se atua a obra da nossa Redenção", contribui sumamente para que os fiéis exprimam em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja, que tem a característica de ser ao mesmo tempo humana e divina, visível, mas dotada de realidades invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e, contudo, peregrina.

Em tempos hodiernos, a partir de importantes reflexões teológicas, a própria comunidade eclesial tem feito aparecer seu caráter sacramental. Isso contribui para que a própria Igreja reflita sobre sua presença sacramental no mundo. "Como sacramento, a Igreja é instrumento de Cristo". (BORÓBIO, 2017, p. 69).

Pensar a Igreja a esse ponto, segundo os ensinamentos do Concílio Vaticano II, como sacramento universal de salvação, é colocar em evidência seu escopo de promover a unidade da humanidade com o Pai, por meio do Filho, no impulso do Espírito.

> A Igreja é sacramento analogicamente e a maneira como Cristo é sacramento. Esta sacramentalidade implica, em sua essência, um mistério: o de ser instrumento, mediação e manifestação visível de uma graça e de uma salvação invisíveis, que se atualizam e realizam, em virtude do Espírito, nos sacramentos para o crescimento do Corpo de Cristo. (BORÓBIO, 2017, p. 70).

Desse modo, a comunidade eclesial deve encontrar nas ações litúrgicas da Igreja um caminho para adentrar o mistério celebrado, que é a própria vida e obra de Cristo, que deve inspirar, plasmar toda a vida da comunidade. A razão de estar no mundo da Igreja deve

encontrar seu fundamento no Mistério Pascal de Cristo, que se renova em cada ação litúrgica sacramentalmente. Aqui compreendemos porque a Igreja é chamada a ser no mundo, segundo a *Lumen Gentium* 48, "sacramento de salvação".

> Cristo, elevado sobre a terra, atraiu todos a si (cf. Jo 12,32); ressuscitado de entre os mortos (cf. Rm 6,9), infundiu seu Espírito vivificador e por ele constitui a Igreja, seu Corpo, como sacramento universal da salvação; sentado à direita do Pai, atua continuamente na terra a fim de levar os homens à Igreja e os unir mais estreitamente por meio dela, e alimentando-os com seu próprio corpo e sangue, os tornar participantes da sua vida gloriosa.

Compreender o caráter sacramental da Igreja nos conduz ao conceito de performance, isto é, todos que fazem parte dessa comunidade são chamados a ter os mesmos sentimentos de Jesus. A vida daqueles que fazem parte da Igreja deve se deixar guiar pelo mesmo modo de existir de Cristo. Isso nos leva a pensar quatro elementos importantes por meio dos quais a Igreja se torna portadora da vida de Cristo a toda sociedade. Os elementos são os seguintes: presença, profecia, anúncio e memória. Pensamos, à luz do Vaticano II, ser possível fazer uma leitura sacramental desses quatro elementos.

Ao tratarmos da construção de um novo conceito de sacramentalidade, que está além do septenário determinado pelo Concílio de Trento, nos deparamos com a imagem da Igreja como presença de Cristo no mundo. Isso nos conduz a pensar nas suas atividades de evangelização, que a faz ser presença de Cristo nas realidades onde ela se faz presente. Na sua essência a Igreja é missionária. O seu estar no mundo torna visível a presença do mistério de Cristo, que evangeliza todos os povos. Daqui podemos afirmar que todas as obras de evangelização da Igreja têm seu fundamento na pessoa de Jesus e torna visível sua sacramentalidade. "A sacramentalidade é uma realidade viva, destinada a ajudar-nos a viver nossa vida de filhos no Filho e a participar do Mistério em e pela mediação da Igreja". (BORÓBIO, 2017, p. 73).

Desde o princípio da Igreja aos nossos dias, entre os discípulos se desenvolveu sempre a consciência de que os que evangelizam não são as referências, mas colaboradores da missão mesma de Cristo. Desse modo, quando os evangelizadores, no exercício da missão conseguem, por meio de gestos e palavras tornar Cristo presente ao mundo, isto significa que estão atingindo sua tarefa primeira, ser uma Igreja que atrai novas pessoas, para continuar os passos do mestre e dos primeiros discípulos. "Num mundo secularizado como o nosso, a Igreja não pode ficar fechada 'no religioso'. Ela deve iniciar o ser humano a viver sua vida cotidiana com confiança no Mistério que a sustenta". (PAGOLA, 2020, p. 46).

A Igreja sinal sacramental da presença de Cristo nos conduz à reflexão de um segundo elemento, isto é, aquele que coloca em relevo sua dimensão profética. A profecia é um dos elementos centrais da vida eclesial. Profetizar significa enxergar além. Na experiência da vida cristã ver além está unido à dimensão da realização do Reino. "Acolher o Evangelho não significa 'voltar' a uma cultura passada para viver a fé a partir de formas, concepções e sensibilidades nascidas, pensadas e configuradas em outra cultura e para outras épocas, diferentes da nossa". (PAGOLA, 2020, p. 62).

O discipulado de Jesus exige profecia. Profetizar para a Igreja significa exercer o ministério de Cristo, que diante das incongruências de seu tempo profetiza a chegada de novos tempos. Para a realização de sua profecia propôs à sociedade do seu tempo um itinerário de vida, capaz de superar as situações de omissão que colocam em xeque os valores e propostas do Reino. "O Vaticano II quis impulsionar uma 'Igreja ao serviço do mundo'. Sem dúvida, essa ideia atingiu com força não poucos setores da Igreja e mudou muito a atitude de alguns fiéis cristãos". (PAGOLA, 2020, p. 65).

A ação profética da Igreja no mundo continua criativamente a própria ação de Jesus. Coloca em evidência seu escopo de promotora e defensora da vida. Nesses dois gestos, contempla-se também sua dimensão sacramental.

Outro elemento, que aqui queremos recordar é aquele do anúncio. Através dele a Igreja também se faz presente sacramentalmente no mundo. O gesto de anunciar o evangelho realizado pela Igreja é continuidade do próprio anúncio de Jesus. No serviço do anúncio a Igreja exerce, em Cristo, sua tarefa de educadora. Educar aqui tem como escopo formar para uma vida em Cristo.

> A força fundamental de uma Igreja que se quer "sinal de salvação" são as testemunhas que vivem no seguimento de Jesus. Não nos enganemos: a capacidade da Igreja de introduzir e de comunicar a Boa Notícia de Deus em nossa sociedade não reside tanto na hierarquia, no clero ou no número de praticantes, mas na capacidade de vida dos fiéis seguidores de Jesus. (PAGOLA, 2020, p. 69).

A comunidade que se deixa formar por Cristo, é expressão sacramental de um grupo que compreende o anúncio da Palavra como resposta aos apelos que nos vêm do batismo que recebemos e que interpela os cristãos a uma vida segundo o Evangelho. Tal empenho não se apresenta como algo muito fácil, todavia, é preciso ter consciência de que nenhum anúncio do Evangelho se dá sem a presença do Espírito. "A vida de uma verdadeira testemunha de Jesus

atrai e desperta interesse. Não condena. Contagia, gera confiança em Deus, liberta dos medos". (PAGOLA, 2020, p. 70).

Aos elementos acima registrados se soma um quarto, isto é, a Igreja como imagem memorial de Cristo. Por meio das atividades missionárias realizadas por seus membros, a Igreja continua de forma memorial a presença de Jesus no mundo. A dimensão da continuidade deve ser lida como atualização da missão do mestre em tempos hodiernos. Ser imagem memorial de Cristo exige da comunidade eclesial capacidade de leitura dos sinais dos tempos. Por isso, dentro dessa realidade "para anunciar Deus a partir de um horizonte novo temos que reavivar, em primeiro lugar em nossas comunidades, a experiência de Deus que viveram os primeiros discípulos ao encontrar-se com Jesus". (PAGOLA, 2020, p. 77).

O exercício de leitura dos sinais dos tempos está na base do Concílio Vaticano II, que chama a Igreja a inteligir os apelos que a ela se apresentam nessa importante tarefa de continuar os passos de Jesus. Essa leitura acontece à luz do Espírito, que é a força que dá à Igreja sempre novo impulso. A dimensão memorial nos ajuda a perceber que a tarefa missionária da Igreja é sempre atual, até que a criação atinja sua plenitude. O elemento memorial nos ajuda a perceber que a simplicidade na liturgia não é ponto de partida, mas de chegada "porque é a busca daquele núcleo puro e essencial que cada coisa contém em si mesma, seja ela um material, um tecido, ou também uma palavra, um gesto, uma imagem, um som, um canto". (BOSELLI, 2017, p. 175).

Os elementos acima recordados podem ser constatados na vida litúrgica da comunidade eclesial. Por meio da liturgia, Cristo se faz presente à comunidade eclesial, nos recordando que como profetas devemos anunciar o Evangelho, sendo uma comunidade memorial, isto é, sinal da continuidade do povo de Deus. Em tudo isso a Igreja coloca em evidência sua dimensão sacramental, ou seja, ela se apresenta como caminho para se chegar a Cristo, a porta que se abre, para que penetremos na vida de Deus.

Diante disto faz-se mister recordar que a dimensão do silêncio litúrgico nos ajuda a contemplar o conteúdo teológico, que está por detrás destes elementos, que nos ajudam a acolher a vida litúrgica da Igreja como momento de atualização da realidade da *historia salutis*. Em tudo isso inteligimos a Realidade Suprema, que é Deus. Tal intelecção nos ajuda a entender que tudo aquilo que na liturgia brota dos nossos lábios, deve ter como ponto de partida o próprio coração humano, isto é, o centro, segundo as Escrituras das decisões humanas.

## Conclusão parcial

Neste capítulo procuramos, à luz do desenvolvimento da teologia, abordar o tema da realidade sacramental. Por isso, para atingir nosso escopo procuramos resgatar a história da evolução do conceito de sacramentalidade. O que se pode observar é que em alguns momentos da história da Teologia e da Ciência Litúrgica o tema foi tratado de uma forma relevante. Em outros momentos, ele foi legado ao esquecimento. Todavia, precisamos colocar em evidência que com o advento do Movimento Litúrgico e de dois outros movimentos, Bíblico e Patrístico, o tema passou a ser abordado por outro viés, que permitiu, a partir do protosacramento Cristo, inteligir os vários outros sinais nos quais podemos contemplar sua presença no mundo e na comunidade eclesial.

Graças ao desenvolvimento de uma reflexão sobre a realidade sacramental, como espaço da revelação de Deus à comunidade cristã, é que poderemos dar mais um passo em nossa pesquisa, isto é, abordar na história da Teologia e Liturgia a dimensão da realidade sacramental do silêncio litúrgico. Na experiência da vida eclesial, precisamos superar a ideia de que o silêncio seja apenas a ausência de palavras. O silêncio é ação litúrgica, é parte da celebração memorial, por isso, é caminho mistagógico que nos conduz ao encontro com o mistério que somos convidados a celebrar e atualizar em cada encontro da comunidade cristã, em que se recorda a paixão, morte e ressurreição de Cristo.

Mergulhemos agora à luz das Escrituras, Tradição e Magistério no tema da realidade sacramental do silêncio litúrgico. Busquemos inteligir que ela não é apenas um indicativo rubrical, mas uma realidade a ser vivida pessoal e comunitariamente por toda a comunidade cristã, que do primeiro século até nossos dias nunca deixou de se reunir no domingo para celebrar o *dies domini*. O estudo que agora nos propomos a construir se dará no diálogo entre o pensamento metafísico de Xavier Zubiri e os elementos da Ciência Litúrgica que tratam do tema do silêncio como caminho de acolhida da revelação de Deus pela humanidade.

# CAPÍTULO III

## O SILÊNCIO COMO REALIDADE LITÚRGICO-SACRAMENTAL

Tendo estudado na primeira parte deste trabalho a novidade do pensamento metafísico da realidade de Xavier Zubiri e na segunda parte a construção histórica de um novo conceito de sacramentalidade, sobretudo à luz dos princípios do Movimento Litúrgico e das reflexões que emergiram a partir do Concílio Vaticano II, nesta etapa do nosso trabalho desejamos estabelecer de uma forma mais efetiva a interface entre pensamento zubiriano. (ACEVEDO, 1985, p. 118) e a Ciência Litúrgica, com o escopo de abordarmos a temática do silêncio como realidade litúrgico-sacramental. Em tempos hodiernos muitos são aqueles que se debruçam sobre o tema do silêncio. Todos são unânimes em afirmar sua validade como elemento mistagógico, caminho frutuoso que nos coloca na presença do mistério que fundamenta nossa vida de fé, que é o Cristo.

Os novos livros litúrgicos, que emergiram das reflexões sobre a liturgia da Igreja, a partir do Movimento Litúrgico e do Concílio Vaticano II, em suas linhas testemunham o desdobramento da *lex orandi* da comunidade eclesial. Em muitas de suas partes encontramos a indicação do silêncio, como um elemento propiciador da participação ativa, consciente, plena e frutuosa da assembleia, que se reúne para a sua oração comum, sobretudo no *dies domini.* (SCIADINI, 2000, p. 115). Todavia, se por um lado os teólogos apontam o silêncio como um dos elementos essenciais dos ritos litúrgicos, nem todas as assembleias celebrantes conseguem experienciar e inteligir sua pertinência. (SCIADINI, 2000, p. 116).

Desse modo, o que intentamos deste ponto de nossa pesquisa é fazermos a experiência dos discípulos de Emaús. Desejamos nos colocar a caminho com Cristo, “a coisa real”, que nos retém na realidade do mistério, para compreendermos ao final de nosso trabalho como o silêncio litúrgico vivido por nós, animais de realidades, faz arder nosso coração pelo fato de nos fazer caminhar em direção do Mistério Pascal, fundamento primeiro da nossa experiência de vida cristã.

A Teologia nos ensina que por meio de Cristo atingimos o Pai (Jo 1,18). Aquele que é a Realidade absoluta-absolutizante, o fundamento-fundante da existência humana. (CAMBRES, 1990, p. 97). O silêncio proposto para ser experienciado nas ações litúrgicas, como uma realidade sacramental, deve gerar na vida daqueles que participam e tomam parte de

uma assembleia celebrante, à disposição para viver um novo estilo de vida, que encontra o seu referencial na vida mesma de Cristo.

Desse modo, três conceitos zubirianos nos ajudarão nesta reflexão, são eles: o da apreensão primordial da realidade e seus desdobramentos, a religação e a deiformação. O primeiro conceito aparece nas obras publicadas, ainda em vida, por Zubiri, sobretudo em sua Trilogia da Inteligência Senciente. (ACEVEDO, 1985, p. 120) e os dois últimos em suas obras póstumas que foram denominadas de Trilogia Teologal. (SOLARI; VARGAS, 2014, p. 466-469). Essa última não passou, na sua totalidade, por um rigoroso processo de correção por parte de Zubiri, já que ela veio à luz por mãos de seus ex-alunos, que após sua morte deram continuidade ao seu legado, isto é, transmitir seu pensamento, como um caminho plausível para a superação do hiato entre sentir e inteligir. Pois, "para Zubiri as coisas se nos apresentam primeiro como realidade e não como meros conteúdos. O 'estar' entra as coisas é um estar 'inteligente-senciente' com elas. Nesse 'estar' se me atualizam as coisas como reidade ou realidade"[95]. (CAMBRES, 1990, p. 22, tradução nossa).

Coloquemo-nos em marcha e auxiliados pela metafísica da realidade zubiriana, pensemos a realidade sacramental do silêncio litúrgico. Entremos no campo de realidade, para inteligirmos o silêncio, entre outras coisas, como um elemento importante para superarmos o ritualismo e vivermos a ritualidade proposta pela liturgia, que nos auxilia na celebração e atualização do Mistério Pascal. (TERRIN, 2004, p. 193).

### 3.1 Silêncio ritual e a contemplação

Nos últimos tempos a temática do silêncio litúrgico se desenvolve ao lado da tratativa do tema da contemplação. (SCIADINI, 2000, p. 179). O ser humano, em tempos hodiernos, seduzido pelos inúmeros rumores, pouco a pouco vai perdendo sua capacidade de contemplar silenciosamente a realidade que o cerca. (SCIADINI, 2000, p. 69). Entretanto, "o cristianismo das origens encontra o ideal da contemplação silenciosa como vértice da espiritualidade (filosofia) e da oração (meditação)". (SEQUERI, 2015, p. 667). O silêncio e a contemplação sempre encontraram espaço em meio aos cristãos. Em alguns momentos da história, esses dois

[95] "Para Zubiri las cosas se nos presentan primeiro como realidad y no como meros contenidos. El 'estar' entre las cosas es um estar 'inteligente-sentiente' com ellas. Em este 'estar' se me actualizan las cosas como reidad o realidad."

elementos foram mais evidenciados e em outros mais negligenciados. Porém, o que importa é que hoje nos deparamos com um número significativo de cristãos, que sentem a necessidade do resgate do silêncio e da contemplação, em vista de inteligir com maior clareza os elementos necessários para se viver autenticamente a vida cristã. (ELLACURÍA, 1985, p. 383).

Os diversos estudos que nascem no interior da Ciência Litúrgica, ao abordarem os temas do silêncio e da contemplação, procuram indicar a importância dos mesmos como elementos rituais, que conduzem o ser humano à intelecção de que a liturgia celebrada e vivida pela comunidade eclesial deve ser sempre inteligida, como fonte perene de espiritualidade. Porque "a experiência litúrgica é uma experiência de vida real, porque percorre a via simbólica"[96]. (BUSANI, 2011, p. 256, tradução nossa).

No mundo contemporâneo a entificação da realidade e a logificação da razão conduziram o ser humano ao desenvolvimento de uma incapacidade de leitura dos símbolos (ELLACURÍA, 1985, p. 385). O Papa Francisco, em sua Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, em que trata da premente necessidade da formação litúrgica do povo de Deus para a *ars celebrandi*, adverte os cristãos no número 28 afirmando:

> A pós-modernidade - na qual o homem se sente ainda mais perdido, sem referências de qualquer tipo, desprovido de valores, porque se tornou indiferente, órfão de tudo, em uma fragmentação na qual parece impossível um horizonte de sentido – segue carregada da pesada herança deixada pela época anterior, repleta de individualismo e subjetivismo (que mais uma vez recordam o Pelagianismo e o Gnosticismo), como também um espiritualismo abstrato que contradiz a própria natureza do homem, espírito encarnado e, portanto, em si mesmo, capaz de ação e compreensão simbólica.

A incapacidade da leitura dos símbolos que envolvem a oração cristã encontra uma de suas origens na pouca exercitação para o silêncio ritual, que desenvolve nos membros da comunidade eclesial a capacidade de contemplação do mistério, o qual se manifesta aos cristãos pelos elementos simbólicos, presentes nas ações litúrgicas da Igreja. "A liturgia imprime o dom na carne, antes mesmo de ilustrar o sentido e também antes que nós mesmos chegamos à plena consciência"[97]. (BUSANI, 2011, p. 256, tradução nossa).

Zubiri, em sua obra madura, em que trata do tema da Inteligência Senciente, ressalta que muitos são os modos, por meio dos quais, o ser humano apreende a realidade de uma forma

---

[96] "L'esperienza liturgica è um'esperienza di vita reale perché percorre la via simbolica."
[97] "La liturgia imprime il dono nella carne, prima ancora di illustrarne il senso e anche prima che noi stessi ne raggiungiamo la piena consapevolezza."

direta, imediata e unitária. O ser humano apreende o real sencientemente e esse permanece nele por meio da impressão de realidade. (COSTA, in: NEVES; BERNARDES; COSTA, 2020, p. 45). O silêncio litúrgico é uma forma senciente de apreensão da realidade, pois muitos são os sentidos que nele se encontram envolvidos e que impulsionam no ser humano a ação da contemplação, com a finalidade de conhecer a coisa apreendida sencientemente em profundidade entre as outras coisas. (BORRAGAN, 1986, p. 258-259).

Na ação litúrgica, o silêncio ritual auxilia na apreensão do Mistério Pascal, que é celebrado e atualizado *per ritus et preces*. A celebração desse mistério desde as primeiras comunidades até os tempos hodiernos se dá de uma forma comunitária. É uma ação que acontece com a constituição de uma assembleia, a qual é convocada por Deus. Na convocação de uma assembleia pode-se afirmar que: "a voz de outro que chama realiza uma forma de interrupção da vida no seu percurso ordinário, institui uma ruptura do imediato e se coloca como contradição de cada tipo de relação funcional"[98]. (BUSANI, 2011, p. 260, tradução nossa).

Nessa reunião assembleal o ser humano é convocado a experimentar, por meio do silêncio, a presença real de Deus. Em seu pensamento teologal Zubiri afirmará que:

> Deus é a realidade absolutamente absoluta como ultimidade, possibilitação e impelência, que está formalmente presente nas coisas reais constituindo sua realidade, a qual é *eo ipso* deidade e manifestação de Deus, não de um modo geral e abstrato, mas em toda concreção que se nos descobre na história. Tal é a realidade de Deus, justificada pela via da religação[99]. (ZUBIRI, 1988, p. 157, tradução nossa).

Ao apresentar seu conceito de Deus, Zubiri leva em consideração sua metafísica do real. Deus não é um conceito a ser atingido, mas uma realidade concreta presente na vida do ser humano, que o atinge sencientemente. Ao conceituar Deus Zubiri afirma que nós o atingimos por meio da religação. No pensamento zubiriano segundo Santiago: "Religação é, pois, uma dimensão formalmente constitutiva da existência humana, mas é também 'o suposto ontológico

[98] "La voce di um altro che chiama opera sempre uma forma d'interruzione della vita nel suo percorso ordinário, instituisce uma rottura dell'immediatezza e si pone come contraddizione di ogni tipo di rapporto fusionale."
[99] "Dios es realidad absolutamente absoluta como ultimidad, posibilitación y impelencia, que está formalmente presente en las cosas reales constituyendo su realidad, la cual es eo ipso deidad y manifestación de Dios, no de un modo general y abstracto, sino en toda la concreción que se nos descubre en la historia. Tal es la realidad de Dios, justificada por la vía de la religación."

de toda revelação'. Essa religação não pertence à natureza do homem, senão à sua pessoa'"[100]. (SANTIAGO, 2014, p. 463, tradução nossa).

A religação nos mostra que o ser humano atinge a Deus por intermédio da sua inteligência senciente. "Por isso, a fé não é uma intelecção irracional enquanto é cega porque o seu objeto não seja visualizado, pois existem outros modos de presença do real como são a apreensão auditiva, a tátil ou kinestésica"[101]. (CAMBRES, 1993, p. 135, tradução nossa). Desse modo, para o pensador espanhol "a religião não é um sentimento, nem conhecimento, nem ato de obediência, senão que é a "atualização do ser religado do homem" e Deus é "aquilo a que estamos religados em nosso ser inteiro"[102]. (SANTIAGO, 2014, p. 463, tradução nossa).

Em sendo o ser humano um animal de realidades, ao viver a experiência da fé cristã através da sua inteligência senciente ele marcha para alcançar o sentido das coisas na realidade, mas também peregrina em direção do encontro do sentido daquilo que é o fundamento do seu existir. Nessa marcha entendemos "Deus como fundamento do nosso ser. Recordando, diremos que é o enigma da realidade que nos tem lançado em direção ao fundamento das coisas reais"[103]. (CAMBRES, 1993, p. 134, tradução nossa).

Podemos observar aqui claramente a crítica que Zubiri engendra contra a Filosofia e a Teologia, que durante a história da construção de seus arcabouços científicos transformaram Deus numa realidade – objeto. Para o pensador espanhol Deus será sempre realidade-fundamento. Desse modo, Cambres nos ajuda a entender, à luz do pensamento zubiriano que:

> O termo formal da prova da existência de Deus é Deus como fundamento do poder do real na religação, é dizer, como realidade que está acontecendo em mim. Enquanto a prova trata de mostrar a Deus como "realidade-fundamento", temos, por um lado, o momento racional ou intelectivo enquanto o problema de realização do homem com a realidade e sobretudo problema de intelecção. Mas, por outro lado, como Deus está fundamentando-me então o problema é a aceitação dessa fundamentação que acontece em minha vida. E esta aceitação é a essência da entrega, da fé como entrega a minha fundamentação em Deus[104]. (CAMBRES, 1993, p. 135, tradução nossa).

---

[100] "La religación es, pues, una dimensión formalmente constitutiva de la existência humana, pero es también "el supuesto ontológico de toda revelación". Esta religación no pertenece a la naturaliza del hombre, sino a su persona."

[101] "Por esto la fe no es uma intelección irracional em cuanto es ciega porque su objeto no sea visualizable, pues existem otros modos de presencia de lo real como son la aprehensión auditiva, la táctil o la kinestésica."

[102] "...la religión no es sentimento, ni conocimiento, ni acto de obediência, sino que es la 'actualización del ser religado del hombre' y Dios es 'aquello a que estamos religados en nuestro ser enterro'".

[103] "Dios como fundamento de nuestro ser. Recordando, diremos que es el enigma de la realidad el que nos tiene lanzados, hacia el fundamento de las cosas reales."

[104] "... o término formal de la prueba de la existencia de Dios es Dio a como fundamento del poder de lo real em la religación, es decir, como realidad que está aconteciendo en mí". En cuanto la prueba trata de mostrar a Dios

A crítica de Zubiri, a Filosofia e a Teologia clássicas que transformaram Deus numa realidade-objeto nos abre um caminho de reflexão para pensarmos a realidade do silêncio litúrgico e a contemplação. Convencionou-se por muito tempo definir o silêncio como uma fuga da realidade. Quando aplicamos isso ao campo da Ciência Litúrgica e de um modo particular à ritualidade da Igreja, nos deparamos com um total desconhecimento, por um número significativo de membros da comunidade cristã, sobre o valor do silêncio ritual ou oracional, como um caminho que nos impele à contemplação. Ajudando-nos a superar o hiato entre liturgia e vida. "A contemplação e a oração comunitária não podem ser consideradas duas realidades em oposição, nem são para confundir-se, mas surgem da mesma fonte"[105]. (ASTI, 2015, p. 605, tradução nossa).

O silêncio litúrgico conduz o *homo celebrans* a um encontro profundo com a dimensão do Mistério Pascal, que o coloca diante de Deus, fundamento de toda a realidade. Por isso, aqui se assevera: "com Deus o homem atinge a plenitude do próprio ser e do próprio existir"[106]. (ASTI, 2015, p. 610, tradução nossa). O ato de silenciar-se para experienciar de uma forma mais profunda a ação litúrgica, auxilia àqueles que formam a assembleia celebrante a inteligir a força do Espírito que move a comunidade, que naquele momento é sinal da *Ecclesia orans*. "Do encontro com a Santíssima Trindade, acontecido durante a liturgia, surge um profundo conhecimento do mistério revelado"[107]. (ASTI, 2015, p. 623, tradução nossa).

No processo de caminhada da pessoa de fé ao encontro do Senhor, pode-se afirmar que o silêncio, ao lado da contemplação, é de fundamental importância para uma participação plena da pessoa na ação litúrgica. Isso contribui para que o homem e a mulher encontrem na liturgia uma fonte inesgotável de espiritualidade. Diante disso podemos asseverar: "A espiritualidade moderna deve estruturar-se como um itinerário que, partindo do homem, propõe uma experiência antropológica de Deus. O homem moderno atinge a Deus partindo da sua vivência e da sua experiência cotidiana"[108]. (PATERNOSTER, 2005, p. 25, tradução nossa).

---

como "realidad-fundamento", el problema de realización del hombre con la realidad es sobre todo problema de intelección. Pero, por outro lado, como Dios está fundamentándome entoces el problema es de aceptación de esa fundamentación que acontece em mi vida. Y esta aceptación es la esencia de la entrega, de la fe como entrega a mi fundamentación em Dios."

[105] "La conteplazione e la preghiera comunitária non possono essere considerate due realtà in opposizione, né sono da confondersi, ma scaturiscono dalla stessa fonte."

[106] "Con Dio l'uomo raggiuge la pienezza del proprio essere e del proprio esistere".

[107] "Dall'incontro con la Santissima Trinità avvenuto durante la liturgia scaturische uma più profonda conoscenza del mistero rivelato."

[108] "... la spiritualità moderna deve strutturarsi come itinerario che, partendo dall'uomo, propone un'esperienza antropologica di Dio. L'uomo moderno giunge a Dio partendo dal suo vissuto e dalle sue esperienze quotidiane."

A relação silêncio ritual e contemplação nos faz pensar sobre os espaços reservados pela Igreja nos seus ritos para a vivência desses dois momentos que se inter-relacionam e nos ajudam a estar religados a Deus. Todavia, não basta nos atermos apenas ao espaço que a eles se reservam dentro da ação litúrgica, mas precisamos nos indagar: Como esses dois movimentos nos ajudam a adentrar ao mistério que celebramos. Como estabelecemos a interpelação mistério de Cristo e experiência cotidiana de fé? Pois, "os fiéis, de fato, são chamados a exprimir na própria vida, isto é, o que viveram no contexto da celebração litúrgica: *Misterium paschale vivendo exprimatur*"[109]. (PATERNOSTER, 2005, p. 28, tradução nossa).

Ao se reunir para celebrar o Mistério Pascal, a comunidade eclesial encontra na ação ritual do silêncio litúrgico um momento oportuno para se refletir sobre os elementos norteadores da fé cristã. (BENKE, 2011, p. 166-167). Além disso, os participantes da assembleia são exercitados no gesto da contemplação, que nos faz perceber e entrever a presença do Reino entre nós, por meio das ações e atitudes daqueles que por intermédio do batismo tornam-se parte do grande edifício que é a Igreja, povo de Deus a caminho do seu Senhor. Por isso,

> a liturgia, próprio por causa da sua natureza teológica de celebração do Mistério Pascal de Cristo, supõe e alimenta uma concreta e histórica experiência cristã porque a eficácia de uma celebração litúrgica depende em grande parte da profundidade com a qual os fiéis participam. (SC n. 11: EV n. 118)"[110]. (PATERNOSTER, 2005, p. 29, tradução nossa).

Um dos propósitos a serem perseguidos hoje pela Pastoral da Igreja é aquele de formar os cristãos para uma frutuosa participação na celebração. Aqui assume uma urgência a prática para o exercício do silêncio e da contemplação, em vista da busca de uma vida litúrgica capaz de formar comunidades discipulares. "A Igreja deve sempre recordar o antigo adágio, segundo o qual é a *lex orandi* a estabelecer a *lex credendi*: a fonte da nossa fé é a oração comum da Igreja"[111]. (CAVAGNOLI, 2003, p. 390, tradução nossa).

É na prática da oração comum, realizada no interior de uma assembleia, que a comunidade cristã é chamada a viver o silêncio e a contemplação. Duas ações que nos ajudam a viver a experiência litúrgica como momento fulcral de atualização da História da Salvação, que se

---

[109] "I fedeli, infatti, sono chiamati ad esprimere nella loro vita ciò che hanno vissuto nel contesto di uma celebrazione liturgica: "*Mysterium paschale vivendo exprimatur*."

[110] "La liturgia, proprio in virtù della sua natura teológica di celebrazione del mistero pasquale di Cristo, suppone e alimenta uma concreta e storica esperienza cristiana perché l'efficacia di uma celebrazione liturgica dipende in gran parte dalla profondità con cui i fedeli vi partecipano (SC 11: EV 1/18)."

[111] "La Chiesa deve sempre ricordadre l'antico adagio, secondo cui è la *lex orandi* a stabilire la *lex credendi:* la fonte della nostra fede è la preghiera comune della Chiesa*."*

encontra envolvida pelo Mistério Pascal. Desse modo, pode-se afirmar acerca da liturgia que "o seu verdadeiro objetivo é favorecer uma profunda experiência mistagógica de tal mistério e representa uma condição essencial para transformar o conhecimento do mistério celebrado em uma verdadeira experiência espiritual"[112]. (PATERNOSTER, 2005, p. 59, tradução nossa).

A experiência mistagógica como estrada para se atingir o conhecimento do Mistério Pascal é um importante elemento resgatado do período dos padres da Igreja, que nos ajuda a ver hoje o quanto o silêncio ritual compreendido como parte dos ritos litúrgicos nos ajuda na compreensão do seu valor sacramental, isto é, espaço epifânico da realidade absoluta-fundamento, que é Deus. (RATZINGER, 2013, p. 786). O silêncio vivido ritualmente na ação litúrgica nos ajuda a compreender que: "Para tornar possível o conhecimento místico ou espiritual do Mistério Pascal de Cristo, prerrogativa essencial da liturgia cristã, a celebração litúrgica deve ser proposta e vivida como uma experiência mistagógica"[113]. (PATERNOSTER, 2005, p. 59, tradução nossa).

Na ação litúrgica silêncio e contemplação estão implicados. O recolhimento necessário para a intelecção do mistério se faz sempre necessário, a fim de contemplarmos em cada encontro da comunidade celebrante a novidade do mistério celebrado e atualizado *per ritus* et *preces.* (CHAUVET, 2023, p. 331). O recolhimento motivado pelo silêncio litúrgico, que nos impele à contemplação nos ajuda a inteligir que, "a liturgia se insere no universo material e este lhe oferece a matéria para a sua linguagem, estabelecendo uma ligação entre os diferentes mistérios da fé: criação, encarnação, redenção e santificação". (BUCCIOL, 2020, p. 95).

Após indicarmos a importante relação entre silêncio e contemplação, que nos ajuda a entender como estamos religados ao fundamento absoluto da nossa existência, que é Deus, o que por ora agora vamos nos dedicar é à construção de uma reflexão, que apontará o silêncio como caminho de encontro com Deus. É sempre necessário ressaltar que esse caminho o fazemos inseridos na realidade, na qual caminhamos em direção a Deus e Dele retornamos para nossa vida cotidiana.

---

[112] "Il suo vero obiettivo è di favorire una profunda esperienza mistagogica di tale mistero e ciò rapresenta una condizione essenziale per trasformare la conoscenza del mistero celebrato in uma vera esperienza spirituale."
[113] "Per rendere possibile la conoscenza mística o spirituale del mistero pasquale di Cristo, prerrogativa essenziale della liturgia cristiana, la celebrazione liturgica deve essere proposta e vissuta come um'esperienza mistagogica."

## 3.2 O silêncio como caminho de encontro com o fundamento primeiro da existência humana

No mundo contemporâneo uma distorcida compreensão do que seja de fato a participação ativa e plena nas ações litúrgicas, fez com que muitos substituíssem o silêncio ritual por um excesso de ações que na verdade mais dispersam do que auxiliam o *homo celebrans* a atingir o coração do mistério celebrado e atualizado pelo ato celebrativo de uma comunidade reunida em nome do Senhor (RATZINGER, 2013, p. 787). Diante disso, o resgate da importância do silêncio litúrgico e seu sentido sacramental na história da liturgia vai se dar com a recuperação da espiritualidade litúrgica.

O teólogo e liturgista Beckhäuser nos ajuda a entender, à luz do Vaticano II, o que venha a ser espiritualidade litúrgica quando afirma:

> Chamamos de espiritualidade o processo da busca de comunhão com Deus, através de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo. Esta busca de santidade, o ser semelhante ao modo de ser de Deus, a busca da perfeição, este processo do relacionamento no tu a tu com Deus realiza-se através de exercícios. Também o conjunto destes exercícios é chamado espiritualidade. (BECKHÄUSER, 2019, p. 264).

Como podemos observar a espiritualidade é um importante elemento para se viver a dimensão do seguimento de Cristo. (BENKE, 2011, p. 9-10). Entre os diversos elementos tratados pelos padres conciliares o tema da espiritualidade litúrgica recebeu grande relevância. Sobretudo, diante da busca pela superação da dissociação entre vida cotidiana e liturgia. Na história da liturgia por muitos anos a importância da participação da assembleia nas ações litúrgicas não foi motivada e nem muito menos exercitada. Desenvolveu-se uma passiva participação, em que os batizados se apresentavam apenas como meros espectadores. Nesse momento histórico a liturgia não era compreendida como uma fonte de espiritualidade, mas era tida apenas como uma *actio* a ser realizada pelos presbíteros ou bispos.

O grande esforço da Igreja depois do Concílio Vaticano II, no grande trabalho de reforma da sua vida litúrgica, foi aquele de fazer aparecer a liturgia como *fons et culmen* de toda a vida cristã. (GRILLO, 2011, p. 83). A nova concepção do papel daqueles que presidem a ação litúrgica nos ajuda a entender a força educativa da liturgia e sua importância para a comunidade cristã, como estrada para se chegar a Deus.

> O presidente da celebração tem a difícil e sublime função de fazer com que toda a assembleia acolha e expresse ritualmente todas as dimensões da vida da Igreja e da humanidade, expressões pascais dos cristãos e cristãs: a comunitária e participativa, a missionária, a catequética, a celebrativa, a ecumênica e do diálogo religioso e a sociotransformadora. (BECKHÄUSER, 2019, p. 211).

Dentro desse processo de renovação da vida litúrgica é preciso ressaltar a importância que foi dada à recuperação da força do silêncio litúrgico. Na *Sacrosanctum Concilium*, no número 30, ao tratar dos elementos propiciadores de uma participação ativa das pessoas na liturgia, mesmo que de um modo incipiente, o documento apresenta o silêncio ritual como elemento essencial para o encontro com Deus. Assim se expressa a Constituição Conciliar sobre a vida litúrgica da Igreja acerca do silêncio: "Para promover a participação ativa, cuide-se de incentivar as aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antífonas, os cânticos, bem como as ações, gestos e atitudes. Seja também observado, a seu tempo, o silêncio sagrado". (SC n. 30).

Mesmo que de uma forma incipiente, o documento deixa entrever à necessidade da recuperação, por parte da comunidade eclesial, de um elemento esquecido no desdobrar da vida litúrgica da Igreja. Esse elemento é o silêncio litúrgico. A atualidade do tema do silêncio, como caminho de encontro com Deus, se faz ver também na Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, quando no número 66 procura trabalhar a relação entre a Palavra de Deus e o silêncio. O documento assevera: "Várias intervenções dos padres sinodais insistiram sobre o valor do silêncio para a recepção da Palavra de Deus na vida dos fiéis". No início deste número podemos entrever a preocupação dos pastores em desenvolver, no coração dos fiéis, um íntimo contato com a Palavra de Deus. Todavia, para isso se faz necessário recuperar a sacramentalidade desse gesto, que se dá através do recolhimento. O recolhimento não nos tira da realidade, mas nos faz ainda mais envolvidos por ela. Nos ajuda a inteligir o sentido da Palavra proclamada para a vida e missão da comunidade eclesial. Zubiri nos ajuda a entender esse movimento quando afirma: "Inteligir consiste formalmente em apreender algo como real". (ZUBIRI, 2011a, p. 50).

O silêncio nos auxilia na apreensão daquele que é o centro da vida litúrgica da Igreja, o Cristo. O número apenas citado da *Verbum Domini*, continuará afirmando: "De fato, a Palavra pode ser pronunciada e ouvida apenas no silêncio, exterior e interior". O silêncio indicado para a acolhida da Palavra aplica-se a toda a ação litúrgica. A cada momento é preciso suspender as

palavras para dar espaço à comunicação do mistério celebrado, que também fala através do silêncio.

Todavia, a *Verbum Domini*, no número 66, fala de um elemento muito próprio do nosso tempo que não favorece o silêncio: "O nosso tempo não favorece o recolhimento e, às vezes, fica-se com a impressão de ter medo desse separar, por um só momento, dos instrumentos de comunicação de massa". A constatação dos elementos que impedem a comunidade cristã de acolher e viver o silêncio como uma realidade sacramental é uma tarefa que se apresenta como urgente à Igreja. A comunidade eclesial não é chamada a viver fora do mundo. Entretanto, ela precisa inteligir, por meio do necessário recolhimento proposto pelas ações litúrgicas, os inúmeros caminhos que a faz distanciar-se do mistério celebrado, que alimenta o fundamento desta comunidade. (GRILLO, 2011, p. 121). Inteligir os elementos que afastam a comunidade da presença do mistério celebrado, auxilia na busca do significado real da ação litúrgica para a assembleia reunida pelo Senhor.

O encontro com o mistério, promovido pelo exercício do silêncio litúrgico, nos ajuda a inteligir que, por intermédio das ações litúrgicas atingimos o sentido do seguimento de Cristo para os cristãos.

> Na linguagem da espiritualidade cristã pós-conciliar, o termo seguimento assumiu progressivamente um significado sempre muito importante, pois exprime muito bem o conceito de conformação a Cristo, como processo de conversão permanente e como profundo empenho a viver segundo o Evangelho[114]. (PATERNOSTER, 2005, p. 50, tradução nossa).

Pensar o silêncio como o caminho que nos leva ao encontro do mistério fundamento da nossa fé é pensar a importância da vida mística que somos chamados a buscar como discípulos de Cristo. Esse processo de conformação com a vida de Cristo sempre nos leva a inteligir as exigências que a vida segundo o Evangelho apresenta a nós, para atingirmos o que Zubiri afirmará ser a deiformação. Pois,

> Os cristãos de fato, são chamados, mediante o dom do Espírito, a participar ao mistério da morte e da ressurreição de Cristo: as duas perspectivas teológicas

[114] "Nel linguaggio dela spiritualità cristiana postconciliare, il termine 'sequela' ha progressivamente assunto un significato sempre più importante, preché esprime molto bene il conceto di conformazione a Cristo come processo di conversione permanente e come profondo impegno a vivere secondo il vangelo.'"

> que sancionam a nova e definitiva aliança entre o Deus da revelação bíblica e o homem da história[115]. (PATERNOSTER, 2005, p. 51, tradução nossa).

O silêncio litúrgico sacramental, quando experienciado sencientemente pela comunidade eclesial, a impele na busca do sentido mais profundo da realidade-fundamentante que é Deus, a Realidade Absoluta. Por isso, na experiência celebrativa, não basta apenas propor o silêncio como um elemento ritual da ação litúrgica. A assembleia precisa inteligi-lo como um elemento que auxilia na revelação do mistério, o qual é inteligido e atualizado por meio da inteligência senciente, que o acolhe e por ele é possuída, por meio da impressão da realidade. "O conteúdo é algo que 'fica' diante do senciente como algo outro"'. (ZUBIRI, 2011a, p. 17).

Desse ponto, ressaltamos mais uma vez o importante papel da mistagogia. O silêncio litúrgico como marcha, que nos coloca em direção ao encontro com o Senhor, não pode ser entendido apenas através de um conceito, mas deve ser uma realidade experimentada pela própria comunidade eclesial sencientemente. A retomada da mistagogia pela espiritualidade cristã e, sobretudo, no seio de sua vida litúrgica nos ajuda a entender a importância desse método antigo de condução e vivência do mistério através do conhecimento da ritualidade da Igreja para os tempos atuais, onde se desenvolve cada vez mais um analfabetismo litúrgico.

> A nova atenção reservada à mistagogia nos estudos teológicos e pastorais da Igreja de hoje, por outro lado já florescente no curso do movimento litúrgico e confirmada da recente reforma, empenha a Igreja a não se limitar a cantar os louvores de uma experiência que se revelou assim preciosa para o desenvolvimento da espiritualidade das comunidades cristãs dos primeiros séculos, mas a repropô-la com coragem na sua pastoral[116]. (PATERNOSTER, 2005, p. 127, tradução nossa).

Diante de um mundo que pouco a pouco vem perdendo a capacidade de ler os símbolos, a retomada da mistagogia se apresenta como um caminho importante para a compreensão da sacramentalidade do silêncio litúrgico como espaço epifânico da revelação de Deus, a pessoa que o pode experienciar, a partir das ações litúrgicas da Igreja. A mistagogia torna-se, em tempos hodiernos, um caminho pedagógico e espiritual que nos coloca na presença do mistério

---

[115] "I cristiani, infatti, sono chiamati, mediante il dono dello Spirito, a partecipare al mistero della morte e della risurrezione di Cristo: le due prospettive teologiche che sanciscono la nuova e definitiva alleanza trai l Dio della rivelazione bíblica e l'uomo della storia."

[116] La nuova attenzione riservata alla mistagogia negli studi teologici e pastorali della Chiesa d'oggi, peraltro già affiorata nel corso del movimento liturgico e confermata dalla più recente reforma, impegna la Chiesa a non limitarsi a cantare di un'esperienza chi si è rivelata così preziosa per lo sviluppo della spiritualità delle comunità cristiane dei primi secoli, ma a reproporla con coraggio nella sua pastorale."

da nossa fé, o qual exige de nós entrega. Pensando que uma das tarefas das ações litúrgicas é também a transmissão da fé, exercendo um papel importante nos processos de evangelização, pode-se afirmar:

> Na dinâmica mistagógica, a evangelização consiste em ajudar a pessoa a prestar atenção à Presença de Deus na sua própria vida, no seu íntimo, como também nos sinais de sua comunicação incessante no mundo, na sua Palavra, na história, na natureza, nas comunidades, nas relações e acontecimentos. (COSTA, 2014, p. 179).

O recolhimento impulsionado pelo silêncio nos ajuda na intelecção dos sinais que são próprios das ações litúrgicos e que se apresentam como elementos que nos ajudam a entrar no mistério que celebramos. Esses sinais nos ajudam, inseridos na realidade apreendida primordialmente e atualizada depois nas ulteriores apreensões, a encontrar o logos e por conseguinte a razão da coisa apreendida primordialmente.

A experiência mistagógica que nos ajuda na intelecção do sentido da via do silêncio como encontro com o Senhor nos torna abertos e disponíveis para a acolhida do mistério, que se revela e se atualiza em cada ação litúrgica. Esse método aplicado à espiritualidade litúrgica ajuda o ser humano de fé a "estar aberto e atento à Presença originadora e salvífica de Deus em toda a Criação, convidando a uma resposta afirmativa à vida e à superação dos obstáculos à sua realização plena". (COSTA, 2014, p. 179).

O método mistagógico aplicado ainda ao silêncio litúrgico como via de acesso a Deus nos ajuda a inteligir, como em nossa vida de fé se dão os processos de intelecção do mistério que celebramos e atualizamos por meio das ações rituais comunitárias.

> A mistagogia convida a uma revisão da própria experiência de encontro com o Mistério e a superação de uma concepção excessivamente doutrinal da evangelização por outra que tenha seu primado no seguimento de Jesus, na abertura para a ação do Espírito na vida pessoal e comunitária. (COSTA, 2014, p. 178).

Mais acima fizemos evidenciar como a dimensão da espiritualidade cristã, na esteira do Concílio Vaticano II, resgatou a importância do conceito de seguimento de Cristo. O resgate não se deu apenas pela tarefa de buscar o seu sentido, mas sobretudo pensar nas exigências colocadas por ele. Todas as ações litúrgicas da Igreja não se configuram apenas como um culto que se presta ao Senhor, mas são também momento crível para se inteligir as exigências que o

evangelho anunciado e refletido convida a comunidade a realizar. Aqui a fé é inteligida como caminho dinâmico de encontro com Deus e abertura para a acolhida do mistério que deseja nos fazer novos e maduros no seguimento de Cristo.

> Apresentar a experiência de fé como dinâmica de abertura ao mistério é compreendê-la como abertura ao inédito, ao impossível, ao desconhecido, como também enquanto processo em que cada pessoa vai entrando em relação com o mistério gradativamente, não de uma vez por todas, como uma passagem definitiva. (COSTA, 2014, p. 182).

O silêncio litúrgico ou ritual como via de acesso a Deus precisa ser redescoberto pela *Ecclesia orans*. Ajudados pelo recolhimento que ele nos convida a fazer, para apreender o mistério celebrado, somos chamados a recuperar nossa capacidade de leitura dos símbolos que envolvem as ações litúrgicas. Esses não nos distanciam do mistério, mas nos colocam em sua presença.

Entretanto, se desejamos que o silêncio litúrgico ajude a comunidade a entrar no mistério e por ele permanecer retida, precisamos dar início a um processo de formação dos membros da comunidade cristã, para bem viver as ações litúrgicas. Sobre esse tema assevera Guardini:

> A liturgia é um mundo de realidades misteriosas e santas presentes em forma sensível: tem por isso caráter sacramental. É, pois, necessário, antes de mais nada, apreender aquele ato vivo, pelo qual o fiel compreende, recebe e executa os santos "sinais sensíveis da graça invisível". Trata-se em primeiro lugar de educação litúrgica, não de ensinamento litúrgico, embora este não se deva separar daquela; trata-se de uma orientação, ou pelo menos, de um estímulo a contemplar e a realizar ao vivo os sinais sagrados. (GUARDINI, 2017b, p. 9).

À luz do Concílio Vaticano II, do qual ainda hoje podemos colher muitos bons frutos, devemos motivar as comunidades cristãs a inteligirem o silêncio litúrgico, não como fuga do mundo, mas como um recolhimento necessário para inteligirmos a ação de Deus no mundo. Será a partir dessa intelecção que conseguiremos recuperar o silêncio não apenas como o cessar das palavras, mas abertura sensível para a acolhida do mistério.

Tendo ressaltado a importância do silêncio litúrgico que nos faz penetrar no mundo dos sinais sagrados, o que agora nos propomos neste nosso trabalhado é mostrar como a realidade sacramental do silêncio litúrgico nos impele à busca de uma nova vida. (CHAUVET, 2023, p.

301). Essa vida nova vem do Cristo, que é celebrado e atualizado em cada encontro da comunidade orante.

### 3.3 A força transformadora do silêncio

A tratativa do tema da realidade sacramental do silêncio litúrgico nos remete à análise da vida nova que encontramos pela prática do recolhimento, como modo de se discernir as decisões a serem tomadas à luz da fé. A vida mística cristã sempre valorizou o silêncio em sua força transformadora. Os místicos cristãos sempre encontraram na busca por uma vida silenciosa um modo de se atingir uma vida de fé equilibrada e capaz de tomar sábias decisões. Entretanto, faz-se mister desde já assinalar que toda vida mística, dentro do contexto eclesial está ligada a uma participação pessoal e comunitária no Mistério Pascal. "Classicamente, a vida mística foi compreendida, seja no Oriente ou no Ocidente, como participação ao Mistério Pascal de Cristo, em uma Igreja sacramental e hierárquica para a redenção do mundo na espera do cumprimento da vinda do Senhor"[117]. (SCHINELLA, 2015, p. 102, tradução nossa).

O discipulado de Cristo exige a busca por uma existência mística. Desse modo, no seio da comunidade cristã, todos os seus membros são chamados a uma vida profunda de oração, que esteja em sintonia com o Mistério Pascal. Tal vida exige o exercício para saber silenciar-se. O saber calar-se interiormente e exteriormente para deixar o mistério se comunicar, na sua plenitude, configura-se como uma ardorosa tarefa, que apenas se deixando guiar pelo Espírito os cristãos conseguirão realizar. Daqui podemos afirmar que um cristão não nasce místico, mas o torna à medida que se deixa educar pelo Mistério Pascal, celebrado e atualizado pelas ações litúrgicas da Igreja. "O místico (*de mysterion*) foi identificado como participante da vida eclesial da graça a sorte/dom pascal de Cristo"[118]. (SCHINELLA, 2015, p. 102, tradução nossa).

Como se observa, o silêncio e a vida mística caminham juntos. O silêncio é um salutar convite para a pessoa que o experimenta, a um mergulho profundo no mistério da fé. Por isso, "o silêncio é um itinerário para dentro do mistério, do sublime". (VASCONCELOS, 2019, p. 44). Desse modo, aquele que se deixa guiar pelo silêncio, de modo algum se coloca à parte do

[117] "Classicamente, la vita mística è stata intesa, sai in Oriente che in Occidente, come la partecipazione al mistero Pasquale di Cristo in una Chiesa sacramentale e gerarchica per la redenzione del mondo in attesa del compimento della venuta del Signore."
[118] "Il mistico (*da mysterion*) è stato identificato com il partecipe per la vita ecclesiale della grazia alla sorte/dono pasquale di Cristo."

mundo, mas está plenamente plantado e tomado pela realidade. Pois, "silêncio é calar e deixar o divino mistério falar em nós". (VASCONCELOS, 2019, p. 45).

Diversos místicos cristãos testemunham a força transformadora do silêncio, apontado para uma vida cristã, sempre marcada pela busca de conversão e, sobretudo, por uma existência pontuada pela vivência criativa e fiel, segundo os ditames do Evangelho. Aqui recorrendo ao pensamento zubiriano podemos afirmar que o silêncio nos faz estar religados a Deus. "Estar religados a Deus quer dizer que Deus não é mero objeto na realidade, senão que Deus é fundamento da minha realidade"[119]. (NIZINSKI, 2016-2018, p. 77, tradução nossa).

O estar religado a Deus se desdobra na atitude de entrega da pessoa àquele que é a Realidade Absoluta, fundamento. Segundo Zubiri "ao entregar-se a Deus o homem se entrega ao mais radicalmente *suyo*"[120]. (ZUBIRI, 1984, p. 203, tradução nossa). O silêncio experimentado por uma vida mística nos ajuda a inteligir que a fé é sempre um ato de entrega a Deus, que é o absoluto fundamento da realidade. Por isso, aqui devemos entender a fé à luz do pensamento zubiriano asseverando: "A fé é em si mesma entrega e é a forma radical de acesso do homem a Deus"[121]. (ZUBIRI, 1984, p. 209, tradução nossa).

Desse ponto podemos constatar a força transformadora do silêncio como realidade litúrgico sacramental. A sua proposta dentro da ação ritual não tem por finalidade o sessar apenas das palavras, mas coloca a pessoa em marcha pela busca do sentindo último do mistério, que a ação litúrgica nos convida a celebrar e atualizar.

Sciadini, ao tratar do tema do silêncio e daquilo que ele nos impele a viver como comunidade cristã, assim afirma:

> O silêncio é o caminho para seu próprio mistério, não o é menos para o mistério do outro. O verdadeiro silêncio suscita recolhimento, combina esse infinito quebra-cabeça de peças amorfas e dispersas que às vezes é a própria mente; convoca, evoca e provoca a multidão de ressonâncias que unem os dialogantes. O silêncio, em suma, aproxima as pessoas no amor, enquanto a palavra superficial e vazia as afasta. (SCIADINI, 2000, p. 75).

O silêncio sacramental, proposto como elemento integrante do rito litúrgico, nos ajuda a resgatar o sentido de diversos outros elementos que fazem parte das ações rituais da

---

[119] "Estar religados a Dios quiere decir que Dios no es mero objeto em mi realidad, sino que Dios es fundamento de mi realidad."
[120] "Al entregarse a Dios, el hombre se entrega a lo más radicalmente suyo."
[121] "La fe es en sí misma entrega y es la forma radical del acceso del hombre a Dios."

comunidade cristã. Os elementos são os seguintes: a assembleia, a eucologia, a Palavra de Deus, o ritmo dos cânticos, os gestos e símbolos. Todos esses elementos dentro das ações litúrgicas são costurados com o fio de ouro do silêncio. Em todos eles e em outros podemos observar o silêncio, que vai nos conduzindo à contemplação do mistério que a liturgia nos convida a celebrar. O ato de silenciar-se vai nos conduzindo ao coração de nossa fé. Nos impulsiona a celebrar o memorial da Páscoa do Senhor como momento oportuno de atualização da *historia salutis*. O Papa Francisco nos ajuda a entender tal realidade quando na *Desiderio Desideravi*, número 20, assevera:

> A liturgia nada tem a ver com um moralismo ascético: é o dom da Páscoa do Senhor que, acolhido com docilidade, faz nova a nossa vida. Só se entra no Cenáculo pela força de atração do seu desejo de comer a Páscoa conosco: "*Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum, antequam patiar*". (Lc 22,15).

Essa afirmação do Papa Francisco, apenas referenciada, nos ajuda a entender como que os elementos acima citados são perpassados pelo silêncio litúrgico. Desse modo, sem nos inclinarmos à tentação de esgotarmos a tratativa desse tema, o que agora nos propomos é abordar a realidade litúrgico-sacramental do silêncio que perpassa os elementos integrantes de uma ação litúrgica.

Quase sempre fazemos migrar aos nossos ambientes celebrativos uma gama de rumores que nos impedem de construir o silêncio interior e exterior. A sociedade contemporânea nos tornou escravos das palavras e dos sons. Ambientes silenciosos, para muitos, tornou-se sinônimo de solidão. É nesse contexto que o silêncio é proposto à assembleia celebrante, como forma de preparação para a celebração do mistério da fé.

> As Igrejas devem ser lugares adequados onde os homens encontram, no silêncio ou na oração, a paz do Espírito ou a luz da fé. Muitos crentes desejam encontrar nas igrejas um refúgio de paz, facilmente acessível, constantemente aberto e gratuitamente ofertado, onde a arquitetura e a beleza do ambiente convidam ao silêncio[122]. (DESTHIEUX, 2017, p. 112, tradução nossa).

[122] "Le chiese dovrebbero essere dei luoghi adeguati dove gli uomi raggiungono, nel silenzio o nella preghiera, la pace dello spirito o la luce della fede. Molti credenti, e anche non credenti, desiderano trovare nelle chiese um rifugio di pace, facilmente accessibile, constantemente aperto e gratuitamente offerto, dove l'architettura e la bellezza dell'ambiente invitano al silenzio."

É num espaço destacado para a oração que as pessoas são chamadas, por Deus, a constituírem uma assembleia celebrante. Essa reunião é sinal da unidade, na diversidade de todo o povo de Deus, para a oração em comum. O silêncio proposto à assembleia, nas diversas partes que constituem uma celebração, não se apresenta como uma fuga da realidade, mas um colocar-se plenamente diante dela. É na realidade que Deus vai se manifestar à comunidade. Em Zubiri a epifania de Deus na realidade é definida como deidade. Cambres nos ajuda a entender esse termo no conjunto da obra do pensador espanhol quando afirma: "Deidade não é Deus, mas é a manifestação de Deus por sua presença 'nas' coisas"'[123]. (CAMBRES, 1990, p. 97). Dessa explicação podemos inteligir o caminho utilizado por Zubiri para justificar a existência de Deus.

O silêncio litúrgico motiva a assembleia a marchar ao encontro do Senhor. A inteligi-lo nos diversos elementos que são propostos pela ação litúrgica, para se celebrar e atualizar o Mistério Pascal. O silêncio vivenciado pela assembleia é uma via que transforma e abre a pessoa para um encontro com Deus. "E Deus é acessível por ser uma realidade aberta, realidade pessoal"[124]. (CAMBRES, 1990, p. 97, tradução nossa).

Outro espaço onde se faz observar a importância do silêncio na ação litúrgica se dá no momento anterior à recitação de um texto eucológico. Aqui como forma de exemplificação podemos citar o silêncio antes das orações da coleta, sobre as oferendas e pós-comunhão. Este silêncio é sempre motivado por aquele que preside a assembleia celebrante. O ato de exortar a comunidade a um silêncio orante demonstra que esse gesto procura evidenciar um caminho que nos coloca na presença do Espírito, o qual nos ajuda a inteligir o mistério da fé, que será proclamado pela oração. O convite a esse momento de silêncio é uma verdadeira motivação para que todos participem ativamente da oração da Igreja. A assembleia é motivada a rezar em silêncio, juntamente com aquele que preside a ação litúrgica. O convite ao silêncio nesse momento é uma das novidades do Missal Romano, que nasce em 1970, como fruto da reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II. Desthieux nos ajuda a entender o significado desse silêncio estabelecido por uma rubrica, neste novo livro litúrgico, quando afirma:

> Esta rubrica do missal pede claramente que todos parem para rezar. Isto não tem nada que a ver com o silêncio que outrora aquela assembleia poderia rezar

[123] "Deidad, no es Dios, pero es la manisfestación de Dios por su presencia en las cosas."
[124] "Y Dios es accesible por ser una realidad abierta, realidad personal."

> enquanto o clero cumpria os ritos. Agora todos são convidados a viver juntos este tempo de silêncio[125]. (DESTHIEUX, 2017, p. 119, tradução nossa).

O silêncio motivado antes da oração da coleta, por exemplo, é um grande convite à assembleia reunida a uma participação ativa, plena, consciente e frutuosa na celebração da eucaristia. "Podemos então concluir que esse tempo de silêncio, se respeitado por todos, evita reduzir a oração da coleta a uma oração somente do sacerdote"[126]. (DESTHIEUX, 2017, p. 121, tradução nossa). Entretanto, o convite ao silêncio antes da oração da coleta estende-se à oração sobre as oferendas e na oração pós-comunhão. Ambos os momentos convidam ao recolhimento, mas no primeiro apresenta-se a Deus a prece de gratidão pelos dons recebidos, do pão e do vinho e após a oração da Igreja se tornarão alimentos de vida nova. Já o silêncio agregado à oração pós-comunhão nos recorda que a eucaristia é o grande alimento salutar. Ao receber o corpo e sangue do Senhor, participamos da sua vida divina.

Outro importante momento onde a comunidade é chamada à vivência do silêncio, como um caminho que nos coloca na realidade do mistério, encontra-se na liturgia da Palavra. O recolhimento silencioso nesse momento é uma exortação à meditação. Na Instrução Geral do Missal Romano, no número 56, encontramos a seguinte orientação: "A Liturgia da Palavra deve ser celebrada de tal modo que favoreça a meditação; por isso deve ser de todo evitada qualquer pressa que impeça o recolhimento". Observa-se aqui que o momento da liturgia da Palavra exige tranquilidade para vivenciá-la em sua profundidade.

No momento do anúncio da Palavra de Deus a comunidade é chamada, a cada leitura, a viver a experiência de escutar Deus que se comunica com a assembleia, no silêncio. A vivência do silêncio nesse momento da celebração abre a assembleia para acolher o Senhor que deseja comunicar-se e educar seu povo. Por isso, cada momento de silêncio experimentado na liturgia da Palavra tem por escopo nos colocar diante do mistério celebrado. "Esses breves momentos de silêncio permitem a cada um acolher no próprio coração a Palavra de Deus, coisa que pede um pouco de tempo e de responder-lhe com uma adesão pessoal na oração"[127]. (DESTHIEUX, 2017, p. 131, tradução nossa).

---

[125] "Questa rubrica del messale chiede chiaramente che tutti si fermino per pregare. Questo non há nulla a che vedere com tutto quel silenzio di uma volta durante il quale, l'assemblea poteva pregarem entre il clero compiva i riti. Ora tutti sono invitati a vivere insieme questo tempo di silenzio."

[126] "Possiamo dunque concludere che questo tempo di silenzio, se rispettato da tutti, evita di ridurre la colletta a una preghiera del solo sacerdote".

[127] "Questi brevi momenti di silenzio permettono a ciascuno di accogliere nel proprio cuore la parola di Dio, cosa che richiede um po' di tempo, e di rispondervi com um'adesione personale nella preghiera."

A realidade sacramental do silêncio litúrgico na liturgia da Palavra pode ser experimentado em quatro momentos. No início da liturgia da Palavra, antes e depois da primeira e segunda leitura e por fim depois da homilia. Faz-se mister, a este momento de nossa pesquisa, recordar que esse gesto de silenciar em diversos momentos assume uma tarefa educativa. Trapani, tratando da força transformadora e educadora do anúncio da Palavra de Deus na liturgia e da exigência do silêncio para escutá-la afirmará:

> Sabemos, além disso, que a Palavra de Deus não é simplesmente um entre os elementos necessários e indispensáveis da celebração, mas a alma operadora da estrutura celebrativa, tal pela qual o seu conteúdo informa de si os textos eucológicos, os gestos, os sinais da ação ritual, porque a liturgia mesma é Palavra celebrada[128]. (TRAPANI, 2011, p. 296, tradução nossa).

O silêncio litúrgico torna-se nesse momento da celebração a mola propulsora para que a comunidade se coloque plenamente na presença daquele que é a Realidade Absoluta fundamentante. (ELLACURÍA, 1978, p. 170-171). A Liturgia da Palavra não coloca a pessoa que celebra fora da realidade, mas ajuda aquele que celebra a ver o mundo à luz da Palavra anunciada, meditada, professada e rezada. "A proclamação da Palavra faz com que a Escritura tome uma forma oral, linguagem verbal que através da vocalidade exercida pelo leitor permite à Palavra ser não somente conceito mas, sobretudo, presença"[129]. (TRAPANI, 2011, p. 296, tradução nossa).

A música é outro momento no qual podemos contemplar a força transformadora do silêncio litúrgico. Ela não é um adendo da celebração litúrgica, mas parte integrante. A sua fonte primeira é a própria Palavra de Deus. O Concílio Vaticano II nos recorda que ela é ação litúrgica. "Irá dizer Paulo VI que o canto é liturgia: o canto serve a liturgia, serve para fazer liturgia"[130]. (PARISI, 2011, p. 310, tradução nossa).

Como podemos observar o canto é um sinal sacramental, por isso, ele faz ver, anuncia e produz a salvação operada por Jesus em favor de toda a humanidade. Por isso, a música nasce do silêncio e deve conduzir toda a assembleia ao silêncio. Quando tal escopo é levado em

---

[128] "Sappiamo, inoltre, che la parola di Dio non è semplicimente uno tra gli elementi necessari e insipensabili della celebrazione, ma l'anima portante della struttura celebrativa, tale per cui il suo contenuto informa di sé i testi eucologici, i gesti, i segni dell'azione rituale, poiché la liturgia stessa è Parola celebrata."

[129] "La proclamazione della Parola fa sì che la Scrittura divenga forma orale, linguaggio verbale che attraverso la vocalità esercitata dal lettore permette alla Parola di essere non soltanto concetto ma soprattutto presenza."

[130] "Dirà Paolo VI che il canto è liturgia: il canto serve alla liturgia, serve a fare liturgia".

consideração de fato ela está a serviço da liturgia. Assim sendo, na liturgia a música deve ajudar a cantar, celebrar e rezar o mistério celebrado. (DESTHIEUX, 2017, p. 139).

A força transformadora do silêncio litúrgico também se faz ver nos gestos e símbolos da liturgia. Nos últimos tempos constata-se no campo da Ciência Litúrgica uma grande preocupação em observar como que os gestos e símbolos nos ajudam a viver as ações litúrgicas. Muitos gestos são acompanhados pelo silêncio como o reclinar-se diante do altar, de uma imagem, o ajoelhar-se, a imposição das mãos, a contemplação. Esses e outros gestos nos colocam diante da presença do mistério. Isso se dá porque: "A liturgia é encarnada: se volta a todo o homem e toca os seus sentidos. É toda a pessoa, alma e corpo, que vem santificada por Deus, é com todo o seu ser que a pessoa celebra e dá glória a Deus"[131]. (DESTHIEUX, 2017, p. 193, tradução nossa).

Os símbolos, unidos aos gestos e alimentados pelo silêncio litúrgico, nos ajudam a caminhar e a nos colocarmos na presença do Senhor. A celebrar o mistério dentro da realidade em que nos encontramos, sedentos por nos deixar por ele nos envolver. O silêncio que vivenciamos na liturgia é sempre mistagogia, que possibilita estar diante do mistério da fé. "A atitude do corpo daqueles que estão no presbitério – o sacerdote, os ministrantes, os leitores – tem uma grande importância para fazer habitar o silêncio e para que os ritos mesmos sejam preenchidos de silêncio e de paz"[132]. (DESTHIEUX, 2017, p. 193, tradução nossa).

Buscamos demonstrar como o silêncio exerce um papel fundamental na formação daqueles que participam das ações litúrgicas ressaltando sua força transformadora. Deixar-se conduzir por ele e resgatar a própria liturgia na sua força educativa é uma das importantes tarefas que se coloca a Pastoral Litúrgica. Pois cada momento de silêncio nos coloca em sintonia com Deus, a Realidade Suprema, que é uma realidade aberta e que se dá a conhecer. Por isso, agora nos ocuparemos em mostrar como o silêncio é um dos elementos essenciais na prática da oração comunitária cristã.

---

[131] "La liturgia è encarnata: si rivolge a tutto l'uomo e tocca i suoi sensi. È tutta la persona, anima e corpo, che viene santificata da Dio, ed è con tutto il suo essere che la persona celebra e dà gloria a Dio."

[132] "L'atteggiamento del corpo di coloro che stano nel prebisterio – il sacerdote, i ministrante, i lettori – ha un grande importanza per far sì che il silenzio siano abitati e che i riti stessi siano riempiti di silenzio e di pace."

### 3.4 O valor do silêncio na oração comunitária cristã

Desde as comunidades primitivas até nossos dias a prática da oração comunitária sempre se fez presente na vida da Igreja. Em alguns momentos ela envolveu de uma forma mais plena todos os membros da comunidade cristã. Entretanto, em outros ela se reduziu a um serviço apenas exercido pelo clero, em favor do povo de Deus. O que nos importa aqui ressaltar é que com o advento do Concílio Vaticano II e o contato com as fontes cristãs no século XX, tornou-se possível devolver a todo o povo de Deus o direito de participar ativa, plena e conscientemente da oração comunitária. Por isso, a tratativa da oração comunitária nos coloca a tarefa de revisitar, mesmo que de forma sumária, a espiritualidade cristã. Como sabemos: "A espiritualidade cristã não pode jamais ignorar a riqueza teológica das celebrações litúrgicas que podem contribuir não pouco a tornar concreta e efetiva a função da liturgia como cume da atividade da Igreja e como fonte da vida cristã"[133]. (PATERNOSTER, 2005, p. 74, tradução nossa).

A oração comunitária cristã, de um modo particular a celebração da eucaristia, é o ponto ápice de toda a experiência de fé da comunidade eclesial. Ela é o ponto de chegada e o ponto de partida. Nela a comunidade se deixa alimentar pelo próprio Cristo que vem ao encontro da comunidade, por meio da palavra e da eucaristia. Em cada ação litúrgica, Cristo se faz presente a sua Igreja, de muitas formas.

> Na eucaristia a atualidade é atualidade de Cristo "desde a sua própria realidade pessoal". Certamente "é um estar presente real e fisíco", mas temos que advertir que "esta atualidade não é formalmente idêntica à realidade nua de Cristo. Cristo é Cristo mesmo sem a eucaristia"[134]. (MILLÁS, 2000, p. 283, tradução nossa).

No encontro da comunidade, para sua oração comum ela é chamada a encontrar-se com Cristo. (JIMÉNEZ, 2000, p. 495). Por isso, nessa ação litúrgica a comunidade é chamada a experienciar ao menos o silêncio de recolhimento, o silêncio meditativo e o silêncio ofertante. Nessas três formas de silenciar-se na liturgia podemos inteligir a realidade sacramental do

---

[133] "La spiritualità cristiana non può più ignorare la ricchezza teologica delle celebrazioni liturgiche che possono contribuire non poco a rendere concreta ed efetiva la funzione della liturgia come culmine dell'attività della Chiesa e come fonte della vita cristiana."

[134] "En la eucaristia la actualidad es actualidad de Cristo "desde sua propria realidad personal". Ciertamente "es un estar presente real y fisico", pero hay que advertir que, "esta actualidad no es formalmente idéntica a la nuda realidad de Cristo. Cristo es Cristo aun sin eucaristia.'"

silêncio litúrgico, proposto pelo rito por meio do qual a comunidade celebra e atualiza o Mistério Pascal.

> O rito revela continuamente que os sentidos são o lugar imprescindível da fé, seja em referimento ao postulado teológico da encarnação e da ressurreição (da fé aos sentidos) seja em referimento ao postulado antropológico da via corpórea ao outro e além (dos sentidos à fé)[135]. (BONACCORSO, 2011, p. 249, tradução nossa).

Desse pressuposto apenas apresentado, podemos entrever que a oração comunitária da Igreja pede o exercício do silêncio, como caminho de intelecção sensitiva do Mistério Pascal. Por isso, toca-nos agora desdobrarmos as diversas formas de silêncio que o rito litúrgico nos convida a viver. Mas antes de nos debruçarmos sobre essas formas de se viver o silêncio na liturgia, as quais fizemos referência acima, com a *Desisderio Desideravi* número 43 podemos aprender:

> A liturgia rende glória a Deus, não porque possamos acrescentar alguma coisa à beleza da luz inacessível na qual Ele habita (cf. 1Tm 6,16) ou à perfeição do canto angélico que ressoa eternamente nas moradas celestiais. A Liturgia dá glória a Deus porque nos permite, aqui na terra, ver a Deus na Celebração dos Mistérios e, ao vê-lo, ganhar vida por sua Páscoa: nós, que estávamos mortos pelos pecados, fomos revividos, pela graça, com Cristo. (cf. Ef 2,5), somos a glória de Deus.

O primeiro modo de se experimentar na oração comunitária o silêncio é por meio do recolhimento. O processo de recolhimento exige a tranquilidade do espaço, que ajuda em partes gerar a paz interior. Esse movimento não significa uma fuga da realidade, mas um andar até sua dimensão mais profunda. No recolhimento silencioso temos a oportunidade de resgatar o estupor litúrgico. Isso nos ajuda a superar a fratura entre fé e vida. A *Desiderio Desideravi*, no número 49, afirma:

> O momento da ação celebrativa é o lugar no qual, por meio do memorial, se faz presente o Mistério Pascal, para que os batizados, em virtude de sua participação, possam experimentá-lo em suas vidas: sem essa compreensão, facilmente se cai no "exteriorismo" (mais ou menos refinado) e no "rubricismo". (mais ou menos rígido).

---

[135] "Il rito svela continuamenteche il sensi sono il luogo imprescindibile della fede sia in riferimento al postulado teologico del'incanazione e della resurreizone (dalla fede ai sensi) sai in riferimento al postulato antropologico della via corporea all'altro e all'oltre (dai sensi alla fede)".

O recolhimento engendrado pelo silêncio litúrgico nos ajuda a inteligir a dimensão *epiclética* da liturgia. Pois ele é símbolo do próprio Espírito, que anima a comunidade que é chamada a celebrar e atualizar o Mistério Pascal. "O silêncio prolonga a Palavra auscultada oferecendo um tempo de ressonância a cada um, com a ajuda do Espírito Santo"[136]. (DESTHIUEX, 2017, p. 89, tradução nossa).

Os estudos do liturgista Achille Triacca nos auxiliam na intelecção da relação entre o Espírito Santo e a liturgia. Nos ajuda a inteligir como a ação litúrgica vivida pela assembleia celebrante, que em alguns momentos é chamada a viver a experiência do recolhimento silencioso, é um fértil terreno para a construção de uma pneumatologia litúrgica. "A liturgia é por excelência o terreno-base para construir uma verdadeira pneumatologia vital. Nela o Espírito se visibiliza nas pessoas que dela participam, e em cada uma das partes em que se articula a celebração se encontra e atua o Espírito"[137]. (TRIACCA, In: MAQUEDA, 2012, p. 91, tradução nossa).

Pensar a liturgia como esse terreno-base para a construção de uma pneumatologia litúrgica vital, nos faz pensar o importante papel do silêncio litúrgico como um dos caminhos que nos ajuda a marchar, a fim de ulteriormente inteligir o sentido do agir do Espírito na comunidade reunida. A pessoa que celebra por si mesma não consegue recolher-se em silêncio. Faz-se mister que o Espírito aja, com o intuito de dar significado ao silêncio, colocando em evidência sua realidade sacramental. Aqui torna-se possível afirmar: "O silêncio faz parte integrante da comunicação e sem ele não pode existir nenhuma comunicação que seja rica de sentido"[138]. (DESTHIUEX, 2017, p. 92, tradução nossa). É a partir do recolhimento silencioso na liturgia que nasce e se aprofunda um pensamento que nos ajuda a viver e a inteligir a liturgia como um momento fundamental de memória e atualização da História da Salvação.

A ação do Espírito na liturgia é sempre um contributo para a intelecção e recuperação da importância do silêncio litúrgico sacramental, experimentado no recolhimento pessoal e comunitário. É Ele que nos faz inteligir que toda manifestação de Deus na liturgia é um indicativo de que o desejo do Pai é que atinjamos cada vez mais o coração do Mistério que celebramos e atualizamos por meio dos ritos e preces.

---

[136] "Il silenzio prolunga la Parola ascoltata offrerendole un tempo di risonanza in ciascuno, com l'aiuto dello Spirito Santo."

[137] "La liturgia es por excelencia el terreno-base para construir uma verdadera pneumatología vital. En ella el Espíritu se visibiliza en las personas que participan de ella, y en cada una de las partes en que se articula la celebración se encuentra y actúa el Espíritu."

[138] "Il silenzio fa parte integrante della comunicazione e senza di esso non può esistere nessuna parola che sai ricca di senso."

> O cristão, iluminado pelo Espírito Santo, leva com sua vida a converter o mundo e a santificá-lo, e atua sobre os demais mediante os sinais sacramentais (cf. LG 50). A linguagem litúrgica celebrativa é, então, a linguagem do Espírito que nos ajuda, em definitivo, a celebrar, sendo a medida para alcançar a Cristo"[139]. (MAQUEDA, 2012, p. 108, tradução nossa).

Dando mais um passo na reflexão sobre a realidade sacramental do silêncio litúrgico o que agora propomos é tratar o seu exercício meditativo. A meditação faz parte da oração cristã. Todas as ações litúrgicas da Igreja, quando celebradas como momentos fundamentais de atualização do mistério da fé, são marcadas por momentos intensos de meditação. A meditação silenciosa nos ajuda a contemplar o Mistério que se revela a cada uma de nós. A inteligir que:

> A liturgia entendida como celebração sacramental do Mistério Pascal de Cristo não pode ser considerada somente como uma sequência ritual. O seu verdadeiro objetivo é de favorecer uma profunda experiência mistagógica de tal Mistério e isso representa uma condição essencial para transformar o conhecimento do mistério celebrado em uma verdadeira experiência espiritual[140]. (PATERNOSTER, 2005, p. 59, tradução nossa).

O silêncio meditativo nos coloca diante de Deus, nos fazendo sensíveis aos seus apelos, a fim de nos deixarmos moldar pelo modelo de vida do seu Filho, por meio do Espírito. Tal experiência nos ajuda a inteligir o sentido do mistério da fé para aqueles que, pelo batismo, são chamados a continuar os passos de Cristo. Por isso, "o mistério da fé expresso pelos ritos empenha a implantar aquele projeto de vida cristã que deve ser repensado e proposto em estreita conexão com a proclamação da Palavra de Deus e com a celebração dos sacramentos"[141]. (PATERNOSTER, 2005, p. 79, tradução nossa).

A meditação impulsionada pela ação litúrgica auxilia a assembleia celebrante a saborear as palavras propostas pelos textos eucológicos e pela própria proclamação da Palavra. Motiva a comunidade cristã na busca do fundamento último da existência humana que é Deus, a Realidade absoluta – fundamentante.

---

[139] "El cristiano, iluminado por el Espíritu Santo, lleva con su vida a convertir el mundo y a santificarlo, y actúa sobre los demás mediante los signos sacramentos (cf. LG 50). El linguaje litúrgico celebrativo es, entonces, el lenguaje del Espíritu que nos ayuda, en definitiva, a celebrar siendo la medida para alcanzar a Cristo."

[140] "La liturgia, intesa come celebrazione sacramentale del Mistero Pasquale di Cristo, non può essere considerata solo come una sequenza rituale. I suo vero obiettivo è di favorire una profonda esperienza mistagogica di tale mistero e ciò rappresenta una condizione essenziale per trasformare la conoscenza del mistero celebrato in una vera esperienza spirituale."

[141] "Il mistero della fede espresso dai riti impegna ad attuare quel progetto de vita cristiana che deve essere ripensato e proposto in stretta connessione con la proclamazione della parola di Dio e con la celebrazione dei sacramenti."

O silêncio meditativo dentro da ação litúrgica é vivido de um modo particular no momento da Liturgia da Palavra. A medição nos ajuda a celebrar bem. “Celebrar é algo mais que escutar ou aprender ou estudar. É atender, acolher de forma cultual a Palavra de Deus, deixá-la entrar em nossas vidas e transformar a escuta em louvor e súplica”. (ALDAZÁBAL, 2018, p. 59).

Quando vivenciamos a celebração como um caminho mistagógico, que nos coloca em marcha para irmos ao encontro do Mistério, inteligimos que tal experiência nasce de uma meditação que se dá a partir dos elementos que compõem uma ação litúrgica. Por isso, dentro desse contexto, o silêncio meditativo nos ajuda a inteligir que: “Tanto a Palavra proclamada como o rito sacramental fazem parte de uma única História da Salvação: os grandes feitos salvíficos, sobretudo o Mistério Pascal de Cristo, são atualizados na celebração por obra do Espírito, para o bem da comunidade”. (ALDAZÁBAL, 2018, p. 128).

Aqui faz-se mister registrar que a meditação engendrada pelos textos que compõem a liturgia nos ajuda a entender porque o silêncio tem um valor sacramental, dentro do contexto da ação litúrgica. Ela não nos tira da realidade, mas nos faz apreender o Mistério como a base da nossa experiência celebrativa. A meditação dentro da celebração nos conduz a pensar e asseverar que:

> A Palavra tende ao sacramento, onde encontra sua plena realização. Mas o sacramento tem seu sentido total se é celebrado a partir da Palavra. Sempre é o mesmo Cristo que se nos dá, porém em dois modos distintos de presença e encontro: a Palavra e o sacramento. (ALDAZÁBAL, 2018, p. 132).

O silêncio meditativo que nos convida à prática da acolhida da Palavra, em vista da *lex vivendi*, nos desperta a outra forma de silêncio, que é aquele oferente. Desse modo, o que agora nos ocupará é a reflexão dessa outra forma de viver o silêncio na oração comunitária da Igreja. Nesse ponto tocaremos em um elemento importante da ação litúrgica que é seu caráter social. A celebração e escuta da Palavra convida sempre a uma aplicação dos ensinamentos colhidos. (ALDAZÁBAL, 2018, p. 134-135).

O silêncio oferente nasce da experiência de uma comunidade que se torna capaz, a partir da vivência da fé, de inteligir os compromissos que uma ação litúrgica desperta na vida dos membros de uma assembleia celebrante. (ELLACURÍA, 2000, p. 225). Zubiri, com sua metafísica da realidade, nos ajuda a inteligir que toda celebração vivida pela comunidade eclesial acontece a partir de uma realidade. Para o pensador espanhol o ser humano é um animal

de realidades. Esse, por meio de uma inteligência senciente, apreende a realidade. Por isso, para ele "a intelecção senciente já nos instala na própria realidade, mas suas limitações são a raiz de todo esforço, de toda possibilidade e de toda problematicidade da intelecção ulterior da realidade". (ZUBIRI, 2011a, p. 78).

Como já apontamos anteriormente a renovação litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II teve por objetivo conduzir os membros da comunidade cristã a uma participação ativa, plena e consciente nas ações litúrgicas da Igreja, de um modo particular na celebração da eucaristia. Desse modo, para atingir tal objetivo faz-se necessário fomentar uma assembleia litúrgica capaz de inteligir aquilo que nos fala a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* no seu primeiro número:

> As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.

O texto apenas citado nos ajuda a inteligir que a Igreja, em suas ações litúrgicas, procura celebrar a partir da Realidade absoluta, fundamento de todas as realidades em que os seus membros se encontram inseridos. Partindo então do pensamento de Zubiri podemos asseverar que:

> Na liturgia, a nossa apreensão primordial de Deus se desdobra em simples apreensões que nos ajudam a compreender quem é Deus e o que podemos afirmar dele. Aqui nasce um profícuo diálogo teologal. O homem, por meio da ação litúrgica, intelige sencientemente a presença de Deus. (SANTOS, 2021, p. 178).

A vivência sacramental da realidade do silêncio litúrgico em sua faceta oferente impele a assembleia celebrante a inteligir os compromissos éticos que advêm, por exemplo, da celebração da eucaristia e que devem ser perseguidos pela comunidade cristã. Pois devemos entender a liturgia como um meio de comunicação entre Deus e seu povo. Desse modo, religados a Deus somos chamados a viver segundo seus ensinamentos, que chegam até nós das mais diversas formas, isto é, por meio de situações ou pessoas. Faz-se mister aqui recordar que essa comunicação de Deus com seu povo tem como origem a experiência de um Deus que vê, sente, tem compaixão e vem ao encontro do seu povo, para libertá-lo.

O silêncio oferente, que nasce no contexto da oração comunitária da Igreja, nos ajuda a inteligir a relação entre liturgia e amor aos pobres. (GIRAUDO, 2007, p. 600). Pois o silêncio recolhimento ao lado do silêncio meditativo conduz ao silêncio oferente, que impele a comunidade a não só recordar dos pobres, mas inteligir os meios para se superar as realidades de pobreza, que espezinham a pessoa humana, onde Deus está presente, como uma presença possível de ser alcançada.

Ao recordarmos ao menos três facetas do silêncio dentro do contexto da oração comunitária, procuramos apontar como este gesto litúrgico nos torna abertos para a realidade do Mistério Pascal, que se atualiza em cada ação litúrgica. Por isso, o passo que agora iremos dar é aquele de inteligir o processo kenótico que somos chamados a experimentar, por intermédio das ações litúrgicas da Igreja, com o escopo de acolhermos os apelos do Espírito, que tudo transforma.

### 3.5 O silêncio como *kênosis* e abertura ao Espírito

Neste nosso trabalho, que procura debruçar-se sobre a dimensão da realidade sacramental do silêncio litúrgico, não poderíamos deixar de dedicar algumas páginas para refletir sobre sua relação com o tema da *kênosis* e abertura ao Espírito. Comumente, muitos procuram definir o silêncio como uma forma de omissão. Todavia, à luz do pensamento zubiriano, estamos percorrendo outro caminho. Isso para apontar sua pertinência. Uma ação litúrgica que não valoriza o silêncio como um elemento integrante do rito, desconsidera umas das formas mais essenciais de comunicação do mistério que celebramos e atualizamos em cada liturgia. Ao tratarmos do silêncio *kenótico* podemos afirmar que:

> Ele nos leva às nossas profundezas interiores, logo nos coloca frente a frente com nós mesmos, permitindo-nos introduzir no mistério orante de Cristo, porque abre os canais da graça, possibilitando-nos auscultar as sutilezas que Deus nos reserva e contemplar com profunda a realidade que nos cerca. (GOMES, 2010, p. 639).

Na liturgia o silêncio assume uma importante dimensão pedagógica. Por isso, “a pedagogia do silêncio é a arte de conduzir para o lugar da interioridade pessoal e comunitária”. (VASCONCELOS, 2018, p. 12). A condução para o interior do ser humano e para suas experiências comunitárias, na qual a fé experimenta um processo de amadurecimento, nos ajuda

a entender que o silêncio "quer ser um caminho rumo a nossa casa interior, para permanecermos na escuta do mistério que perpassa nossa existência". (VASCONCELOS, 2018, p. 12). Envolvidos pelo mistério caminhamos ao encontro do Senhor, e nele encontramos a razão de todo o discipulado. Desse ponto, podemos inteligir que "a pedagogia do silêncio tem como meta essencial nos educar para falar e calar, para sentir e perceber etc". (VASCONCELOS, 2018, p. 12).

É a partir desse ponto que estabeleceremos a relação entre silêncio e a atitude *kenótica* de Cristo, como mola propulsora de abertura ao Espírito. A *kênosis* de Jesus, à luz da sacramentalidade do silêncio litúrgico, nos ajuda a entender que: "O silêncio é o útero onde a palavra é gerada, fecundada e só depois então balbuciada". (VASCONCELOS, 2018, p. 19). Quando adentramos os livros dos Evangelhos para conhecer a vida de Cristo, logo nos damos conta do seu esvaziamento pessoal, à luz do Espírito. Em Lc 4,16ss. podemos encontrar o relato de que toda a sua obra missionária nasce de um impulso do Espírito. E a consciência disso nasce de um profundo silêncio. Silêncio que gera encontro e produz novas atitudes. O silêncio de Cristo, que o conduz a fazer a vontade do Pai, nos auxilia na compreensão de que:

> O nosso silêncio deve nos levar a escutar a proposta de Deus sobre este mundo que peregrinamos. Nesse silêncio de Deus podemos nos sentir pessoas inteiras. O puro silêncio de Deus é capaz de afastar da cultura do vício do ruído. A pedagogia divina do silêncio nos conduzirá para uma comunicação e comunhão plena. (VASCONCELOS, 2018, p. 21).

O exemplo de comunicação e comunhão plena com Deus encontramos em Jesus Cristo. A Carta de São Paulo aos Filipenses 2,1-11, nos testemunha tal realidade. O texto registra a *kênosis* de Cristo, que não utiliza da sua condição divina para se relacionar com as pessoas, mas esvazia-se de si mesmo, torna-se servo, para revelar Deus aos que estão ao seu redor. Para a realização da sua missão, Jesus escolhe a via da *kênosis*, do esvaziamento pessoal, que é um caminho frutuoso para a instauração do Reino. O processo *kenótico* de Cristo nos ajuda a pensar que: "A existência se torna insuportável quando reduzida ao pragmatismo e à frivolidade. O ser humano foi feito para cultivar também o espírito, acolher o mistério e experimentar a alegria interior". (PAGOLA, 2020, p. 79).

A tratativa da realidade sacramental do silêncio litúrgico nos coloca diante de um caminho que exige um processo *kenótico*. A *kênosis* cristã não é omissão diante da realidade, mas é um mergulho profundo no mistério da fé, que nos conduz à superação das inúmeras atitudes excessivamente pragmáticas. Atitudes que conduzem à absolutização da razão, em

detrimento dos sentidos. “Um dos dogmas fundamentais da cultura moderna é a fé no poder absoluto da razão. Imagina-se que com a força da razão o homem será capaz de resolver os problemas da existência”. (PAGOLA, 2020, p. 79).

Com a absolutização da razão nos últimos tempos assistimos a um distanciamento cada vez maior entre razão e sentimentos. Quase sempre nosso quefazer teológico parte de conceitos e não da realidade.

> Na raiz dessa postura racionalista existe uma convicção que vem crescendo progressivamente: o único que existe é o que o homem pode verificar cientificamente. Fora disso não há nada de real. Se assim for, naturalmente já não existe mais lugar para Deus nem para e experiência religiosa. (PAGOLA, 2020, p. 79).

A experiência *kenótica* de Jesus auxilia na superação do racionalismo que descarta as experiências sensitivas para se atingir a Realidade Suprema, que é Deus. Desse ponto podemos afirmar que o silêncio *kenótico* é um ponto de apoio na construção de processos de evangelização, em que a realidade é levada em consideração, pois é nela que Deus se revela e atua. O anúncio do evangelho exige a vivência desse tipo de silêncio, sobretudo para pensarmos a nova evangelização. Uma fé excessivamente racional não permite que o ser humano penetre no coração do mistério. Por isso, se assevera que: “a nova evangelização só poderá comunicar a Boa Notícia de um Deus salvador e amigo se for capaz de atualizar para os nossos dias a experiência fontal e originária que o cristianismo das origens viveu”. (PAGOLA, 2020, p. 93).

A experiência de evangelização exige silêncio e *kênosis*, que impulsiona a pessoa de fé a uma abertura ao Espírito. Todavia, faz-se necessário aqui evidenciar que aquele que anuncia o evangelho encontra nessas duas exigências apenas recordadas, um caminho para inteligir aquilo que deve ser comunicado e celebrado pela liturgia. A experiência de uma vida de fé marcada pela ação de silenciar-se e do esvaziar-se de pretensões danosas, ajuda-nos a compreender que:

> Os primeiros discípulos viveram o encontro com Cristo a partir de seus próprios problemas e contradições. De nossa parte devemos atualizar essa experiência em nosso mundo atual, no interior dos conflitos e da desesperança em que se encontra a humanidade. (PAGOLA, 2020, p. 95).

Como podemos observar o silêncio ritual auxilia no repensar a vida, engendra processos que desencadeiam na pessoa de fé o necessário esvaziamento das pretensões que muitas vezes

conduzem à construção de sistemas de evangelização ou até mesmo celebrações que não comunicam o evangelho, mas causam uma constante saída de pessoas da comunidade. À luz do Concílio Vaticano II pode-se afirmar: "Todo ser humano precisa ouvir a Boa Notícia de um Deus em quem se pode depositar uma confiança total". (PAGOLA, 2020, p. 95).

Apenas uma comunidade que sabe recolher-se no silêncio consegue inteligir a força dessa ação e o modo de resignificar as palavras que nos ajudam na intelecção do Mistério da Fé. Na esteira do pensamento zubiriano nós nos aproximamos desse mistério por meio da nossa inteligência senciente. Tal aproximação se dá de um modo direto, imediato e unitário. Porém, a partir da apreensão primordial do mistério, fazemos a experiência das apreensões ulteriores, a fim de compreender o mistério na sua totalidade.

Toda essa nova maneira de acolher o mistério deve nos ajudar a nele mergulhar e a celebrá-lo na sua plenitude, como atualização da história da salvação. Mas para atingirmos tal objetivo faz-se mister pensar uma catequese que seja capaz de conduzir o ser humano de fé a um processo de configuração com o Senhor. Pagola nos ajuda a pensar nisso quando afirma:

> Uma catequese que se limita a expor corretamente a doutrina cristã, uma exegese que somente se preocupa em interpretar o texto bíblico com precisão, uma pregação que se reduz a expor objetivamente seu conteúdo doutrinal, passam ao lado do mais essencial e decisivo, deixando de oferecer assim o manancial do qual brota a verdadeira renovação da vida cristã. (PAGOLA, 2020, p. 96).

Faz-se mister aqui recordar que a liturgia, quando é apresentada como fonte de espiritualidade, precisa conduzir a comunidade cristã ao sentido profundo do alicerce de toda ação litúrgica. Como sabemos, tal fundamento encontra-se no próprio Mistério Pascal. Por isso:

> Não devemos nos esquecer que a estrutura atual da liturgia cristã (missa dominical, celebração de sete sacramentos, ano litúrgico etc.) é o resultado de todo um processo em cuja origem está a experiência da ceia com o Senhor, a acolhida de seu perdão, a escuta de sua Palavra e, sobretudo, os encontros com o Ressuscitado. Não é de estranhar que a tradição cristã tenha denominado a Eucaristia "Mistério Pascal" (*paschale mysterium*), pois nela se atualiza o encontro místico com o Senhor ressuscitado. (PAGOLA, 2020, p. 96).

Uma ação litúrgica cristã, quando fundamentada em Cristo, é o exemplo mais claro da silenciosa *kênosis* de Deus. Isto é, do seu total esvaziamento com o escopo de vir ao encontro da humanidade e tocá-la com a força edificante do seu amor. Uma das formas de inteligir essa

verdade está no saber silenciar-se para contemplar o mistério que busca inundar o homem e a mulher de fé com sua força.

Porém, ainda precisamos ressaltar que a experiência *kenótica* que somos chamados a viver a partir das ações litúrgicas deve nos abrir à realidade do Espírito. Isto é, a força que torna a vida da comunidade eclesial dinâmica e capaz de continuar, à luz do Mistério Pascal, os passos de Jesus.

Ao tocarmos no tema do Espírito, precisamos evidenciar sua importância nos processos *kenóticos* que a comunidade cristã é chamada a vivenciar. Os membros da comunidade eclesial não agem por si mesmos, mas são sempre impulsionados pelo Espírito do Senhor. Pois, é ele quem ajuda a inteligir os sinais dos tempos e a realizar a missão de transmitir a fé, entregue por Cristo a sua Igreja. Por isso, aqui, com Bruno Forte, podemos asseverar:

> Se na *kênosis* do Filho a pessoa nos apareceu, enquanto a divindade permanecia escondida sob 'as aparências do servo', em seu advento o Espírito Santo manifesta a natureza comum da Trindade, mas deixa que sua pessoa seja dissimulada sob a divindade. Permanece não revelado, escondido, por assim dizer, do dom, a fim de que o dom que ele comunica seja plenamente nosso, assumido pelas nossas pessoas. (FORTE, 2018, p. 26).

A experiência de abertura ao Espírito nasce sempre de uma experiência *kenótica*. Por isso, mais uma vez aqui devemos recordar que a tratativa do silêncio, em relação à *kênosis*, exige de nós adentrar no campo da mística. Isso nos aponta a íntima relação existente entre experiência de oração (vida litúrgica) e experiência mística (abertura para a acolhida dos apelos de Deus, por meio do seu Espírito. Isso porque: "O Espírito é a dimensão do mistério, e é ele quem permite a Igreja ser o rosto – historicamente determinado e sujeito à mudança – da vida divina que vem do alto e é derramada para todos". (FORTE, 2018, p. 26).

O silêncio vivido pelos discípulos do Senhor nas ações litúrgicas realizadas em sua memória, transforma-se em um salutar caminho de transmissão da fé. Fé que deve ser vivida de modo pessoal, mas também no seio de uma comunidade. A vivência comunitária da fé exige do ser humano que crê um senso de pertença a um corpo. Ao fazer parte desse corpo o discípulo do Senhor é chamado a transmitir a fé que recebeu por meio da acolhida do anúncio da Boa Notícia realizado por alguém e pela celebração que é atualização do Mistério Pascal e que envolve a vida de toda a Igreja.

> A transmissão da fé brota, pois, da superabundância da existência transformada pelo Espírito, vivida nos lugares e nos ambientes mais diferentes através de uma espécie de irradiação do dom de Deus, que impregna a sociedade na qual estamos imersos. (FORTE, 2018, p. 27).

O serviço de transmissão da fé exige uma vida mística, que se constrói a partir da oração e vivência dos valores cristãos, que são iluminadas pelo Espírito do Senhor, que nos ajuda a viver a fé segundo o Mistério Pascal de Cristo. Porque "é o Espírito Santo, em suma, o agente principal da 'nova evangelização', ao qual é preciso abrir-se para realizar a plena catolicidade da transmissão da fé diante dos desafios dos novos tempos na 'aldeia global', que é o planeta'". (FORTE, 2018, p. 30).

São muitos os desafios que se colocam à Igreja presente no mundo contemporâneo. Entre os desafios que podemos registrar está aquele da retomada do valor do silêncio ritual ou litúrgico. Temos insistido nesta nossa pesquisa sobre a sua relevância, como expressão sacramental de Cristo presente à sua Igreja, na força do Espírito Santo.

É no Espírito que a comunidade vive o tempo de sua missão, como resposta a uma atenta leitura dos sinais dos tempos. (ELLACURÍA, 1979, p. 132). Pois, a Igreja toda a partir de suas ações litúrgicas é enviada a evangelizar. "O fato de a Igreja inteira ser enviada quer dizer, em função do dom do Espírito recebido no batismo e na eucaristia, que não há ninguém na comunidade eclesial que possa considerar-se isento do dever de evangelizar". (FORTE, 2018, p. 31).

Trilhando os passos de Cristo, na força do Espírito, a Igreja é chamada a ser no mundo sacramento de redenção, isto é, sinal da presença do Filho do homem que continua a atuar, com a comunidade, para que todos atinjam a Deus. Por isso, "empenhada na história em transmitir o dom da fé recebida, a Igreja aparece, então, como a *kênosis* e o esplendor do Espírito Santo". (FORTE, 2018, p. 34).

A experiência *kenótica* vivida pela Igreja a faz sempre jovem e uma presença pertinente no mundo. Isto é, o seu estar no mundo, à luz do Espírito, faz dela um anúncio, por meio das suas ações litúrgicas, de uma profecia que conduz ao Reino de Deus. Por isso, podemos afirmar que: "O Espírito no coração da Igreja e de cada fiel é a fonte sempre viva da transmissão da fé, e exatamente assim da juventude e da esperança que só a fé dá verdadeiramente ao mundo". (FORTE, 2018, p. 35).

Assim, como se fez presente na vida de Cristo, o Espírito continua presente na vida da comunidade eclesial. Chamando sempre sua atenção sobre a missão que ela deve realizar no seio do mundo. Como nos aponta o importante estudioso da pneumologia litúrgica Triacca: "A ação do Espírito Santo é múltipla e indefinidas são as modalidades com as quais Ele age no fiel ao bem da Igreja, Corpo de Cristo, do mesmo Espírito animada, e age na Igreja em prol dos fiéis"[142]. (TRIACCA, 2011, p. 298, tradução nossa).

O Espírito age nas ações litúrgicas da Igreja e nos outros momentos de sua vida, com o intuito de manter sempre viva sua dinamicidade. Somente uma comunidade dinâmica é capaz de realizar sua tarefa primeira que é aquela de evangelizar, isto é, fazer chegar a todos a Boa Notícia. Porque,

> a permanente validade do mandato missionário de Cristo aos seus discípulos encontra no Espírito Santo a sua força propulsora. Dele a fonte do otimismo e do ativismo, qualidades necessárias para proceder com a fidelidade que vem da fé, isto é, da certeza que não somos nós os protagonistas da missão, mas Jesus Cristo e o seu Espírito[143]. (TRIACCA, 2011, p. 298, tradução nossa).

O silêncio *kenótico* que nos conduz a uma abertura ao Espírito, que alimenta e dinamiza a vida missionária da Igreja, precisa mais do que nunca ser buscado pelas nossas comunidades eclesiais, sobretudo na reunião para a sua oração comunitária. Por isso, o próximo passo que daremos neste nosso estudo é observar o silêncio e a sua dimensão *anamnética* ou memorial.

### 3.6 O silêncio como atitude memorial

Entre os muitos elementos ligados ao silêncio, agora queremos nos debruçar sobre sua dimensão memorial ou *anamnética*. O Concílio Vaticano II, na esteira da reforma litúrgica, nos recorda que a liturgia é momento propício de atualização do Mistério Pascal. As ações litúrgicas da Igreja recordam e celebram a vida, paixão, morte e ressurreição do Senhor. Desse modo, podemos afirmar que uma ação litúrgica, sobretudo a eucaristia, é memorial da Páscoa do

[142] "L'azione dello Spirito è molteplice ed indefinite sono le modalità com cui Egli agisce nel fedele a bene della Chiesa, Corpo di Cristo dallo stesso Spirito animata, e agisce nella Chiesa a bene del fedele."
[143] "La permanente validità del mandato missionário di Cristo ai suoi discepoli trova nello Spirito Santo la sua forza propulsante. Da Lui la sorgente dell'ottimismo e dell'attivismo, qualità necessarie per procedere com la fiducia che viene dalla fede, cioè dalla certezza che non siamo noi i protagonisti della missione, ma Gesù Cristo e il suo Spirito."

Senhor na páscoa dos membros da comunidade cristã. Taborda, tratando desta temática, assevera:

> A eucaristia segue, pois, a mesma dinâmica da ceia pascal judaica. Por meio da interação dos gestos de Jesus na última ceia, tomando o pão, o cálice, dando graças, e repartindo entre os seus em memorial de tudo que Deus fez através de seu Filho encarnado, os participantes são transportados, com os pés teológicos – os pés da fé -, ao Calvário e ao sepulcro vazio do Ressuscitado para participar da redenção adquirida no sangue de Cristo. (TABORDA, 2015, p. 54).

O memorial é um elemento central da ação litúrgica da comunidade cristã, pois por meio dele somos colocados diante do mistério da nossa fé, que é expressão da fé pascal, do fundamento e razão de existir da comunidade eclesial no mundo. Por isso,

> se o mistério da fé é o mistério pascal de Cristo e nossa participação nele, obviamente, entre as muitas formas de participação, a participação sacramental está em primeiro plano. Leão Magno, num sermão da ascensão, refletindo sobre o que significa não podermos mais ver o Senhor em sua visibilidade corporal, expressou-o de forma lapidar: "O que se podia ver de nosso Redentor, passou aos sacramentos". (TABORDA, 2015, p. 64).

A comunidade eclesial, continuando a presença de Cristo no mundo, é sempre chamada a celebrar o memorial pascal como forma de renovação da nova e eterna aliança, entre Deus e seu povo. (JIMÉNEZ, 2000, p. 506). "Memorial é a melhor tradução do grego *anámnesis* que ocorre nas palavras de Jesus na última ceia, ao instituir a eucaristia, e expressa o que ele mandou fazer todas as vezes que comemos do pão e bebemos do vinho eucaristizados". (cf. 1Cor 11,24-25) (TABORDA, 2015, p. 67). Todavia, ainda precisamos registrar que esse termo grego será traduzido na língua hebraica por *zikkaron*. O termo aparecerá em Êx 12,14, que narra a instituição da ceia pascal judaica. (TABORDA, 2015, p. 67).

Quando nos debruçamos sobre esse termo nos damos conta da sua complexidade. Por isso, faz-se mister estudá-lo nas suas muitas dimensões como: O ato de recordar; quem e a quem se recorda; o que é recordado; e por fim o efeito.

Pensemos em primeiro lugar no ato mesmo de recordar. Na experiência de fé recordar não significa prender-se ao passado, mas é contemplar o futuro com suas possibilidades. A comunidade que recorda, celebra de forma memorial sua história. Compromete-se com a continuidade do modo de viver de Cristo. Por isso, com Biffi, podemos afirmar:

> No curso da vida do Senhor Jesus, a cruz não acontece como vivência inevitável e estranha; a cruz não é um acidente que interrompe o desenvolvimento que deveria ter a vida do Senhor; ao contrário, quando Cristo morre na Cruz, sua vida é realizada, atinge seu significado último, a cruz não interrompe, não desarticula um plano, mas leva a seu êxito uma intenção profunda que atravessa todos os dias da vida de Cristo: a cruz é cumprimento de Jesus Cristo. (BIFFI, 2022, p. 257).

O ato de recordar é próprio de uma comunidade que encontra nos seus fatos fundantes os elementos essenciais para continuar animando e ressignificando sua existência. Na atualização do mistério que a envolve e faz com que essa comunidade anuncie sempre a novidade da fé cristã. No ato de recordar, o silêncio memorial nos leva a fixar o olhar na Realidade Suprema que é Deus. Isto porque: "Na liturgia o homem concentra o olhar não em si, mas em Deus. Não pensa em se formar ou aperfeiçoar; mas volta-se todo ao esplendor de Deus". (GUARDINI, 2017a, p. 72).

Em segundo lugar, o elemento do qual devemos nos ocupar quando tratamos do termo memorial é sobre quem e a quem recordamos. (MILLÁS, 2001, p. 310). Partindo da dinâmica da fé cristã, na liturgia somos sempre convidados a recordar da pessoa de Jesus, a partir da centralidade do seu Mistério Pascal, que envolve todas as instâncias da Igreja. Esse mistério é recordado a toda a comunidade que se reúne para celebrar um memorial, que procura recordá-la sobre sua missão. Isto se dá pois:

> Na fé fomos gerados. Ela é um dom do alto, que o amor de Deus faz à pessoa, passando através da mediação da mãe Igreja. É a Igreja que gera filhos para Deus na fé, graças ao mistério pascal de Cristo, crucificado e ressuscitado, que se tornou presente na Palavra e nos sacramentos, e à obra de seu Espírito de vida. (FORTE, 2018, p. 61).

Já em terceiro lugar precisamos tratar daquilo que é recordado. Aqui colocamos em evidência a dimensão do Mistério Pascal. Esse é o fato fundante da fé cristã e que é recordado pela oração da comunidade. Aqui o silêncio memorial nos convida a visitar o coração da fé dos discípulos do Senhor. Os membros da comunidade eclesial são convocados a se deixarem iluminar pela luz que não tem fim, pelo sol que irradia a justiça que vem do Pai. "A Igreja iluminada pelo verdadeiro sol, Cristo, irradia os seus raios luminosos na noite do mundo, anunciando a todos a luz e o calor de seu amor salvífico, que entram nos corações pela porta da fé". (FORTE, 2018, p. 67).

Em quarto lugar, ao tratarmos do tema do memorial, precisamos apontar os efeitos dessa recordação na comunidade cristã. A memória não tem como escopo gerar tristeza, mas os fatos recordados acerca do Mistério Pascal devem contribuir para que a comunidade se deixe plasmar pelo Espírito de Cristo. Pois,

> a tarefa essencial da Igreja está em obedecer ao comando do Senhor: 'Fazei isto em minha memória', e se o agente e fim do memorial é o próprio Cristo em seu Espírito, pode-se afirmar que é o Espírito o agente primeiro da missão eclesial, porque ele torna presente, aqui e agora, o Cristo do Evangelho. (FORTE, 2018, p. 114).

A partir desses quatro elementos apenas apontados, podemos agora retomar a tratativa do silêncio como atitude memorial, a fim de recolher sua riqueza para a vida litúrgica da Igreja. Em um mundo marcado por tantos rumores, que em muitas situações afetam as ações litúrgicas da Igreja, as transformado em momentos de dispersão, por meio desse silêncio memorial somos impelidos a retornar, como comunidade eclesial, ao centro da liturgia, que é o Mistério Pascal. Por isso, esse silêncio nos ajuda a viver por exemplo a liturgia do domingo, como tempo oportuno de recordação semanal, por parte da Igreja, da Páscoa do Senhor.

> O dia da ressurreição, que se irradia sobre todo o ano para transfigurá-lo, penetra também na mais pequena partícula do nosso tempo. É isso que pedimos com Jesus, ao Pai seu e nosso: "Dai-nos hoje o nosso pão essencial", o pão "deste dia". O dia sacramental que transforma em tempo novo cada instante da nossa vida é o domingo, o "dia do Senhor" (Ap 1,10)[144]. (CORBON, 2003, p. 195, tradução nossa).

O silêncio como atitude memorial nos faz reviver a dinâmica do domingo. O dia que o Senhor fez para o encontro da comunidade eclesial. (Sl 118, 24).

> É o dia da assembleia na qual antecipamos realmente a comunhão de todos os santos e santas na Santíssima Trindade. É o dia no qual, através de nós, este mundo entra misteriosamente na liberdade dos filhos de Deus, em relação a qual geme e espera ansiosa"[145]. (CORBON, 2003, p. 196, tradução nossa).

---

[144] "Il giorno della resurrezione, che si irradia su tutto l'anno per trasfigurarlo, penetra anche nelle più piccole paticelle del nostro tempo. È ciò che domandiamo com Gesù, al Padre suo e nostro: 'Dacci oggi il nostro pane essenziale', il pane di 'questo giorno'. Il giorno sacramentale che transforma in tempo nuovo ogni istante delle nostre vite è la domenica, il 'giorno del Signore'". (Ap 1,10)."

[145] "È il giorno dell'assemblea nel quale anticipiamo realmente la comunione di tutti i santi nella Santa Trinità. È il giorno in cui, attraverso di noi, questo mondo entra misteriosamente nella libertà dei figli di Dio verso la quale geme e che attende ansiosamente."

O encontro comunitário dominical para celebrar a memória da Páscoa do Senhor é o dia por excelência em que somos convidados a prática do silêncio memorial. Ao celebrar a memória da Ressurreição do Senhor nesse dia, a comunidade é também chamada a recordar dos fatos e pessoas que ajudaram a continuar os passos de Cristo, no Espírito. Por isso, "longe de ser um dia de não trabalho, é ao contrário aquele no qual "o Pai opera sempre' (Jo 5,17) e nos faz comunicar intensamente seu amor criador e salvífico"'[146]. (CORBON, 2003, p. 196, tradução nossa).

A comunicação do amor de Deus, revelado na pessoa de Jesus Cristo, exige uma experiência mística. A mística na experiência cristã não está conectada em primeiro lugar à questão dos fatos extraordinários, mas na capacidade do ser humano estar religado à Realidade fundamento, a partir da realidade na qual ele se encontra. Desse modo, se assevera: "A religação apresenta também um caráter de manifestação apoderando-se de nós e impondo-nos que adotemos uma forma determinada de realidade, é o poder do real que ostenta seu caráter de religação"[147]. (COLOMER; SPINOZA, 2015, p. 261, tradução nossa).

O silêncio memorial nos ajuda a inteligir sensitivamente a realidade em que nos encontramos inseridos e que celebramos por meio de *ritus et preces*. Tal realidade é apreendida primordialmente na sua totalidade e aqui já se dá uma atualização dela. (CAMARGO, 2003, p. 77). Todavia, para inteligir seu significado mais profundo precisamos inteligi-la em meio às outras coisas e depois marcharmos para encontrar o conceito que a define. (CAMARGO, 2003, p. 88). Nesse modo de exercício do silêncio, o ser humano intelige que à medida em que se faz pessoa, ele atinge a Deus. Como nos vai afirmar Zubiri:

> O homem não vai a Deus na experiência individual, social e histórica de sua indigência; isto intervém secundariamente. Vai a Deus e deve ir sobretudo no que é mais pleno, na plenitude mesma da sua vida, a saber em fazer-se pessoa. No ser pessoa, no ser relativamente absoluto da pessoa, é onde encontra Deus, dando-se ao homem na experiência sua. Esta doação de Deus é justamente a realidade da pessoa. E esta experiência humana do absoluto é experiência desta doação de Deus[148]. (ZUBIRI, 1988, p. 344, tradução nossa).

---

[146] "Lungi dall'essere um giorno 'non lavorativo', è al contrario quello in cui 'il Padre opera sempre' (Gv 5, 17) e ci fa comunicare intensamente al suo amore creatore e salvífico."

[147] "La religación presenta también um carácter manifestativo y enigmático. El poder de lo real se manifiesta apoderándose de nosotros e imponiéndonos que adoptemos una forma determinada de realidad, es el poder de lo real que ostenta su carácter religante."

[148] "El hombre non va a Dios em la experiência individual, social y histórica de su indigencia; esto interviene secundariamente. Va a Dios y debe ir sobre todo en lo que es más plenário, em la plenitud misma de la vida, a saber: em hacerse persona. Em el ser personal, en el ser relativamente absoluto de la persona, es donde encuentra a Dios, dándose al hombre em la experiencia suya. Esta donación de Dios es justamente la realidad de la persona. Y esta experiencia humana de lo absoluto es experiencia desta donación de Dios."

Deus se doa ao ser humano no exercício do silêncio, por meio do qual celebramos a memória da sua presença no meio da humanidade. Memória que sempre nos faz recordar da sua ação, por meio de Cristo, no Espírito, em favor da salvação da humanidade. Na unidade de Deus e o humano, com Zubiri podemos asseverar: "O homem está ligado ao poder do real em uma experiência manifestativa da realidade neste poder. Este poder está em cada coisa real mais que a sua realidade particular"[149]. (ZUBIRI, 1988, p. 347. tradução nossa).

Por meio do silêncio memorial, a comunidade celebrante se deixa envolver pela história da salvação que continua a ser construída pelos homens e mulheres, que continuam hoje a missão que Cristo confiou aos seus discípulos, inseridos em contextos eclesiais que são espaços reais da manifestação de Deus. Deus se faz presente nas coisas. Desse modo, pode-se afirmar que: "Deus está na realidade constituindo-a como real"[150]. (ZUBIRI, 1988, p. 347, tradução nossa).

O silêncio memorial, mais que uma indicação ritual, é sinal da própria presença real de Deus, revelada ao ser humano. "O homem é nesse sentido experiência de Deus"[151]. (ZUBIRI, 1988, p. 347, tradução nossa). Pois, como realidade fundante, Deus é transcendente nas coisas.

Estando Deus em todas as coisas, aqui faz-se necessário corroborar que a centralidade do Mistério Pascal na liturgia nos ajuda a inteligir que sua presença tem por escopo tornar atual todas as coisas, já que em Cristo, Ele conduziu todo o criado a sua plenitude. Por isso, "crer é cor-dare, como diziam os medievais, é um dar de coração, que inclui a luta contínua com uma alteridade que não se resolve nem se detém. Deus é diferente de ti". (FORTE, 2018, 179). O ato de crer é sempre um gesto de entrega sem reservas a outro. Para nós aqui este outro é Deus, realidade fundante.

O silêncio memorial nos ajuda a inteligir que somos partes da história da salvação. Por isso, ao recordarmos e ao atualizarmos essa história, contribuímos para que ela seja continuada, até que ela atinja sua plenitude. A memória nos faz voltar às fontes da nossa fé. Nos ajuda a entender que: "A alegria de crer está em sermos discípulos do Crucificado". (FORTE, 2018, p. 179).

---

[149] "El hombre está religado al poder de lo real em uma experiencia manifestativa de la realidad em este poder. Este poder es en cada cosa real más que sua particular realidad."
[150] "Dios está en la realidad constituyéndolas como reales."
[151] "El hombre es en este sentido experiencia de Dios."

Sendo assim, o que nos cabe agora é tratar da relação entre a oração cristã e o silêncio *eplicético*. Nunca é demais trazer à luz que o protagonista da missão da Igreja é o próprio Espírito, que nos exorta a uma vida segundo a de Cristo.

### 3.7 A oração cristã comunitária e o silêncio epiclético

A abordagem da realidade sacramental do silêncio litúrgico nos abre diversas janelas, que nos ajudam a entender as inúmeras perspectivas dessa ação ritual dentro da celebração da liturgia cristã, que desde as suas origens é comunitária. Assim sendo, tendo diante dos nossos olhos essas inúmeras perspectivas, nesta parte de nossa pesquisa nos impomos como tarefa a tratativa da relação entre a oração cristã e o silêncio *epiclético*.

A oração comunitária é um dos elementos centrais da experiência da espiritualidade cristã. É muito próprio dos discípulos de Jesus se reunirem em comunidade para celebrar e atualizar o Mistério Pascal. A reunião da comunidade, que se coloca em oração, é o espaço real da manifestação de Deus a seus filhos, por intermédio do Filho, na esteira do Espírito. Na Carta Apóstólica de João Paulo II, que celebrou os 25 anos da Promulgação da *Sacrosanctum Concilium*, *Vicessimus Quintus Annus,* assim se lê no número 7:

> Para atualizar o seu Mistério Pascal, Cristo está sempre presente na sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. A liturgia, de fato, é o lugar privilegiado do encontro dos cristãos com Deus e com Aquele que Ele enviou, Jesus Cristo (cf. Jo 17,3). Cristo está presente na Igreja reunida para a oração em seu nome. É precisamente este fato que constitui a grandeza e a dignidade da Igreja ou assembleia cristã e a razão das exigências consequentes, do acolhimento fraterno – levado até ao perdão (cf. Mt 5,23-24) – e do decoro nas atitudes, nos gestos e cânticos.

Como podemos observar no texto apenas citado, a reunião da comunidade cristã é o espaço frutuoso, propiciado pelo próprio Deus, para o desenvolvimento da fé. Desde as suas origens o culto cristão sempre esteve marcado por essa característica comunitária. (BRADSHAW, 2007, p. 79-81). O discípulo de Jesus não é motivado a rezar apenas na privacidade de seu quarto, mas é impelido também a orar em comunidade, já que pelo batismo se torna parte dessa comunidade. (BRADSHAW, 2007, p. 71-74). Na *Vicesimus Quintus Annus* ainda lemos no número 9: “O Concílio acalentava, enfim, o desejo de ver na Liturgia uma epifania da Igreja: Ela é a Igreja em oração. Ao celebrar o culto divino, a Igreja exprime aquilo

que é: una, santa, católica e apostólica". Através da sua oração comum, a comunidade eclesial testemunha sua unidade, a qual se faz necessária para que a Igreja continue respondendo à sua importante vocação discipular, isto é, de testemunha de uma Boa Notícia, que já oportuniza aos cristãos viverem no hoje as primícias do Reino de Deus, enquanto esse não alcança sua plenitude. Nas ações litúrgicas o Mistério de Cristo é comunicado realmente, por isso pode ser saboreado e vivido por aqueles que tomam parte da assembleia celebrante. (SCHERMANN, 2004, p. 113).

Na oração cristã comunitária podemos contemplar a comunidade eclesial aberta aos apelos do Espírito. Na vida eclesial o Espírito Santo tem um papel fundamental. É Ele que anima e encoraja a Igreja a ser uma presença profética de Cristo no mundo. Por isso,

> as relações entre Espírito Santo e a celebração reassumem sua importância da seguinte maneira: por uma parte, o Espírito Santo permeia com sua presença os níveis litúrgicos do Mistério – Ação – Vida amalgamando as diversas etapas do dinamismo celebrativo; e por outro, a unicidade da liturgia cristã se dá em razão do dom do Espírito Santo: uma só Igreja, um só batismo e uma só liturgia vivificada por um só Espírito Santo[152]. (MAQUEDA, 2012, p. 140, tradução nossa).

O Espírito Santo perpassa toda a vida eclesial, sobretudo a liturgia. Pois, Ele é o protagonista de toda a missão da Igreja. Por isso, "a celebração deve levar a vida. Não somente basta invocar o Espírito Santo, mas que exista uma atuação entre o sujeito-Espírito e os fiéis, exista uma sinergia, que transforma a vida e faça que tudo isto regresse e volte ao Pai (*anáclesis*)"[153]. (MAQUEDA, 2012, p. 140, tradução nossa).

A oração cristã comunitária na sua perspectiva *pneumatológica*, nos ajuda a inteligir que a liturgia é o tempo da existência e manifestação do Espírito. (BELLOSO, 2008, p. 131). A celebração é a realidade oportuna, por meio da qual o Espírito se encontra e age na comunidade. "Na realidade, as celebrações marcam aos fiéis na vida, por isso, a liturgia é o tempo existencial do Espírito Santo". (MAQUEDA, 2012, p. 140).

---

[152] "Las relaciones entre el Espíritu Santo y la celebración reasumen su importancia de siguiente manera: por una parte, el Espíritu Santo permea com su presencia los niveles litúrgicos del Mistério – Acción – Vida amalgamando las diversas etapas del dinamismo celebrativo; y por outra, la unicidade de la liturgia cristiana se da em razón del don del Espíritu Santo: uma sola Iglesia, um solo bautismo y uma sola liturgia vivificada por um solo Espíritu."

[153] "La celebración debe llvar a la vida. No solo basta com invocar al Espítu Santo, sino que hay una actuación entre el sujeto-Espíritu y los fieles, hay una sinergía, que transforma la vida y hace que todo esto regresse y vuelva al Padre (anáclesis)."

É impossível então pensar a oração comunitária cristã sem contarmos com a presença do Espírito Santo. Ele é a força que transforma e impulsiona a comunidade cristã na intelecção de sua tarefa de continuadora da missão de Cristo. Uma comunidade eclesial que não leva em consideração a presença do Espírito, em suas ações litúrgicas, fecha-se aos apelos do Senhor, que deseja sempre renovar sua criação. Por isso, "a celebração para ser autêntica deve ser a teca do Espírito Santo"[154]. (MAQUEDA, 2012, p. 140, tradução nossa).

Nos rituais litúrgicos, que nasceram sob o impulso da Reforma Litúrgica engendrada pelo Concílio Vaticano II, encontramos de uma forma muito salutar a indicação da invocação do Espírito Santo. (SCHERMANN, 2004, p. 108). Nesses livros o gesto da invocação do Espírito Santo ou *epíclese* vem acompanhado por outro gesto o da imposição das mãos. Porém, os livros litúrgicos também orientam que, enquanto aquele que preside a comunidade reza invocando o Espírito, toda a assembleia acompanhe o gesto, por intermédio de um silêncio orante. Aqui pode-se asseverar que: "O Espírito Santo, além de encher o coração das pessoas, edifica e ilumina a comunidade cristã". (BELLOSO, 2008, p. 162).

A tradição teológica da Igreja nos aponta que o Espírito é o distribuidor dos dons e carismas. É ele que impulsiona e anima os membros da Igreja a trabalharem, por meio do exercício dos ministérios, para que o reino de Deus atinja sua plenitude. "Com efeito, o Espírito Santo concede os dons, os carismas e os ministérios oportunos para a edificação da comunidade." (BELLOSO, 2008, p. 162). Para compreender a oferta que o Espírito faz aos membros da comunidade cristã, a fim de que ela cumpra sua tarefa de continuadora de Cristo, é preciso viver o exercício do silêncio, como espaço oportuno da sua manifestação a toda a Igreja. "A comunicação e a expansão do Espírito Santo provocam o gozo e a festa na terra que nem mesmo a dor do mundo pode ofuscar". (BELLOSO, 2008. p. 162).

O Espírito Santo traz à vida da Igreja a alegria necessária para que ela seja testemunha de salvação na realidade onde ela se encontra inserida. É Ele que contribui para que a comunidade eclesial realize sua vocação profética. Nele encontramos a energia fundamental, para que a Igreja não deixe de buscar a vivência do verbo esperançar. A esperança que nasce do evangelho só pode ser vivida à luz do Espírito. Pois, "na terra, o Espírito também une uns e outros, mesmo os divididos e inimigos, no milagre da reconciliação". (BELLOSO, 2008, p. 162).

[154] "La celebración para ser auténtica debe ser la teca del Espíritu Santo."

No Espírito a comunidade eclesial é chamada a viver a oração como tempo profundo de encontro com Deus, mas também de tomada de decisão em vista de uma vivência profunda da própria fé, a partir da diversidade de carismas. O Espírito nos impulsiona a nos encontramos com Cristo. Do encontro com Cristo, nascem os verdadeiros discípulos do Senhor, que buscam nas mais diversas realidades anunciar, viver e testemunhar a fé.

> A linguagem da comunidade reunida é a prece que leva à comunhão. Para orar com prece silenciosa ou vocal, para poder escutar o Evangelho e realizar o encontro com Cristo vivo, os reunidos dispõem de uma série de elementos mediadores que tendem, em seu conjunto e em cada uma de suas partes, à transparência e à simplicidade, porque Cristo se manifesta na simplicidade do Evangelho. (BELLOSO, 2008, p. 159).

São muitos os modos com que na liturgia o Espírito se comunica com a comunidade eclesial. Esse gesto de comunicação não é por acaso, mas recorda a própria dimensão *pneumatológica* da comunidade. "A linguagem, os cantos, as orações, a expressão e os gestos do celebrante e dos participantes, as palavras da homilia – tudo deve poder ser assumido pela claridade da graça de Deus". (BELLOSO, 2008, p. 160). Tudo na Igreja é perpassado pela presença do Espírito Santo. A comunidade cristã em sua oração não se cansa de invocar a presença do Espírito, como força que impulsiona.

O Espírito Santo nos ajuda a viver a ritualidade da Igreja como tempo oportuno de acolhida da Salvação. Momento de atualização da presença de Cristo, o Verbo encarnado do Pai, em meio à humanidade. No Espírito a comunidade vive os ritos, como tempo de mistagogia, isto é, de encontro profundo e transformador com o mistério de Cristo. "Os ritos podem ser sempre os mesmos, mas a ação de Cristo, viva e dirigida a seres vivos, é sempre nova, como é sempre nova a situação das comunidades que celebram". (BELLOSO, 2008, p. 160). Cristo age a partir do Espírito. E cheio do Espírito ele coloca-se em meio à comunidade, e com o Espírito conduz a comunidade cristã no serviço da evangelização e na celebração dos santos mistérios. Por isso, "a liturgia é, então, exercício de comunicação em que Cristo atua e se comunica. A comunicação da palavra e da ação de Cristo é o grande tema tratado a fundo pelo Concílio Vaticano II, que deve culminar no alvorecer do século XXI". (BELLOSO, 2008, p. 160).

Na oração da Igreja a comunicação da mensagem cristã só se torna possível através da ação do Espírito. A Igreja em oração reza por meio de e no Espírito. "Orar é exercitar e viver a

fé da Igreja: sua confiança incondicional no Filho de Jesus Cristo e no Pai (Jo 14,1), tal como o Espírito Santo concede aos que com ele foram ungidos". (BELLOSO, 2008, p. 161).

Nunca é demais recordar a importância do Espírito Santo na vida da Igreja e colocar em evidência seu papel de protagonista da sua missão. É ele que contribui para que a salvação desejada por Deus atinja a todos.

> O Espírito Santo é o protagonista da salvação, dos acontecimentos eclesiais, tais como os sacramentos, a catequese, a formação e a preparação dos candidatos ao batismo e ordem sacerdotal, as missões etc., fazendo eficaz a ação de Deus no mundo[155]. (MAQUEDA, 2012, p. 257, tradução nossa).

A Igreja não pode viver sem a presença do Espírito, em todos os seus encontros ele é invocado. Aliás, faz parte da estrutura da oração cristã a invocação do Espírito Santo, pois é Ele que sempre confere os diversos serviços no seio da comunidade eclesial àqueles que se colocam à disposição para contribuir com a construção do Reino de Deus. (BOROBIO, 2009, p. 38). Todo serviço na Igreja é sempre realizado, segundo aquilo que o Espírito nos confere, a fim de que Cristo, no seu Mistério Pascal, seja conhecido, amado e vivido por todos. (TORREL, 2014, p. 136-138).

Adolfo Maqueda, em sua obra sobre a pneumatologia litúrgica, citando um dos antigos patriarcas gregos de Antioquia assevera:

> Sem o Espírito Santo Deus é inacessível, Cristo fica distante e no passado, o Evangelho se converte em letra morta, a Igreja resultaria em ser uma simples organização, a autoridade seria poder, a missão uma propaganda, o culto um arcaísmo e o ato moral seria um ato de escravos. Com o Espírito Santo, o cosmos é lugar do Reino de Deus, Cristo ressuscitado se faz presente, o Evangelho se faz potência e vida, a Igreja uma comunhão trinitária, a autoridade se converteria em serviço, a missão será anúncio do Reino, a liturgia memorial e antecipação, e o atuar humano deificado[156]. (MAQUEDA, 2012, p. 257, tradução nossa).

---

[155] "El Espíritu Santo es el protagonista de la salvación, de los acontecimentos eclesiales, tales como los sacramentos, la catequesis, la formación y la prepararación de los candidatos al bautismo y al orden sacerdotal, las missiones, etc, haciendo eficaz la acción de Dios em el mundo."

[156] "Sin Espíritu Santo Dios es inaccesible, Cristo queda lejos y en el pasado, el Evangelio se convierte em letra muerta, la Iglesia resultaria ser una simple organización, la autoridade sería poder, la misión una propaganda, el culto um arcaísmo y el acto moral sería um acto de esclavos. Con el Espíritu Santo, el cosmos es el lugar del Reino de Dios, Cristo resucitado se hace presente, el Evangelio se hace potencia y vida, la Iglesia una comunión trinitária, la autoridad se convertería em servicio, la misión será el anuncio del Reino, la liturgia memorial y antecipación, y el actuar humano deificado."

O texto apenas recordado nos ajuda a entender o porquê na sua oração litúrgica a Igreja invoca sempre a presença do Espírito Santo. A Ele cabe realizar aquilo que a comunidade cristã pede com sinceridade a Deus, por meio de Cristo. “O discípulo de Jesus que participa de uma celebração litúrgica deve poder se sentir espiritualmente envolvido e experimentar algo que fale à sua sensibilidade e aos seus anseios”. (BUCCIOL, 2020, p. 160).

A invocação do Espírito Santo na oração cristã ou litúrgica nos recorda que mesmo aqueles que se colocam em silêncio durante a invocação participam de uma forma plena e consciente dessa oração que nasce do coração. O Espírito invocado promove o encontro da assembleia com Deus, por intermédio de Cristo. Pois,

> o Deus que vem ao nosso encontro nas celebrações litúrgicas é o mesmo que procuramos e que está à nossa procura nos caminhos da vida, na poeira de nossas estradas, nos cortiços e favelas de nossas cidades e nos diferentes âmbitos e ambientes onde se desenrola a existência de cada um. (BUCCIOL, 2020, p. 161).

Por fim, a oração comunitária cristã, por meio da qual somos exortados a invocar o Espírito Santo, nos ensina a encontrar no silêncio um lugar real da epifania de Deus. “O Espírito é graça última – dom supremo”. (BELLOSO, 2008, p. 227), dado por Deus, por meio de Cristo a sua Igreja, a fim de que ela realize de modo frutuoso a sua missão no mundo. Tendo estudado a relação entre a oração comunitária cristã e o silêncio *epiclético*, agora intentamos é nos debruçar sobre o tema do silêncio como gesto de louvor.

### 3.8 O silêncio como gesto doxológico

Uma das características da oração cristã é seu caráter doxológico. Doxologia significa louvor. A Igreja que reza, não somente pede, mas também louva a Deus por toda a sua criação, colocada a serviço do bem-estar da humanidade. Em sua Carta Encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum o Papa Francisco, no número 233, assevera:

> O universo desenvolve-se em Deus, que o preenche completamente. E, portanto, há um mistério a contemplar numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre. O ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a ação de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-lo em todas as coisas, como ensinava São Boaventura: “A contemplação é tanto mais

> elevada quanto mais o homem sente em si mesmo o efeito da graça divina ou quanto mais sabe reconhecer Deus nas outras criaturas".

Toda oração de louvor nasce da capacidade do ser humano de contemplar a obra criada por Deus e que se encontra mergulhada no seu mistério. Aquele que desenvolve a capacidade da contemplação sabe enxergar o que está além do próprio aparente, sem sair da realidade. Nas ações litúrgicas da Igreja, os membros da comunidade eclesial encontram um espaço concreto para o exercício da contemplação. "A liturgia da Igreja é mediação sacramental entre Cristo e o cristão; sem ela o cristão não será discípulo, não será crente". (CASTELLANO, 2008, p. 73).

A autêntica vida cristã é perpassada pela experiência da oração, que a comunidade eclesial faz por meio das ações litúrgicas da Igreja. Na liturgia os membros do corpo de Cristo são chamados a encontrarem uma fonte perene de espiritualidade. Nela os membros da vinha do Senhor encontram o sustento, a fim de se manterem fiéis no serviço do anúncio do Evangelho. Desse modo, "sem a liturgia da Igreja, a vida evangélica transforma-se em uma ética impossível, porque se vê privada da comunhão com Cristo e com seu Espírito; seria como presunção viver a lei evangélica sem a graça e a novidade do Espírito". (CASTELLANO, 2008, p. 74).

O Espírito é aquele que motiva a Igreja de Cristo a viver a experiência litúrgica como momento de renovação da fé e de louvor a Deus, por meio de Cristo. Na Palavra de Deus a oração cristã encontra seu mais profundo alicerce. A Palavra é sempre lâmpada e luz para aquele que se coloca diante do Senhor em oração e para a comunidade reunida em vista de viver a oração comum. Desse modo, devemos asseverar que toda oração cristã tem como fundamento o próprio Evangelho, que exorta o cristão a viver segundo os princípios ensinados pelo anúncio da Boa Notícia, ofertada por Jesus a sua comunidade. "Sem referência à vida evangélica, a liturgia cristã é uma religiosidade vazia, porque não se acolhe o compromisso de viver em Cristo segundo as exigências de obediência ao Pai e de serviço aos irmãos". (CASTELLANO, 2008, p. 74).

Uma oração doxológica ou de louvor nasce de uma intelecção sensitiva do mistério, que nos abre para a possibilidade de inteligir a íntima relação existente entre a oração pessoal e a oração litúrgica que é sempre dotada de um apelo comunitário.

> Para favorecer a interação entre oração pessoal e oração litúrgica, é preciso, antes de tudo, recriar, a partir de dentro, as orações oferecidas pela Igreja nos livros litúrgicos, expressar nossa oração espontânea, a meditação pessoal da

> Palavra, como mistério espiritual de pregação, acompanhar a oração da Igreja com uma criatividade de oração pessoal (por exemplo, com as coletas sálmicas da Liturgia das Horas). Tudo isto se consegue também mediante a integração de momentos de silêncio. (CASTELLANO, 2008, p. 354).

A oração pessoal e a oração litúrgica são para a comunidade eclesial uma escola que impulsiona os membros da comunidade eclesial a encontrarem-se, por meio de toda a corporeidade, com o Mistério Pascal. Nesse mistério os membros da Igreja são chamados a sustentarem sua vida de oração.

> Deve-se fomentar no cristão o amor a Deus, tendo um maior conhecimento da obra salvífica de Deus, manifesta por meio das diversas etapas de suas interversões, sobretudo compreendendo Cristo como dom supremo do amor de Deus a nós (Jo 3,16; Gl 4,4). E entendendo sua morte como entrega total de si mesmo pelos homens (Fl 2,6). (SÁNCHEZ, 2007, p. 274).

Na dinâmica oracional da Igreja que louva seu Senhor, podemos inteligir um dos mais importantes apelos do Concílio Vaticano II, que é o resgate da liturgia como fonte de espiritualidade cristã. Já pudemos observar no corpo deste estudo que a espiritualidade é aquilo que anima a Igreja no seu caminho de evangelização. A Igreja está no mundo em meio a muitas realidades, todavia, a realidade que a anima é o Mistério Pascal de Cristo, que se atualiza em cada ação litúrgica, sobretudo, quando ela se reúne para celebrar a Eucaristia, que é o seu ponto de chegada e de partida.

O silêncio como oração doxológica só tem sentido quando desperta na comunidade eclesial a prática do mandamento do amor. A Igreja peregrina não caminha ao encontro do nada. Não comunica uma palavra pobre de significado. Ela anuncia uma mensagem, que nasce sempre de uma experiência profunda, que seus membros são chamados a fazer, na própria carne, em relação ao amor a Deus. “Como consequência do amor a Deus, brota o amor ao próximo. Esse mesmo amor se empenha em produzir uma atitude de responsabilidade realista, de consciência e proximidade dedicada ao serviço de seu povo’. (SÁNCHEZ, 2007, p. 274).

A prática do amor é assumida pela comunidade eclesial como expressão da sua oração comum. O verdadeiro louvor a Deus, que se pauta por momentos de silêncio, desperta o cristão para a prática do cuidado do outro, que se desdobra nas atitudes de caridade, que aqui não deve se confundir apenas com o gesto de dar algo material a outrem, mas desenvolver nos membros da comunidade eclesial a virtude do saber cuidar do outro. “O homem cristão é parte de um

mundo visível e concreto, mas tem em si um alento de transcendência; pela fé, amplia-se o horizonte da visão". (SÁNCHEZ, 2007, p. 274).

A oração comunitária inteligida a partir da sua dimensão laudativa, nos recorda que toda a criação está a serviço da humanização da pessoa. "A ausência do silêncio nos faz perder a sensibilidade." (GOMES, 2010, p. 650). Por isso, a oração não nos tira da realidade, mas nos faz vê-la de um modo mais amplo. A contemplar o cosmos com o olhar de Deus. Desse ponto, podemos asseverar:

> A contemplação, para ser autêntica, tem por objeto as mesmas realidades – palavras e obras – da história da salvação. Portanto, deve se alimentar na liturgia, com o alimento da Palavra, da oração, dos sacramentos, na riqueza inesgotável dos textos litúrgicos. (CASTELLANO, 2008, p. 359).

Todos os batizados, membros da comunidade eclesial são chamados a desenvolver uma vida oracional contemplativa. A superar abusos que transformaram as ações celebrativas da Igreja em atos teatrais, vazios de um conteúdo teológico. Pois, "a contemplação, para ser genuína, deve levar ao mistério trinitário, favorecendo o crescimento de Cristo em nós e a docilidade ao seu Espírito". (CASTELLANO, 2008, p. 360).

A dimensão trinitária da liturgia deve nos conduzir à experiência da oração de louvor, como verdadeiro movimento de unidade entre Deus e o ser humano de fé. Essa união nos desperta para a busca da superação da dicotomia entre fé e vida. Na superação do divórcio entre liturgia e existência humana. Aqui podemos inteligir que:

> Na realidade, na liturgia temos sempre que passar do visível ao invisível, dos sinais às realidades, e isso pressupõe um impulso de fé e de amor. Os gestos litúrgicos devem ser vividos de dentro para fora e devem encontrar na simples expressividade unificada do corpo e do espírito a capacidade de ser gestos contemplativos nos quais se unifica o impulso do espírito humano. (CASTELLANO, 2008, p. 361).

No gesto da contemplação a comunidade eclesial desenvolve sua capacidade de encontro com o Mistério Pascal, onde somos impelidos a fundamentar toda a nossa vida de fé. Pois através da contemplação, adentramos o Mistério de Deus, que está em nós. Evidente que não somos deuses, mas ele habita em nós, e nos convida a levá-lo a outros, por meio dos nossos gestos e atitudes. Desse modo, precisamos afirmar que as ações litúrgicas da Igreja devem desenvolver nos fiéis que delas participam um espírito sensível à contemplação.

> Se a liturgia, por sua natureza, tende à contemplação e solicita toda a nossa participação no mistério, deve-se saber entrar em seu jogo, manter certa tensão espiritual, unificar o olhar, a mente, o coração, a palavra e os gestos, deixar-se penetrar pelo Espírito, sem o que não há contemplação. (CASTELLANO, 2008, p. 361).

O silêncio, como gesto doxológico, nos exorta a recuperar em nossas práticas litúrgicas a capacidade de contemplação. Talvez o excesso de imagens, sons, palavras e gestos tem diminuído em nós a sensibilidade de nos encantarmos com o mistério. A Igreja Oriental, por meio de muitos elementos simbólicos nos ajuda a recuperar o significado da contemplação litúrgica. "O oriente nos recorda que a liturgia é o céu na terra, é uma autêntica mistagogia: uma experiência do mistério e dos mistérios". (CASTELLANO, 2008, p. 362).

Ainda precisamos recordar que este silêncio de louvor deve nos auxiliar a superar o excesso de palavras vazias e gestos sem sentido presentes em nossas ações litúrgicas. "O silêncio nos leva à comunhão contemplativa com todo o universo, a sentir que fazemos parte dele e, ao mesmo tempo, a contemplá-lo como obra do Criador". (GOMES, 2010, p. 651).

Precisamos recuperar a nobre simplicidade da liturgia romana, onde encontramos um frutuoso espaço para: "a assimilação da Palavra, para o silêncio, para o olhar, para a beleza dos gestos e dos ritos, para os sinais expressivos da presença do céu e da terra". (CASTELLANO, 2008, p. 362).

Por fim, esse gesto oracional nos recorda que antes mesmo de participarmos de uma ação litúrgica faz-se mister nos colocarmos em oração, nos preparando para celebrar o Mistério Pascal, que mais uma vez se apresenta a nós como Boa Notícia. "Uma preparação inicial para toda celebração litúrgica vem da consciência de nos colocarmos na presença do Senhor que nos convocou". (CASTELLANO, 2008, p. 363). Tendo compreendido o silêncio como um gesto doxológico, daremos mais um passo em nosso estudo, procurando apresentar os espaços de silêncio proporcionados pela liturgia.

### 3.9 Os espaços de silêncio proporcionados pela ação litúrgica

No processo da Reforma Litúrgica engendrado pelo Concílio Vaticano II, sabemos que o silêncio litúrgico ocupou um espaço considerável nas discussões realizadas pelos membros dos grupos responsáveis pela elaboração dos novos livros litúrgicos. Desse modo, faz-se

necessário considerar que estes livros emergem em um tempo que teólogos passam a ter um acesso maior às fontes da liturgia antiga, isto é, aos primeiros sacramentários que testemunham uma vida litúrgica em construção. O conhecimento dessas fontes possibilitou a elaboração de livros capazes de abarcar um arco maior da tradição litúrgica da Igreja. Nessas fontes litúrgicas nascidas em tempos diversos, podemos contemplar a Igreja em oração, que do evento da cruz aos nossos dias nunca deixou de rezar ao Senhor.

Cônscios da impossibilidade de tratarmos dos espaços de silêncio indicados nos diversos livros litúrgicos, nos ocuparemos neste trabalho de tratar daqueles propostos dentro do *ordo missae*. Como ponto de partida, podemos afirmar que os espaços de silêncio propostos durante a celebração da eucaristia têm por escopo convidar os que participam dessa oração comunitária a encontrar na liturgia um manancial de espiritualidade. Pois, o silêncio litúrgico nos exorta a viver os quatro tempos de uma celebração, a saber: "o tempo da reunião e da abertura; o tempo da Palavra; o tempo da Ceia; o tempo da despedida". (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA, 2015, p. 42). Todos esses tempos são costurados pelo silêncio, que auxilia na intelecção do Mistério Pascal celebrado e atualizado pela comunidade reunida em nome do Senhor. Ressalta-se aqui que esse silêncio proposto perpassa também pela *ars celebrandi*. Aquele que preside a celebração e os que auxiliam para que ela aconteça de uma forma harmoniosa são os primeiros a contribuírem para que o silêncio ritual seja vivido, por todos, nos espaços propostos para que a assembleia celebrante o viva, dentro da celebração. Desse modo, se assevera que: "A arte de celebrar consiste em saber jogar com os vários registros da voz, do olhar, da postura, dos instrumentos, das sonoridades, dependendo das ações e da lógica própria". (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÙRGICA, 2015, p. 44). Observa-se que os atores da ação litúrgica são de notável importância para que no seu seio se viva a prática do silêncio, que faz parte da oração comum.

Por isso, procuremos agora, à luz da Instrução Geral do Missal Romano, em sua *Tertio Editio Typica*, recolher o sentido do silêncio litúrgico no corpo da celebração da eucaristia. Como ponto de partida, já podemos indicar que: "os livros litúrgicos não dão indicações precisas sobre a duração do silêncio. Na maioria dos casos recomendam que o tempo de silêncio seja breve"[157]. (DESTHIEUX, 2017, p. 164, tradução nossa).

A brevidade indicada pelos livros litúrgicos sobre o tempo para o exercício do silêncio durante a celebração é expressão de uma preocupação pastoral. Porque cada assembleia tem

[157] "I libri liturgici non danno indicazioni precise sulla durata del silenzio. Nella maggioranza dei casi raccomandano che il tempo di silenzio sia breve."

uma forma particular de acolher e viver este importante elemento da liturgia. "É preciso dosar bem esses momentos, isto não se faz com o cronômetro, mas com a psicologia. Don Lucien Deiss precisa que não é necessário que o silêncio seja longo para que seja intenso e possa conter um diálogo com Deus"[158]. (DESTHIEUX, 2017, p. 164, tradução nossa). Partindo então da importância desse elemento para a vivência da ação litúrgica, destaquemos os espaços onde ele é proposto no momento em que a comunidade eclesial se reúne para celebrar o memorial da Páscoa do Senhor.

A Instrução Geral do Missal Romano traz inúmeras indicações sobre o silêncio litúrgico ou sagrado. No número 45 temos uma síntese acerca dos diversos momentos onde esse silêncio acontecerá dentro de uma celebração eucarística.

> Oportunamente, como parte da celebração deve-se observar o silêncio sagrado. A sua natureza depende do momento em que ocorre em cada celebração. Assim, no ato penitencial e após o convite à oração, cada fiel se recolhe; após uma leitura ou a homilia, meditam brevemente o que ouviram; após a comunhão, enfim, louvam e rezam a Deus no íntimo do coração.

Observa-se a partir dessa indicação que o silêncio é o fio de ouro que vai alinhavando toda a ação ritual. A sua vivência auxilia para que de fato a celebração decorra de uma forma mistagógica e ao mesmo tempo o ato celebrativo se constitua num importante momento de vivência do Mistério celebrado e atualizado, por intermédio da celebração.

Em primeiro lugar precisamos ressaltar o silêncio que nos prepara para a celebração da eucaristia. A continuidade do número da IGMR que acima citamos recorda o quanto é oportuno que a comunidade crie ambientes de silêncio, que antes de começar a ação litúrgica introduz os membros da assembleia no Mistério a ser celebrado. "Convém que já antes da própria celebração se conserve o silêncio na Igreja, na sacristia, na secretaria e mesmo nos lugares mais próximos, para que todos se disponham devota e devidamente para realizarem os sagrados mistérios".

Este número da IGMR, já nos introduz nos mais variados tipos de silêncio que somos chamados a experimentar dentro da ação litúrgica. São eles, a saber: silêncio de recolhimento, silêncio de meditação, silêncio orante e silêncio de adoração. Esses tipos de silêncio se

---

[158] "Bisogna dosare bene questi momenti, e ciò non lo si fa col cronomentro ma con la psicologia. Don Lucien Deiss precisa che non è necessario che il silenzio sai lungo perché sai intenso e possa contenere un dialogo con Dio."

espalham por todo o rito da missa e nos ajudam a viver a ritualidade da liturgia como momento da Epifania de Deus e de atualização da História da Salvação.

Nos ritos iniciais da celebração nos são propostos dois momentos de silêncio nos quais somos exortados à prática do recolhimento orante. O primeiro se dá no ato penitencial e o segundo no convite para a oração da coleta.

No número 51 da IGMR se orienta:

> O sacerdote convida para o ato penitencial, que após breve pausa de silêncio é realizado por toda a assembleia por meio de uma fórmula de confissão geral, e concluído pela absolvição do sacerdote, absolvição que, contudo, não possui a eficácia do sacramento da penitência.

Na celebração o ato penitencial não tem valor sacramental, mas é um momento oportuno para se tomar consciência do que é preciso abandonar, para se celebrar a *fractio panis*. Esse gesto faz parte da experiência celebrativa desde as primeiras comunidades e isso se confirma quando lemos a *Didaque*. (BOSELLI, 2017, p. 34). A celebração desse momento nos recorda a virtude da humildade, que devemos alimentar na vida cristã, a fim de sermos purificados de nossas faltas.

> A exomologhia (confissão) das culpas é, portanto, o primeiro ato que deve necessariamente preceder a fração do pão e a ação de graças; é a condição "a fim de que o vosso sacrifício seja puro", alusão ao sacrifício da nova aliança, anunciado pelo profeta Malaquias (Ml 1,11). (BOSELLI, 2017, p. 34-35).

Outro momento em que a comunidade eclesial é chamada a silenciar-se nos ritos iniciais é no convite à oração da coleta. Nesse momento a comunidade é convidada a apresentar ao Pai, de quem nos vêm todas as bênçãos, a intenções de todos os que ali se encontram reunidos. No número 54 da IGMR lemos: "A seguir, o sacerdote convida o povo a rezar, todos se conservam em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos". A comunidade vive nesse momento um silêncio orante de recolhimento. Aqui entre o convite, a oração, "oremos" e a recitação do dia faz-se uma pausa, para que cada um no coração possa recordar suas intenções. (DESTHIEUX, 2015, p. 162).

A liturgia da Palavra dentro da celebração eucarística, será outro espaço salutar para a vivência do gesto do silêncio. O número 56 da IGMR orienta a assembleia celebrante afirmando:

> A Liturgia da Palavra deve ser celebrada de tal modo que favoreça a meditação; por isso deve ser de todo evitada qualquer pressa que impeça o recolhimento. Integram-na também breves momentos de silêncio, de acordo com a assembleia reunida, pelos quais, sob ação do Espírito Santo, se acolhe no coração a Palavra de Deus e se prepara a resposta pela oração. Convém que tais momentos de silêncio sejam observados, por exemplo, antes de se iniciar a própria Liturgia da Palavra, após a primeira e a segunda leitura, como também após o término da homilia.

Dessa orientação inteligimos a necessidade de uma retomada do exercício do silêncio meditativo para se celebrar a Liturgia da Palavra. O anúncio da Palavra exige um momento de silêncio inicial, entre a proclamação das leituras e, sobretudo, ao término da própria homilia. O silêncio nesse momento da celebração contribui para um exercício de assimilação do sentido e do convite que a Palavra proclamada faz à comunidade eclesial reunida e que é chamada a viver a fé, por meio de suas obras. Aqui o silêncio motiva o ouvinte a uma marcha, que o coloca a caminho e que tem por escopo o encontro com o Senhor. Orígenes, em um célebre comentário sobre a perícope de Lc 4,14-20 ou Homilia 32, 6 nos ajuda a compreender a importância do silêncio e a quem ele nos conduz, a partir da escuta da Palavra proclamada.

> Depois de ter lido essas palavras, enrolado o livro, o deu ao servo e assentou-se, e todos, na sinagoga, tinham os olhos fixos nele. Mesmo atualmente, se o quiserdes, em nossa sinagoga e assembleia, os vossos olhos podem fixar-se sobre o Salvador. Quando tiveres direcionado, com efeito, o olhar mais profundo de teu coração para contemplar a Sabedoria e a Verdade e o Unigênito de Deus, teus olhos fixar-se-ão sobre Jesus. Bem-aventurada a congregação da qual a Escritura dá testemunho de que "os olhos de todos estavam fixos sobre ele!".

Na Liturgia da Palavra a assembleia reunida é chamada a ter seus olhos fixos no Senhor. A caminhar ao encontro do Mistério revelado pelo Cristo, palavra viva e eterna do Pai. Por isso, silenciar-se para ruminar a Palavra escutada nos ajuda a acolher a realidade do Mistério Pascal que se atualiza nesse encontro comunitário. "Um leitor silencioso é um leitor no qual se percebe que é o primeiro ouvinte do texto que proclama: ele habita as palavras que saem da sua boca e não se comporta como um que o faz de modo automático". (CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÙRGICA, 2015, p. 156).

Ainda devemos recordar o silêncio durante a oração universal, que se dá após cada prece e antes da oração de conclusão. A IGMR 71 assevera: “O povo, de pé, exprime a sua súplica, seja por invocação comum após as intenções proferidas, seja por uma oração em silêncio”. O silêncio orante experimentado neste momento da celebração faz com que cada membro que compõe a assembleia participe da oração do outro.

O silêncio também é experimentado pela assembleia celebrante, durante o momento de preparação dos dons. Nesse momento aquele que preside a oração em nome da assembleia faz algumas orações em silêncio. A oração do presidente se amplia no silêncio orante vivido pela assembleia que acompanha com o olhar e o canto o momento da apresentação dos dons, que são frutos do trabalho de todos aqueles que se fazem presentes ao banquete, ou se preferirmos a celebração. Os números 141 e 142 da IGMR descrevem com riquezas de detalhes o gesto realizado pelo presidente da celebração e que é acompanhado com atenção orante pela assembleia reunida.

> Ao altar, o sacerdote recebe a patena com o pão, e a mantém levemente elevada sobre o altar com ambas as mãos, dizendo em silêncio: Bendito sejais, Senhor... E depõe a patena com o pão sobre o corporal.
>
> Em seguida, de pé, ao lado do altar, derrama vinho e um pouco d’água no cálice, dizendo em silêncio: Por esta água..., o ministro lhe apresenta as galhetas. Retornando ao centro do altar, com ambas as mãos mantém um pouco elevado o cálice preparado, dizendo em silêncio: Bendito sejais, Senhor; e depõe o cálice sobre o corporal, cobrindo-o com a pala, se julgar oportuno.

Outros gestos ainda são realizados nesse momento e esses são acompanhados pelo silêncio da assembleia como: a oração de apresentação dos dons que diz: de coração contrito e humilde Senhor..., e a purificação das mãos. Boselli, ao falar desse momento da celebração assevera:

> Os dons são, no entanto, colocados sobre o altar para que Deus os santifique com a força do seu Espírito e se tornem “para nós” pão da vida e bebida espiritual. Assim, aquele pão que os fiéis levaram em suas mãos ao altar, depois da ação de graças, vem de novo do altar, colocado nas mãos dos fiéis como corpo de Cristo. (BOSELLI, 2017, p. 95).

A comunidade que apresenta sua oferenda, através das mãos daquele que preside a celebração, é chamada agora a participar da prece eucarística no silêncio e quando possível nas

intervenções previstas que pedem a participação da assembleia. No número 147 da IGMR lemos:

> O povo, por sua vez, se associe ao sacerdote na fé e em silêncio e por intervenções previstas no decurso da Oração eucarística, que são as respostas no diálogo do Prefácio, o Santo, a aclamação após a consagração, e a aclamação Amém, após a doxologia final, bem como outras aclamações aprovadas pela Conferência dos Bispos e reconhecidas pela Santa Sé.

Na celebração ainda vivemos o silêncio após a distribuição da comunhão. Nesse momento os membros da assembleia comunitária são chamados a fazer sua oração pessoal. Aqui experimentamos o silêncio que nos convida ao louvor. A IGMR no número 88 afirma: "Terminada a distribuição da comunhão, se for oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio". Esse silêncio de louvor marca o momento do encerramento da distribuição da comunhão, a purificação dos vasos sagrados e o início da prece depois da comunhão.

Aqui vale ressaltar que o silêncio orante deve ser continuado mesmo após a celebração. Pois é ele que continuará a renovar nos membros da comunidade eclesial o desejo de anunciar o Mistério Pascal. Os espaços de silêncio que são oportunizados pelo *ordo missae* nos conduzem a fazer a passagem da liturgia à vida e da vida à liturgia.

Por isso, o silêncio bem vivido em uma celebração contribui para ampliarmos a nossa intelecção do mistério celebrado.

> A liturgia celebra o mistério da salvação que se realiza em Cristo. Este é seu sentido específico. Porém, o mistério de Cristo é vivido e celebrado, é aplicado e comunicado a indivíduos e comunidades que vivem em determinadas circunstâncias históricas e sociais. (CASTELLANO, 2008, p. 442).

Será sempre importante recordar que a realidade do silêncio litúrgico sacramental nos lança em uma vivência concreta da fé. A um processo de desdobramento da nossa história pessoal e comunitária de seguimento da pessoa de Cristo. Pois a liturgia, "é também celebração da existência cristã". (CASTELLANO, 2008, p. 442).

Daqui podemos então afirmar que a liturgia nos faz ir ao encontro de Deus, mas sem abandonarmos a realidade onde nos encontramos inseridos. Desse modo,

> não devemos ver a liturgia como um espaço transcendente ou alienante em nossa vida quotidiana, mas como um pedaço de existência vivida, iluminada

> pela Palavra de Deus, santificada e potenciada pela presença de Cristo e pelo dom do Espírito. (CASTELLANO, 2008, p. 442).

Os espaços de silêncio proporcionados pela vivência litúrgica devem nos ajudar a celebrar com maior maturidade o Mistério, fundamento da nossa fé. A atualizá-lo através da celebração litúrgica, que nos ajuda a viver no mundo como cristãos, não criando nenhum hiato entre fé e vida. Pois, a superação do hiato entre liturgia e vida se dará quando formos capazes de inteligir que liturgia é a celebração do Mistério de Cristo, presente nos membros atuantes da comunidade cristã.

Assim sendo, o tema do qual agora nos ocuparemos é aquele de demonstrar a vivência do silêncio litúrgico como um elemento essencial para a participação ativa e consciente dos fiéis na liturgia. A intelecção dos elementos que compõem essa participação nos ajudará na ampliação da nossa intelecção sobre a importância desse silêncio como caminho para a realização de celebrações bem participadas e não formadas por grupos de meros espectadores.

### 3.10 O silêncio como *participatio actuosa* na liturgia

Entre os vários temas abordados pelo Concílio Vaticano II ao tratar da vida litúrgica da Igreja, foi o da participação ativa, plena, consciente e frutuosa dos cristãos nas ações litúrgicas da Igreja que ganhou grande relevância. Como já pudemos apontar anteriormente, essa temática não nasce no Concílio, mas foi o resultado de um processo que já vinha sendo construído pelo Movimento Litúrgico, que foi responsável por engendrar a Reforma Litúrgica, pós a publicação da *Sacrosanctum Concilium*.

> O Movimento Litúrgico nasce com duas grandes ideias: o problema espiritual e a volta às fontes. Desde o primeiro momento está preocupado com o problema espiritual propriamente dito. Embora parecesse que sua preocupação se dirigia à beleza da liturgia, esta não era mais do que ocasião para atrair os fiéis. A falta de participação nas celebrações litúrgicas preocupava, por isso, a partir desse momento, pretende-se recriar a inteligibilidade do sinal litúrgico-sacramental. (JAVIER FLORES, 2006, p. 83).

Os anos que antecederam o advento do Concílio Vaticano II até a publicação da *Sacrosanctum Concilium* foram marcados pela produção de uma rica bibliografia que ajudou a

pensar os processos necessários para a reforma e restauro da vida litúrgica da Igreja. E a mudança se fazia necessária pois,

> a eucaristia já não era a oração da comunidade cristã e havia se transformado em assunto exclusivo dos clérigos, de modo que os fiéis já não participavam diretamente, mas somente de longe, dedicando-se, ao mesmo tempo, a devoções particulares. A comunhão era uma devoção privada, não vinculada, de modo algum, com a missa. (JAVIER FLORES, 2006, p. 84).

A vida litúrgica da Igreja urgia por mudanças. Já não era mais possível pensar ações litúrgicas estáticas. Momentos celebrativos em que os membros da comunidade cristã participassem apenas como meros espectadores. Fazia-se mister desenvolver nos membros da comunidade eclesial uma consciência de uma necessária participação de todos nas ações litúrgicas da Igreja, por meio dos ritos e preces. Em vista disto teremos uma rica produção acadêmica que aos poucos contribuirá para o repensar a vida litúrgica da Igreja e sobretudo a revisão dos seus livros próprios para a celebração. Estamos nos primeiros anos do século XX, e o que marca a Igreja neste tempo é a existência de muitos teólogos, que viam a necessidade de um diálogo maior entre comunidade eclesial e o mundo contemporâneo.

> A produção litúrgica desses primeiros anos é abundante e, sobretudo, de grande qualidade: cursos, revistas, semanas litúrgicas, subsídios litúrgicos pastorais. Há um interesse crescente pelas traduções litúrgicas e pelos comentários dos textos. (JAVIER FLORES, 2006, p. 85).

O ato de voltar às fontes para resgatar o valor espiritual da liturgia foi uma das grandes sacadas do Movimento Litúrgico, sobretudo para se repensar a participação dos fiéis nos atos celebrativos da comunidade eclesial. Por isso, aqui faz-se mister registrar ao menos sumariamente três obras e autores que darão uma valiosa contribuição a esse novo que se apresentava à vida litúrgica da Igreja. Indicaremos esses autores e obras ajudados pelo liturgista JAVIER FLORES, que afirma em um de seus estudos sobre este período:

> Nesse primeiro período do Movimento Litúrgico, são fundamentais três obras. Três nomes que já são indicativos de todo um renascimento litúrgico: dom Lambert Beauduin, com *La piété de l'Église, príncipes et faits*, Lovaina, 1914; dom Maurice Festugière, com *La liturgie catolique. Essai de synthèse suivi quelques développements*, publicado na abadia de Maredsous, em 1913, e com a série de artigos publicados durante o ano de 1914 na Revue Thomiste; dom Emmanuele Caronti, *La pietà liturgica*, Turim, 1920, embora se trate de conferências do ano de 1913. (JAVIER FLORES, 2006, p. 85).

Esses autores de vanguarda do Movimento Litúrgico contribuirão para o giro copernicano que a Ciência Litúrgica passará, sobretudo na segunda metade do século XX. Eles prepararam com outros liturgistas o terreno para uma nova forma de pensar e viver a liturgia no seio da comunidade eclesial. Aos poucos esses autores ajudaram a refletir a liturgia não como algo do clero, mas um direito de todo o povo de Deus. O grande legado deixado por eles nos motiva a inteligir que:

> Como Igreja, entendemos o Povo de Deus em sua totalidade. As ações litúrgicas, de fato, são obras da Igreja toda (cf. SC, n. 26). O ministro ordenado está a serviço do povo de Deus, atestando que é Cristo que nos chama a sermos seus colaboradores, para que a Boa-Nova seja anunciada. (BUCCIOL, 2020, p. 38).

A liturgia não pode alimentar um conceito eclesial piramidal, mas o voltar às fontes impõe à Igreja pensar sua vida litúrgica na perspectiva do povo de Deus, que se desdobra na comunhão de serviços. A liturgia da Igreja é caracteristicamente marcada pela existência de uma variada pluralidade de ministérios, o que contribui para que todos, no Espírito, se sintam protagonistas na ação litúrgica. Como afirma Bucciol:

> Na celebração dos sacramentos, a assembleia inteira é o liturgo, cada um segundo sua função (CIgC, n. 1144) e, portanto, a assembleia toda concelebra com Cristo. A *Sacrosanctum Concilium* recomenda que os fiéis, na Liturgia, "não estejam presentes como estranhos ou mudos espectadores, neste mistério de fé, (...) mas consciente, piedosa e ativamente". (SC, n. 48) (2020, p. 40).

Para promover a participação dos fiéis na liturgia o Concílio Vaticano II defenderá a necessidade da formação do povo de Deus. A comunidade cristã precisa inteligir o sentido do mistério que ela é chamada a celebrar e a atualizar em cada ação litúrgica. Para atingir tal objetivo assistiremos na Igreja do século XX e do século presente um grande esforço de se pensar a formação e a animação da vida litúrgica do povo de Deus de um modo teológico. Aqui podemos colher o que Marsili indica sobre essa temática bem sensível à Ciência Litúrgica. "A liturgia cristã, enquanto celebração do mistério de Cristo, em seu fundamento, não é mais do que a contínua realização sacramental daquele primeiro acontecimento pelo qual a Palavra de Deus se fez carne". (JAVIER FLORES, 2006, p. 248).

Essa nova forma de se pensar a liturgia cristã é uma das molas propulsoras para a promoção de uma participação ativa dos fiéis, que leva em consideração um intercâmbio de

ministérios na liturgia e não um simples fazer na liturgia. Como sabemos a vida litúrgica da Igreja não é apresentada como espaço para se apreender o mistério. Vamos à liturgia, dela participamos para mergulharmos no mistério da fé. Esse mergulho fazemos por meio da *lex orandi* da Igreja, que motiva uma *lex credendi* que terá seu ápice na *lex agendi*. "A liturgia cristã é essencial e existencialmente teologia, porque é sempre Palavra de Deus, atualizada, celebrada e constituída na realidade que o rito simbólico adquire". (JAVIER FLORES, 2006, p. 249).

Em vista da participação dos fiéis na liturgia, faz-se necessário então pensar a formação litúrgica do povo de Deus. Da publicação da *Sacrosanctum Concilium* aos nossos dias surgiram muitos documentos que procurarão precisar o que é essa participação e como ela se dá. Bucciol com muita lucidez, à luz dos ensinamentos conciliares, nos faz ver o que é essa participação quando assevera:

> Os padres do Concílio tinham consciência de que isso pede um esforço constante de formação e animação, de catequese, de preparação das celebrações e de criatividade, junto com a fidelidade aos grandes princípios e valores da Liturgia: obra a qual todos os fiéis devem prestar serviço com humildade e amor sincero. Nesse sentindo, a participação é uma tarefa sempre inacabada e sempre em ato (BUCCIOL, 2020, p. 40).

Promover a participação dos fiéis na liturgia não é uma tarefa fácil. Exige da Igreja um programa claro de formação, que deve levar em consideração não só os princípios universais da liturgia mas, sobretudo, as possibilidades de inculturação e adequação dessa às mais diversas realidades, nas quais ela é celebrada. Pois, "a participação é um direito e um dever de todos os fiéis presentes em uma celebração, algo que pertence (deve pertencer!) a todos que vivem o momento (evento) celebrativo". (BUCCIOL, 2020, p. 40).

Entre os muitos elementos da liturgia em que podemos pensar e promover a participação dos fiéis na celebração, está aquele do silêncio. De uma forma deturpada, por muito tempo se pensou na liturgia que o gesto de silenciar era sinal de não preparação do ato litúrgico. Em tempos hodiernos, assiste-se a uma insistência da necessidade da promoção de espaços de silêncio, dentro das ações litúrgicas. Isso se dá pelo fato de se perceber a liturgia não como um ato ou ação na qual se observa um conjunto de ritos, mas como um momento próprio de se celebrar a ação salvífica de Deus, que continua a atuar no mundo, por meio do seu povo.

O silêncio então promovido pela ação litúrgica auxilia na intelecção do caminho experienciado pelo fiel por meio da liturgia, para se atingir a compreensão do mistério celebrado, sem que ele se esgote.

> A liturgia celebra o Mistério Pascal de Cristo, isto é, faz memória viva e atualizante desse acontecimento em sua dimensão humana e divina (cf. Fl 2,5-11). Nisso, encontramos a causa da nossa salvação, a razão profunda de nossa fé e o alicerce da esperança de vida em plenitude. (BUCCIOL, 2020, p. 44).

Por meio dos muitos movimentos, motivados pela ação do silenciar dentro do contexto litúrgico, o fiel é chamado a encontrar-se com Aquele que é o centro da vida litúrgica da Igreja, Jesus Cristo. Nesse encontro o fiel intelige que:

> Na celebração litúrgica manifesta-se toda a riqueza da Páscoa do Senhor. Nela, os cristãos acolhem e atualizam o projeto divino de vir ao encontro da humanidade para salvá-la junto com as diferentes intervenções que Deus realizou na história de seu povo e de forma ritual e simbólica, a memória das alianças que Ele fez com seu povo Israel, e a nova aliança estabelecida em Cristo Senhor e Salvador. (BUCCIOL, 2020, p. 40).

Hoje, um dos grandes desafios que se coloca a Pastoral Litúrgica é o de conduzir na comunidade cristã uma reflexão que a ajude inteligir a importância do silêncio litúrgico e sobretudo sua realidade sacramental. Para isso, faz-se necessário superar a excessiva promoção de uma verbalização em nossas ações litúrgicas. As nossas assembleias precisam ser formadas para viverem o silêncio como um momento ritual. O rito aqui não deve ser inteligido como o estrito cumprimento das normas estabelecidas pelos livros litúrgicos, mas, sobretudo, um caminho salutar para se experimentar o Mistério Pascal. Porque "o Mistério Pascal é o eixo da salvação, a fonte de nossa reconciliação e a plenitude do culto divino. Aqui se compreende o axioma teológico *caro salutis est cardo* (a carne é o fundamento da salvação)". (BUCCIOL, 2020, p. 45).

O silêncio litúrgico sacramental nós o vivemos com todo o nosso ser. Por isso, aqui vale recordar na linha do Movimento Litúrgico, que ainda se encontra em plena atividade na vida eclesial atual, que a corporeidade é um elemento essencial para experienciarmos o silêncio na liturgia. Hoje, mais do que nunca, todos os nossos sentidos são levados em consideração na celebração litúrgica. Isso porque,

> Celebrar é um ato de comunhão. Ninguém celebra só! A festa tem sempre uma dimensão social. Ela responde ao desejo, profundamente humano, de se encontrar, partilhar, superar o que na vida divide. E ela reforça os vínculos de união, amizade e fé; leva às raízes comuns, fortalece-as, definindo objetivos e escolhas comuns. (BUCCIOL, 2020, p. 51).

Participar da celebração litúrgica por intermédio do silêncio é desenvolver nossa capacidade de contemplação do mistério da nossa fé. É aprender a ver além daquilo que é colocado diante dos nossos olhos. É adentrar o mundo do mistério e deixar-se por ele envolver, sem sermos tirados de nossa realidade pessoal e comunitária. Recuperando a importância dos símbolos para a realização da experiência celebrativa. Pois,

> para celebrar, o ser humano precisa de cerimônias, de símbolos. Somos corpo e alma, sentidos e espírito. Portanto, podemos nos expressar somente através do nosso ser total! E, como sentimos a necessidade de espiritualizar o que é material, do mesmo jeito precisamos corporalizar o que é espiritual. Por isso, necessitamos de símbolos. (BUCCIOL, 2020, p. 51).

Apresentando-se como um desafio pastoral, para a vida litúrgica da Igreja, o resgate do silêncio em nossas celebrações se constitui como uma urgente tarefa. Não podemos deixar que esse importante elemento da liturgia continue a ser descuidado. A sua não observância tem feito surgir liturgias marcadas por uma "criatividade selvagem", estéril e promotora de uma não participação, pois não gera nenhum tipo de impacto na vida daquele que está no ato litúrgico, mas não totalmente presente. A recuperação do silêncio na liturgia certamente nos ajudará a superar as liturgias marcadas pelos ruídos, para vivermos ações litúrgicas mais contemplativas e que se configuram como fontes perenes de espiritualidade cristã.

### 3.11 Na busca pela superação da ditadura dos ruídos

Para se inteligir a liturgia como fonte perene de espiritualidade precisamos ser exercitados não para vivenciá-la apenas como o cumprimento de ritos, mas como um momento oportuno da atualização da História da Salvação. Entretanto, tal exercício exige entrega, isto é, capacidade para nos deixarmos plasmar pela vida de Cristo, que é o centro de toda a vida litúrgica da comunidade eclesial. "O silêncio é a medida do amor. Só quem ama sabe cultivar o silêncio". (GOMES, 2010, p. 638).

Nesse exercício, a tarefa mais desafiadora é aquela de nos dispormos à escuta dos apelos do Espírito. A liturgia é um espaço onde essa escuta se dá de uma forma bem intensa.

> Nas celebrações sacramentais a sinergia decisiva do Espírito e da Igreja se vive ao momento da *epiclese*. Momento de máxima intensidade do silêncio da Igreja e da força do Espírito, a *epiclese* é oração pura e soberana: a oferta da fé mais pobre responde ao dom virginal do Espírito Santo, e é assim que tudo ressuscita no corpo de Cristo[159]. (CORBON, 2003, p. 223, tradução nossa).

Porém, hoje são muitos os ruídos que acabam interferindo na sinergia entre o Espírito e a Igreja. Desse modo, o exercício para a escuta na liturgia é uma das grandes tarefas que se coloca a uma comunidade eclesial, que ainda vive os tempos da implementação dos elementos litúrgicos, nascidos a partir da Reforma Litúrgica, promovida pelo Concílio Vaticano II. Entre os elementos da reforma encontra-se o desenvolvimento da escuta, como forma de acolhida do mistério da fé. "A escuta talvez seja o sentido de verificação mais adequado para acolher a complexidade do que uma vida é". (MENDONÇA, 2016, p. 107).

Os cristãos que se reúnem para celebrar e atualizar o Mistério Pascal o fazem em meio a muitas situações que se apresentam como ruídos que impedem a plena comunicação do Espírito. Os ruídos são os mais variados como: excesso de verbalização, formação inadequada para a participação na liturgia, espaços improvisados, inflação de sinais. Todos estes elementos se apresentam como empecilhos para se viver a liturgia como tempo de silêncio e escuta.

> A escuta não se faz apenas com o ouvido exterior, mas com o sentido do coração. A escuta não é apenas a recolha do discurso sonoro. Antes de tudo, é atitude, é inclinar-se para o outro, é disponibilidade para acolher o dito e não dito, o entusiasmo da história ou o seu avesso, a sua dor". (MENDONÇA, 2016, p. 107).

O primeiro ruído sobre o qual desejamos nos debruçar é aquele do excesso de verbalização nos atos litúrgicos. Após o Concílio Vaticano II e, sobretudo, depois da publicação da *Sacrosanctum Concilium*, uma má interpretação do que venha ser a participação ativa, consciente, plena e frutuosa na liturgia fez com que muitas pessoas transformassem os atos litúrgicos em momentos marcados por muitas monições desnecessárias e pouco contemplativas.

---

[159] "Nelle celebrazioni sacramentali la sinergia decisiva dello Spirito e della chiesa si vive al momento dell'epiclesi. Momento di massima intensità del silenzio della chiesa e della forza dello Spirito, l'epiclesi è preghiera pura e potenza sovrana: all'offerta della fede più povera responde il dono verginale dello Spirito santo, ed è così che tutto risorge nel corpo di Cristo."

Nesse sentido uma pseudo motivação para a participação do povo na liturgia fez com que muitos amadurecessem a ideia de que na ação litúrgica todos devem fazer tudo, negando assim a importância da riqueza ministerial, que uma ação litúrgica deve testemunhar.

> Por isso, há necessidade de se compreender o sentido do que significa participar e dos seus diferentes adjetivos atribuídos pelo *Sacrosanctum Concilium*. Com certeza, todos os batizados são chamados a participar, mas devem fazê-lo nas modalidades próprias do universo litúrgico, sem esquecer o clima cultural religioso e a sensibilidade dos membros de uma Assembleia que celebra. (COMISSÃO ESPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 76).

A participação na liturgia se dá também pelo ato da escuta. E para isso acontecer de uma forma plena e frutuosa é preciso que a assembleia reunida compreenda o que é a celebração do mistério da fé, por intermédio dos ritos e preces. Os gestos e as palavras na liturgia não podem nos tirar da presença do mistério, que é Cristo, mas devem nos fazer ainda mais unidos a Ele, o grande mistagogo do Pai. Isto é, "celebrar os mistérios, antes de tudo, fazer experiência do mistério, ser envolvidos no mistério, participar do mistério, a fim de que nele a vida do cristão fique envolvida na vida de Cristo". (COMISSÃO ESPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 76), eis a grande tarefa do ato litúrgico. Todo excesso de verbalização pode nos tirar dessa rota. Em liturgia palavra e silêncio devem se equilibrar, a fim de mostrar a nobre simplicidade do rito romano, que nos lança na profundidade do mistério celebrado.

Para superarmos o ruído da verbalização, faz-se mister compreender que a liturgia não é em primeiro lugar o cumprimento de rubricas prescritas pelos livros litúrgicos, mas uma ação vivencial do mistério. As rubricas serão sempre o indicativo de um caminho salutar, para que possamos viver a plenitude do mistério a que somos convidados a nos deixarmos envolver. Por isso, "para que aconteça a participação, é necessária uma iniciação ao mistério, mediante os ritos e orações. Essa linguagem que, se entendida à luz do Espírito, aos poucos plasma os cristãos e torna acessível a experiência do mistério". (COMISSÃO ESPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 76). Os textos litúrgicos, ao lado dos ritos que comportam, quando inteligidos pela assembleia e, sobretudo, por aqueles que dentro desta exercem ministérios para que ela se realize harmonicamente, contribuem de uma forma eficaz para que se encontre o equilíbrio necessário das monições que ajudam a construir os ritos que compõem uma ação litúrgica. Se a liturgia é fonte de espiritualidade, aqui podemos asseverar: "O conhecimento espiritual não resulta de um acumulado de informações históricas e teológicas

que possamos reunir. A sabedoria que se torna determinante numa existência provém da escuta". (MENDONÇA, 2016, p. 108).

Anteriormente já apontamos para a necessidade de uma formação para sermos introduzidos na celebração do mistério da nossa fé. Assim sendo, o que agora desejamos é aprofundar como que a falta desta formação entre os cristãos faz com que deixemos de saborear a presença do mistério, que se fez carne e armou a sua tenda entre nós. A superação desse outro ruído, que se apresenta para a nossa experiência celebrativa, nos ajuda a dar mais um passo significativo nossa experiência de escuta do mistério que é o próprio Cristo. Isto porque: "A escuta nos coloca não diante Dele, mas com Ele e Nele. Sem essa escuta a palavra está distante, no passado, a sua Páscoa é um acontecimento que não atravessa o instante. É a escuta que nos dá o sabor da presença". (MENDONÇA, 2016, p. 111).

Um dos grandes desafios que se coloca ainda hoje na implantação da reforma litúrgica promovida pelo Vaticano II está a da implantação de um sério caminho formativo do povo de Deus para a celebração do Mistério Pascal. Um dos testemunhos mais contundentes da necessidade de uma iniciação ao mistério nos vem do Papa Francisco, em sua Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, que procura tratar da formação do povo de Deus para uma frutuosa participação no ato litúrgico. No número 21, o pontífice faz uma exortação a toda a comunidade cristã quando afirma:

> Devemos, porém, estar atentos: para que o antídoto da Liturgia seja eficaz, nos é pedido redescobrir, a cada dia, a beleza da verdade da celebração cristã. Refiro-me novamente ao seu significado teológico, assim está admiravelmente descrito no n. 7 da Sacrosanctum Concilium: a liturgia é o sacerdócio de Cristo revelado e entregue a nós em sua Páscoa, presente e ativo hoje por meio dos sinais sensíveis (água, óleo, pão, vinho, gestos, palavras) para que o Espírito, submergindo-nos no Mistério Pascal, transforme toda a nossa vida, conformando-nos a Cristo cada vez mais.

Somente uma formação esmerada dos fiéis, para uma participação frutuosa na celebração litúrgica, será capaz de desenvolver em nós a capacidade de contemplação da beleza daquilo que a liturgia deseja nos revelar. Os símbolos são sempre indicativos da presença atuante de Cristo na vida de sua Igreja, por meio do Espírito. A partir dos símbolos a Igreja é chamada a escutar o que o mistério deseja comunicar. Os símbolos são sempre acompanhados por ritos que devem nos educar para o bem celebrar. "Por isso, o rito litúrgico é a dimensão expressiva que configura e reforça a experiência do Evento na vida e experiência da vida no

Evento. Faz-nos entrar no Evento com a vida e nos faz entrar na vida à luz do Evento." (GRILLO, 2017, p. 50).

Na liturgia temos sempre as mediações que nos ajudam a entrar e experienciar o mistério que celebramos. Aqui ressaltamos a importância dos símbolos em diálogo com os ritos. "O rito litúrgico, então, não visa a tornar pesada a relação direta entre Cristo e o cotidiano, mas pretende ser o elemento unificador, o médium que põe em comunicação os dois polos na comunhão que acontece entre uma vez por todas e o aqui e agora". (GRILLO, 2017, p. 51).

Como podemos observar na busca pela superação dos ruídos na liturgia, que nos impedem de escutar o mistério, a formação para bem celebrar torna-se uma urgência, a fim de que a ação litúrgica não seja definida, a partir de uma ideia rubricista e juridicista, mas recupere seu verdadeiro sentido teológico. Porque,

> o rito modifica o cotidiano, distinguindo-o e salvando-o do banal, porque distancia dele a repetitividade e assim manifesta a liberdade na sua substância de graça; ao mesmo tempo, reestrutura a relação com o Evento, distinguindo-o e salvando-o da distância, porque o aproxima da verdade e torna possível sua participação, descobrindo na graça uma liberdade. (GRILLO, 2017, p. 51-52).

Uma autêntica formação litúrgica conduz a comunidade eclesial a redescobrir a força da evangelização, que se dá por meio das ações litúrgicas da Igreja. Porém, essa formação não é algo que aconteça de um dia para o outro, mas exige de todos os fiéis disponibilidade para entregar-se a um caminho de fé. Na *Desiderio Desideravi* número 38 podemos colher como se dá esse processo.

> Para os ministros e para todos os batizados, a formação litúrgica, em sua primeira acepção, não é algo que possa ser conquistado de uma vez por todas: uma vez que o dom do mistério celebrado supera a nossa capacidade de conhecimento, esse empenho certamente deverá acompanhar a formação permanente de cada um, com humildade dos pequenos, atitude que abre ao estupor.

Pensando os ruídos que precisamos superar em nossa caminhada litúrgico-eclesial desejamos agora tratar da importância de repensarmos nossos espaços celebrativos. Como sabemos eles são continuidade do corpo vivo que neles se encontra. Mais que um espaço físico, eles são expressões da Igreja, que continua os passos de Cristo. Por isso, esses espaços devem

ser pensados teologicamente, pois eles também evangelizam e contribuem para que o povo que ali se reúne faça chegar ao Pai, por Cristo no Espírito, a sua prece de louvor.

> A renovação litúrgica assumida pelo Concílio Vaticano II determinou uma mudança radical no significado da Liturgia na vida dos cristãos, intervindo com uma renovação da estrutura da ritualidade e exigindo a estreita e necessária correlação entre a dinâmica litúrgica e a configuração arquitetônica. O esforço que a reforma litúrgica pede aos arquitetos, aos liturgistas e aos pastores é tanto o de construir novas igrejas quanto o de adequar espaços litúrgicos existentes, para que sejam, verdadeiramente, sinais do Sacramento que é a Igreja. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2021, p. 14).

O espaço celebrativo assume um papel fundamental para a realização do culto cristão. Pois, das paredes de uma igreja deve emergir o mistério que a Igreja ali reunida é chamada a celebrar. Esse espaço não pode evangelizar pelo fausto, mas pela nobre simplicidade, que nos revela a beleza Daquele que nos convoca para ali tomarmos parte de uma assembleia celebrante. A atenção e o estudo acurado para a construção de um espaço celebrativo é o testemunho concreto de uma Igreja que está atenta à vocação deste espaço, isto é, de ser um caminho mistagógico, a fim de que a comunidade que ali se reúne encontre-se com o mistério. Assim sendo:

> Ao construir novas igrejas, se procure diligentemente que sejam funcionais para celebrar as ações litúrgicas e para favorecer a participação ativa dos fiéis (SC, n. 124). Para que isso aconteça, é necessário que se organize o espaço de maneira que a assembleia seja sujeito da Celebração e expresse e manifeste a Igreja como Corpo de Cristo, reunida pela ação do Espírito Santo. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2021, p. 23).

A passagem do exterior de uma igreja para o seu interior deve nos conduzir à intelecção de que vivemos um movimento necessário, isto é, de deixar o ambiente das intranquilidades, para adentrarmos ao espaço, que com todos os seus elementos, nos auxilia no processo de encontro com o Mistério Pascal. Podemos cair na tentação de pensarmos que estamos deixando a nossa realidade. Mas de partida podemos afirmar que não. Pois, quando nos reunimos para uma ação litúrgica, se desejamos que a nossa oração seja frutuosa é preciso unir a fé à vida. Isso porque, tudo o que celebramos na liturgia só tem sentido se impacta em nossas vidas, nos fazendo viver processos de conversão.

Pensar nossos espaços litúrgicos, com todos os elementos que eles devem ter, para o bom andamento das nossas celebrações, é cuidar para que esse lugar seja propiciador de espaços de silêncio e escuta. Animados pelas propostas do Concílio Vaticano II e cônscios da importância da readequação e construção de espaços litúrgicos capazes de evangelizar com a Igreja do Brasil podemos asseverar:

> Reconhecemos que é indispensável sempre buscar adequar a igreja, por meio de um projeto litúrgico-arquitetônico-iconográfico, de maneira que ela, junto com o rito, proclame a beleza da fé professada e celebrada pela *ecclesia,* a comunidade (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2021, p. 74).

Espaços celebrativos pensados teologicamente serão sempre pautados pela simplicidade. Se configurarão como lugares da Epifania de Deus. Convites para nos encontrarmos com o Mistério que ali celebramos e que dali nos envia em missão.

Um último ruído que atrapalha a vida litúrgica da Igreja e a valorização do silêncio, ao qual ainda queremos fazer referência, é aquele do excessivo uso ou criação de símbolos, que em nada comunicam o Mistério que somos convocados a celebrar. Nos últimos tempos assistimos na vida eclesial uma recuperação de símbolos que foram abolidos pela reforma litúrgica. Muitos procuram justificar a retomada desses símbolos a partir de um pseudo conteúdo teológico, que em nada revela a presença de Cristo, continuada por sua comunidade eclesial. Em muitas situações retomam-se esses símbolos para justificarem uma eclesiologia litúrgica, que não vai de encontro com as ideias propaladas pelos Concílio Vaticano II. Os símbolos não podem nos tirar do Mistério, mas a Ele devem nos conduzir. O teólogo liturgista Chauvet nos ajuda a entender isso quando afirma:

> A boa saúde da Fé cristã está ligada não à recusa do rito, mas à sua gestão crítica, e isso supõe que esse esteja constantemente evangelizado. Segundo o meu parecer, é decisivo, a esse respeito, lembrar que o coração da liturgia e dos sacramentos cristãos não é o rito, mas a Palavra de Deus; neles sempre acontece essa Palavra que, porém, acontece sob forma ritual. (CHAUVET, In: COMISSÃO ESPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 108).

Os símbolos na liturgia não são adereços, mas elementos integrantes que nos auxiliam na nossa oração e encontro com o Mistério de Cristo, no qual deve fundamentar toda a nossa

vida de fé. Refletir sobre o seu bom uso e buscar os seus fundamentos teológicos é colocar fim a uma criatividade estéril, que acaba dando origem a celebrações que em nada evangelizam.

Muitos são os ruídos que colocam em xeque a vida litúrgica da Igreja e, sobretudo, sua capacidade de evangelizar. A superação dos ruídos litúrgicos citados e de outros que ainda poderíamos tratar nesta nossa pesquisa torna-se cada vez mais necessário. Isso porque, o remédio para uma autêntica liturgia cristã não se encontra apenas na criação ou adoção de novos símbolos, mas na capacidade da própria liturgia comunicar o Mistério da fé, que ela nos convida a celebrar. Sendo assim, o que desejamos agora é tratar o conteúdo escatológico do silêncio litúrgico.

### 3.12 A força escatológica do silêncio

Na busca pela intelecção da importância da sacramentalidade do silêncio na vida litúrgica da Igreja, o que agora colocamos como escopo é refletir sobre sua força escatológica. Entre as muitas dimensões da liturgia cristã está a da escatologia. O Concílio Vaticano II trabalha tal temática quando na *Sacrosanctum Concilium*, número 8, afirma:

> Na liturgia da terra nós participamos, saboreando-a já, da liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual nos encaminhamos como peregrinos, onde o Cristo está sentado à direita de Deus, qual ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo; com toda a milícia do exército celeste entoamos um hino de glória ao Senhor e, venerando a memória dos santos, esperamos fazer parte da sociedade deles; nosso Senhor Jesus Cristo, até que ele, nossa vida, se manifeste, e nós apareceremos com Ele na glória.

As ações litúrgicas da Igreja nos ajudam a inteligir nossa condição de peregrinos neste mundo. Como membros da Igreja marchamos ao encontro do Senhor. Caminhamos de esperança em esperança rumo à conquista da plenitude do Reino. Nesse caminho contamos com a presença de Cristo. Somos alimentados pelo seu Mistério Pascal e no Espírito Santo impulsionados a celebrar e anunciar o Evangelho da Alegria, que anima os nossos dias na terra, enquanto fazemos o caminho para atingirmos a vida em plenitude, que se dará ao lado Daquele que é o fundamento absoluto de todo existir, o belo que nos atrai. Com a Igreja podemos afirmar:

> A liturgia nada esquece ou despreza do belo humano, mas aponta para uma beleza que envolve e transforma pela beleza do Senhor Jesus que, com sua Palavra e os gestos que nos deixou repetir em sua memória, dilata nosso ser e infunde em nós a esperança e a alegria do alto. (COMISSÃO ESPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 140).

Na liturgia celebramos a esperança de todo povo cristão caminheiro. A vida de todos os membros da Igreja, que vivem cada momento do existir humano na perspectiva de se atingir a eternidade. Entretanto, essa vida que nos espera junto de Deus, enquanto não a atingimos, somos exortados a viver os nossos dias inspirados pela vida de Cristo, no Espírito do Senhor. Somos chamados a buscar as coisas do alto, mas "nem por isso, a liturgia da Igreja afasta da terra e dos compromissos de viver segundo o Evangelho, seguindo os passos de Jesus". (COMISSÃO ESPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA DA CNBB, 2019, p. 140).

É vivendo em Cristo, que fazemos a experiência de encontrarmos o Senhor pelo caminho, a exemplo dos discípulos de Emaús. Tal encontro fazemos a partir de uma vivência litúrgica que é motivada por uma espiritualidade cristã, que nos leva a buscar o Cristo como a via e a verdade que nos coloca na presença do Senhor. No caminho de fé que percorremos, somos convidados a inteligir que:

> A espiritualidade cristã não é uma espiritualidade de desprezo do mundo, do corpo, da matéria, como poderia ser uma espiritualidade de sabor mais platônico ou oriundo de algumas correntes helênicas (estoicismo, orfismo etc.). Nem ao contrário, estamos aqui num materialismo ou sensualismo radical de busca do bem-estar individual a todo custo. Entre um extremo e outro, o critério é o seguimento de Jesus e, para tanto, é preciso conhecer muito bem como Jesus vivia (...), o que combatia e condenava. (SOARES, 2012, p. 109).

O conhecimento de Cristo nos faz vivê-lo e celebrá-lo como a porta que se abre para que atinjamos o Pai, escopo final de nossa caminhada de fé. No seu modelo de vida nos inspiramos para viver a fé na sua dinâmica profética, até que alcancemos os fins dos tempos. O Concílio Vaticano II nos ajuda a percorrer essa estrada, quando com sua reflexão pensou uma teologia litúrgica com sólidos fundamentos históricos, que tem o seu centro na celebração, que promove uma abertura ao *eschaton*. Acerca disso o liturgista espanhol Xavier Flores assevera:

> O conhecimento da história e dos livros litúrgicos nos quais estão compreendidas a reflexão, a celebração e a vida do cristianismo, proporcionam as bases para fundamentar uma teologia litúrgica que, hoje, como ontem, é chamada a refletir a vida de cada ser humano e de toda a Igreja,

> que se concretiza no *hodie* e se abre dinamicamente para a escatologia, como ação que será consumada na vida gloriosa do juiz eterno. (JAVIER FLORES, 2006, p. 429).

A liturgia da Igreja nos convida a celebrar a ação de Deus que agiu no passado, que age no hoje e continuará a agir até que atinjamos a eternidade. Como comunidade eclesial em todas as nossas ações litúrgicas, até atingirmos a eternidade rezaremos sempre: "vem Senhor Jesus". Essa é a prece da Igreja que se deixa alimentar pela esperança do Reino, pela realidade do já e ainda não.

É dentro da realidade celebrativa do Mistério Pascal que somos chamados a acolher a força do silêncio escatológico. Pois é ele que nos ajuda nessa marcha para Deus, por meio de Cristo, no Espírito, a viver já no hoje a liturgia que celebraremos na eternidade. Diante disso, "no mistério do culto cristão, que não é mais do que o mistério de Cristo, é fundamental a centralidade da Páscoa". (JAVIER FLORES, 2006, p. 430).

A Páscoa é o evento iluminador de toda a vida celebrativa cristã. Por isso, no culto cristão somos convidados a celebrar os atos salvíficos de Cristo. Toda a sua vida, missão, morte e ressurreição se fazem presentes na Igreja de forma sacramental. Por intermédio da celebração, "as mesmas ações de Cristo tornam-se objetivamente presentes em sua realidade supra-histórica em qualquer tempo e em qualquer lugar. Trata-se, portanto, da realidade divina acolhida e vivida nas realidades humano-temporais. (JAVIER FLORES, 2006, p. 431).

Dentro da perspectiva pascal, a liturgia cristã nos exorta a celebrar o silêncio escatológico de Deus. A sua ação no mundo, por meio do Filho, na força do seu Espírito, enquanto sua criação não atinge a plenitude. Nesse seu agir, Ele se revela a toda a Igreja e ao mundo, assim como ele é Uno e Trino. Por isso:

> A re-velação é a comunicação de Deus, que não se dá somente na palavra, mas também nos gestos e no silêncio: o Vaticano II fala das palavras e gestos intimamente conexos (cf. DV 2). Bem adverte o teólogo que a comunicação divina como aquela humana é dialética abertura de manifestação e de escondimento, de palavra, de gestos e de silêncio que abre ao homem o espaço da colaboração e da responsabilidade e permite dizer e reencontrar as raízes e razões da existência diante ao grande psicoanalista que é Deus, porque interlocutor invisível e silencioso da nossa invocação e palavra"[160]. (SCHINELLA, 2015, p. 647, tradução nossa).

[160] "La ri-velazione è la comunicazione di Dio, che non si dà solo nella parola ma anche nei gesti e nel silenzio: Il Vaticano II parla di parole e gesti intimamente connessi (cf. DV 2). Bem avverte il teologo che la comunicazione divina come quella umana è dialettica apertura di manifestazione e di nascondimento, di parola di gesti e di silenzio che apre all'uomo lo spazio della collaborazione e della responsabilità e permette di dirsi e di ritrovare le radici e

Por meio de gestos silenciosos Deus revela todo o seu amor misericordioso pela sua criação. Ele fala na brisa mansa, através da ação dos profetas, por meio de homens e mulheres anônimos, mas sobretudo por meio do seu Filho. Desse modo, não é demais recordar que através do Mistério Pascal do Filho, que se atualiza em cada celebração, o Pai continua a se comunicar com toda a sua criação. Diante deste mistério, que é expressão concreta do ápice da encarnação do Filho, podemos entrever que:

> O silêncio permite que a Palavra deixe o espaço e liberdade ao interlocutor humano, chamado a preencher os pontos brancos do silêncio de Deus com a sua interpretação, rendendo assim a comunicação divina a unidade da Palavra e do Silêncio, sobre o qual forma se modula também aquela humana[161]. (SCHINELLA, 2015, p. 648, tradução nossa).

A comunicação silenciosa de Deus se dá de uma forma dialógica. Ela é sempre exortativa, pois convida o homem e a mulher pela liturgia a celebrar a esperança do dia final. A certeza da participação do humano na vida do Filho. Pois, os membros da comunidade cristã devem alimentar, por meio da celebração do evento Pascal, a certeza de que um dia participaremos plenamente da vida divina de Cristo.

Chamados a participar da vida divina de Cristo, os membros da comunidade cristã precisam alimentar uma vida mística. Essa vida não nasce de uma experiência de fuga do mundo, mas de uma vida inserida na história humana, que para os cristãos é História da Salvação, lugar concreto da manifestação de Deus. Desse modo, o que agora nos ocupará é o estudo da relação entre vida mística e o silêncio sacramental.

### 3.13 A mística cristã e o silêncio sacramental

Em tempos hodiernos os cristãos, de muitos modos, são exortados a buscarem uma vida alicerçada na pessoa de Jesus Cristo. Nele a comunidade é chamada a viver sua vocação universal a uma vida de santidade. A santidade aqui não se confunde com a vida daqueles que alcançaram, na Igreja, as honras dos altares, mas com uma existência guiada pelos ditames do

---

le ragioni dell'esoistenza dinanzi al grande psicoanalista che è Dio, perché interlocutore invisibile e silenzioso della mostra invocazione e parola."

[161] "Il silenzio dona alla Parola di lasciare spazio e libertà all'interlocutore umano, chiamato a riempire i punti bianchi del silenzio di Dio com la sua interpretazione, rendendo così la comunicazione divina unità di Parola e di Silenzio, sulla cui forma si modula anche quella umana."

Espírito. Pois, como nos afirma a Constituição Conciliar sobre a Igreja *Lumen Gentium*, no número 9:

> Em qualquer tempo e nação, é aceito por Deus todo aquele que o teme e pratica a justiça (cf. At 10,35). Aprouve, no entanto, a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluindo toda a relação entre os mesmos, mas formando com eles um povo que o conhecesse na verdade e o servisse em santidade.

A santidade, como podemos observar, é fruto de uma experiência de vida em Cristo. Entre as muitas definições que podemos dar a esse modelo de existência, aqui aludimos a uma vida mística. Esse tipo de vida, dos primórdios da Igreja aos nossos dias, sempre foi oferecida a todos os seus membros, que pelo batismo passam a fazer parte dessa comunidade, cuja cabeça é Cristo. A vida litúrgica da Igreja nos permite tocar e inteligir tal realidade. A *Sacrosanctum Concilium* número 10 nos recorda isso quando afirma: "Da liturgia, portanto, e particularmente da eucaristia, como de uma fonte, corre sobre nós a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam como seu fim todas as obras da Igreja".

Uma vida mística se desdobra em uma existência santificada. Uma existência santificada significa um viver mergulhado no Mistério de Cristo. Que se alimenta por um exercício profundo de escuta e desejo de vivência da Palavra de Deus. "A prática da escuta, na tradição bíblica, está muito ligada à fé. É a escuta que funda o enraizamento crente". (MENDONÇA, 2016, p. 111). É no ato da escuta que o ser humano de fé percebe a que Deus o chama e, sobretudo, como viver o gesto de adesão a Ele, que na Igreja se expressa por meio da celebração dos sacramentos da iniciação à vida cristã.

Os iniciados à fé por meio dos sacramentos da iniciação à vida cristã, sem se isolarem da realidade, são exortados a uma vida mística. O liturgista italiano Andrea Grillo afirma: "Os sacramentos de iniciação cristã são essencialmente um contato entre a Igreja, Cristo, e um novo membro que começa a tocar e ser tocado por Cristo e pela Igreja". (GRILLO, 2017, p. 57).

A experiência de fé emerge de duas alteridades que se tocam. Isto é, Cristo passa a participar da vida da pessoa, que após escutar o anúncio da sua Boa Notícia adere a sua proposta de vida, e a pessoa que se deixar conduzir no Espírito, pelos caminhos de uma existência segundo a vida de Jesus. A partir daqui podemos afirmar que a liturgia é um dos elementos essenciais para mantermos a vitalidade de uma vida mística, que nasce do tato.

> A liturgia começa pelo tato. Quando se fala de ser iniciados na fé não se pode confiar exclusivamente na mente, nas noções, no saber. O que conta, na relação a ser instituída entre Cristo e o sujeito é, antes de tudo, o contato, o sabor, o perfume, o som, a ótica, o sentido. Por isso, devemos saber que nas ações rituais da fé cristã o sujeito faz uma experiência na qual entende estar imerso em uma ação que não lhe pertence, mas que não lhe é sequer estranha: ele compreende que é uma ação de Cristo e da Igreja, da qual ele se torna ministro. (GRILLO, 2017, p. 71).

A adesão a Cristo faz com que a existência de um cristão seja, não obstante os seus limites, verdadeiramente expressão da vida mesma de Cristo. Ele como enviado do Pai assumiu as dores e sofrimentos dos seus irmãos, a fim de libertá-los, no cumprimento da vontade do Senhor, na sua vida. Por isso, no ser humano que assume a fé em Cristo, contemplamos a Igreja, povo de Deus, sinal sacramental de Salvação. Acerca disso Ignacio Ellacuría assevera:

> Não é nenhuma novidade entender a Igreja como sacramento e, menos ainda, como sacramento de salvação. Jesus é o primeiro e fundamental sacramento de salvação, e a Igreja, como continuadora e realizadora de Jesus, participa, bem que derivadamente, desse mesmo caráter. A relativa novidade aparece quando se fala da Igreja como sacramento histórico de salvação[162]. (ELLACURÍA, 1984, p. 180, tradução nossa).

Os iniciados na vida da Igreja, por intermédio de uma existência em sintonia com o Evangelho, são chamados a dar um coerente testemunho da fé. A anunciar a Boa Notícia, não apenas com palavras, mas sobretudo com o testemunho de vida. São chamados a anunciar que: "a fé cristã não tem porque ser ópio eterno, nem tampouco apocalíptica ou milenarista; é uma semente pequena que pouco a pouco pode converter-se em uma grande árvore capaz de abrigar todos os homens"[163]. (ELLACURÍA, 1984, p. 214, tradução nossa).

Os membros dessa comunidade de fé que é chamada a abrigar a todos encontra na liturgia sua grande fonte de espiritualidade e o caminho para se atingir a Cristo e por Ele no Espírito alcançar o Pai. Desse ponto, podemos afirmar que a liturgia da Igreja é algo encarnado na realidade humana. Por meio dela, a Trindade se faz presente a Igreja, povo de Deus, e a comunidade se coloca na presença do seu Senhor. "Na celebração sacramental, a Igreja

[162] "No es ninguna novedad entender la Iglesia como sacramento y, menos aún, como sacramento de salvación. Jesús es el primário y fundamental sacramento de salvación, y la Iglesia, como continuadora y realizadora de Jesús, participa, bien que derivadamente, de esse mismo carácter. La relativa novedad aparece cuando se habla de la Iglesia como sacramento histórico de salvación."

[163] "La fe cristiana no tiene por quiser opio eternal, pero tampoco excitante apocalíptica o milenarista; es uma semilla pequeña que poco a poco puede convertirse em um gran árbol capaz de albergar a todos los hombres."

expressa, de forma festiva, o que ela é. A vida precede os sacramentos, conduz a eles e deles brota". (TABORDA, 2012, p. 217).

Na celebração dos sacramentos os cristãos são chamados a renovar sua vida de fé, por isso, a cada novo membro que a Igreja recebe ela celebra os frutos do anúncio da Boa Notícia, mas também é chamada a ressignificar a vida daqueles que já abraçaram a fé a algum tempo. Desse modo,

> a Igreja que inicia ao mistério de Deus e ao seguimento de Jesus Cristo é a Igreja, comunidade particular que se realiza entre pessoas concretas que se reúnem num determinado lugar para fortalecer-se mutuamente na fé, ouvindo a Palavra de Deus e celebrando os sacramentos. (TABORDA, 2012, p. 217).

Uma vida mística alimentada por uma sincera liturgia que une o céu à terra forma cristãos conscientes da sua missão discipular. Ajuda-nos a compreender a própria sacramentalidade da vida cristã. Pois a comunidade eclesial é "feita de pessoas que, guiadas pela ação do Espírito Santo, tentam viver sua conversão ao seguimento de Jesus, ou seja: sua fé". (TABORDA, 2012, p. 217).

A comunidade eclesial na sua prática oracional e celebrativa encontra uma frutuosa escola de espiritualidade. Isso porque, na liturgia a Igreja celebra toda a sua vida. (ELLACURÍA, 1978, p. 127). Aprofunda o senso de sua missão e envia aqueles que no mundo são chamados, a partir da vivência do Mistério Pascal, a continuar fiel e criativamente, na liberdade do coração os passos de Jesus. Em comunidade os membros da Igreja são chamados a evangelizar. Praticando uma comunhão que faz brotar, a partir das diferenças a unidade necessária para testemunhar a fé. A comunidade que testemunha "vive do dom de Deus que recebe por meio dos irmãos e das irmãs, e o celebra no sacramento como dom que é". (TABORDA, 2012, p. 218).

A vida mística que todo batizado é chamado a buscar como discípulo-missionário, nasce de uma relação de intimidade com Cristo. Tal intimidade nasce de uma experiência de encontro com a pessoa de Jesus, que se dá na fé de um modo pessoal e também comunitário. "Entre a fé de cada um e a fé dos demais membros da Igreja existe uma íntima conexão". (TABORDA, 2012, p. 220). No discipulado de Cristo, os membros da comunidade eclesial são exortados a viverem uma vida pessoal de oração, que impulsiona os encontros comunitários, onde na partilha das experiências de Deus os cristãos se ajudam, em vista de se alcançar uma fé madura, consciente e frutuosa. "O caráter comunitário, eclesial, da fé se expressa no apoio mútuo,

fraterno, entre os fiéis. É uma característica intrínseca à fé, justamente por tratar-se de fé no mistério de Deus". (TABORDA, 2012, p. 220).

Nesse caminho de aprofundamento da fé experimentado pessoalmente e comunitariamente, os membros da comunidade eclesial encontram, no gesto do silêncio sacramental, um espaço salutar para acolher a manifestação de Deus. Para sentir sua ação transformadora por meio do seu Espírito. Pois, o silêncio gera uma relação de intimidade entre o Criador e a criatura. "A pessoa que por sua natureza é relação, comunhão, no silêncio mergulha na profundidade e grandeza de seu ser. O silêncio tem muito a ver com proximidade e intimidade". (PALUDO, 2006, p. 101).

Na história da Igreja são muitos os místicos que encontram na via do silêncio sacramental um caminho frutuoso para se fazer a experiência de encontro com o Senhor. Com suas vidas e testemunhos os místicos nos ajudam a entender que: "Afastar o olhar e o coração do modelo de Jesus, que veio para ensinar o equilíbrio entre oração e trabalho, implica sempre o risco de ficarmos alienados de Deus ou da realidade". (SCIADINI, 2012, p. 205).

Os místicos nos ajudam a entender que o silêncio sacramental, experimentado dentro de uma realidade, nos forma para uma vida de fé, que tem como consequência a busca constante por uma existência que se assemelhe cada vez mais à própria existência de Cristo. No Documento de Aparecida, número 290, encontramos uma pertinente elucidação sobre o processo de formação para a fé cristã, quando afirma:

> Recordamos que o caminho de formação do cristão, na tradição mais antiga da Igreja, "teve sempre caráter de experiência, na qual era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo, anunciado por autênticas testemunhas". Trata-se de uma experiência que introduz o cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda riqueza de seus sinais. Desse modo, a vida vem se transformando progressivamente pelos santos mistérios que celebram, capacitando o cristão a transformar o mundo.

Uma das formas de encontro com o Senhor se dá por meio do silêncio, que não pode ser compreendido apenas como a ausência de palavras ou rumores. Na experiência de desenvolvimento da fé, os místicos cristãos nos ensinam que silenciar significa abrir-se para a atenta escuta do que o Espírito de Deus deseja nos comunicar, pois ser discípulo é dom que se destina a crescer. E na fé só crescemos quando nos deixamos envolver pelo Mistério que nos coloca em diálogo com Deus. Porque "o diálogo não é sufocar as palavras dos outros, mas deixar que o outro diga tudo o que se passa no coração". (SCIADINI, 2012, p. 138).

A relação entre vida mística e silêncio sacramental sempre nos desinstala. Nos retira de nossas zonas de conforto e nos lança no enfrentamento dos desafios que se colocam à fé. Esses não se apresentam como obstáculos insuperáveis, mas espaços de discernimento onde desenvolvemos nossa capacidade de acolher a voz do Espírito de Deus.

Uma sincera abertura ao Espírito, esta experiência nos ajuda a entender porque em tempos hodiernos a humanidade deseja e tem sede do silêncio. Paludo assevera:

> O homem moderno vive ocupado, buscando atender às inúmeras solicitações da contemporaneidade. A resposta pronta e eficiente ao leque de atividades pode causar tensões, angústias, ansiedade e stress. Por conta disso, o silêncio é buscado por muitos como caminho para o encontro consigo; para tomar distância em relação aos sentimentos de raiva e de ódio; para a luta contra as necessidades e desejos exagerados, contra a confusão das emoções não dominadas e contra a mania de sempre ocupar o centro das atenções. (PALUDO, 2006, p. 103).

A mística cristã e o silêncio sacramental contribuem para a solidificação de uma existência harmônica. Para a concretização de relacionamentos intersubjetivos, capazes de gerarem laços de fraternidade. Pois, "o silêncio, além de harmonizar, potencializa as pessoas a agirem com objetividade e liberdade". (PALUDO, 2006, p. 103). A vida litúrgica da Igreja nos ajuda a celebrar a liberdade que alcançamos como cristãs, quando nos deixamos guiar pela Palavra que escutamos, meditamos e celebramos "*per ritus et preces"*.

O silêncio sacramental, que contribui para a solidificação de uma profunda existência mística, nos aponta que uma vida equilibrada nasce do exercício de saber silenciar-se, que nos ajuda a viver a dimensão do autocontrole de nossos gestos e ações indesejáveis, como forma e abertura para as constantes experiências de conversão, que têm como consequência o amadurecimento da fé. Aqui não é demais afirmar: "o caminho da perfeição leva ao silêncio de ser e de só ser". (PALUDO, 2006, p. 103).

Como podemos observar, o silêncio sacramental exerce um importante papel na construção de uma bem alicerçada vida mística. A qual de modo algum distancia o ser humano de fé de sua realidade, mas o faz ver Deus presente em meio aos fatos e às pessoas que se encontram ao seu redor.

Na liturgia, o ser humano é chamado a alimentar e a celebrar a sua vida de fé em Cristo. A unir-se mais intimamente ao Senhor e a se deixar moldar pelo Espírito, assim como o barro pelas mãos do oleiro. Por isso, o silêncio sacramental nas ações litúrgicas da Igreja significará:

> Um adentrar-se no espírito da ação ritual e um entregar-se ao Mistério celebrado. Ao mesmo tempo que o silêncio evoca, ele conduz à contemplação do Mistério de Cristo atualizado na ação ritual sob a ação do Espírito. Por isso, o silêncio supõe abertura à ação do Espírito que age silenciosamente. (PALUDO, 2006, p. 107).

Sendo assim, vida mística e silêncio sacramental caminham juntos. Pois o místico não é aquele que foge ao mundo, mas que sabe no mundo recolher-se para escutar os apelos do Espírito, que o coloca a serviço da conquista do Reino. Desse modo, após termos estudado a relação entre vida mística e silêncio sacramental o que agora nos ocupará é a tratativa da importância do silêncio como caminho mistagógico para se alcançar o Mistério da fé.

### 3.14 O silêncio litúrgico como caminho mistagógico para se atingir o Mistério

Na construção desta nossa pesquisa, temos procurado ressaltar a importância do silêncio litúrgico, mas ao mesmo tempo evidenciar aquelas questões que se apresentam como empecilhos para sua vivência dentro da experiência celebrativa que a comunidade cristã faz de encontro com o Mistério. Na liturgia esse encontro se dá por intermédio da nossa corporeidade. Desse modo,

> A liturgia e os sacramentos, então, se apresentam como ações na quais o homem age com a sua estrutura psicossomática, ou são a corporeidade da fé, o corpo crente que vem à luz e toma forma na ação celebrativa, posicionando-se no espaço-tempo ritual de uma tradição eclesial[164]. (GIRARDI, 2002, p. 62, tradução nossa).

Partindo do texto apenas citado, podemos afirmar que na ação litúrgica todos os nossos sentidos são envolvidos. É por meio do nosso corpo que experimentamos a ação celebrativa. Por meio, da nossa corporeidade acolhemos e celebramos a revelação de Deus na história.

> Emerge aqui o tema da sacramentalidade da revelação: Deus, querendo comunicar-se aos homens, fez sim que estes o possam encontrar, por intermédio da dimensão corpórea (e, portanto, histórica e cósmica também) que lhe é própria; o homem, a sua volta, se abre a Deus na fé ativando-se e

[164] "La liturgia e i sacrementi, dunque, si presentano come azioni in cui l'uomo agisce com la sua strutura psicossomática, ossia sono la corporeita della fede, il corpo credenteche viene alla luce e prende forma nell'azione celebrativa, posizionandosi nello spazio-tempo rituale di uma tradizione ecclesiale."

> situando-se na própria corporeidade[165]. (GIRARDI, 2002, p. 62, tradução nossa).

Como podemos observar, não dá para celebrar sem levar em consideração a dimensão da corporeidade. Quando celebramos é todo o nosso corpo, com a riqueza de seus sentidos, que é chamado a ir ao encontro do Senhor. A encontrar em Cristo o Mistério que se fez carne e estabeleceu-se entre nós. Desse modo, as ações litúrgicas da Igreja não nos tiram de nosso corpo, mas por meio dele nos faz tocar o Mistério, com toda a sua riqueza. Por isso, se assevera:

> A liturgia, por si, não contém momentos que pertencem puramente à alma. Quando também a expressividade externa fosse reduzida ao mínimo (por exemplo, a uma postura de manter-se em silêncio contemplativo), aqueles momentos não delimitam um espaço interior avulso do contexto celebrativo e independente da sequência celebrativa na qual se encontra colocado[166]. (GIRARDI, 2002, p. 63, tradução nossa).

O que podemos observar é que a liturgia é um ato celebrativo em que o corpo, os sentimentos e o espírito estão sempre em diálogo. Desse modo, só podemos viver a liturgia quando a totalidade do ser humano se deixa envolver pela força do mistério trinitário da fé. É toda a pessoa que celebra e não parte do seu corpo, alma ou espírito. Essas três dimensões da pessoa se envolvem no ato celebrativo, a fim de que através delas o humano possa atingir a dimensão do mistério que nunca de esgota. "A liturgia celebra a fé através da ativação do homem na sua corporeidade: procede através de sequências de palavras, cantos, silêncios, gestos, movimentos, ações corporais que envolvem seja os sentidos do homem seja as realidades do mundo"[167]. (GIRARDI, 2002, p. 63, tradução nossa).

Em nossas ações litúrgicas, por meio do seu corpo e dos símbolos, o humano é chamado a encontrar-se com o Mistério, que é o próprio Cristo, o centro e sentido último da liturgia. Assim sendo, a exterioridade da liturgia não é vazia, quando os símbolos se tornam canais concretos de transmissão da fé. Toda a comunidade cristã celebra por meio de ritos e preces,

---

[165] "Emerge qui il tema della sacramentalità della rivelazione: Dio, volendo comunicarsi agli uomini, há fato sì che questi lo possano, incontrare attraverso la dimensione corporea (e quindi anche storica e cósmica) che è loro própria; l'uomo, a sua volta, si apre a Dio nella fede attivandosi e situandosi nella propria corporeità".

[166] "La liturgia, di per sé, non contiene momenti che appartengono puramente all'anima. Quand' anche l'espressività externa fosse ridota al mínimo (per esempio, a una postura mantenuta in um silenzio contemplativo), quei momenti non delimitano uno spazio interiore avulso dal contesto celebrativo e independente dalla sequenza celebrativa in cui si trova collocato."

[167] "La liturgia celebra la fede attraverso l'attivazione dell'uomo nella sua corporeità: procede attraverso sequenze di parole, canti, silenzi, gesti, movimenti, azioni corporali che coinvolgono sai i sensi dell'uomo sai le realtà del mondo".

gestos e símbolos, palavras e silêncio. Tudo isso deve ser vivido à luz do Espírito, e encontrar nas escrituras um alicerce seguro.

> A liturgia é a celebração do Mistério de Cristo ao qual se participa por meio da mediação corpórea dos ritos e das orações. Os gestos e palavras da celebração pedem para serem livremente assumidos como expressão da fé e, portanto, como atuação da própria identidade do crente; mas ao mesmo tempo eles colocam a fé em relação com o Deus da história da salvação, ao qual são objetivamente referidos e do qual recebem significado e inserem cada crente dentro da comunidade eclesial, a qual cuida a tradição litúrgica daqueles gestos e daquelas palavras[168]. (GIRARDI, 2002, p. 65, tradução nossa).

É na perspectiva da recuperação e valorização do corpo como espaço de encontro com o Mistério de Cristo que podemos tratar do silêncio litúrgico. Todavia, a esse ponto desejamos apontá-lo como um meio para se acolher o Mistério da fé.

Na experiência cristã, uma das formas que a Igreja encontrou para aproximar as pessoas do Mistério foi o método mistagógico. A mistagogia, como sabemos, não é em primeiro lugar um trabalho racional, para se conhecer ou aproximar-se do Mistério da fé, mas é ela um caminho experiencial da própria realidade do Mistério revelado. A mistagogia é um processo que todos nós somos chamados a fazer, a fim de inteligirmos o que são as bases da nossa fé. Por isso, Boselli afirma:

> A mistagogia está intimamente ligada à realidade do mistério de Deus, está ordenada àquele mistério do qual a liturgia é epifania. Falar de mistagogia significa dirigir-se, imediatamente, às catequeses e às homilias com as quais alguns entre os mais importantes Padres da Igreja – como Cirilo (ou João) de Jerusalém, Ambrósio de Milão, João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia – introduziam os catecúmenos ou os neófitos ao conhecimento do significado do Batismo e da Eucaristia e, mais em geral, à compreensão dos elementos maiores da liturgia cristã. (BOSELLI, 2017, p. 17).

Uma ação litúrgica por si mesma então é mistagógica, pois nela somos conduzidos ao coração do mistério que celebramos e atualizamos por meio dos ritos e preces. Por isso, o silêncio litúrgico nos coloca em unidade com o silêncio da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. (ELLACURÍA, 2003, p. 216). Nos ajuda a inteligir e a celebrar o mistério que envolve

[168] "La liturgia è la celebrazione del mistero di Cristo al quale si participa attraverso la mediazione corporea dei riti e delle preghiere. I gesti e le parole della celebrazione chiedono di essere liberamente assunti come expressione della fede, e quindi come attuazione della propria identità credente; ma nello stesso tempo essi pongono la fede in relazione com il Dio della storia della salveza, alla quale custodisce la tradizione liturgica di quei gesti e di quelle parole."

a ascensão de Jesus, a vinda do Espírito sobre a comunidade discipular, bem como a missão que se inicia em meio às perseguições. Assim sendo, com Boselli asseveramos que a mistagogia também é:

> A explicação oral ou escrita do mistério escondido na Escritura e celebrado pela liturgia. A mistagogia é, ao mesmo tempo, conhecimento do mistério contido nas Escrituras e conhecimento do mistério contido na liturgia. O objetivo de conhecimento é único: o mistério de Deus. As modalidades de expressão do mistério são duas: a Escritura e a liturgia. E o método de conhecimento é para ambas um só: a mistagogia. (BOSELLI, 2017, p. 18).

Como podemos observar, o silêncio na liturgia é algo de estimável valor. Ele não nos tira da realidade, mas nos faz estar plantados nela para compreendermos que na liturgia celebramos a fé e a vida. (ELLACURÍA, 2003, p. 220). E podemos celebrar esses dois elementos, pois as Escrituras são norma da liturgia. “Nesta estreita vinculação entre Escrituras e liturgia está todo o entendimento espiritual que os Padres intuíram e concretizaram por meio da mistagogia. Nela está também toda a atualidade da mistagogia para a Igreja do nosso tempo”. (BOSELLI, 2017, p. 19).

Em tempos hodiernos escutamos falar de um importante regaste do diálogo entre liturgia e Sagradas Escrituras. Isso demonstra os resultados da teologia litúrgica pensada à luz do Concílio Vaticano II e que contribuiu para resgatar sua função também educativa. Quando tratamos do tema do silêncio litúrgico e mistagogia, colocamos em evidência a importância desses dois elementos para pensarmos ações litúrgicas que sejam capazes de conduzir a comunidade a um mergulho profundo no Mistério Pascal. Auxiliando a comunidade eclesial a encontrar na liturgia, que se alicerça nas Escrituras, uma fonte inesgotável de espiritualidade. Isso porque “a mistagogia é, consequentemente, o conhecimento do mistério narrado pelas Escrituras e celebrado pela liturgia”. (BOSELLI, 2017, p. 32).

O silêncio litúrgico proposto em diversas partes de uma ação litúrgica, sobretudo na celebração da eucaristia, é um caminho salutar, que possibilita aos membros da comunidade eclesial inteligir a importância de se deixar envolver pelo mistério que a liturgia nos convida a celebrar. Aqui podemos até afirmar que aquilo que a *lectio divina* é para a busca de um maior conhecimento sobre as Sagradas Escrituras, a mistagogia é para a liturgia uma intelecção espiritual de Cristo.

Nessa linha Boselli, utilizando-se de uma célebre frase de São Jerônimo, vai asseverar:

> A mistagogia é, portanto, a real possibilidade de atribuir também à liturgia a conhecida frase de Jerônimo: *Ignoratio Scripturarum, ignoratio Christi est (*não conhecer as Escrituras significa não conhecer Cristo). Do mesmo modo, *ignoratio liturgiae, ignoratio Christi est:* (não conhecer a liturgia significa não conhecer Cristo (BOSELLI, 2017, p. 32).

A comunidade eclesial somente passará a valorizar a dimensão do silêncio sacramental quando ela de fato inteligir o que é a liturgia. Superando uma ideia rubricista, juridicista e estética, que acaba ocultando uma ideia teológica, e que coloca diante dos nossos olhos a riqueza do Mistério Pascal para a vida da Igreja. Mistério que ao ser celebrado e experimentado, sobretudo por intermédio do gesto do silêncio, faz da própria ação litúrgica uma antecipação do novo céu e da nova terra. Na Igreja a unidade entre liturgia e vida cotidiana deve se configurar como uma prática constante. Por isso, como nos assevera o liturgista Felipe Marques: "Quando Deus passa em nossa história, tornando mais humana a vida do seu povo, então é preciso que isso seja proclamado e celebrado na liturgia, como Páscoa de Cristo acontecendo na páscoa de gente". (MARQUES, 2017, p. 69).

Em tempos hodiernos observa-se a necessidade, na esteira da Reforma Litúrgica, de se formar o povo de Deus para bem celebrar o memorial da História da Salvação. As comunidades eclesiais do mundo contemporâneo não podem se deixar levar por celebrações litúrgicas que mais nos distanciam do Mistério, por valorizarem o fausto. Precisamos voltar às fontes da vida cristã. Resgatar os sinais próprios da vida litúrgica da Igreja, e a partir deles atingirmos o Mistério Pascal e por ele nos deixarmos formar, por meio dos ritos e preces.

> A formação litúrgica tem a ver estruturalmente com a espiritualidade, porque indica um novo início e uma nova realização do ser espiritual, colocando-o precisamente no coração da experiência litúrgica, no mistério do culto, no corpo que celebra ações rituais e que fala linguagens simbólicas. (MARQUES, 2017, p. 71).

Desse modo, quando nos referimos à formação litúrgica, buscamos evidenciar a necessidade das nossas comunidades se deixarem formar pela própria liturgia, isto é, por toda ação ritual. Eis uma tarefa importante que se apresenta a Pastoral Litúrgica, a fim de que o silêncio seja de fato um caminho mistagógico, que conduza toda a comunidade eclesial ao encontro do Mistério Pascal, que deve alimentar toda a vida eclesial.

> Uma educação ritual séria e adequada não é entendida como formação para a liturgia, ou ainda como uma série de explicações abstratas, conteúdos bíblicos-

> catequéticos, morais, esclarecimentos sacramentais, mas se refere a um deixar-se ser conduzido pela formação que a liturgia mesmo realiza. (MARQUES, 2017, p. 71).

Na perspectiva do nosso objeto de estudo que é o silêncio, mais do que nunca, em meio aos rumores que atrapalham a sua vivência, precisamos resgatar a importância que ele assume em nossas ações litúrgicas, sobretudo pela sua força real de nos colocar na presença do Mistério de Cristo. Porém, para que atinjamos tal escopo é preciso superar o ativismo litúrgico que nos distancia do Mistério que dá à liturgia sua razão de existir e ser vivida no seio da comunidade eclesial. Uma liturgia bem celebrada é para toda a Igreja um frutuoso trabalho de evangelização. Um caminho salutar para que nossas comunidades eclesiais continuem a alimentar sua verdadeira vocação profética.

## Conclusão parcial

Nos últimos tempos, à luz do Concílio Vaticano II, foram muitos os avanços vivenciados pela liturgia da Igreja em vista de uma participação ativa, frutuosa, plena e consciente. Entre os muitos elementos litúrgicos valorizados nessa caminhada encontramos o resgate do silêncio litúrgico como realidade sacramental. À luz do pensamento metafísico zubiriano, procuramos analisar a importância desse elemento para a vida litúrgica da Igreja, sobretudo, para promover a participação ativa, plena, frutuosa e consciente dos fiéis na liturgia.

Desse modo, neste capítulo procuramos resgatar esse caminho mostrando como a partir do sacramento fundamental de Jesus Cristo, o silêncio não pode ser compreendido apenas como a ausência de palavras ou espaços protegidos por rumores externos. O silêncio é mais que tudo isso. É o próprio Mistério de Deus, que em Cristo se torna revelado a toda a comunidade cristã.

Para a comunidade eclesial o silêncio deve ser um caminho mistagógico, pelo qual podemos tocar o Mistério da Fé. Envolvidos por esse mistério somos chamados a viver a nossa experiência de fé, sob o impulso do Espírito, que faz a Igreja caminhar e responder positivamente ao mandato de Jesus: “fazei isto em minha memória”.

Em tempos que se busca retroceder na caminhada litúrgica engendrada pelo Concílio Vaticano II, a Igreja encontra na prática do silêncio litúrgico um elemento essencial para que suas decisões emerjam de fato de uma intensa vida de oração, que leva seus membros a escutar os apelos do Espírito.

A abertura da comunidade eclesial para escutar o Espírito é prova de que seus membros não se deixam levar pela tentação de projetos pessoais, mas por uma motivação comunitária, que os leva a ser presença atuante e transformadora de Cristo no mundo. Assim, como Deus sabe se silenciar, como comunidade cristã devemos fazer o mesmo. Pois, o silêncio litúrgico-sacramental é diálogo entre Deus e o ser humano de fé. É exortação para a construção de uma liturgia capaz de ser no mundo anúncio e celebração profética de novos tempos.

Enfim, o silêncio litúrgico como realidade sacramental continua sendo um desafio para a Pastoral Litúrgica. Pois, ele precisa ser acolhido como elemento integrante da liturgia. Através dele nos abrimos à realidade do mistério, que se revela por intermédio da Palavra proclamada. Jesus assumiu nossa realidade humana para nos ensinar a ver o mais divino no mais humano e o mais humano no mais divino.

# CONCLUSÃO

A Ciência Litúrgica nos últimos anos vem se abrindo cada vez mais para tratar dos grandes temas da liturgia, a partir de estudos que levem em consideração a dimensão da interdisciplinaridade como elemento essencial para se fazer ciência no mundo contemporâneo. Evidente que isso exige daquele que se coloca a estudar e a construir uma pesquisa acadêmica, a partir desse princípio, a disponibilidade e a destreza para estabelecer um diálogo entre as ciências utilizadas, sem anular seus estatutos epistemológicos.

Nesta nossa pesquisa sobre a realidade do silêncio litúrgico-sacramental procuramos estabelecer um diálogo entre Ciência Litúrgica e o pensamento metafísico e noológico do audacioso, criativo e pertinente filósofo espanhol Xavier Zubiri. Como pudemos observar durante a construção desta pesquisa, esse pensador, diante de uma total dissociação entre sentir e inteligir, apresentou a partir de um conjunto de termos que a intelecção humana é senciente, aqui encontra-se a grande novidade dos seus estudos. Para seu tempo, isso representou um giro copernicano e para o nosso se apresenta como um caminho possível para repensar nosso quefazer teológico, que muitas vezes nasce de termos, mas não tem na realidade as suas bases.

No decorrer da construção do trabalho pudemos observar e constatar a pertinência desse pensador para a construção de uma Ciência Litúrgica que procura valorizar elementos essenciais no que se refere à questão do *homo celebrans*, a saber: a antropologia, a Revelação, as Sagradas Escrituras, a semiótica, a arte, a música e diversos outros elementos que nos ajudam a pensar a vida celebrativa da Igreja, que deve formar por intermédio de *ritus et preces*, para uma vida discipular, todos os que tomam parte de uma assembleia celebrante. À luz do Concílio Vaticano II, somos cônscios que a vida litúrgica da comunidade eclesial exerce um papel fundamental na formação do povo de Deus. Nas experiências celebrativas, somos formados para uma participação ativa, consciente, plena e frutuosa na liturgia. Nela não somos meros espectadores, mas com o Espírito protagonistas, que por meio da ritualidade e eucologia celebram e atualizam a História da Salvação.

Desse modo, diante da variedade dos temas tratados pela Ciência Litúrgica, nos vimos estimulados a nos dedicarmos a um elemento essencial que, sobretudo após a reforma e renovação promovidas pelo Concílio Vaticano II, à luz *da Sacrosanctum Concilium,* ganhou um espaço significativo nas discussões que procuram abordar os gestos, palavras, símbolos e sinais que se encontram nos ritos presentes nos livros, que norteiam a vida celebrativa da

comunidade cristã. O tema que elegemos e sobre o qual nos debruçamos para construir este nosso estudo, foi o do silêncio. Em um mundo marcado por tantos barulhos, que nos levam a não suportar o silêncio e a defini-lo erroneamente como fuga da realidade, nosso propósito foi apresentar a sua pertinência e necessidade para uma comunidade que é chamada a continuar a presença da realidade Jesus Cristo no mundo, celebrando e atualizando seu Mistério Pascal.

Como já pudemos apontar, esta nossa pesquisa foi elaborada a partir de um estudo interdisciplinar. O diálogo entre Ciência Litúrgica e pensamento zubiriano nos estimulou a nos aproximarmos das fontes litúrgicas com um olhar mais amplo, observando que antes mesmo de qualquer tipo de sistematização teológica, a comunidade eclesial celebrou o Mistério Pascal, a fim de inteligi-lo entre as outras coisas e por fim, por meio de uma marcha inteligir o que ele é em realidade.

Desse modo, para compreender a questão da realidade do silêncio litúrgico-sacramental à luz da metafísica zubiriana foi necessário a desconstrução de uma ideia de que pelo fato de estar apresentado nos livros litúrgicos, o silêncio já se realiza. À luz da ritualidade devemos inteligir que o silêncio só será vivido pela comunidade cristã quando mistagogicamente os membros da Igreja forem conduzidos à sua experiência.

Aqui precisamos evidenciar que o silêncio litúrgico não significa apenas ausência de ruídos. Mas uma essencial experiência de mergulho no mistério que fundamenta a vida cristã e nos religa a Deus, a Realidade Suprema. Desse modo, não basta a comunidade ter diante dos olhos um indicativo de que o silêncio é um gesto litúrgico. É preciso inteligir que por meio dele tocamos o mistério que alicerça nossa fé e nos coloca em marcha para que nos configuremos a Ele.

Diante disso existem alguns verbos que nos ajudam a inteligir os passos a serem dados para que o silêncio litúrgico-sacramental seja acolhido como espaço da revelação de Deus ao ser humano, por intermédio da oração comunitária cristã. Os verbos são os seguintes, entre muitos outros: fomentar, renovar, promover, adaptar, simplificar, participar, conservar, progredir. Esses verbos foram recolhidos no decorrer do nosso estudo da *Sacrosanctum Concilium*. Nesse documento conciliar, sobre a vida litúrgica da Igreja, encontramos diversos elementos que nos ajudaram a inteligir a urgente tarefa do silêncio litúrgico e a necessidade de resgatar sua sacramentalidade à luz das Sagradas Escrituras, Tradição e Magistério eclesial.

Antes de apresentarmos a importância desses verbos acima citados, para o resgate da realidade do silêncio litúrgico-sacramental, precisamos ressaltar a necessidade da vivência do

silêncio como passagem do universo dos ruídos, que nos tornam surdos para o universo da serenidade que nos reporta ao Mistério Cristo, que celebramos e atualizamos na liturgia. É nesse mistério que somos chamados a viver como cristãos. É ele que alimenta nossa fé e na esteira do Espírito nos faz caminhar na comunidade eclesial, ampliando casa vez mais nosso senso de pertença ao povo da nova e eterna aliança. Nos ajudando a experimentar a passagem da *lex orandi* para *lex credendi*, a fim de atingirmos a *lex vivendi*.

Retomando os verbos que acima citamos, desejamos em primeiro lugar afirmar, a partir de nossa pesquisa, que em tempos hodiernos a Igreja precisa fomentar o silêncio litúrgico. Uma ideia distorcida sobre a participação dos fiéis na liturgia transformou as nossas ações litúrgicas em momentos que falamos a Deus, mas não permitimos que Deus fale à comunidade. Assim sendo, na esteira da renovação da liturgia, promovida pelo Concílio Vaticano II, faz-se mister, no seio da comunidade cristã, darmos continuidade a um processo de fomentação de uma vida litúrgica, que resgate o sentindo memorial da liturgia. Isso contribuirá para a formação de assembleias, constituídas por pessoas que sabem dialogar com o Mistério Pascal. Aqui o silêncio se apresenta como uma via contundente para se atingir o tão necessário e crível diálogo entre Deus e seu povo, de modo particular e comunitário.

Nesse processo de renovação um segundo verbo que nos ajuda a entender a necessidade do silêncio-litúrgico é o reformar. A Igreja, por muitos anos, sobretudo por meio dos responsáveis pela presidência dos sacramentos e sacramentais, realizou celebrações que negavam ao povo de Deus o direito de experienciar a liturgia. As práticas litúrgicas em vigor distanciavam os membros da comunidade cristã do próprio Mistério Pascal. Para isso foi preciso reformar a liturgia. Foi dentro desse processo que o silêncio aparece como um gesto ritual, parte integrante da liturgia e não adendo. Por isso, em tempos de retrocesso nas práticas litúrgicas, de um saudosismo estéril, precisamos continuar o projeto do Movimento Litúrgico, que se encontra em pleno vigor e entre as suas muitas tarefas trabalhando para que os ritos e orações reformados conduzam a comunidade cristã ao coração do mistério que ela é chamada a celebrar e a apresentar ao mundo contemporâneo, onde Deus habita, age por meio do Filho, no Espírito.

Uma liturgia reformada exige que ela seja promovida. Por isso, outro importante verbo que devemos observar na busca pela vivência do silêncio litúrgico- sacramental é o promover. A promoção do silêncio em nossas ações litúrgicas perpassa pela capacidade de vivermos o ato celebrativo como momento de verdadeiro encontro com o mistério, que é o Cristo, e que nos coloca com a força do seu Espírito na presença do Pai. O trabalho da reforma litúrgica se torna sem significado para a Igreja, quando essa, ao renovar e reformar sua liturgia, não se esmera

em promovê-la, a fim de que aqueles que dela participam possam verdadeiramente dela se alimentarem, com o escopo de viver o seguimento de Cristo como forma de se identificar, cada vez mais, com Ele, no testemunho de sua Palavra, na observância da vontade de Deus e no cumprimento de sua justiça.

O silêncio litúrgico-sacramental em primeiro lugar não é uma teoria, mas uma experiência que somos chamados a viver dentro de uma realidade concreta. Aqui surge outro verbo que auxilia na sua promoção que é o adaptar. A adaptação litúrgica não significa promover o esvaziamento do Mistério Pascal, mas é saber comunicá-lo, por intermédio do imenso universo de símbolos, sinais, gestos e palavras que comportam o ato litúrgico. O ato de adaptar testemunha o agir litúrgico da Igreja, que busca apresentar a liturgia como um direito de todos. O silêncio litúrgico-sacramental não é somente uma exigência para aqueles que presidem as celebrações, mas para todos que tomam parte de uma assembleia celebrante. Ele deve ser experimentado como uma realidade sacramental antes, durante e depois das ações litúrgicas. Por isso, cabe aos pastores e àqueles que se dedicam à Pastoral Litúrgica encontrar as vias necessárias para que nossas assembleias celebrantes vivenciem, de modo adequado, o gesto do silêncio como momento de atualização do mistério da nossa salvação.

Um outro verbo que nos ajuda a pensar à realidade do silêncio litúrgico- sacramental é o simplificar. Ao promover a reforma litúrgica os padres conciliares não lançaram mão de revisar os ritos e as preces utilizadas pela comunidade cristã para prestar o culto a Deus, em vista da santificação do ser humano. A simplificação dos ritos e preces, que se fez ver no nascimento dos livros reformados e revistos à luz do Concílio Vaticano II, demonstra o resgate da Teologia do Mistério Pascal, celebrado e atualizado pelas ações litúrgicas da Igreja. A retomada do gênio da liturgia romana, isto é, da sua nobre simplicidade auxiliou para evidenciar os muitos elementos e gestos que nos ajudam a celebrar o mistério da nossa fé. Entre esses gestos ganhou um espaço importante aquele do silêncio. Que nos atos litúrgicos passou a ser inteligido como momento importante para a acolhida e experiência do mistério celebrado e atualizado pela *Ecclesia orans*.

Com a simplificação dos ritos e preces, que vem dando novo impulso à vida litúrgica da Igreja, não poderíamos deixar de anotar aqui o verbo participação. O tema da participação na liturgia recebeu uma atenção toda particular antes, durante e depois do Concílio Vaticano II. Porém, muitos foram os equívocos gerados sobre tal participação. No entanto, o que podemos afirmar é que ela só é possível quando nos deixamos educar pelos ritos e preces que motivam nossa oração comunitária. Na esteira dos novos livros litúrgicos é possível encontrar o silêncio

litúrgico-sacramental como um salutar modo de participação na liturgia. Um caminho que demostra que a liturgia é sempre feita de palavras e silêncio, gestos e símbolos. Esses gestos se completam e conduzem a comunidade eclesial a viver na liturgia terrena, o que nos aguarda na eternidade.

No processo de renovação da vida litúrgica da Igreja um importante trabalho foi aquele da análise criteriosa de textos eucológicos e de todos os ritos que chegaram até os dias hodiernos e que contribuíram, mesmo com alguns prejuízos, para a Igreja viver sua experiência de comunidade orante. No caminho foi necessário pensar naquilo que deveria ser preservado e aquilo que já não mais contribuía para conduzir a comunidade orante a um encontro frutuoso com o Mistério Pascal. Aqui recordamos o verbo conservar. Ao analisar os ritos e preces foi necessário conservar os símbolos, sinais, gestos e palavras que colocavam em evidência o mistério celebrado e tolher das ações litúrgicas aqueles elementos que anulavam o caráter memorial da liturgia, a transformando em uma ação teatral. Mesmo após 60 anos da publicação da *Sacrosanctum Concilium*, sabemos que a reforma litúrgica não atingiu sua plenitude. Por isso, o que se constata é que aquilo que foi conservado e restaurado na liturgia nos aponta para sua dinamicidade. Isso se comprova quando tratamos da prática do gesto do silêncio, que foi preservado e retomado por todos os livros litúrgicos. Esse é como um importante fio de ouro, que vai alinhavando os ritos e preces, que dão dinamicidade a uma assembleia em oração.

Neste sentido podemos falar de um último verbo que é o progredir. Não basta pensar a reforma da vida litúrgica da Igreja. Faz-se necessário inteligir como essa reforma e renovação que se estenderá a toda a comunidade eclesial. Um dos grandes avanços da reforma litúrgica se faz ver no empenho de conduzir toda a comunidade eclesial à intelecção de que a liturgia é uma fonte perene de espiritualidade. Com isso, busca-se recuperar a liturgia como um direito de todo o povo de Deus, superando a ideia de que ela é um direito apenas do clero. Trabalhar pelo progresso da vida litúrgica é dedicar-se a um importante trabalho de recuperação do seu sentido último para a vida eclesial, celebração e atualização do Mistério Pascal, em torno do qual gira toda a vida da comunidade eclesial.

Os verbos que acima citamos apontam o norte desta nossa pesquisa na qual procuramos colocar em relevo a dimensão da realidade sacramental do silêncio litúrgico para a comunidade cristã. Como já indicamos, isso se tornou possível com o suporte do pensamento metafísico de Xavier Zubiri. Esse pensador nos abriu muitas janelas para pensar o silêncio como algo inteligido sencientemente. Na liturgia não nos encontramos em primeiro lugar para uma

formação acadêmica, mas para a celebração de um mistério, que se encontra inserido dentro de uma realidade.

Além do pensamento zubiriano, precisamos evidenciar que as mudanças engendradas pelo Concílio Vaticano II, no que se refere à vida litúrgica da Igreja, nos ajudaram a pensar a sacramentalidade do silêncio em cada ato celebrativo, e os vários momentos em que somos convidados a experimentá-lo, quando nos reunimos em comunidade para nossa oração em comum.

Pode parecer estranho, em meio à sociedade dos ruídos, dedicarmos algumas páginas à temática do silêncio e sua pertinência sacramental. Todavia, nosso objetivo com este trabalho é o de demostrar que a vida cotidiana de um cristão não pode de modo algum ser dissociado da sua vida de fé. A liturgia, com a riqueza de seus gestos, palavras, sinais e símbolos, só tem sentido quando conseguimos encontrar nela um caminho para alimentarmos o significado da nossa existência. Isso porque na liturgia celebramos a História da Salvação acontecendo na vida da comunidade.

Desse modo, o silêncio litúrgico-sacramental mais que uma rubrica é um gesto litúrgico, que deve ser cada vez mais procurado pelos membros da comunidade eclesial. Sobretudo, se desejamos recuperar o sentido de uma vida cristã marcada por uma mística que nos faz marchar em busca do reino. O silêncio não é um adendo da liturgia, mas espaço de manifestação de Cristo, por meio do qual atingimos o Pai, sob o impulso do Espírito Santo, doado a toda comunidade cristã, no dia de Pentecostes.

A tratativa do tema do silêncio litúrgico nos impulsiona a pensar a qualidade com que buscamos viver esse gesto nas liturgias, que somos chamados a engendrar ao lado dos outros membros da comunidade cristã. A inteligir como esses momentos nos auxiliam a viver processos de *metanoia*, tão necessários para vivermos experiências *kenóticas*, que despertam em nós modos diferentes e proféticos de viver a fé e a dimensão do seguimento e anúncio do evangelho.

Como sabemos, a Igreja é chamada em primeiro lugar a evangelizar. A apresentar o Cristo, definido pelas páginas das Sagradas Escrituras como Caminho, Verdade e Vida. Realidade através da qual nos unimos ao Pai e partimos em missão, alimentados pela liturgia.

Buscar a vivência do silêncio litúrgico não é omitir-se diante das situações que afetam a existência humana, mas é encontrar os caminhos possíveis para dar vida à Palavra que escutamos e atualizamos pela liturgia. Interpelados pelo Espírito, que dá vida à liturgia da

Igreja, somos exortados a encontrar no silêncio litúrgico a mola propulsora de novos tempos, o estímulo necessário para a conquista de um novo céu e uma nova terra.

Sob a inspiração do evangelho, a comunidade eclesial é chamada a viver a dimensão do silêncio litúrgico. Recuperando seu importante papel educativo. Educação que se dá por meio de *ritus et preces*, e de um modo senciente. É urgente e necessário superarmos em nossas ações litúrgicas todos os elementos que geram a dispersão, que impedem a Igreja de mergulhar no mistério celebrado, para inteligir que a liturgia nos convida a viver uma vida segundo o Espírito.

# BIBLIOGRAFIA


**Bíblia**

**Bíblia de Jerusalém**: nova edição revista e ampliada. Tradução das introduções e notas de "*La Bible de Jérusalem"*, edição de 1998.São Paulo: Paulus, 2002.

**Magistério**

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós Sinodal ***Verbum Domini*** sobre a Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática ***Dei Verbum*** sobre a revelação divina. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Constituição Dogmática ***Lumen Gentium*** sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Constituição Dogmática ***Sacrosanctum Concilium*** sobre a sagrada liturgia. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Constituição Pastoral ***Gaudium et Spes*** sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Estudos da CNBB 113**. Orientações para a adequação litúrgica, restauração e conservação das Igrejas. 1. Ed. Brasília: Edições CNBB, 2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário**. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe 13-31 de maio de 2007. 1. ed. Brasília; São Paulo: Edições CNBB. Paulus; Paulinas, 2007.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. 4. Ed. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO. Exortação Apostólica ***Evangelii Gaudium*** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. Carta Apostólica ***Desiderio Desideravi*** sobre a formação litúrgica do Povo de Deus. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2022.

_____. Carta Encíclica ***Laudato Si'*** sobre o cuidado da casa comum. 1. ed. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

JOÃO PAULO II. Carta Apostólica ***Vicesimus Quintus Annus*** sobre a comemoração dos 25 anos de promulgação da Constituição Conciliar sobre a liturgia *Sacrosanctum Concilium*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

**Livros**

ALDAZÁBAL, José. Ministério da homilia. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2018.

AQUINO JÚNIOR, Francisco. **Teologia e Filosofia**: problemas de fronteira.1. ed. São Paulo: Paulinas, 2018.

AUGÉ, Matias. **Liturgia:** storia, celebrazione, teologia, spiritualità. 6. ed. Milano: San Paolo, 2010.

BECKÄUSER, Alberto. **Liturgia**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

BÉGUERIE, Philippe; BEZANÇON, Jean-Noël. **A missa de Paulo VI**: retorno ao coração da Tradição. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016.

BELLOSO, Josep M. Rovira. **Os sacramentos símbolos do espírito**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BENEDITO, André L. **A sacramentalidade da Palavra de Deus**. Uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição Sacrosanctum Concilium. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2022.

BENKE, Christoph. **Breve História da Espiritualidade Cristã**. 1. ed. Aparecida: Santuário, 2011.

BERNARDES, Matheus da Silva. **Introdução a Xavier Zubiri**: pensar a realidade. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2022.

BIANCHI, Enzo. **Presbíteros**: palavra e liturgia. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

BIFFI, Inos. **Liturgia, sacramentos, festas**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

BONACCORSO, Giorgio. **Il rito e l'altro**: la liturgia come tempo, linguaggio e azione. 1. ed. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.

BORÓBIO, Dionísio. **Celebrar para viver:** liturgia e sacramentos da Igreja. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **História e Teologia comparada dos sacramentos**: o princípio da analogia sacramental. 1. ed. São Paulo: Ave Maria e Loyola, 2017.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.

BRADSHAW, Paul F. **Alle origini del culto cristiano**: fonti e metodi per lo studio della liturgia dei primi secoli. 1. ed. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007.

BUCCIOL, Armando. Liturgia, vida da Igreja. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2020.

CAMBRES, Gregório Gómez. **Zubiri y Dios**. 1 ed. Málaga: EDIFORD S.A, 1993.

_____. **Zubiri:** el realismo transcendental. 1. Ed. Málaga: Ágora, 1990.

CASTELLANO, Jesús. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração e experiência. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA. **A arte de celebrar**: guia pastoral. 1. ed. Brasília: CNBB, 2015.

CHAUVET, Louis-Marie. **Símbolo e Sacramento**: uma releitura sacramental da existência cristã. 1. ed. São Paulo: Loyola. 2023.

COLA, Gustavo Correa. **O Sacramento-Assembleia**. Teologia mistagógica da comunidade celebrante. 1. ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes e PUCRIO, 2020.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA CNBB. **Liturgia:** fonte e ápice da vida e ação da Igreja. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CORBON, Jean. **Liturgia alla sorgente**. 1. ed. Magnano: Edizioni Qiqajon, 1990.

COSTA, Rosemary Fernandes. **Mistagogia hoje:** o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

COSTA, Valeriano dos Santos. **Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação:** participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. A relevância teológica da filosofia de Zubiri. In: BERNARDES, Matheus S.; NEVES, Marcos V. (orgs.). **Xavier Zubiri:** interfaces. 1. ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2020, p. 33-57.

DESTHIEUX, Pascal. **Vivere il silenzio nella liturgia**. 1. ed. Milano: San Paolo, 2017.

DWORAK, Krzysztof. "Fazei isto em minha memória": os ministérios e a celebração ritual ao serviço do Verbo. In: PARO, Thiago Faccini (org.). **Atualização Litúrgica 3**. *Associação dos Liturgistas do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2020, p. 13-32.

ELLACURÍA, Ignacio. **Conversión de la Iglesia al Reino de Dios**: para anunciarlo y realizarlo en la historia. 1. ed. Santander: Sal Terrae, 1984.

_____. Uma abordagem da Filosofia de Zubiri. In: SECRETAN, Philibert (org.). **Introdução ao Pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983).** Por uma filosofia de realidade. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 33-45.

FAYOS, Antonio Ferraz. A trilogia sobre a inteligência. In: SECRETAN, Philibert (org.). **Introdução ao Pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983).** Por uma filosofia de realidade. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 65-76.

FERNÁNDEZ, Conrado. A sacramentalidade da liturgia. In: VV.AA. **Manual de Liturgia do CELAM II**: a Celebração do mistério pascal. Fundamentos Teológicos e elementos constitutivos. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2011, p. 85-110.

FORTE, Bruno. **A transmissão da fé**. São Paulo: Loyola, 2018.

GIRAUDO, Cesare. ***In unum corpus****:* trattato mistagógico sull'eucaristia. 1. ed. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2007.

GRACIA, Diego. Xavier Zubiri (1898-1983). In: SECRETAN, Philibert (org.). **Introdução ao Pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983).** Por uma filosofia de realidade. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 15-32.

GRILLO, Andrea. **La forma rituale della fede cristiana**: teologia della liturgia e dei sacramenti agli inizi del XXI secolo. 1. ed. Trapani: Il pozzo di Giacobbe, 2011.

_____. **Para além de Pio V:** a Reforma Litúrgica após a *Traditionis Custodes*. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2022.

_____. **Ritos que educam**: os sete sacramentos. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.
GUARDINI, Romana. **O espírito da liturgia**. 2. ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017a.

_____. **Sinais Sagrados**. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017b.

JAVIER FLORES, Juan. **Introdução à teologia litúrgica**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. **La evolución del concepto de sacramento a través de los siglos**: Una visión litúrgica de la sacramentalidad de la iglesia. 1. ed. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2016.

KUNZLER, Michael. **La liturgia della chiesa**. 1. ed. Milano: Jaca Book, 1996.

LIBANIO, João B. **Eu creio nós cremos:** tratado da fé. 2. ed. São Paulo: Loyola 2004.

MARINI, Piero. **Presidir a celebração da Eucaristia**: *ars celebrandi*. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2018.

MAQUEDA, Adolfo Lucas. **La pneumatología litúrgica en la obra de Don Achille Maria Triacca.** 1. ed**.** Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2012.

MARQUES, Luís Felipe. A Teologia Sacramental em Medellín. In: COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA; ASSOCIAÇÃO DOS LITURGISTAS DO BRASIL. **Liturgia e Profecia 50 anos de Medellín**. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017, p. 67-72.

MARSILI, Salvatore. **Sinais do mistério de Cristo**: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
MARTÍN, Julián L. **A liturgia da Igreja:** teologia, história, espiritualidade e pastoral. 1. ed. São Paulo, Paulinas, 2006.

MEIRA, André Luiz Bordignon. Uma liturgia que primeireia. In: PARO, Thiago Faccini (org.). **Atualização Litúrgica 2**. *Associação dos Liturgistas do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2019, p. 101-122.

MENDONÇA, José Tolentino. **A mística do instante:** o tempo e a promessa. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016.

METZGER, Marcel. **Storia della liturgia: le grande tappi**. 1. ed. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1996.

NEUNHEUSER, Burkhard. **Storia della liturgia attraverso le epoche culturali**. 3. ed. Roma: CLV-Edizione Liturgiche, 2009.

ORÍGENES. **Homilias sobre o Evangelho de Lucas**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016.

PAGOLA, José A. **Anunciar Deus hoje como boa notícia.** 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

PALUDO, Faustino. Para Ti, Senhor, até o silêncio é louvor. In: SILVA, José Ariovaldo; SIVINSKI, Marcelino (Orgs.). **Liturgia no coração da vida**. Comemorando a vida e ministério litúrgico de Ione Buyst. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

PARANHOS, Washington. **O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2022.

PARATI, Annunciata. **Pioneri del Movimento Litúrgico**: Cenni storici. 1. ed. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999.

PATERNOSTER, Mauro. **Liturgia e Spiritualità Cristiana**. 1. ed. Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 2005.

PECKLERS, Keith. **Liturgia**: la dimensione storica e teologica del culto Cristiano e le sfide del domani. 1. ed. Brescia: Queriniana, 2007.

POELMAN, Johannes. **Silêncio.** Caminho para o mistério. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

QUIRINO, Ademilson Tadeu. Escutar a Palavra de Deus na liturgia em tempos de ruídos. In: PARO, Thiago Faccini (org.). **Atualização Litúrgica 1**. *Associação dos Liturgistas do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2018, p. 81-100.

RATZINGER, Joseph. **Teologia della Liturgia**. La fondazione sacramentale dell'esistenza cristiana. 1. ed. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013.

SÁNCHEZ, Víctor. Por que celebramos? In: VV.AA. **Manual de liturgia I do Conselho Episcopal Latino-Americano.** A celebração do Mistério Pascal: Introdução à celebração litúrgica. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007, p. 269-300.

SANTOS, Rodrigo José Arnoso. O caráter social da liturgia: a celebração eucarística a partir da realidade. In: COSTA, Valeriano dos Santos; MEINHARDT, Giovani; NOBRE, José Aguiar; BERNARDES, Matheus da Silva. **I Colóquio Filosófico- Teológico Xavier Zubiri**: Interfaces – Anais. São Paulo: PUC-SP, 2021, p. 174-183.

SCHERMANN, Josef. **Il linguaggio nella liturgia.** I segni di um encontro. 1. ed. Assisi: Cittadella Editrice, 2004.

SCIADINI, Patricio. **A pedagogia da Direção Espiritual**. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **Silêncio.** 1. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

SCHNAKE, Francisco Correa. **Una propuesta estructural de lectura de la trilogía teologal de Xavier Zubiri.** 1. ed. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, 2012.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Elementos para uma teologia do mistério pascal. In: MARTINS, Alexandre Andrade; MARTINI, Antonio. **Teologia e Saúde**: compaixão e vulnerabilidade humana. 1. Ed. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 102-116.

TABORDA, Francisco. **O memorial da Páscoa do Senhor**: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. **Nas fontes da vida cristã**. Uma teologia do batismo-crisma. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

TEJADA, José Fernández; CHERUBIN, Felipe. **O que é a Inteligência?** Filosofia da Realidade em Xavier Zubiri. 1. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

TERRIN, Aldo N. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

TOMATIS, Paolo. Tatto, gusto, olfato: i codici dell'incontro. In: BRAGA, C. (org.). **Celebrare il mistero di Cristo III**. La celebrazione e i suoi linguaggi. 1. ed. Roma: Edizioni Liturgiche, 2012, p. 595-627.

TORREL, Jean-Pierre. **Um povo sacerdotal**. 1 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

TRIACCA, Achille M. **Lo Spirito Santo nella liturgia e nella vita della chiesa**. 1. ed. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2011.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**.1. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

VASCONCELOS, EDER. **Pedagogia do Silêncio**. Um caminho para a interioridade. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2018.

ZUBIRI, Xavier. **El hombre y Dios**. 4.ed. Madri: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri. 1988.

_____.**El problema teologal del hombre**: Dios, religión, cristianismo (Curso de 1971). 1. ed. Madrid: Alianza Editorial – Fundación Xavier Zubiri, 2015.

_____. **Inteligência e logos**. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2011b.

_____. **Inteligência e razão**. 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2011c.
_____. **Inteligência e realidade**. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2011a.

_____. **Natureza, História, Deus.** 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. **Primeros escritos** (1921-1926). 1. ed. Madrid: Alianza Editorial-Fundación Xavier Zubiri, 1999.

_____. **Sobre el hombre**.1. ed. Madri: Alianza Editorial/Fundación Xavier Zubiri. 1986.

_____. **Sobre el problema de la filosofia y otros escritos** (1932-1944). 1. ed. Madrid: Alianza Editorial-Fundación Xavier Zubiri, 2002.

_____. **Sobre el sentimento y la volición**. 1. ed. Madrid: Alianza Editorial-Fundación Xavier Zubiri, 2015.

_____. **Sobre la esencia**. 1. ed. Madri: Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1972.

**ARTIGOS**

ACEVEDO, Carlos. El pensamiento de Xavier Zubiri ante el proyecto de uma filosofia Latino Americana. **Anthropos**, Buenos Aires: Instituto Salesiano de Filosofia e Educación, n. 6, p. 116-123, jul. 1985.

AQUINO JÚNIOR, Francisco. A dimensão teologal do homem em Xavier Zubiri. **Síntese**, Belo Horizonte: FAJE, v. 43, n. 135, p. 143-159, jan./abr. 2016.

_____. A teologia como momento ideológico da práxis eclesial: uma aproximação à teologia de Ignacio ELLACURÍA. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte: FAJE, v. 36, n. 99, p. 197-220, mai./ago. 2004.

AROCENA, Félix María. IL linguaggio simbolico della liturgia. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 98 n. 6, p. 977-997, nov. – dic. 2011.

ASTI, Francesco. Il linguaggio della mística: metáfora verbale del gesto rituale. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 102, n. 4, p. 603-627, ott./dic. 2015.

AUGÉ, Matias. La parola di dio celebrata. Dalla Sacrosanctum Concilium alla Verbum Domini. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 99, n. 2, p. 307-320, mar./apr. 2012.

BELLO, Joathas S. A religação do homem a Deus em Xavier Zubiri e Tomás de Aquino. **Coletânea**, Rio de Janeiro: Faculdade de São Bento do Rio de Jnaeiro, v. 12, n. 24, p. 234-252, jul./dez. 2013.

BONACCORSA, Giorgio. La forza simbolizante della liturgia. **Rivista Liturgica,** Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 98, n. 2, p. 245-254, mar./apr. 2011.

BORRAGÁN, Victor Manuel. La justificación intelectual de Dios em Xavier Zubiri. Naturaleza y Gracia, Salamanca: PP. Capuchinos, v. 33, n. 2, p. 253-277, may./ago. 1986.

BUSANI, Giuseppe. La risorsa educativa della liturgia: *ordo communionis*. **Rivista Liturgica,** Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 98, n. 2, p. 255-270, mar./apr. 2011.

CAMARGO, Rafael A. Biobliografia de Xavier Zubiri. **Universitas Philosophica**, Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, n. 8, p. 23-42, 1987.

_____. Xavier Zubiri: El saber teologal como experiência fundamental. **Universitas Alphonsiana**, Bogotá: Fundación Universitaria San Alfonso, v. 1, n. 2, p. 71-90, oct. 2003.

CAPRIOLI, Adriano, Liturgia: luogo educativo e rivelativo della fede. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 90, v. 2-3, p. 289-302, mar./giu. 2003.

CATELLA, Alceste. La dimensione educativa della liturgia. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 98, n. 2, p. 209-215, mar./apr. 2011.

CAVAGNOLI, Gianni. Lo Spirito della liturgia nelle trenta settimane di studio dell'associazione professori di liturgia. **Rivista Liturgica**, Padova: Abazzia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 90, n. 2-3, p. 381-392, mar./giu. 2003.

CESCON, Everaldo. Uma introdução ao pensamento filosófico-teológico de Xavier Zubiri (1898-1983). **Síntese**, Belo Horizonte: FAJE, v. 31, n. 100, p. 239-282, mai./ago. 2004.

COLOMER, Eugenia; SPINOZA, Ricardo. "Cuerpo y religación em Xavier Zubiri, **Teologia y Vida**, Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile, v. 56, n. 2, p. 247-270, mar./abr. 2015.

CONILL, Jesús. Una Metafísica estructural de la evolución. **Revista de Filosofia**, Madrid: Editorial Complutense, v. 3, n. 4, p. 265-276, nov./dic. 1990.

COSTA, Valeriano S. A estrutura dinâmica da liturgia: uma abordagem na perspectiva do realismo de Xavier Zubiri. **ATeo**, Rio de Janeiro: PUC-Rio, v. 23, n. 63, p. 697-717, set./dez. 2019.

_____. Inteligência senciente e liturgia. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo: PUC-SP, v. 25, n. 90, p. 210-233, jul./dez. 2017.

ELLACURÍA, Ignácio. A espiritualidade Cristã. **Convergência**, Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, v. 20, n. 184, p. 378-385, jul./ago. 1985.

_____. La contemplación em la acción de justicia. La contribución de Ignacio Ellacuría a la espiritualidade cristiana. **Revista Latinoamericana de Teologia**, San Salvador: Universidad Centroamericana José Simeón Cañas, v. 17, n. 51, p. 211-232, sep./ dic. 2000.

_____. La fe pascual en la resurrección de Jesús. Revista Latinoamericana de Teologia, San Salvador: Universidad Centroamericana José Simeón Cañas, v. 20, n. 60, p. 209-222, sep./dic. 2003.

_____. La predicación há de poner em contacto vivificante la Palabra y la comunidad. **Revista Hispanoamericana de Teologia Pastoral Sal e terrae**, Santander: Universidad Pontificia Comillas, v. 66, n. 3, p. 167-176, mar. 1978.

_____. La Iglesia de los pobres, sacramento histórico de liberación. **Seleciones de Teologia**, Barcelona: Facultad de Teología San Francisco de Borja, v. 18, n. 70, p. 119-135, abr./jun. 1979.

ENTRALGO, Pedro Laín. Xavier Zubiri.**The Xavier Zubiri Review**, Washington: The Xavier Zubiri Foundation of North Americana, v. 7, p. 109-119, 2005.
FERNÁNDEZ, Oscar B. La influencia de Zubiri en la filosofia de la práxis hispano-americana. **Senderos**, Costa Rica: Instituto Teológico de América Central Intercongregacional, v. 23, n. 69, p. 525-551, set./dic. 2001.

FOWLER. Thomas B. Outstanding Issues in Zubirian Philosophy for the 21st Century. **The Xavier Zubiri Review**, Washington: The Xavier Zubiri Foundation of North Americana, v. 6, p. 3-4, 2004.

GALÁN, Pedro Cerezo. Tres paradigmas del pensamiento español contemporáneo: trágico (Unamuno), reflexivo (Ortega) y especulativo (Zubiri). **Isegoría**, Madrid: Editorial CSIC, n. 19, p. 97-136, dic. 1998.

GARCIA, Jose Manuel L. La transcendentalidad como fundamento de la metafísica de Zubiri. Éndoxa: Series Filosóficas, Madrid: UNDED, n. 29, p. 165-194, 2012.

GIRARDI, Luigi. Il corpo celebrante e l'esperienza della salvezza. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 89, n. 1, p. 59-81, genn./febb. 2002.

GIRAUDO, Cesare. La mistagogia come "nuova evangelizzazione. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 102, n. 4, p. 683-690, ott./dic. 2015.

GOMES, Rogério. O desafio de cultivar o silêncio em meio à cultura do barulho. **Convergência**, Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, v. 45, n. 436, p. 634-651, nov. 2010.

GONZÁLEZ, Antonio. Los orígines de la reflexión teológico de Zubiri. **Theologica Xaveriana**, Bogotá: Universidad Xaveriana, v. 65, n. 179, p. 209-250, ene./jun. 2015.

GRACIA, Diego, Il potere del reale: tra X. Zubiri e I, Elacuría. **Rassegna di Teologia,** Napoli: Pontificia Facoltà Teologica Euro-Mediterranea della Compagnia di Gesù, v. 61, n. 1, p. 81-89, genn./mar. 2020.

JIMÉNEZ, José D. Religación, religión, cristianismo en torno a la trilogia: 'El problema teologal del hombre' de Xavier Zubiri. **Religión y Cultura**, Madrid: PP. Agustinos, v. 46, n. 214, p. 487-523, dic. 2000.

KLÖCKENER, Martin. Bibbia e Liturgia. Quale relazione alla luce dell'esortazione apostolica Verbum Domini? **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 99, n. 2, p. 260-277, mar./apr. 2012.

LEMBO, Alessio. Realtà, povertà, martírio. Note a partire da Xavier Zubiri e Ignacio Ellacuría. **Rassegna di Teologia,** Napoli**:** Pontificia Facoltà Teologica Euro-Mediteranea della Compagnia di Gesù, v. 61, n. 1, p. 125-140, genn./ mar. 2020.

MANTOVANI, Mauro. Uma parola viva ed efficace anche per l'odierno orizzonte culturale. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 99, n. 2, p. 291-306, mar./apr. 2012.

MASSIMI, Elena. Mistica e liturgia: tra la soggettività dell'esperienza e l'oggettività rituale. **Rivista Liturgica,** Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 102, n. 4, p. 629-639, ott./dic. 2015.

MEDEIROS, Damasio. Liturgia, luogo privilegiato della parola di Dio. Considerazioni tra animazione litúrgica e inculturazione. **Rivista Liturgica,** Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 99, n. 2, p. 321-331, mar./apr. 2012.

MELO, José R. A linguagem dos gestos e do silêncio na liturgia. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, v. 12, n. 49, p. 35-53, 2004.

MILLÁS, José M. Zubiri y la Eucaristia. **Gregorianum**, Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, v. 81, n. 2, p. 249-285, mar. 2000.

_____. Zubiri y los Sacramentos. **Gregorianum,** Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, **v.** 82, n. 2, p. 299-323, apr. 2001.

MORAL, José Antonio H. Sentido y realidad en la metafísica de Xavier Zubiri: para relectura del ser en nuestro presente. **Universitas Alphonsiana**, Bogotá: Fundación Universitaria San Alfonso, v. 3, n. 6, p. 81-102, may. 2005.

NASINI, Francesco. *Ars celebrandi* e didascalizzazione della liturgia. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 98, n. 6, p. 1047-1056, nov./dic. 2011.

NIZINSKI, Rafal S. Xavier Zubiri como místico. **The Xavier Zubiri Review**, Washington: The Xavier Zubiri Foundation of North Americana, n. 14, p. 73-85, 2016-2018.

PAOLO, Carlotti. Verbum Mundo. La parola-persona di cui il mondo há bisogno. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 99, n. 2, p. 278-290, mar./apr. 2012.

PARISI, Antonio. Il canto e la musica liturgica: un percorso educativo. **Rivista Liturgica,** Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 98, n. 2, p. 309-316, mar./apr. 2011.

SÁNCHEZ, José A. V. El orden transcendental en Zubiri. **Franciscanum**, Bogotá: Universidad de San Buenaventura, v. 54, n. 158, p. 19-51, jul./dic. 2012.

SANTIAGO, Dulce M. El tema de Dios antes y ahora: Xavier Zubiri y la existência religada en En torno al problema de Dios. **Studium, Filosofía y Teología**, Tucumán: Universidad del Norte Santo Tomás de Aquino, v.16, n. 34, p. 459-468, jul. 2014.

SAVIGNANO, ARMANDO. Xavier Zubiri: de la fenomenología a la metafísica de lo real. **The Xavier Zubiri Review**, Washington: The Xavier Zubiri Foundation of North Americana, n.14, p. 17-40, 2016-2018.

SCHINELLA, Ignazio. Silenzio ed esperienza mística. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 102, n. 4, p. 641-664, ott./dic. 2015.
SEQUERI, Pierangelo. Espiritualidade do silêncio. **Concilium**, Petrópolis: Vozes, n. 363, p. 667-679, nov./dez. 2015.

SOLARI, Enzo; VARGAS, Esteban. La vida de Dios en Zubiri. Estudio desde el curso inédito El problema de Dios (1948-1949). **Teologia y Vida**, Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile, v. 55, n. 3, p. 459-486, 2014.

TABORDA, Francisco. Lex orandi-Lex credendi: origem, sentido e implicações de um axioma teológico. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte: FAJE, v. 35, n. 1, p. 71-86, jan./abr. 2003.

TRAPANI, Valeria. Educare all'ascolto e alla proclamazione della parola de di Dio. Riflessioni in dialogo com il magistero recente. **Rivista Liturgica,** Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 98, n. 2, p. 295-300, mar./apr. 2011.

ZADLO, Andrzej. Il conceto di partecipazione alla liturgia dopo il Concilio Vaticano II. **Rivista Liturgica**, Padova: Abbazia S. Giustina-Edizioni Menssagero di Padova, v. 98, n 6, p. 1006-1020, nov. dic. 2011.

ZUBIRI, Xavier. Ensayo de una teoría fenomenológica del juicio. Madrid: **Revista de Archivos**, biblioteca y museus, p. 19, 1923.

ZUBIRI, Xavier. Dos Etapas. **Revista de Occidente,** Madrid, n. 32, p. 43-50, 1984.

_____. Respectividad de lo real**. De Realitas,** Madrid, n. 3-4, p. 13-43, 1979.

## FONTES

**DIDAQUÉ:** o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. 10ª ed. São Paulo: Paulus, 1989.

IPPOLITO DI ROMA**. La tradizione apostolica.** 1. ed. Milano: Paoline, 2010.

JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias – Diálogo com Trifão. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

## DICIONÁRIOS

APORIA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio**. Revisão técnica Marina Baird Ferreira. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 55.

MISTAGOGIA. In: STUDER, B.; BERARDINO, Angelo (org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs**. Tradução Cristina Andrade. 1. ed. Petrópolis – São Paulo: Vozes – Paulus, 2002, p. 945.

SILÊNCIO. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille M. (org.). **Dicionário de Liturgia**. Tradução Isabel Fontes Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. p. 1135-1142).